



**INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES -**  
**POSIH**  
**MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES - MIH**

ANTÓNIO DOMINGOS CANDIENGUE

**SOCIOLOGIA EM ANGOLA: PERSPECTIVAS E CONSTRUÇÃO DO**  
**PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO**

REDENÇÃO – CE, JUNHO, 2023

ANTÓNIO DOMINGOS CANDIENGUE

**SOCIOLOGIA EM ANGOLA: PERSPECTIVAS E CONSTRUÇÃO DO  
PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Estudos Interdisciplinares em Humanidades.

Orientador. Prof. Drº. Ricardo Ossagô de Carvalho

Coorientadora. Profa. Drª. Joana Elisa Röwer

REDENÇÃO – CE, JUNHO, 2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Candiengue, António Domingos.

C228s

Sociologia em Angola: perspectivas e construção do pensamento sociológico angolano / António Domingos Candiengue. - Redenção, 2023.

177f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho.

Coorientador: Profa. Dra. Joana Elisa Röwer.

1. Sociologia. 2. Pensamento sociológico. 3. Estudos africanos. 4. Angola. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 301

---

## **ANTÓNIO DOMINGOS CANDIENGUE**

### **SOCIOLOGIA EM ANGOLA: PERSPECTIVAS E CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO**

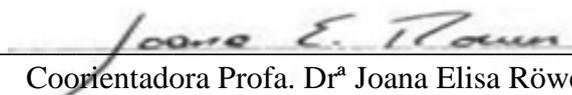
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos Interdisciplinares em Humanidades.

Aprovado em: 30 de junho de 2023.

#### **BANCA EXAMINADORA**



Orientador e presidente Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Coorientadora Profa. Dr<sup>a</sup> Joana Elisa Röwer  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Examinador Interno Prof. Dr. Calos Henrique Lopes Pinheiro  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Examinador Externo Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

A minha eterna mãe, Flora Kupanguisa (*in* memória), a mana Manuela Eyala Tcheto (*in* memória) e a toda minha família e amigos dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

As graças que recebemos de Deus todos dias da nossa infinita existência enquanto corpos espirituais, fazem-nos ser homens novos e permitem-nos contemplar a cada dia uma novidade do nosso próprio ser. Esta novidade, se dá justamente por não sermos os mesmos sujeitos daqueles que pela primeira vez pisaram aqui nesta universidade (Unilab) a alguns anos atrás quando decidimos ir além dos nossos desejos formativos.

Foi difícil chegar até aqui, mas agora é difícil também ir embora. Terminamos mas uma jornada, e agora é categórico partir para outras vivências porque as dinâmicas sociais assim nos exigem sem mesmo querermos viver ou revivermos memórias daqui ou dela. E no entanto, é justamente neste sentimento confuso de ir e ficar neste espaço ousado que gritamos alto agradecendo todos quanto fizeram-nos voar em lugar infinitos das epistemologias ousadas de um pensar diferenciado. É neste escrito do ‘eu’ que a gratidão da alma vem sem bater a porta de todos quanto participaram deste processo que hoje se conclui temporariamente.

Talvez eu não tenha palavras suficientes para agradecer particularmente a cada sujeito parte deste processo, mas recebam do fundo meu coração os meus agradecimentos por terem cruzado o destino formativo do meu eu. E nestes termos, permitam-me agradecer a todos os meus professores e professoras do BHU – Unilab, a todos os professores e professoras da Sociologia – Unilab e a todos professores e professoras do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Unilab – POSIH/MIH, e de modo muito particular e especial ao meu Orientador Professor Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho e a minha Coorientadora Professora Dra. Joana Röwer pela paciência e dedicação para a construção deste trabalho final de mestrado.

Agradeço também a banca examinadora na pessoa do professor Carlos Henrique Lopes Pinheiro e Segone Ndangalila Cossa.

Por outro lado, agradeço também os meus companheiros de luta Hamilton Nhime, Laurindo Virgílio, Hernane Gabriel e outros não mencionados aqui.

Agradeço também a minha família pelo apoio incondicional e por estarem sempre prontos e comigo nesta jornada marcada por altos e baixos. Aos meus irmãos, a minha mãe de feliz memória, ao meu pai, tio Afonso, as minhas tias, primo(a)s, sobrinhos e a minha namorada os meus votos eternos de gratidão.

A Unilab e seus gestores, a Funcap e aos meus colegas no BHU, na Sociologia e no MIH o meu muito obrigado por fazerem parte da minha história e eu da vossa ao longo destes anos todos de formação e desafios inimagináveis.

O meu obrigado é também estendido a todos quanto se preocupam com o saber do mundo periférico e a todos aqueles que pretendem romper epistemicamente as linhas abissais do pensar e do fazer ciência nos nossos países enquanto espaços empíricos de nossas vivências e acontecimentos.

Agradeço também a minha comunidade angolana na Unilab pelas vivências e partilhas de momentos marcantes nos corredores da Unilab, nos corredores das cidades de Acarape e Redenção no Ceará, pelos bate papos sobre Angola e pelas saudades vividas e partilhadas pelas experiências do quotidiano dos nossos *guetos* e *musseques*.

O meu muito obrigado também a todas as comunidades africanas presentes na Unilab.

A todos vocês que de forma direta ou indireta fizeram parte deste processo de memórias, vivências, experiências e aprendizados, o meu muito obrigado.

Obrigado a todos e todas por estarem aqui.

Obrigado a Unilab.

“Se tiver o hábito de fazer as coisas com alegria  
raramente encontrará situações difíceis”

**(Robert Baden-Powell)**

## RESUMO

A Sociologia, não é uma Ciência especializada e conformista na análise e interpretação da realidade social complexa dos espaços sociais de seus entes sociais, mestres e mestras da cultura e da realidade social complexa. Ela é crítica, reflexiva e questionadora do social produzido pela complexidade das ações e das relações sociais estabelecidas no seio da estrutura social local. O seu estudo é um desafio dialógico entre a realidade epistemicamente passível de interpretação sociológica e a teorização metódica e treinada deste olhar hermenêutico à Ciência Sociológica Angolana, e capaz de explicitar através do Pensamento Sociológico Angolano, a realidade social nativa detentora de vivências, práticas, experiências, culturas, fatos e fenômenos específicos e particulares de, e para a compreensão da sociedade angolana. Pois, Angola é um espaço empírico onde os acontecimentos se dão e se desenrolam de diversas formas e perspectivas mediante a produção da vida social e do olhar direcionado aos acontecimentos enquanto fatos relevantes a racionalidade pragmática e epistêmica da Ciência Sociológica Angolana. Todavia, esta Sociologia, exige de seus analistas, pesquisadores e estudiosos, um posicionamento transgressor e fora dos gabinetes, pragmático e epistêmico do saber produzido no cotidiano e as perspectivas discursiva que a Sociologia Angolana lhe apresenta. Assim, o nosso objetivo neste escrito, é propor a construção de um Pensamento Sociológico Angolano, capaz de olhar para as particularidades locais, e com elas teorizar, discutir metódica e epistemicamente a realidade social complexa da estrutura social angolana, ao mesmo tempo que se faz uma inversão de marcha a ‘Sociologia de Gabinetes’ e a recessão de tudo o que nos chega sobre a Sociologia e suas perspectivas, estudos e compreensão da realidade social local – Angola contextualizada. Para isso, adotamos o método interpretativo, fazendo para tanto, recurso a pesquisa documental e bibliográfica, e uma abordagem qualidade dos fatos e fenômenos da realidade social analisada a partir da perspectiva compreensiva do fazer e pensar a Sociologia. Contudo, a mudança de paradigmas da Sociologia Angolana é fundamental, urgente e necessária porquanto que a mesma existe institucionalmente mas que a sua prática teórica, pragmática, transgressora, questionadora, epistêmica e inquietadora é antagônica a prática, e deixa-nos no entanto preocupados enquanto sujeitos, mestres e mestras da cultura, da realidade social complexa, e partes interessadas na construção do saber epistêmico local e nativo da Sociologia angolana (Pensamentos Social Angolana), e com ela compreender a consciência coletiva e individual do pensar e do fazer ciência, e o olhar treinado não especializado sobre a conjuntura sociocultural e epistêmica da realidade social resultante da produção da vida em sociedade, e o modo como se olha e se compreende a corrupção, a bajulação, a recessão científica, e outros aspectos específicos e próprios dos *guetos* e *musseques* da estrutura social angolana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia; Perspectivas; Pensamento Sociológico; Angola.

## ABSTRACT

Sociology is not a specialized and conformist science that merely analyzes and interprets complex social realities. Rather, it is a critical, reflective, and questioning discipline that seeks to understand the social world in all its complexity. In Angola, sociology must be capable of producing a unique and locally relevant sociological thought that takes into account the country's particularities, experiences, and cultures. This requires a transgressive and pragmatic approach that goes beyond the confines of the academic office and engages with the realities of everyday life. Our objective in this study is to propose the construction of an Angolan sociological thought that can methodically and epistemically analyze the complex social reality of the country's social structure. To achieve this, we advocate a shift away from 'desk sociology' and towards a qualitative approach that draws on documentary and bibliographic research and is grounded in a comprehensive understanding of the discipline. However, changing the paradigms of Angolan sociology is fundamental, urgent, and necessary. This involves embracing a theoretical, pragmatic, transgressive, questioning, epistemic, and unsettling practice that is relevant to the country's unique social reality. Through the development of an Angolan sociological thought, we can understand the collective and individual consciousness of thinking and doing science, and gain a non-specialized trained gaze on the sociocultural and epistemic context of social reality. This includes a deeper understanding of issues such as corruption, flattery, scientific recession, and other specific and unique aspects of the slums and shantytowns of the Angolan social structure.

**Keywords:** Sociology; Perspectives; Sociological Thought; Angola.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Mundo Periférico .....	26
<b>Figura 2</b> – Pirâmide invertida das Ciências Sociais e Humanas .....	36
<b>Figura 3</b> – Desafios Epistêmicos das Ciências Sociais e Humanas .....	44
<b>Figura 4</b> – Obstáculos da Sociologia em Angola .....	60
<b>Figura 5</b> – Posição da Sociologia no ensino médio .....	85
<b>Figura 6</b> – Características da Sociologia Transgressora .....	103
<b>Figura 7</b> – Filosofia da Sociologia da Transgressão .....	105
<b>Figura 8</b> – Teia de interdependência dos agentes/atores da realidade social.....	126
<b>Gráfico 1</b> – Instituições de ensino superior em Angola .....	95
<b>Tabela 1</b> – Percentual da Sociologia nas Instituições de Ensino Superior por província até 2019 .....	96
<b>Tabela 2</b> – Objetos produzidos sobre a Sociologia em Angola .....	140

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A.S.A	Associação dos Antropólogos e Sociólogos de Angola
BHU	Bacharelado em Humanidades
COESO	Comunidade dos Estudantes de Sociologia
CPLP	Comunidade dos Países Língua Portuguesa
IES	Instituição de Ensino Superior
IEES	Institutos e Escolas Superiores
IH	Instituto de Humanidades
INE	Instituto Nacional de Estatística
INIDE	Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação
ISCTE-IUL	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa
IUPERJ	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
ISPTEC	Instituto Superior Politécnico de Tecnologias e Ciências
ISPP	Instituto Superior Politécnico Privado do Luena
ISPSN	Instituto Superior Politécnico Sol Nascente
MED	Ministério da Educação
MIH	Mestrado Interdisciplinar em Humanidades
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
PALOPs	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
RAS	Revista Angolana de Sociologia
SASO	Sociedade Angolana de Sociologia
UAN	Universidade Agostinho Neto
UCAN	Universidade Católica de Angola
UN	Universidade
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNIPIAGET	Universidade Jean Piaget de Angola
USP	Universidade de São Paulo
PÚB	Pública
POSIH	Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades

PRES	Presença
PRIV	Privada
PROV	Província

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. O MUNDO PERIFÉRICO NA PRODUÇÃO DE SABERES.....</b>	<b>24</b>
<b>3. CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS NA ÁFRIKA LUSÓFONA.....</b>	<b>30</b>
3.1 CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM ANGOLA.....	39
<b>4. SOCIOLOGIA EM ANGOLA .....</b>	<b>46</b>
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIOLOGIA EM ANGOLA .....	47
4.2 A CONSTRUÇÃO DA SOCIOLOGIA NO ESPAÇO SOCIAL ANGOLANO.....	54
4.3 SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA EM ANGOLA.....	77
4.3.1 Sociologia como ciência no ensino médio .....	81
4.3.2 Sociologia como ciência no ensino superior .....	91
<b>5. SOCIOLOGIA DA TRANSGRESSÃO.....</b>	<b>98</b>
5.1 SOCIOLOGIA COMO ESPAÇO DE LUTA NO CURRÍCULO ANGOLANO .....	108
<b>6. CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO.....</b>	<b>116</b>
6.1 DESAFIOS E PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS DO PENSAMENTO SOCIAL ANGOLANO .....	128
6.2 A SOCIOLOGIA ANGOLANA: PERSPECTIVAS E SUAS CRÍTICAS.....	134
6.3 A DESMISTIFICAÇÃO DA SOCIOLOGIA DE GABINETES .....	157
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>167</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>173</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Sociologia em Angola e suas perspectivas analíticas, se constitui nos dias atuais, num desafio que envolve tanto o ofício de sociólogo que passa por um conjunto de reflexões práticas e teórico-metodológico do pensar os acontecimentos da realidade social do quotidiano, quanto aos mecanismos de luta pela sua consolidação e pela sua autoafirmação nos espaços especializados não transversais e dialógicos da racionalidade crítico-científico do fazer e pensar interdisciplinarmente as interconexões do conhecimento enquanto teoria e atividade racional de construção de saberes em Sociologia em Angola.

Assim, pensar a Ciência Sociológica em Angola enquanto saber não especializado e não dissociado da realidade social de seus produtores e agentes do olhar treinado as especificidades dos acontecimentos, é para a Sociologia Angolana, um desafio que passa pela construção de saberes epistêmicos que tragam para a sociedade a dimensão prática e teórica do olhar reflexivo sobre o pensar e fazer a realidade social local contextualizada.

Tanto mais que Angola é um espaço não especializado e interconexo às epistemologias do saber para a construção e desconstrução de saberes em Sociologia e para a Sociologia. E um dos desafios da Sociologia Angolana que aqui nos propusemos a construir e a pensar reflexivamente, é o olhar para o ‘mundo periférico’<sup>1</sup> com a preocupação do fazer científico e do produzir saberes, conhecimentos específicos não especializados e não dissociados para (re)pensar a realidade dos acontecimentos e a racionalidade epistêmica e social de Angola enquanto espaço empírico, espaço hermético de vivências, experiências e acontecimentos relevantes a construção da ciência sociológica e epistemicamente reflexiva e enriquecida pelas ações e fatos da natureza e pelos fatos da sociedade.

Pois é a partir da reflexividade epistêmica da Sociologia, sobre a Sociologia e da sua ação prática em Angola ou em qualquer outro espaço do mundo periférico que humanizamos as teorias epistêmicas, os espaços empíricos dos mestres e mestras da cultura e da realidade para a construção de saberes refletidos e fundamentados nos acontecimentos não excludentes das linhas abissais hegemonicamente estruturados, padronizados e formatados em razão do

---

<sup>1</sup> Chamamos aqui atenção a não se compreender o conceito de “mundo periférico” na perspectiva capitalista, na perspectiva do espaço não desenvolvido ou em via de desenvolvimento. Compreenda-se aqui o conceito de mundo periférico como um campo amplo e complexo de lutas das massas, da sociedade civil, da política, dos *guetos* e dos *musseques*, etc. é o espaço empírico, teórico e metódico onde a vida em sociedade se dá e se constrói em suas mais diversas perspectivas do fazer, pensar e compreender a vida social dos sujeitos, seus sentidos e significados. Neste trabalho em concreto, o conceito é entendido como um espaço empírico e complexo excluído do fazer e do pensamento epistêmico hegemonicamente construído numa estrutura de dominação e dissociação de saberes da linha abissal dentro de uma geopolítica do saber ocidentalista.

espaço geográfico do pesquisador enquanto agente, sujeito, mestre e mestra da realidade, do acadêmico e de seus interesses, sentidos e ações.

É pela reflexividade epistêmica que o fazer científico é alcançado e com isso produzir saberes próprios da racionalidade contextualizada do social, emancipador e capaz de cumprir a função transformadora da realidade social epistêmica de Angola enquanto mundo periférico, e potencializadora da conjuntura teórico-reflexivo e social do estudo social dos espaços empíricos dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade enquanto produtores de relações, acontecimentos e fatos epistemicamente fundamentados, e dialógicos para a produção cognitiva em Sociologia, e revolucionar assim as epistemologias excludentes e criar para tanto, alternativas epistêmicas, dialógicas, racionais, contextualizadas e fundamentadas a partir de uma teoria pura da realidade social hermética, empírica, dialógica, metódica, originária e interconexa ao contrato complexo do social, do fazer social e da pesquisa científica refletida no fazer e no pensar a realidade social local e nativa do mundo periférico, sistematizando assim o conhecimento transgressor e revolucionário da realidade social angolana.

Assim, o processo produção de saberes em Humanidades, em Sociologia e ciências afins a nível dos mundos periféricos dentro de um mesmo espaço empírico, exigem de nós e requerem em si, a entrega ilimitada e transgressora aos paradigmas preestabelecidos e o compromisso cerrado com a pesquisa científica, com a indústria acadêmica, com a capacitação e formação contínua do capital humano, profissionais da educação, cientistas e sociólogos no sentido de produzir eficazmente epistemologias que dialoguem e reflitam a complexidade social da produção da vida em sociedade, dos acontecimentos, dos fenômenos e fatos susceptíveis de interpretações sociológicas e das demais ciências das Humanidades e das Ciências Sociais.

Se assim for, as Humanidades, a Sociologia praticada em Angola e discutida dentro da sua estrutura social, refletirá a realidade epistêmica dos *guetos*<sup>2</sup> e *musseques*<sup>3</sup> do espaço empírico angolano. Tanto mais que, discutir a Sociologia ou as Humanidades fora dos padrões e dentro da transgressão, da inversão de marcha desperta em nós a racionalidade questionadora

---

<sup>2</sup> O *gueto* designa os bairros periféricos caracterizados por construções não urbanizadas e que apresentam condições sociais precárias, e geralmente é habitado por classes baixas. Para este trabalho, entenda-se o *gueto* como um espaço complexo, empírico e produtor de relações sociais complexas passíveis de análises epistêmicas nos seus mais variados campos do fazer científico e do compreender as ações sociais por meio dela.

<sup>3</sup> Os *musseques* designam as zonas periurbanas e não urbanas caracterizados por estarem distantes das zonas urbanas e que por sinal também apresentam as mesmas características que os *guetos*. Entretanto, as duas palavras em Angola são aplicadas para o mesmo sentido, são empregues para exprimir o lugar de pertencimento, o seu bairro, rua ou município.

Assim, as palavras *gueto(s)* e *musseque(s)*, são empregues neste trabalho para designar o lugar dos corpos, dos sujeitos, das massas, dos mestres e mestras enquanto sujeitos produtores da vida social independentemente deste se dar em zonas, periféricas, urbanas ou rurais.

do fazer e do pensar o social, a teoria epistêmica da realidade do pensamento sociológico construído e pensado para explicar a conjuntura sociológica angolana, observando para tanto, a racionalidade epistêmica que não restringe o exercício do ofício de sociólogo, o exercício reflexivo do fazer e pensar científico, e nem tão pouco restringe a compreensão das relações sociais entre os seus agentes e atores sociais.

Entretanto, é nesta compreensão das complexidades que a nossa escrita é direcionada num sentimento do “eu” na pesquisa, humanizando o espaço empírico não contextualizado para uma teoria epistêmica do fazer ciência, do pensar ciência, as Humanidades e tornar o trabalho mais acessível e popular do ver, pensar e fazer ciência sociológica em Angola enquanto espaço não hegemônico. Tanto mais que é pela humanização deste fazer e pensar sociológico que desafiamos a inversão de marcha ao desenvolvimento epistêmico especializado e excludente de modo a compreendermos e a explicar as *malambas*<sup>4</sup> dos *musseques*, os acontecimentos da vida social, os valores da angolanidade, o comportamento social local, os conflitos étnico-culturais, as elites, as periferias e sua marginalização, os saberes de mestres e mestras da cultura, da realidade e da educação, da vida, as violências<sup>5</sup>, as massas, a estigmatização social entre outros, e com isto penetrar na realidade social angolana e ressignificá-la.

Assim, ressignificar epistemicamente a construção do pensamento sociológico angolano para a Sociologia Angolana, é refletir a essência e sobre a essência da coisa, das ações sociais, dos acontecimentos, dos fatos e fenômenos da realidade social angolana dentro de uma conjuntura global não excludente. Pois, é pela geografia da exclusão que nos posicionamos para pensar a Sociologia local contextualizada e com ela fazer frente no sentido de pensar epistemicamente aos acontecimentos do nosso mundo empírico não contextualizado e não especializado e nem tampouco dissociativo.

Aliás, Angola e África<sup>6</sup> de modo geral, é rica em acontecimentos não contextualizados. E os desafios das Ciências Sociais ou Humanas e em particular da Sociologia passa por essa perspectiva de modo a contextualizarmos nós, aquilo que o saber hegemônico ocidental descontextualizou e se apropriou por desconhecimento ou não do sentido e do significado da coisa.

---

<sup>4</sup> Problemas do dia-a-dia, problemas da vida quotidiana.

<sup>5</sup> Entenda-se como violência neste escrito, todo o ato ou ação de violência simbolicamente exercida sobre o indivíduo, povo e/ou sujeitos de um determinado espaço político e geograficamente delimitado no espaço. E esta violência nos remete a pensar a realidade social quotidiana do Estado sobre o povo, sobre o indivíduo ou classe. E nestes termos, temos em Angola a violência da fome, da pobreza, do desemprego, da violência policial, etc. e do poder executivo por meio de suas políticas sociais e econômicas.

<sup>6</sup> Escrevemos África com a letra ‘k’ ao em vez do ‘c’ por uma questão de identidade e pertencimento do meu eu no espaço nativo e periférico angolano, o resgate da escrita na minha língua materna (Umbundu). O seu alfabeto não traz a letra ‘c’ e outras aqui não mencionadas.

Entretanto, é pela interpretação sociológica dos fatos e dos acontecimentos das coisas dadas pela compreensão da Sociologia Angolana e pela sua discussão epistêmica, que o processo de produção de conhecimentos em Sociologia se dá para com esta pensarmos e reafirmarmos o aporte teórico não especializado e não dissociativo da realidade social local no seu todo. Pois, é a partir de uma teoria própria, empírica, metódica, originária e contextualizada do local e da realidade social heterogênea que se fundamenta e se potencializa a produção cognitiva capaz de configurar epistemicamente o saber afroperspectivo dos *guetos* e *musseques* do país na atualidade.

Assim, o saber afroperspectivo do nosso eu para o nosso espaço epistêmico e empírico, se constitui no instrumento questionador das relações sociais dos corpos, dos mestres e mestras da cultura e da realidade, e no elemento equalizador do social entendido como formas interconexas de compreender as relações sociais dos sujeitos construídas no concurso dos estudos multirreferenciados das ações destes dentro de um todo complexo das estruturas sociais do *musseque*.

No entanto, é a partir destas interconexões epistêmicas de fronteiras ilimitadas e não dissociativas, que direcionamos as nossas forças na construção de um possível Pensamento Sociológico Angolano que traga para cá a inversão de marcha na compreensão e interpretação sociológica dos acontecimentos do mundo periférico.

Pois, os traços geográficos nos limitam e nos separam hegemonicamente. Mas as geografias da razão epistêmica que passam pela resignificação das epistemologias escritas e pensadas para nós e o rompimento do silêncio imposto pelas epistemologias ocidentais são as que nos interessam. Pois, é fundamental pensar a ciência, as Humanidades a partir do nosso lugar social, de modo a invertermos o silêncio estruturado da ciência sobre nossas epistemologias desconhecidas, dissociadas e excluídas da geopolítica do saber.

E é nesta perspectiva de pensar, de posicionamento e de firmamento que o trabalho rompe fronteiras, justificando-se numa primeira instância, por duas perspectivas muito pessoais que consistem em:

Primeiro - por razões empíricas, entendidas aqui como o meu lugar de pertencimento, de luta e de amadurecimento acadêmico para a inversão de marcha epistêmica, o que é fundamental para se pensar os saberes científicos hoje;

Segundo - por razões epistemológicas, entendidas aqui como o lugar e o espaço de construção e de desconstrução de saberes endógenos e exógenos, observados a partir da interdisciplinaridade enquanto campo dialógico do nosso olhar contextualizado com as outras perspectivas metódicas e dialógicas dos saberes epistêmicos em Sociologia.

Em segunda instância, o objeto em causa se justifica porque as Ciências Sociais e Humanas (Sociologia) na contemporaneidade, fazem-nos a cada dia um convite a (des)construção de novas epistemologias e a interpretação de realidades sociais heterogêneas, nativas e empíricas no sentido de reconfigurar os saberes endógenos e exógenos das sociedades não ocidentais – o mundo periférico, configurando-as para a releitura fenomenológica da produção científica dos corpos e nos corpos nos espaços não legitimados pelas científicidades do mundo ocidental entendido como linha abissal do saber e a igualdade destes saberes com os saberes locais e nativos das sociedades afrikanas enquanto mundos periféricos do saber.

Por outro lado, o objeto em estudo, justifica-se por estudar sempre Ciências Sociais e Humanas ao longo da minha vida acadêmica, pelas inúmeras discussões feitas nos corredores das universidades, *guetos* e *musseques*, e pela escassez de saberes e bibliografias da Sociologia Angolana e pela ausência de um possível ‘Pensamento Social angolano’ que pense o ‘estudo do pensar e do fazer o social’ do país, bem como a construção de um pensamento sociológico angolano, que interprete e reflita a compreensão das realidades e das ações sociais dos *musseques* e *guetos* que formam suas estruturas sociais, tendo em conta suas especificidades epistemicamente esquecidas nos obstáculos de formação da científicidade local e global numa lógica do saber abissal.

Tanto que o presente trabalho é uma inversão de marcha e um convite aos acadêmicos angolanos no sentido de se construir novas epistemologias que reflitam em si a racionalidade da realidade dos corpos, mestres e mestras enquanto saberes não hegemônicos nos espaços do saber hegemônico e sobretudo separado dos significados comuns das ditas civilizações dos saberes uniformemente construídos a partir de perspectivas dissociativas de outros saberes de suas hegemonias científicas. Para tanto, destas perspectivas dissociativas excluiu-se saberes do mundo periférico, saberes nativos e locais das sociedades afrikanas, hipoteticamente não possuidoras de saberes e de realidades sociologicamente interpretáveis.

Entretanto, pensar e escrever sobre o objeto em causa, é um posicionamento crítico às epistemologias atuais e as linhas abissais do saber, é um ato político e de luta dos acadêmicos afrikanos e em particular dos angolanos e angolanas. Tanto é que este trabalho é escrito a partir de uma perspectiva do olhar próprio e experienciado, do olhar nativo e local, do pensar empírico, metódico e teórico do “eu” enquanto acadêmico e profissional treinado a observar e a interpretar a realidade empírica de um mundo periférico não neutro, e um posicionamento crítico aos saberes hegemônicos, opressores e conformistas do ocidente.

Tanto que este posicionamento transgressor, crítico, político e de resignificação epistemológica para a construção de novas epistemologias para a Ciência sociológica em

Angola e de modo geral para África, vai contribuir significativamente para a construção de um riquíssimo acervo bibliográfico, teórico e documental sobre as epistemologias do mundo periférico e nativo, sobre a transversalidade epistêmica da Sociologia em Angola, da Sociologia Angolana, e ao Pensamento Social Angolano numa Angola categoricamente ‘renascida da cientificidade’ que a contemporaneidade social nos apresenta e nos obriga a releitura reflexiva e crítica.

Por outro lado, o presente trabalho contribui significativamente na redução da escassez bibliográfica e teórica sobre o assunto dentro e fora de Angola, despertar os acadêmicos angolanos a pensar e a escrever sobre as epistemologias locais e nativas dentro do mundo científico politicamente estruturado, bem como um posicionamento científico dos sociólogos, cientistas sociais, educadores e pesquisadores angolanos a pensar de forma reflexiva e crítica a estas epistemologias e perspectivas a construção de novos saberes locais e nativos em Sociologia.

Outrossim, é a conscientização das sociedades não ocidentais (Angola e de modo geral África) e dos seus acadêmicos a posicionarem-se sobre os saberes locais produzidos para Angola e de Angola para o mundo acadêmico.

Portanto, a pretensão deste escrito consiste em pensar criticamente as epistemologias ocidentais em Angola e propor a construção de um possível Pensamento Sociológico local capaz de pensar reflexivamente as epistemologias locais, nativas e próprias da realidade social, das especificidades empíricas dos *guetos* e *musseques* de Angola, de modo a fundamentar e a ressignificar as concepções epistemológicas do saber, pensar e do fazer local. E com isto, pensar a emancipação epistêmica de Angola e seus acadêmicos e pesquisadores de modo a olhar e a pensar a realidade científica refletida como um campo aberto para a Sociologia e para o ofício de sociólogo não engravatado ou “*show off*”<sup>7</sup>.

Por outro lado, o trabalho busca incentivar a comunidade acadêmica da Unilab e não só, a pensar suas especificidades epistêmicas e influenciar deste modo as suas pesquisas, ações e os seus cursos a uma transgressão aos saberes tradicionais e ocidentalistas.

No entanto, propor a construção de um Pensamento Sociológico Angolano pensado a partir do “eu” enquanto espaço empírico, metódico e epistêmico, significa fazer uma inversão de marcha ao saber tradicional homogêneo ao mesmo tempo que se procura entender as

---

<sup>7</sup> A palavra *Show off*, é aqui aplicado, como a designação de profissionais que vivem chamando atenção ao em vez de exercerem o seu ofício de sociólogo, jurista ou qualquer outra área do saber vocacionado ao estudo da realidade social dos nossos *guetos* e *musseques*. É no entanto, a expressão que usamos para designar os profissionais fazedores de opiniões encomendadas ou de gabinetes político-ideológicos.

possíveis abordagens sociológicas elaboradas e fundamentadas pela configuração social hermética do contexto angolano no presente para se pensar a Sociologia do futuro refletida no agora e na realidade social observada, educacional, cultural, política e econômica do país, observando suas especificidades locais. E é nestes termos que o objeto em causa se delimita em compreender a Sociologia em Angola para se pensar a construção do possível Pensamento Sociológico Angolano.

E é com base nisto, que consideramos fundamental questionar e pensar o saber do mundo periférico para se fazer uma inversão de marcha ao saber eurocentrado<sup>8</sup> – o saber ocidental excludente. Assim, o que é a Sociologia em Angola? Que sentidos e significados se constrói com esta Sociologia hoje? Pois pensar a realidade social local (Angola) é fundamental para se pensar e explicar epistemicamente os acontecimentos passíveis de interpretações sociológicas e relevantes a Sociologia enquanto campo de saberes transversais atravessado de fronteiras epistêmicas da realidade social e do quotidiano dos mestres e mestras da cultura e da realidade.

Entretanto, faz-se necessário e imperativo o estudo da Sociologia para pensar a construção do pensamento sociológico angolano de modo a que este explique, observe e (re)pense a realidade social complexa destas periferias, *guetos* e *musseques* – o mundo periférico. E portanto se nós não pensarmos sobre esta realidade social complexa, quem vai pensar? O Ocidente que nos coloca sempre numa posição de exclusão e de espaços não produtores de saberes? O mundo periférico não possui realidades empíricas passíveis de interpretações sociológicas? Ou só é ciência o que é produzido nas academias enquanto compus ‘especializados’ da linha abissal?

Pois entendemos nós que construir saberes que refletem o mundo empírico das nossas periferias, das nossas vivências e acontecimentos, requer alguma ousadia dos sujeitos a todos níveis da racionalidade epistêmica, para que esta se reflita no fazer e no pensar científico silenciado pelas estruturas abissais da contemporaneidade.

E é justamente neste sentido que questionamos, que desafios e perspectivas se colocam na Sociologia Angolana? E como estes desafios e perspectivas contribuem para a construção do possível Pensamento Sociológico Angolano? Tanto que, existe em Angola milhares de coisas que a Sociologia feita em Angola precisa explicar teórica e metodicamente, ao mesmo

---

<sup>8</sup> O saber eurocentrado é aqui entendido em duas perspectivas distintas que consistem: 1º Pela reprodução epistêmica levada a cabo pelos académicos e pelas academias do mundo periférico em razão da influência das academias ocidentais nos seus currículos e suas agências financiadoras de pesquisas e estudos científicos; 2º Pela hegemonia epistêmica caracterizada pelo saber abissal, tradicional e dissociativo de outras realidades empíricas do saber científico.

tempo que precisa se apropriar destes acontecimentos para o seu protagonismo epistêmico. E destas coisas podemos destacar por exemplo as questões de gênero em Angola, a questão do feminismo angolano, a corrupção, o projeto de sociedade e educação, cultura, política, trabalho, direitos humanos, manifestações populares contra o sistema político e seu governo, repressões policiais, partidos políticos, justiça e periferias, etc.

Como hipótese, consideramos que reportar de forma teórica, metodológica e dialogicamente a complexidade social de Angola numa Sociologia contemporânea, local, transversal, interdisciplinar e reflexiva, implica fazer a inversão de marcha aos saberes tradicionais, política e hegemonicamente estruturados e caracterizados pelos padrões opressores da racionalidade<sup>9</sup> epistêmica do ocidente. Tanto é que o lugar<sup>10</sup> do sujeito pesquisador é tido como meio de silenciamento ou não de suas produções epistêmicas.

Assim, os aspectos teóricos da pesquisa devem refletir o cotidiano social do espaço empírico, metódico e transversal do sujeito pesquisador para que este explique de forma analítica e racional os acontecimentos do seu mundo periférico despido de especialidades epistêmicas. Pois que, é missão nossa enquanto acadêmicos, sociólogos e pesquisadores, conduzir o nosso olhar a vivências práticas de modo a analisar a conjuntura do mundo periférico que a realidade social quotidiana nos impõe a olhar de forma treinada, reflexiva, teórica e metódica. Tanto que a construção de novas epistemologias e sobretudo do Pensamento Sociológico Angolano, passa em olhar transversalmente as particularidades e especificidades locais e nativas da realidade social angolana do qual não somos sujeitos neutros.

Quanto a metodologia, consideramos a pesquisa de natureza básica que segundo Prodanov e Freitas (2013), consiste em gerar novos saberes considerados úteis e necessários para a construção epistêmica de saberes que envolvem verdades e interesses universais dos pesquisadores. Já para Lakatos e Marconi (1992, p. 42), a pesquisa é “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. E isto significa compreender o objeto em estudo e encontrar respostas satisfatórias para as questões propostas

---

<sup>9</sup> A racionalidade epistêmica ocidental, é entendida aqui por um lado pelo papel (re)produtor e opressores levada a cabo pelas instituições do saber abissal hegemonicamente construídas dentro de uma lógica estruturada pelo pensamento único e padronizado de fazer e pensar a racionalidade científica. Por outro lado, é entendido aqui como a reprodução de saberes imposto ao mundo periférico e concretizado pelos sujeitos experienciados (governantes, pesquisadores e demais acadêmicos) pelas vivências e práticas do saber abissal através dos currículos vigentes nos espaços do mundo periférico e reforçados sobretudo pela normatividade da ‘universalidade’ e da geopolítica do saber sustentado e fundamento pelos interesses de suas estruturas políticas e econômicas. Entretanto, este último enquadra-se aos países colonizados dos PALOPs de forma geral, e em específico o caso de Angola.

<sup>10</sup> Entenda-se o lugar como espaço geográfico e empírico de quem pesquisa, sua condição social (gênero, raça e *status quo*), seu lugar de fala e quem fala.

a discutir teoricamente, utilizando métodos e técnicas científicas para o efeito (LAKATOS e MARCONI, 1992).

Já na concepção de Demo (2011, p. 11), a pesquisa “significa condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda a proposta emancipatória”. Tanto que este é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, n.p.), respondê-los teórica e epistemicamente é construir assim o conhecimento factual, atual, científico e real. E para isso, “todos os que se preocupam seriamente por compreender a sociedade devem dedicar alguma reflexão aos meios pelos quais os fatos sociais podem ser obtidos” (GOODE; HATT, 1977, p. 3).

Assim, para a obtenção destes fatos, adotamos como método, a compreensão, ou seja, o método interpretativo por este se encarregar de trazer para o pesquisador, possibilidades múltiplas de construção de um diálogo interdisciplinar com outros campos epistêmicos do pensar e do fazer as ciências sociais, tendo como fim último, a obtenção de análises sociais. Pois estas se constituem nos tipos sociológicos de acontecimentos da realidade social observada (WEBER, 2009).

Para tanto, estas possibilidades múltiplas de um diálogo interdisciplinar aplicado a compreensão interpretativa da ação social e do estudo dos fatos da realidade social, nos remete a produção de conhecimentos interconexos “do outro para si, e de si para o outro”, dentro de um contexto complexo de hermenêuticas da realidade social e de seus entes sociais (DEMO, 2011).

E nós faremos isso no entanto, a partir da perspectiva analítica da Sociologia compreensiva, de modo a nos apropriarmos desta para a construção do raciocínio teórico-reflexivo e prático sobre os fatos e fenômenos sociais epistemicamente observáveis, interpretáveis e relevantes a Sociologia contextualizada e a construção do Pensamento Sociológico Angolano.

Pois é a interpretação compreensiva da realidade, dos sentidos e das ações sociais, que nos leva ao alcance de evidências de saberes a nível da Sociologia Angolana. Tanto mas é que, toda a interpretação, toda a ciência, procura segundo Weber (2009), alcançar evidências. E neste escrito, as nossas evidências são conduzidas pelo olhar interdisciplinar aplicado a compreensão interpretativa da ação social produzida pela realidade social dos atores e agentes sociais da sociedade angolana.

Tanto que a sociedade angolana, não é uma mera junção ou soma de corpos ou de sujeitos nos *guetos* e *musseques* do país, é muito mais do que isto e que se dá sempre numa

construção de relações, sentidos e ações sociais entre os sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social.

E o método é no entanto, na concepção e visão de Prodanov e Freitas (2013, p. 24), “um procedimento ou caminho para alcançar determinado fim e que a finalidade da ciência é a busca do conhecimento, podemos dizer que o método científico é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento”.

Assim, “pesquisar não é somente produzir conhecimento, é sobretudo aprender em sentido criativo” (DEMO, 2011, p. 44), é aprender a compreender a todo instante, os procedimentos específicos e necessários para ordenar dados, interpretá-los e fundamentá-los epistemicamente para a construção do conhecimento em Sociologia e de mais ciências da realidade social. Tanto que não há ciência científica sem pesquisa no dizer de Demo (2011) e não há criatividade epistêmica sem pesquisa científica. E o que nós estamos aqui a fazer é precisamente pesquisar para construir saberes úteis e necessários a Sociologia Angolana.

Quanto aos objetivos, consideramos a nossa pesquisa exploratória, explicativa e descritiva. E segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória constitui a “fase preliminar que tem como fim proporcionar mais informações do objeto em estudo de modo a facilitar a delimitação e construção da pesquisa. Já a pesquisa descritiva é, segundo Gil (2002), o estabelecimento de relações entre as variáveis. E a pesquisa explicativa é aquela que se preocupa em “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. [...] pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2008, p. 29).

Escolhemo-los porque o objeto da nossa discussão exige entretanto, observar formulações bibliográficas e documentais sobre a Sociologia Angolana e seus saberes diversos até ao presente, de modo a estabelecermos variáveis que determinam a ocorrência de fatos relevantes para a construção do conhecimento científico da realidade social pela ciência contextualizada.

Quanto aos procedimentos, consideramos a pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica é aquela elaborada a partir de materiais já trabalhados e publicados. Considerando, no entanto, a veracidade de seus dados e informações para a construção do objeto em estudo (PRODANOV e FREITAS, 2013). Já a pesquisa documental, é aquela construída “com base em documentos, as quais, em função da natureza destes ou dos procedimentos adotados na interpretação dos dados, desenvolvem-se de maneira significativamente diversa” (GIL, 2002, p. 87). E a nossa pesquisa é portanto toda ela documental e bibliográfica.

Quanto a abordagem, consideramos a pesquisa qualitativa que é a “relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 70). Tanto que, “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. [...] o processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.70). Tanto mais que a própria ciência é no dizer de Goode; Hatt (1977, p. 11), “um método de abordagem do mundo empírico todo, isto é, do mundo que é susceptível de ser experimentado pelo homem” e compreende-lo a partir da sua observação e interpretação não padronizada.

Assim, para a construção deste trabalho, faremos no entanto, uma discussão teórico-reflexiva construída a partir do referencial bibliográfico e documental à nossa disposição de modo a teorizarmos de forma prática, metódica, empírica, transversal e sistematicamente os fatos e fenômenos da realidade social observada pelo olhar treinado, fatural e realístico da ação social em relação aos seus sentidos, bem como analisar e interpretá-los empírica e sociologicamente através da compreensão e do saber contextualizado para a construção do saber sociológico angolano.

Todavia, para o nosso trabalho em concreto, a Sociologia define e orienta que o profissional da Sociologia, o sociólogo aplique sobre os seus estudos ou pesquisas, o olhar treinado, reflexivo, imaginário e criativo para a construção do saber múltiplo, transversal e interconexo de modo a que se alcance as evidências científicas da, e na Sociologia Angolana e com ela construirmos assim o Pensamento Social Angolano.

Portanto, para dar corpo a nossa discussão, dividimos o trabalho em quatro itens além de introdução e conclusão. O primeiro é a introdução, no segundo, discutiremos o mundo periférico na produção de saberes; em terceiro a contextualização histórica da Sociologia em Angola; em quarto discutiremos a questão da construção do pensamento sociológico angolano e no quinto discutiremos a questão da Sociologia Angolana: perspectivas e suas críticas e por fim, as considerações finais.

## **2. O MUNDO PERIFÉRICO NA PRODUÇÃO DE SABERES**

O mundo periférico<sup>11</sup> é o lugar de saberes, é o lugar de produção epistêmica levado a cabo pelos mestres e mestras da cultura e da realidade social vivida e contemplada fora dos padrões hegemônicos das academias instituídas pela geopolítica do saber e pelas estruturas do saber abissal. É o espaço da cultura, da vida, das experiências e vivências, dos experimentos e práticas do fazer e pensar o social hermético da realidade epistêmica, econômica, social e política de Angola. É o espaço de pensar quem são os entes sociais, sujeitos, mestres e mestras de produção de saberes em Angola, e que lugares os *guetos* e *musseques* têm na construção racional do pensamento epistêmico autônomo, transversal e dialógico.

É o espaço de reflexão crítica a desvalorização de acontecimentos sociologicamente relevantes a compreensão do quotidiano social das estruturas estruturantes e estruturadas da sociedade angolana enquanto campo de olhares interconexos e interdisciplinares da construção racional epistêmica do país.

Pois, Angola é um espaço empírico, um mundo periférico onde os acontecimentos se dão e se desenrolam de diversas formas e perspectivas mediante a produção da vida social e do olhar direcionado a coisa ou acontecimentos enquanto fatos relevantes a racionalidade epistêmica angolana. E a figura<sup>12</sup> abaixo, nos mostra de forma objetiva estes acontecimentos interconexos, transversais e interdisciplinar. Acontecimentos estes que estão intrinsecamente ligados a vida social e se (re)produzem dentro de uma estrutura teórico-prática, reflexiva do fazer o quotidiano e por meio dela construir saberes.

Estes acontecimentos, se dão no quotidiano e seguindo sempre dinamismos sociais não uniformes próprios da vida no espaço, e em todos os momentos e circunstâncias da produção da vida social pelos seus entes sociais enquanto sujeitos da cultura, de saberes e da realidade social. E a figura em causa, nos mostra como estes acontecimentos, vivências, experiências e práticas se dão de forma contínua e interconexa.

Ela ilustra as mais variadas perspectivas do nosso olhar sobre os acontecimentos quotidianos na realidade social observável dos entes sociais, as mais sortidas perspectivas analíticas que o mundo periférico nos oferece, e os múltiplos olhares subjetivos dados ao pesquisador para análise e estudo do que é de seu interesse epistêmico. Aliás, cabe a cada pesquisador, a cada sujeito treinado, a leitura destes acontecimentos, e escolher ou direcionar

---

<sup>11</sup> É neste item entendido como o lugar e o espaço de produção de saberes pelos *guetos* e *musseques* enquanto espaços excluídos e subalternizados pelas academias locais. Espaço epistêmico despido de limites e fronteiras.

<sup>12</sup> Não vamos descrever ou falar de cada elemento, fatos ou coisa que se encontra dentro desta figura, ela serve apenas de ilustração de tudo quanto existe ou pode ser discutido dentro de um espaço epistemicamente excluído dos saberes ‘universalizados’ a partir de uma lógica de classificação de saberes em periféricos e saberes não periféricos sustentados pela geopolítica do saber e do poder.

os seus estudos, o seu foco em uma ou mais coisas deste mundo periférico que por sinal é um espaço de produção da vida social.

Figura 1- Mundo periférico



Fonte: Elaboração Própria.

Ademais, estes acontecimentos quando sistematizados, interpretados e categorizados de forma técnica, metódica e treinada, resultam em conhecimentos contextualizados para cada campo do saber necessário para a construção epistêmica do país, do *gueto* e dos *musseques* dos sujeitos, mestres e mestradas da cultura, da realidade e da vivência prática interpretável pelas Ciências Sociais e Humanas.

Tanto mais é que “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentidos para eles na medida em que forma um mundo

coerente” e passível de interpretações epistêmicas e hermenêutica sociológicas (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 35).

Entretanto, é neste espaço empírico de acontecimentos diversos que se rompe fronteiras para a construção de saberes e a interpretação de realidades sociais herméticas do quotidiano angolano se dá. Pois, é neste olhar para além das fronteiras que Angola se torna num espaço fértil para a racionalidade científica, construindo nestes moldes, saberes diversos e dialógicos do espaço social possuidor de fatos e acontecimentos ricos para os estudos epistemológicos locais enquanto espaço não dissociado da Sociologia angolana.

Tanto é que se olharmos para a figura mostrada acima, notaremos de forma clara as interconexões, a transversalidade, a interdisciplinaridade e o rompimento aos limites e fronteiras epistêmicas, e aos raciocínios hegemônicos construídos sobre os nossos espaços empíricos, sobre as nossas vivências e experiências do quotidiano social. Este olhar sobre o mundo periférico, nos propõe para tanto, para a construção de saberes locais, nativos e não dissociados perpassados pela ação prática e teórica dos mestres e mestras da realidade social vivenciada e experimentada sobre diversas formas da ancestralidade, da espiritualidade, dos ritos e dos saberes não ocidentalizados – o lado de lá do saber, que Boaventura Sousa e Santos chama de “saberes abissais”.

Entretanto, este lado de lá, nos exclui e nos categoriza em função da sua hegemonia e da sua geopolítica do saber e do poder, criando assim uma concepção de ‘saberes aceites’ e ‘saberes não aceites’. E aliás, “a característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante” (SANTOS, 2009, p. 24). E isto dá-se, porque hipoteticamente, e claro, ao longo da história do saber e da sua construção e discussão, a “atividade do conhecer passa a ser reconhecida como um privilégio dos que são considerados mais capazes, mais bem-dotados, sendo-lhes, por isso, conferida a tarefa de formular uma visão do mundo, capaz de compreender, explicar e universalizar o processo histórico” (HERNANDEZ, 2005, p. 17).

Portanto, este processo de universalização histórica pelo ocidente, constrói uma visão ilusória dos espaços e uma nova consciência de visões de mundo contextualizadas nos seus imaginários. E nós sujeitos, mestres e mestras da realidade social complexa, da cultura e da ancestralidade, devemos mostrar ao mundo, esta relação de co-presença de saberes e da dinâmica cultural que constitui o mundo periférico.

Pois, no mundo periférico, a tradição oral é fundamenta e é tida como meio que não restringe e nem limita a tradição, a cultura, os relatos e as mitologias da nossa ancestralidade

fundamentada na memória rural e periférica do interpretar a tradição e os modos de pensar e olhar a sociedade oral epistemicamente excluída do pensar ciência, (HERNANDEZ, 2005). Tanto mais é que o “mundo mais eletivo da reciprocidade comunitária” é o espaço da construção da vida social levada a cabo pelos mestres e mestras da cultura, da realidade social vivenciada e experimentada (APPIAH, 1997, p. 223).

Pois, os entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social, “[...] passam a interpretar não só a sociedade em que vivem, como também as suas atividades práticas” para a construção de saberes epistemicamente reflexíveis para a construção pragmática e teórica da ciência social de suas realidades e vivências (MAKSENAS, 2014, p. 66). E isto passa portanto, pelo exercício complexo de olhar o espaço periférico excluído pelo olhar hegemônico do saber como um espaço essencial da experiência do ensinar e do aprender pelos espaços não institucionalizado da ciência. Tanto mais que, “todas as pessoas – ainda que de forma não sistematizada – pensam refletem, conversam e transmitem experiências e conhecimentos” (MAKSENAS, 2014, p. 14).

Estes conhecimentos, são experienciados, observados, vividos e interpretados dentro e fora dos espaços institucionalizados – escolas, e transmitidos de forma contextualizada de geração em geração. Pois, para as sociedades africanas como as nossas, como os nossos *musseques* e *guetos*, “essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África”, de Angola, dos *guetos* e *musseques* dos nossos sujeitos, mestres e mestras da cultura, da prática e da realidade social (BA, 2010, p. 167).

Pois,

quando falamos de tradição em relação à história afrikana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos afrikanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos (BA, 2010, p. 167).

Tanto mais que, o mundo periférico, o mundo de saberes e da experiência quotidiana dos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social é a expressão prática experimentada e vivenciada do próprio universo e do saber refletido na transfiguração da realidade social fundamentada na natureza dos sujeitos enquanto entes sociais, constituído por concepções epistêmicas conexas a realidade, a identidade e as manifestações concretas da experiência de realidades complexas, e a percepção organizada de informações distintas num fluxo contínuo e recíproco de co-presença estabelecida pelo tempo, espaço e contexto. Pois, “a consciência das pessoas, suas ideias, seus valores resultam de relações sociais que os indivíduos

estabelecem entre si no processo de apropriação material da natureza,” embora exista entretanto, alguma diferença reflexiva entre as relações sociais construídas no cotidiano e a consciência (MAKSENAS, 2014, p. 66).

Esta diferença dá-se justamente porque a leitura hermenêutica, sociológica e treinada da realidade social é subjetiva, e por conta deste olhar subjetivo do sujeito, mestre e mestra da realidade social e da cultura, o cientista compreende a realidade social mediante memória do que pensamos sobre a realidade, seus fatos e fenômenos e a realidade experimentada como instrumento prático de construção de noção de sujeito e suas relações sociais.

Pois a questão primordial aqui, é,

a natureza do sujeito, do homem e de sua interiorização. A noção de sujeito se transforma graças à memória que ajuda o sujeito descomprometido a constituir sua verdadeira identidade através de sua história pessoal no contato com a vida ordinária e cotidiana, expressando em sua linguagem cotidiana e suas interpretações (RICOEUR, 1965, *apud* MORIN, *et al*, 2007, p. 53)

E é por meio destas interpretações do mundo periférico e da sua memória reflexiva sobre a realidade social, que o conhecimento se dá e se constitui como produto da sua co-presença, como acontece com a maioria dos fenômenos e fatos do nosso mundo – o mundo periférico. Assim, os nossos traços culturais e identitário, oferecem-nos técnicas e métodos próprios capazes de fornecer aos sujeitos, resultados fundamentais para o exercício da atividade reflexiva e interpretativa das variáveis resultantes da análise e sistematização das dinâmicas sociais dentro dos *guetos* e *musseques* dos entes sociais. Tanto mais é que, o processo social das nossas sociedades é que influencia a construção da ciência, e sobretudo da ciência sociológica, do pensar sociológico as nossas concepções sobre o mundo, sobre a sociedade e as formas de conhecimento acumulado através da oralidade, da experiência e da observação da realidade social a sua volta.

E a maior preocupação de quem nos exclui, nos categoriza e nos classifica dentro de uma lógica hegemônica, consiste em identificar apenas problemas e particularidade deste processo todo complexo de conhecimentos que se dá pela oralidade do fazer e pensar e ciência do conhecido e do desconhecido. Pois “para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceber à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados” por quanto que, “seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem” (BÂ, 2010, p. 168).

Aliás, apesar de inúmeros desafios satisfatórios que a ciência atual tem tido, é fundamental que o cientista, pesquisador ou estudioso de um determinado campo, recorra “às suas experiências e à sua inteligência para conseguir planejar sua pesquisa e alcançar

resultados” desejados (MORIN, *et al*, 2007, p. 13). Tudo isto se dá pela palavra, pela oralidade e num espaço hermético que pode ser o mundo periférico ou não, e assim a tradição oral se torna para nós, “a grande escola da vida”, do quotidiano, “e dela recupera e relaciona todos os aspetos” da coesão social (BÂ, 2010, p. 168). E “a própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra” (BÂ, 2010, p. 169).

É portanto no respeito pela palavra que a educação se dá e o processo de construção do saber epistêmico e teórico-reflexivos se dá. Pois o processo do respeito a palavra e de construção de saberes, “os mais velhos ensinam aos mais jovens os segredos da sobrevivência e as formas possíveis de entender o mundo em que vivemos”, nascendo assim portanto, a educação como experiência social (MEKSENAS, 2014, p. 19).

Portanto, o mundo periférico é o processo social interpretado pela realidade social numa lógica de conexão de saberes multirreferenciados e interconexos.

### 3. CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS NA ÁFRICA LUSÓFONA

As Ciências Sociais e Humanas<sup>13</sup> na África lusófona, estão intrinsecamente ligados à construção das identidades dos países afrikanos de expressão portuguesa e não só, por conta do processo político-ideológico de construção dos Estados independentes fundamentado nas narrativas reivindicativas, ensaísticas e das narrativas nacionalistas para as independências das então colônias de Portugal. Mas também importa aqui salientar que, discutir a questão em causa, se constitui num ato difícil e extremamente sensível por constituir o núcleo fundamental das especificidades da construção das identidades nacionais e a consolidação das independências dos Estados lusófonos da África resultantes da violência geográfica<sup>14</sup> e identitária, do cruzamento geográfico dos povos e dos olhares e saberes de várias origens dos espaços complexos da lusofonia afrikana e dos seus projetos políticos-ideológicos.

---

<sup>13</sup> Discutimos Ciências Sociais e Humanas de forma conjunta, porque para os nossos musseques são áreas indissociáveis e que aparecem sempre uma junto da outra. Tanto é que nas faculdades locais, a designação é sempre pelas duas áreas com exceção de uma e outra e com realce por exemplo da faculdade de Direito que é sempre separada das demais. Outrossim, estas faculdades constituem assim as unidades orgânicas das universidades, quer sejam públicas ou não. Exemplo: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da universidade x ou y.

<sup>14</sup> Entenda-se aqui a violência geográfica como a invasão opressiva do espaço e do lugar dos sujeitos deslocados de um espaço para o outro como tentativa de ocidentalização e civilização dos corpos detentores de culturas e de uma filosofia própria de vida, dos seus sentidos afroperspectivo e afro-epistêmico sustentados na prática quotidiana da cultura, da espiritualidade como visão da sagacidade e da oralidade passada de geração em geração.

E nesta perspectiva, o interessante aqui não é pensar estas especificidades identitárias das independências dos PALOPs<sup>15</sup> e das políticas ideológicas da prática das Ciências Sociais e Humanas nestes espaços. O fundamental aqui é pensar o impacto das Ciências Sociais e Humanas para a consolidação epistêmica dos saberes dissociados pelo poder hegemônico, embora na concepção de Silva (2015, p. 268), seja fundamental “revisitar os processos que deram origem às independências afrikanas e repensar os percursos pós-independência” destes países na contemporaneidade uma vez que,

foi apenas a partir de 1960, sob a influência dos nacionalismos independentistas e no âmbito da busca pela identidade do continente e de cada um dos Estados-nação recém-formados, que foi reconhecida a necessidade de se conceber um novo método de abordagem adequado para negar a homogeneidade das “tribos afrikanas” (HERNANDEZ, 2005, p. 25).

Tanto mais que, a África é um espaço emaranhado, multirreferenciado e diversificado, um mosaico de culturas, de espiritualidades, de realidades e saberes multidisciplinares, transversais e interconexos e que com certeza com as influências dos nacionalismos independentistas, “houve nova valorização ao se identificar as especificidades históricas de um continente que é um verdadeiro mosaico de heterogeneidade, uma totalidade caracterizada pela complexa diversidade cultural de seus povos” (HERNANDEZ, 2005, p. 25).

E para nós, pensar epistemicamente estas complexidades<sup>16</sup> nas Ciências Sociais e Humanas na África lusófona é fundamental, pois se constitui nos desafios e objetivos da modernidade fundamentados no ensino, na produção e na construção de saberes não dissociativos que implicam o confronto direto e incisivo do fazer, pensar e construir a realidade social epistêmica não excludente das complexidades e dos saberes epistêmicos autônomos e autóctones dos mundos periféricos enquanto espaços produtores de saberes e acontecimentos relevantes às Ciências Sociais e Humanas, e conseqüentemente dar ênfase a produção científica no sentido de desenvolver a nível local, a pesquisa científica, a pesquisa afro-epistêmica<sup>17</sup> por meio de suas instituições de ensino e pesquisa.

Assim, discutir as Ciências Sociais e Humanas na África lusófona, é um ato político de inversão de percepções sobre o que é África, sua essência, suas complexidades e seus saberes nativos vistos a partir de percepções alheias ao espaço dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social hermética. E no entanto, é pelas Ciências Sociais e Humanas, que o saber não

---

<sup>15</sup> PALOP - Países Afrikanos de Língua Oficial Portuguesa.

<sup>16</sup> Consideramos complexidades o conjunto de acontecimentos heterogêneo que constituem o tecido social angolano, como pressuposto da abordagem interdisciplinar dos fenômenos da realidade social e epistêmica do fazer e pensar científico a realidade social contextualizada, nacional e local.

<sup>17</sup> Estudos afrikanos, produção de saberes sobre África e suas especificidades epistêmicas.

hegemônico é discutido tendo em conta suas realidades e especificidades explicadas por meio de uma filosofia própria de vida e capaz de desmistificar a complexidade do espaço para a compreensão dos fenômenos e acontecimentos do cotidiano social dos sujeitos dos espaços politicamente delimitados pelas forças violentas das geografias opressoras do fazer e pensar científico.

Tanto mais é que as Ciências Sociais e Humanas estão presentes em todos os momentos da a afrikanidade e do seu cotidiano, confrontando as realidades destes espaços para a compreensão e problematização das perspectivas sociais dos espaços políticos, geográficos e econômicos da lusofonia afrikana, bem como o olhar não especializado a ciência como preocupação de construção e compreensão da realidade social e dos seus modos de produção.

É no entanto nesta perspectiva de questionamentos das realidades sociais implexas que Cruz e Silva (2015), considera que nós acadêmicos, estudiosos e pesquisadores, devemos revisitar os mais variados e frequentes questionamentos sobre a nossa posição e responsabilidades a desempenhar hoje sobre a Ciência afrikana, e em pleno século XXI, de modo a discutirmos e a enfrentarmos os desafios para o continente e sobre o valor epistêmico a desempenhar pelas Ciências Sociais e Humanas na compreensão da realidade social variegada dos seus entes sociais. Assim, a ciência social contextualizada é fundamental para se compreender as realidades sociais diversificadas e as respectivas explicações e interpretações dos fenômenos do cotidiano.

Entretanto, é nestes questionamentos e no papel acadêmico que trilhamos durante e depois da graduação, do mestrado ou doutorado ou de qualquer outra atividade acadêmica, que somos chamados à responsabilidade no sentido de pensar a ‘Ciência’ a nível dos nossos espaços e ‘*musseques*’, a pensar Ciência a nível da realidade social sortida dos sujeitos, mestres e mestras da realidade quotidianizada de modo a fazer *jus* a excelência científica em Ciências Sociais e Humanas nos PALOPs, e com ele a construção necessária da consciência crítica e acríica do saber hegemônico e não hegemônico produzido e reproduzido pelas nossas academias ainda revestidas de colonialidade e de opressão. Fazer isto implica para tanto, apresentar novas perspectivas do olhar interdisciplinar, transversal e interconexo de compreensão transformadora da mãe África e sobre África para o mundo numa tendência do saber transformador de consciências (HERNANDEZ, 2005).

Assim, a tendência para o saber transformador de consciência e da dependência do fazer e pensar científico, se dá pela quebra do silêncio e a luta pela militância epistêmica confiscada pela geopolítica do saber onde a posição política e geográfica do acadêmico é tida

em canta. E para quebrar isto, é fundamental reavaliar os dinamismos interpretativos da realidade social dos entes sociais, dos sujeitos, mestres e mestras da realidade, da pesquisa e da produção de saberes, onde a liberdade epistêmica busca estabelecer interconexões e com ela dialogar de forma reflexiva e permanente.

Pois que,

a reavaliação deste dinamismo interpretativo da liberdade acadêmica, pesquisa e a observação dos fenômenos sociais dos PALOPs perpassa pela revisão e produção do conhecimento que potencializa de forma precisa a revolução da reprodução epistêmica em Ciências que busquem estabelecer reflexões profundas e auto questionadoras do mundo social, para a produção de saberes sociais em tempos modernos (CANDIENGUE, 2021, p. 13).

Tanto mais que “os desafios contemporâneos impõem uma leitura multifacetada, pluridisciplinar e despojada de complexos arcaicos” (LOPES, 1997, p. 25). E a ciência é dinâmica, e nós, os observadores, os interpretadores do quotidiano epistêmico somos chamados a observar este dinamismo contínuo seguindo a (re)leitura dos fenômenos dos mundos periféricos da lusofonia afrikana na produção de saberes, ressignificando vivências e experiências do quotidiano de modo a pensar o diálogo interdisciplinar, interconexo e não dissociativo da prática epistêmica das Ciências Sociais e Humanas nos espaços geograficamente violentados pelo ‘saber hegemônico universalizado’.

Pois é pela ressignificação da cientificidade local contextualizada e do seu aporte teórico-reflexivo, que vamos nós pensar a sua dimensão teórico-prático na realidade. Tanto é que “o Ensino das Ciências Sociais e da Sociologia nos tempos atuais, nos obrigam a releitura dos fenômenos da produção científica nos espaços dos PALOPs, ressignificando relações e práticas epistêmicas para a possível produção de saberes sobre a África e para África,” (CANDIENGUE, 2021, p. 14). E isto, implica por outro lado, a problematização da prática teórico-reflexiva das Ciências Sociais e Humanas nestes mundos periféricos revestidos de mosaicos complexos de culturas e saberes. Pois, é por via da problematização metódica destes mosaicos de saberes diversificados, que encontraremos respostas transformadoras do fazer e pensar científico imposto pelas dinâmicas globais da modernidade.

Ademais, “a procura de respostas para estes questionamentos não pode estar dissociada da discussão em torno da problemática referente à produção e apropriação do conhecimento” (SILVA, COELHO e SOUTO, 2012, p. 1).

Assim,

para que a educação e a ciência possam realmente ocupar um lugar privilegiado como motores de mudança **epistêmica** no processo de luta contra a ‘vulnerabilização’ cada vez mais patente dos países Afrikanos e **sobretudo dos PALOPs** aos impactos das mudanças globais e **hegemônicas**, não

podemos descurar os aspectos acabados de referir e a necessidade de interrogar o futuro procurando respostas viáveis **para a produção de saberes não excludentes dos saberes periféricos** (CRUZ E SILVA, 2015, p. 271, **grifos nossos**).

“Pois, é preciso problematizar o Ensino das Ciências de modo a encontrar respostas dos desafios globais impostos pelo saber científico” (CANDIENGUE, 2021, p. 14 e 15). E aliás, o fazer social e a leitura social da realidade quotidiana e hermética, impõem-nos a situações que visam problematizar e confrontar o saber, de modo a compreendermos as especificidades do espaço (social, cultural, político e econômico) enquanto realidade e meio propício de construção e desconstrução de saberes.

Tanto que para Cruz e Silva (2015, p. 272 (grifos nossos),

situações como estas conduzem-nos a revisitar os questionamentos cada vez mais frequentemente colocados pelos académicos sobre a nossa responsabilidade perante os desafios do Séc. XXI para o continente Afrikano e sobre qual o papel a desempenhar pelas Ciências Sociais e **Humanas dentro das estruturas sociais complexa dos PALOPs**.

Entretanto, é nesta responsabilidade imposta pelos desafios do presente e da inversão de marcha que nos propusemos, que a problematização epistêmica se transforme em meio de excelência para a transformação científica de saberes em Ciências Sociais e Humanas, e conseqüentemente a construção coletiva de uma consciência crítica e acrítica do fazer e pensar ciência, pois esta consciência visa apresentar aquilo que Hernandez (2005, p. 33) chama de saber transformador por este “apresentar novas perspectivas de compreensão da África e dos africanos” como nova tendência do saber não dissociado e especializado para África. E nesta perspectiva, Candiengue (2021, p. 15), vai mais além ao afirmar que a “transformação da realidade pensada a partir da vivência social experimentada, determina a nível da academia as condições da educação transformadora em Ciências Sociais e em Sociologia na África lusófona”.

Assim, pensar a construção de uma ciência para a transformação da realidade social epistêmica nos *musseques* da África lusófona, significa transformar o estado atual das Ciências Sociais e Humanas para um ritmo que quebre a reprodução e letargia do ensino das ciências e do pensar e fazer das Ciências Sociais e Humanas nos PALOPs, pois encarregar-se disto é intensificar a liberdade e a autonomia dos estudos minuciosos não especializados de África e para África de modo a reavaliarmos a dinamicidade das Ciências Sociais e das Humanas na modernidade dos PALOPs e quebrar assim a letargia destas nas academias e centros de estudos e produção de saberes. Tanto mais é que a universidade é assim vista como o núcleo inicial e

principal da emancipação epistêmica, da independência do saber e da não reprodução do saber hegemônico.

Portanto, embora haja algum esforço neste sentido, ainda assim a luta contra esta letargia é fundamental, indispensável e necessária nos nossos espaços categorizados por discursos de ‘inexistência’<sup>18</sup> do saber e da produção da vida em sociedade. Tanto é que “tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o outro” (SANTOS, 2009, p. 23-24), e nesta perspectiva, a luta cerrada e contínua contra a letargia epistêmica que afeta de forma direta e indireta as estruturas acadêmicas, os estudantes, pesquisadores e o corpo docente e acadêmico das nossas universidades e centros de estudos e investigação em Ciências Sociais e Humanas, e áreas afins do saber, precisam se manter firme e se posicionar face às iniciativas de luta contra a letargia científica do mundo periférico excluído e dissociado do saber hegemônico (CRUZ e SILVA, 2015).

Assim, “as universidades são o lugar privilegiado de realização da investigação científica de uma forma geral e das Ciências Sociais em particular” (CARDOSO, 2011, p. 305), e a universidade enquanto campo de construção e desconstrução de saberes críticos, reflexivos e inconformista, “deve ser estimulada e intensificada, se quisermos que as IES<sup>19</sup> cumpram a sua missão em lugar de contribuírem para a erosão de uma liberdade acadêmica que deve ser crítica e construtiva pensarmos de forma autônoma o estudo de novas epistemologias” (CRUZ e SILVA, 2015, p. 275).

Pois a universidade é o espaço de luta, discussão, construção e desconstrução epistêmica de saberes sobre o ser não distanciado da realidade social complexa experimentada, observada, teorizada e vivenciada da imaginação intelectual do fazer e pensar epistemicamente o capital cultural afrikano.

Aliás, na concepção de Candiengue (2021. p. 12) a;

[...] maior parte das atividades científicas, pesquisas e produções acadêmicas em Ciências Sociais e em Sociologia de modo específico que são promovidas nos PALOPs, desenvolveram-se e continuam dando os seus passos de forma tímida no seio das universidades, faculdades e institutos superiores locais.

Entretanto, para que este processo investigativo, questionador e produtor de saberes não hegemônicos da África e suas especificidades decorra sem censura e sem sobressaltos, é

---

<sup>18</sup> Inexistente porque o saber hegemônico e ‘universal’ produzido dentro das estruturas ocidentais e ditas civilizadas, não o reconhece como saber por este ser produzido nos espaços periféricos dos mosaicos complexos da mãe África.

<sup>19</sup> Instituições de Ensino Superior.

fundamental um posicionamento epistêmico, um olhar técnico e treinado de seus profissionais nas Humanidades e pelas Humanidades. Pois é este posicionamento que vai determinar as mais variadas perspectivas do olhar do profissional das humanidades no pensar e produzir saberes da África e da afrikanidade afro-epistêmica no agora do pensar crítico e do fazer ciência como reflexo crítico e analítico da realidade social diversificada dos PALOPs.

É portanto nesta perspectiva que o fazer e pensar epistemicamente as Humanidades em África, ou se preferirmos a Sociologia, o seu olhar sociológico, é no entanto procurar a África na África e tratar das suas descobertas e criações com a diligência devida à sua universalização, a universalização da África epistêmica ao mundo ocidental e colocar a África no centro das Humanidades e da civilização epistêmica do fazer e pensar e realidade social emaranhada.

Portanto, este processo da África no centro das Humanidades, é pensada numa lógica de ‘Pirâmide Invertida’ que se constitui assim numa nova tendência de pensar as Ciências Sociais e Humanas, os saberes não hegemônicos, saberes excluídos, categorizados e dissociados da universalidade epistêmica e sair em defesa das Humanidades como tal conforme nos mostra a figura abaixo.

Figura 2 - PIRÂMIDE INVERTIDA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS



Fonte: Elaboração Própria

Entretanto, esta defesa das Humanidades pela África, pelos afrikanistas e estudiosos dos estudos afrikanos, consiste em inverter a ordem mundial e hegemônica de olhar para as

Humanidades, para Sociologia em África e em particular nos PALOPs. Pois a defesa das Ciências Sociais e Humanas, o seu estudo, sua discussão e o seu ensino no seio da realidade social dos PALOPs, é missão nossa e de todos aqueles que reafirmam o seu compromisso com a discussão teórica, empírica, metódica, pesquisa e ensino das Ciências Sociais e Humanas na África lusófona.

Tanto mais que “as Humanidades devem procurar a África na África e em todos os lugares, especialmente na diáspora, onde a consciência de si própria sofreu um impacto” pela doutrinação, alienação e concessão às agendas externas ao pensar África e seus saberes herméticos e nativos (FALOLA, 2007, p. 19).

Assim, a pirâmide invertida demonstrada na figura acima, nos remete a ideia de que a África é o centro de saberes violentamente buscados da África, e as suas concepções cosmoepistêmicas ressignificadas e apropriadas pelo poder do saber hegemônico que excluiu de forma proposital o saber tido como periférico das Humanidades e sobretudo dos PALOPs. E nós sabemos muito bem que “o colonialismo e capitalismo não apenas nos privaram, mas também nos destruíram e nos emascularam” (FALOLA, 2007, p. 20).

A mudança desse paradigma requer um posicionamento, uma definição e uma transformação de valores sobre as concepções e cosmovisões africanas. Entretanto estas transformações passam pelo fazer e pensar as Humanidades nas sociedades atuais africanas e de modo particular dos PALOPs, dando poder aos profissionais das Humanidades pensar a universalização do local epistemicamente desconhecido e excluído da geopolítica do saber hegemônico. Assim,

o que eles não veem, porque não é um objeto, porque é invisível ou sutil, é o poder de definir. Quem quer que tenha o poder de definir tem poder sobre outras coisas, uma vez que esse poder pode ser usado para tornar negativo o que é positivo, para transformar seu próprio localismo em universalismo, para disseminar e semear sua cultura e religião, para se tornar o próprio centro do mundo, para tornar sua civilização a norma e fazer com que as demais corram para alcança-los (FALOLA, 2007, P. 20)

No entanto, é o definir, o transformar e o tornar o local, o nativo em universal, que nós acadêmicos do mundo periférico, pesquisadores e construtores de saberes e olhares múltiplos e interconexo sobre as Humanidades nos PALOPs, que daremos valor à produção de saberes epistêmicos, teóricos, empíricos e metódicos nossos e de nossos intelectuais africanos, africanistas e estudiosos africanos.

Pois o valor epistêmico da produção dos nossos saberes em África, nos PALOPs e de nossos intelectuais africanos, africanistas e de mais estudiosos dos estudos africanos, é

fundamentado no reflexo da realidade social complexa vivida, experimentada, observada e questionada. Realidade esta que analisa, descreve e explicita nos seus moldes e limites, o fazer e pensar Ciência dentro do espaço social diversificado dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social quotidianizada.

Portanto, universalizar o local, o nativo epistêmico da África lusófona, nos propõem alguns desafios essenciais para a prática teórico-reflexiva e o ensino das Humanidades e das Ciências Sociais nos países afrikanos de expressão portuguesa. Estes desafios passam por erguer e de forma planejada e sistematizada, reconfigurar as nossas perspectivas epistêmicas do fazer e pensar ciência pelas Humanidades e com ela ocupar lugares privilegiados de mudanças do processo atual epistêmico a nível do fazer e pensar ciência global.

Tanto é que é fundamental questionar o futuro procurando respostas satisfatórias e viáveis nas Humanidades de modo a que a educação e a ciência reflexiva e epistêmica possa lutar contra a vulnerabilização e vulgarização dos saberes afrikano e impactar assim o processo urgente de mudanças emergentes e globais do (re)construir, pensar e fazer ciência pelas Humanidades (CRUZ e SILVA, 2015).

Portanto, estes desafios emergentes para a mudança urgente do fazer, do ensinar e pensar epistemicamente as Humanidades na África lusófona, consistem em;

- a) Posicionamento político à produção de saberes locais e regionais;
- b) Liberdade de cátedra;
- c) Resignificação e significação epistêmica dos acontecimentos do quotidiano social;
- d) Liberdade epistêmica não especializada e dissociativa;
- e) Problematização de saberes em Ciências Sociais e Humanas, e o seu ensino no quotidiano social dos mestres e mestras da realidade social hermética;
- f) Promoção de centros de estudos locais em Ciências Sociais e Humanas;
- g) Construção e discussão de novos saberes epistêmicos em Estudos Afrikanos dentro do mundo periférico;
- h) Compreensão do mundo periférico e do dinamismo epistêmico a partir do olhar treinado às especificidades do mosaico epistêmico dos PALOPs;
- i) Questionar o saber hegemônico e excludente reproduzido nos espaços periféricos escravizados.

Estes desafios, obrigam-nos, portanto, a difusão massiva dos valores epistêmicos, sociais e do capital cultural afrikano legitimado pela realidade social quotidianizada dos

sujeitos, mestres e mestras da realidade, bem como a releitura dos fenômenos da sociedade e dos fatos da natureza, e como estes influenciam na produção de saberes sobre a realidade social heterogênea da África lusófona (PALOPs).

Pois é esta difusão massiva e valorativa do fazer e pensar as Humanidades que ressignificaremos a relação prática epistêmica e teórica da produção e ensino das Humanidades nos PALOPs e a transformação da realidade pensada, vivida, experimentada e observada em saberes interconexos, interdisciplinar e transgressor. Tanto é que “a transformação da realidade pensada a partir da vivência social experimentada, determina a nível da academia as condições da educação transformadora em Ciências Sociais e em Sociologia na África lusófona” como nos mostra Candiengue (2021, p.15).

Portanto, o ensino das Humanidades em África e em particular na África lusófona, é problematizar as epistêmes ocidentais sobre a mãe África, questionar a legitimidade do seu imaginário nativo e produzir a consciência crítica coletiva e individual do fazer e pensar o ensino epistêmico, crítico, reflexivo, teórico, empírico e metódico das Humanidades nos espaços epistemicamente excluídos pela hegemonia racista, sexista, separatista, opressora, economicista, material e político.

### 3.1. CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM ANGOLA

As Ciências Sociais e Humanas em Angola marcam a sua presença no país, nos anos 1951 com as narrativas, discursos e protestos de clamor dos nativos em detrimento a condição sociopolítica, econômica e de indigenato que os povos nativos, mestres e mestras da realidade do espaço geograficamente violentado (Angola) viviam e estavam submetidos pela opressão colonial portuguesa.

Estes discursos, narrativas e protestos hoje objetos de diversas reflexões pelas Humanidades e ciências afins, visavam refletir o quotidiano social complexo angolano em todas as suas dimensões. E é nesta perspectiva de reflexão sobre o social, sobre a realidade epistemicamente passível de reflexões pelas Ciências Sociais e Humanas que em Angola se regista de forma positiva a existência das Ciências Sociais e Humanas, embora exija ainda muita atenção quanto a sua manutenção, discussão, prática, ensino e descolonização da falsa consciência sobre a realidade social implexa local e de seus mestres e mestras da cultura e da realidade.

Pois as Ciências Sociais e Humanas são o reflexo da realidade social interpretada, observada e explicada mediante a compreensão dos fatos da sociedade e dos fatos da natureza, e acontecimentos interconexos, transversais e não dissociáveis da realidade epistêmica e empírica do fazer e pensar Ciência pelas Humanidades nos espaços socialmente variado e diversificado. No entanto, é pelas Ciências Sociais e Humanas que determinados factos, coisas, fenômenos e acontecimentos se explicam e se esclarecem.

Tanto mais que as Ciências Sociais e Humanas são uma alternativa de construção da teoria social local que reflete a realidade social hermética do país, um projeto de sociedade, um projeto de educação, um projeto de ruptura e de pensar o futuro, um projeto de conhecimento sobre os saberes locais que constituem o saber, o pensamento alternativo das Ciências Sociais e Humanas descolonizadas em Angola.

Entretanto, temos Ciências Sociais e Humanas em Angola mas a sua prestação ainda deixa-nos a desejar. Temos uma larga presença destas Ciências em todo o espaço social angolano, mas estas estão ao serviço da política, das elites, da bajulação, dos intelectuais da conveniência e do *status quo* por não refletirem as alternativas teóricas e práticas de construção da teoria social local.

Há no entanto uma larga escala de banalização e de recessão pelas Humanidades, um desinvestimento total das Ciências Sociais e Humanas, e a sua desvalorização global em Angola onde o conhecimento em Ciências Sociais e Humanas deixou de ser prioridade por não dar retorno financeiro ao país, e sobretudo por não serem apêndices econômicos do Estado. Assim, a sua utilidade nos remete a ideia do neocolonialismo e do capitalismo epistêmico das Ciências Sociais e Humanas em Angola onde a preocupação desta se fundamenta na não existência da teoria social local que reflita na realidade social epistêmica de modo a não pensar alternativas de sociedade.

Tanto que,

as sociedades e as elites afrikanas se batem para desconstruir os paradigmas coloniais, têm sido as próprias estruturas e elites políticas pós-coloniais a desenvolverem um certo tipo de violência face às potencialidades de uma epistemologia alternativa, levando a que, em casos extremos, a violência política tenda a destruir as bases culturais e materiais da produção dessa epistemologia alternativa (CARDOSO, C., 2011, p. 1260).

No entanto, é fundamental cogitar alternativas de sociedade pelas Ciências Sociais e Humanas a nível do local, a nível da realidade dos mestres e mestras de modo a se construir novos paradigmas e novos horizontes do pensar a realidade cognitiva do social implexo, e libertar-se dos modelos heterônimos do pensamento social local e hegemônico do fazer

Ciências Sociais e Humanas em Angola, e conseqüentemente o alargar o grau de compreensão dos complexos sociais e humanos dentro da configuração social de Angola enquanto campo fértil para as Ciências Sociais e Humanas, considerando para tanto que,

existe um potencial ilimitado de novas ideias a partir de combinações das ideias existentes, produzindo novas possibilidades, dentro e fora das Ciências Sociais, que melhor ajudem a compreender a relação entre fenómenos sociais aparentemente não conectados e, por via disso, encontrar soluções para problemas que afligem a sociedade. Por isso, um dos objetivos das pesquisas sociais é testar as teorias existentes para poder melhora-las e aumentar o conhecimento socialmente disponível a partir do qual possam ser deduzidas soluções (ABREU, 2015, p. 7).

No entanto, estas soluções socialmente disponíveis e construídas de forma teórica, prática, empírica e metódica a partir da teoria social, dos acontecimentos, fatos, coisas e experiências empíricas do quotidiano social dos mestres e mestras da realidade, precisam se despir dos modelos heterônomos, hegemônicos e estático das Ciências Sociais e Humanas em Angola, superando assim a racionalidade científica da prática quotidiana das Ciências Sociais e Humanas e compreender o papel da teoria social alternativa no seio da estrutura social angolana.

Não havendo portanto estas soluções alternativas do olhar das Humanidades e pelas Humanidades, estaremos nós a desintegrar as Humanidades da sociedade, porquanto que a “desintegração social acompanha o capitalismo global” que olha para as Humanidades como um obstáculo para as ideologias do mercado (FALOLA, 2007, p. 14). Tanto que não pode existir sociedade sem pensamento, nem pensamento sem sociedade, e no entanto é este pensamento que deve refletir e penetrar a Ciência contemporânea das Humanidades para a construção de uma teoria social da realidade capaz de alargar o nosso horizonte, o nosso olhar treinando e de ofício às teias sociais emaranhadas e as configurações sociais de Angola.

Aliás, podemos como diz Nordert Elias (2015, p. 21), “tentar libertar de modelos heterônomos de discurso e de pensamento o *stock* usual de conhecimento e de linguagem, agora utilizados para alargar a nossa compreensão das teias humanas e das configurações sociais” que a realidade social intrincada dos sujeitos, mestres e mestras da realidade, da cultura e da experiência nos apresentam.

Portanto, as Humanidades devem ser os novos horizontes do olhar para a Ciência e para a construção do aporte teórico, hermenêutico, reflexivo e crítico do pensar e fazer ciência capaz de desmistificar e explicar as teias intrincadas da realidade e com elas construir novas epistemologias do conhecimento social local capaz de pensar as Humanidades para Angola e o

ensino da mesma na estrutura social angolana, e ser objeto de análise e estudos de seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da realidade social quotidianizada.

Tanto que pensar as Humanidades requer de nós uma certa cultura, um certo respeito e uma certa ousadia no questionar a realidade social multiforme dos *musseques*, dos mestres e mestras da cultura e da realidade social. Pois é a nossa cultura científica, acadêmica e epistêmica que interfere no modo de produção de saberes que refletem os aspectos teóricos, metódicos e empíricos da realidade epistêmica do espaço social diversificado dos mestres e mestras da realidade e de seus *musseques* sistematicamente estruturados.

Assim, o seu estudo e análise é fundamental e deve ser conduzido pelas Humanidades e pelos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras sérios e comprometidos com a pesquisa e com os estudos epistêmicos do pensar e fazer a realidade social epistêmica pela racionalidade reflexiva, transgressora e questionadora. Tanto mais é que, esta é uma tarefa que requer a presença de pesquisadores e profissionais treinados e capazes de fazer a (re)leitura do espaço epistemicamente implexo.

Pois precisamos no entanto,

pensadores que reflitam o fazer a realidade e o quotidiano social de Angola para atingirmos o desenvolvimento científico [...] de que Angola precisa, e ao mesmo tempo o fazer cumprir o direito de construção de uma consciência coletiva crítica de pensar e do fazer a ciência a partir do olhar científico da realidade local e nativa dos fenômenos e dos fatos sociais que nos envolvem (CANDIENGUE, 2021, p. 15).

Entretanto, é este direito de pensar a Ciência local pelas Humanidades que a realidade social dos sujeitos, mestres e mestras da realidade é explicada pelo olhar treinado do profissional da Sociologia ou das Humanidades como reflexo resultante da produção da vida em sociedade, e com ela perspectivar novos horizontes epistêmicos do fazer e pensar interconexo da ciência periférica. Pois é o olhar nativo à realidade social hermética dos fatos da natureza e dos fatos e fenômenos da sociedade que se questiona o saber e a realidade para a construção da racionalidade crítica coletiva e individual.

Assim, as Humanidades em Angola têm como finalidade, o (re)pensar a consciência crítica coletiva e individual do pensar e fazer ciência para o alcance do desenvolvimento epistêmico, e a rotura racional e epistêmica ao conformismo e a hegemonia dada aos saberes não periféricos.

No entanto, é esta rotura ao ‘tradicional’ ao politicamente legitimado pelo saber e pelo poder colonial que as Humanidades em Angola têm a responsabilidade de pensar, fazer e construir saberes interconexos da realidade social epistêmica despida de colonialismos e de

exclusões epistêmicas do social e da realidade social emaranhada dos mestres e mestras da realidade.

Entretanto, a missão das Ciências Sociais e Humanas em Angola, é a construção de saberes ousados que colocam em xeque a realidade social quotidianizada, e sobre ela elaborar variáveis epistêmicas e pragmáticas de saberes interconexos que reflitam os fatos, fenômeno, vivências, observações e experiências da vida social, dos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade, e com estes saberes formar quadros capazes de discutir epistemicamente sobre a realidade, construir e treinar sujeitos interpretes e sistematizadores do pensamento social reflexivo e empírico da ciência sociológica como resultado dos sistemas sociais e da produção da vida social. E isso passa portanto, por uma concepção de percepção epistêmica da realidade social organizada através das estruturas sociais e dos sistemas sociais como práticas sociais que se desenrolam num esquema de previsões e interpretações da realidade.

No entanto, para que esta interpretação da realidade ocorra, é fundamental conhecer a realidade e o processo implexo em que este conhecimento se dá. Pois “o conhecimento é um processo pelo qual cada um de nós se apropria da realidade” para teorizar e instigar a reflexividade epistêmica em nossas sociedades (LUCKESI, *et al*, 1985, p. 1655).

Portanto, é por meio desta reflexividade epistêmica, que cada um de nós explica o seu olhar sobre a realidade, e sobre a sociedade que o rodeia. E as Ciências Sociais e as Humanidades, devem criar em nós desafios, desafios estes que passam pela contextualização do objeto a pensar à realidade. E a figura abaixo, traz-nos esta contextualização como desafios para as Ciências Sociais e Humanas em Angola.

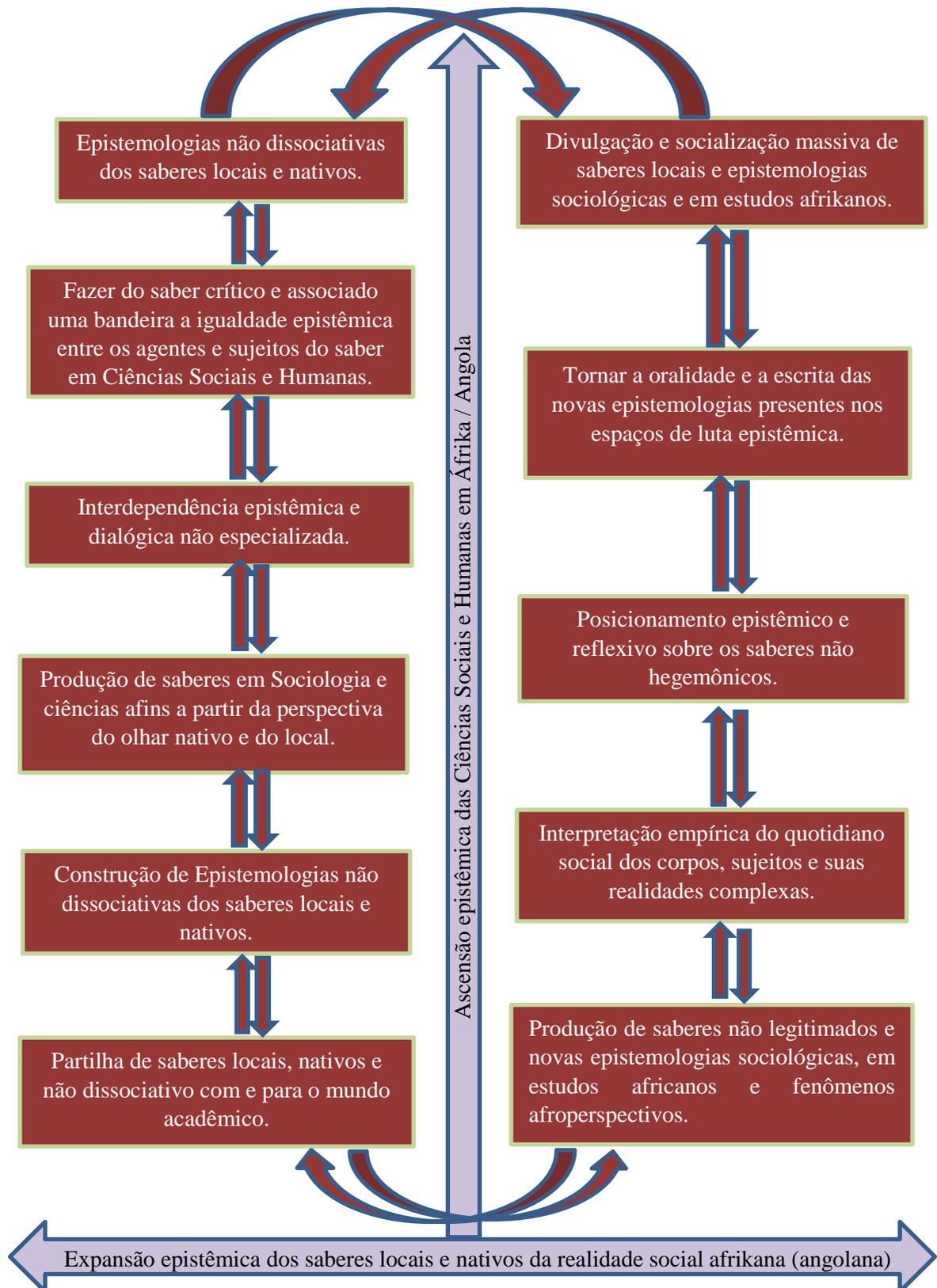
Pois, ela passa-nos a ideia de como as Ciências Sociais e Humanas em Angola se expandem e como as mesmas Ciências Sociais e Humanas têm ascendido. As duas linhas projetam portanto, as Ciências as Sociais e Humanas para outros pontos, para outras perspectivas no sentido de universalizar os saberes produzidos nos espaços periféricos hegemonicamente excluídos pelo saber universalizado pelas concepções imaginárias do mundo ocidental.

Entretanto, a construção de saberes exige sacrifícios, desafios e escolhas, e estes sacrifícios convidam-nos todos os dias a pensarmos sobre nós, sobre o mundo, sobre nossas dinâmicas sociais, sobre nossas vivências e experiências e sobre nossas epistemologias locais na produção de conhecimentos contextualizados à vivência e a realidade social complexa do nosso eu.

Outrossim, estes desafios na figura abaixo (figura 3), ocorrem todos em simultâneo e estão numa relação de interdependência, em que a realização de um item depende do outro. Assim, não se pode pensar na construção de epistemologias não dissociativas sem pensar na produção do saber nativo e local. Não podemos pensar no posicionamento epistêmico sem pensar a produção de saberes a partir da nossa realidade, da nossa vivência e perspectivas. Portanto, construir saberes e refletir epistemicamente sobre cada objeto científico requer disciplina e um olhar a treinamento a vida social e a produção da vida em sociedade.

Figura 3 – Desafios Epistêmicos das Ciências Sociais e Humanas

## DESAFIOS EPISTÊMICOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM ANGOLA



Fonte: Elaboração Própria.

#### 4. SOCIOLOGIA EM ANGOLA

A Sociologia é uma ciência transgressora, questionadora, reflexiva e aberta a interpretações contextualizadas de realidades sociais complexas e empíricas dos espaços geográficos e politicamente delimitados por linhas abissais da contemporaneidade. É a ciência que questiona os acontecimentos do mundo periférico da nossa realidade social observada sob o olhar transversal, treinado, reflexivo e interconexo do fazer e pensar o saber epistêmico despido de limites e fronteiras epistêmicas do pensar, fazer e construir saberes autônomos e dialógicos.

Para tanto, é nesta perspectiva da construção de saberes autônomos e ilimitados pelas fronteiras intrincadas do empirismo epistêmico que surge em Angola a Sociologia institucionalizada na década de 1990, finalzinho do século XX. E esta surge numa perspectiva pós-colonial no sentido de pensar a reestruturação das estruturas sociais, políticas e identitárias da realidade social quotidiana de Angola enquanto espaço empírico, interdisciplinar e transversal de saberes endógenos e exógenos, atravessados por linhas de acontecimentos relevantes ao olhar subjetivo da Sociologia local. Tanto é que “as ciências sociais nasceram (...) como uma tentativa de compreender e controlar uma realidade social cada vez mais complexa” (CANO, 2012, p. 95).

Assim, o surgimento da Sociologia Angolana, é pela inclusão de uma consciência racional crítica, interdisciplinar e transversal direcionada ao reajuste do olhar social sobre o pensar e fazer o quotidiano social implexo e epistêmico de Angola e seus *guetos* e *musseques*, bem como a compreensão das suas formas de produção das relações sociais. Aliás, as nossas sociedades e os seus entes sociais, são no entanto, sujeitos produtores de relações sociais múltiplas que se estendem para diversas perspectivas analíticas da Sociologia contextualizada na realidade social incognoscível de seus sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social.

A Sociologia em Angola é ainda um campo incipiente independentemente de estar a conhecer dias melhores. É um campo incipiente que nos convida a aplicar o nosso olhar treinado, o nosso estilo de vida sociológica a realidade social do quotidiano a partir da compreensão teórico-reflexiva e observável dos sentidos, significados e acontecimentos com o fim de responder e indagar as demandas sociais quotidianas do agora e do presente. Pois é por estas indagações e respostas que construiremos saberes autônomos da nossa realidade empírica, teórica, metódica e dialógica de forma contextualizada.

Pois é no âmbito desta contextualização local, nacional ou regional, que se estuda a realidade teorizada pela Sociologia da compreensão e da realidade para a construção do saber dos nossos *guetos e musseques*. Tanto é que “é no âmbito das tradições sociológicas nacionais que se estuda a sociologia alemã, a italiana, a britânica, a brasileira, a angolana, etc.” e de mais campos da sociologia contextualizada (MARLEN, 2021, p. 306).

Tanto é que a Sociologia contemporânea discute questões do nosso mundo periférico enquanto espaço de construção e desconstrução de questões atuais, novas e relevantes da realidade social hermética do nosso tempo e da sociologia do futuro.

E no entanto, é esta sociologia do agora e do futuro que nos convida ao exercício do ofício de sociólogo sem limites e sem fronteiras nos fatos, fenômenos e acontecimentos da realidade social susceptível de interpretações sociológicas múltiplas e interconexas. Pois é por meio destas interpretações racionais e dialógicas da sociologia que passamos a compreender de forma racional, transversal e interdisciplinar, as contradições complexas das epistemologias do quotidiano científico de uma Angola rica de acontecimentos susceptíveis de análises e interpretações sociológicas.

Entretanto, é com estas interpretações múltiplas da compreensão sociológica local, nacional ou contextualizada, que construímos posicionamentos epistêmicos, teses, argumentos e teorias que conferem aos nossos saberes endógenos e exógenos, legitimidade e verificabilidade dos nossos saberes a nível dos *guetos e musseques* dos países não hegemônicos do saber legitimado. Assim, “independentemente de onde venha uma teoria, o que lhe conferirá ou retirará legitimidade científica não é a sua origem, quem ou como a formulou, mas a forma como ela é validada empiricamente” (CANO, 2012, p. 100).

Assim, discutiremos neste item, a situação histórica da Sociologia em Angola, fazendo no entanto uma incursão histórica sobre a Sociologia em Angola. Posteriormente discutiremos a questão da construção da Sociologia no espaço social angolano, Sociologia como ciência em Angola. Por outro lado, discutiremos sobre a Sociologia da transgressão, e posteriormente trataremos o nosso olhar a Sociologia como espaço de luta no currículo angolano.

#### 4.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIOLOGIA EM ANGOLA

A educação, a ciência e o ensino das ciências como é a Sociologia em Angola, estava sob o cargo de fortes vigilâncias das elites políticas, ideologicamente fortes e detentores de poderes sobre a educação e suas instituições como formas de reprimir a liberdade questionadora

do fazer ciência e pensar a realidade social local dos *guetos e musseques* antes da independência e pós-independência. E a Sociologia como é óbvio, estava nessa época colonial, ao serviço da colonização em todos os seus aspectos como nos diz Vitumbaca (2019).

Tanto mais é que, a própria “trajetória histórica da sociologia revela que esta ciência social surgiu, [...] num contexto ocidental e, posteriormente, rumou para contextos não ocidentais”, tal como Angola e outros países afrikanos segundo Marlen (2021, p. 304), e a partir daí a Sociologia passou a ser estudada, interpretada, contextualizada e analisada por outras diversas regiões do saber não hegemônico e pelas tradições nacionais dos nossos *guetos e musseques*.

E Angola não está fora deste processo todo que a Sociologia passou até esta se instalar ou se institucionalizar no espaço social complexo angolano com os pioneiros da Sociologia Angolana em Angola como é segundo Vitumbaca (2019), com Mário Coelho Pinto e Andrade<sup>20</sup> e com Mário António de Oliveira<sup>21</sup>.

Entretanto, esta Sociologia hoje institucionalizada e pioneiramente iniciada pelos ilustres nacionalistas Mário Coelho Pinto e Andrade e Mário António de Oliveira, passou por diversas situações e conturbações históricas menos boas em função dos contextos e das circunstâncias do país. Pois em Angola e nos seus *guetos e musseques* “tal como se deu em algumas **outras** sociedades **não hegemônicas**, a Sociologia **como ciência social** não foi acolhida e **aceite** da melhor forma **possível**, muito pelo seu lado crítico e **questionador**” (MORAIS, 2016, p. 28 (grifos nossos)).

---

<sup>20</sup> Nasceu no Golungo Alto, Angola aos 21 de Agosto de 1928. Ele é mais conhecido por Mário Pinto de Andrade, foi um ensaísta e ativista político angolano. E faleceu em 1990 em Londres. Foi o primeiro angolano a estudar a Sociologia, foi presidente do MPLA, estudou Filologia [sic] em Portugal, onde esteve também ligada a proclamação da Casa dos estudantes do Império. Mais tarde teve que fugir em França, onde frequentou o curso de Sociologia. Foi influenciado pelos sociólogos da Escola Francesa, nomeadamente *George Balandieur, George Gurvitche, chek Anta Diop etc.* Deu o seu contributo em diversas áreas da Sociologia angolana, tais como na Sociologia Política, S. Da Etnicidade e das Relações Étnicas, Sociologia da Literatura, Sociologia da luta de libertação nacional, Sociologia da angolanidade, Sociologia da Situação Colonial, etc. (VITUMBACA, 2019, p. 38).

<sup>21</sup> Nasceu em *Maquela do Zombo, na actual província angolana do Uíge, em 05 de Abril de 1934* e faleceu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, Portugal, *a 07 de Fevereiro de 1989*. Poeta, historiador e professor universitário, publicou diversos ensaios dentre os quais se destacam ‘A Sociedade Angolana do Fim do Século e um seu Escritor; Colaborações Angolanas no Almanaque de Lembranças; Luanda: Ilha Crioula; O primeiro livro de pões publicado na África portuguesa; A formação da literatura Angolana etc.

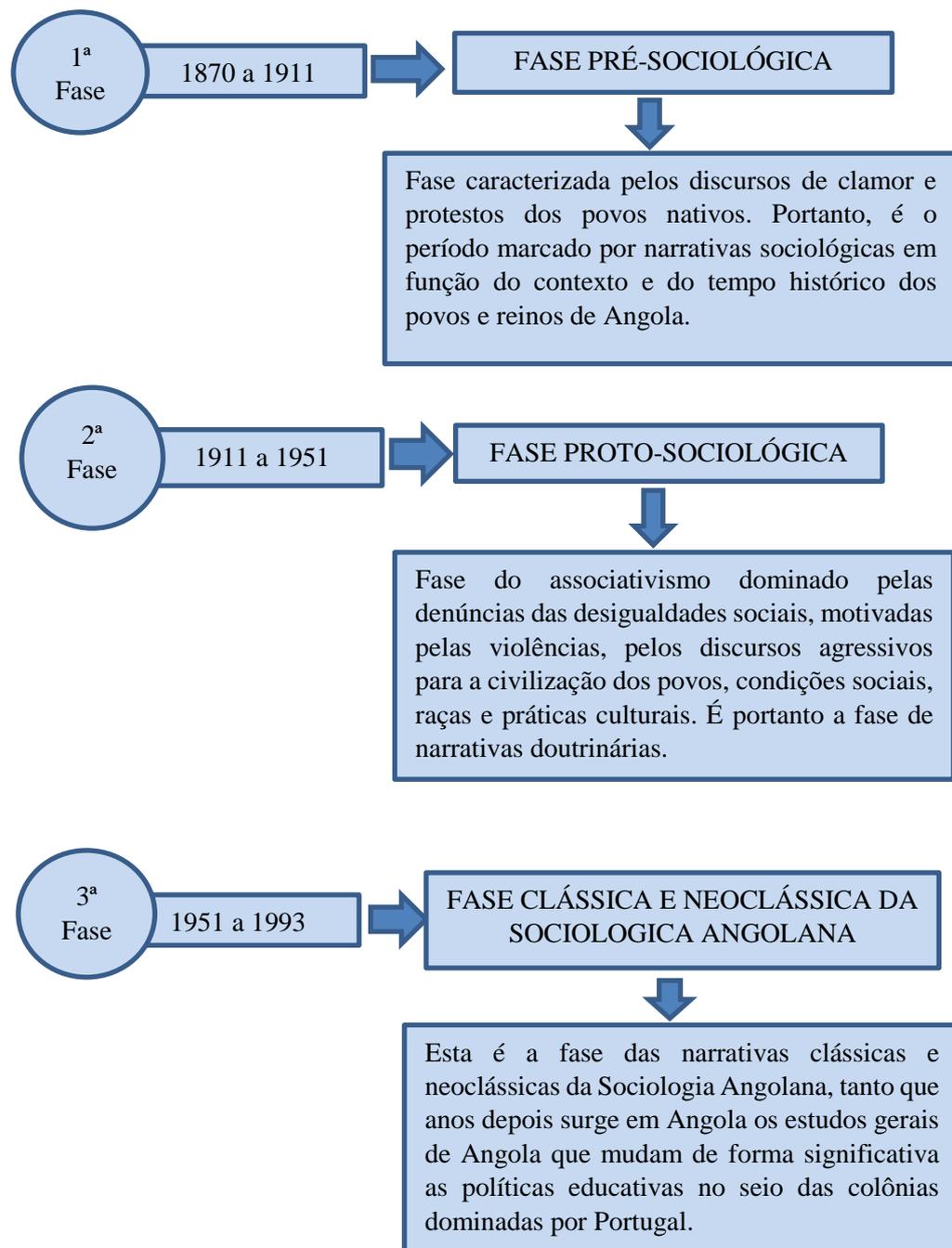
A sua contribuição para a formação da Sociologia angolana clássica, é indiscutível. E os seus trabalhos sociológicos estendem-se nos domínios da Sociologia Histórica, Sociologia da Colonização, Sociologia das relações raciais, Sociologia da Cultura e da literatura etc. No âmbito metodológico, alguns dos seus trabalhos, forma pioneiros na introdução de métodos e técnicas de pesquisa qualitativa (o método biográfico e a história de vida) na Sociologia pátria. Quanto aos autores que lhe influenciaram, destacam-se Gilberto Freyer, com a sua teoria do lusotropicalismo; e jurista e político luso Adriano José Alves Moreira, com a sua perspectiva dos estudos coloniais (VITUMBACA, 2019, p. 39).

Assim, e em função do contexto histórico e das conturbações políticas e sociais vivenciados em Angola por conta da colonização portuguesa, e em razão da sua natureza questionadora e inquieta aos contextos e situações da história social do país, seus *guetos* e *musseques*, a Sociologia “no período anterior a 1992, ela foi excluída do seio social angolano por contradizer e andar à esquerda das elites políticas, das ideologias político-curriculares implementadas nas instituições de ensino médio e superior do país na altura” (CANDIENGUE, 2021, p. 22). Pois anos antes a década de 90, já havia indícios de uma sociologia caracterizada pelo protesto das condições sociais a que os nativos eram submetidos. Já havia inícios de uma Sociologia motivada pelas lutas de libertação nacional, pelo associativismo e pelas críticas ao sistema colonial vigente na altura.

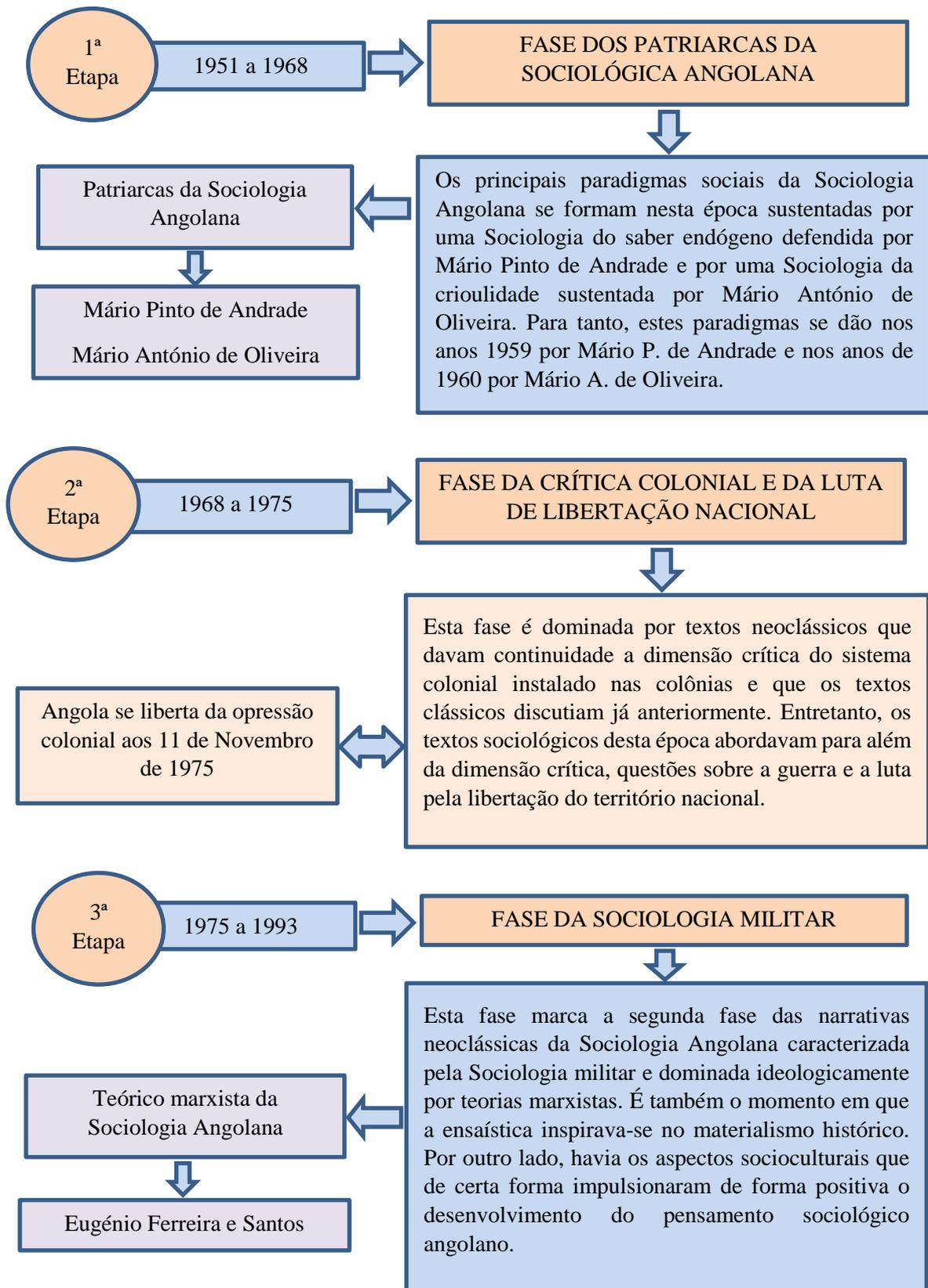
Entretanto, este período anterior à década de 90 vem desde as lutas de projeção da independência nacional dos *guetos* e *musseques* do país, se estende até as conturbações políticas, sociais e da guerra civil registada no país pós-independência. Após este período histórico, a Sociologia Angolana começa a ganhar novos contornos, e novas influências sociais do fazer e pensar a Sociologia local.

E cronologicamente falando, a Sociologia Angolana no espaço social angolano, começa a se desenrolar em contextos muito específicos da nossa história social, e que exigem de nós um olhar treinado, analítico, técnico e teórico, de modo a ressignificarmos e contextualizarmos tais períodos que nos dão indício do surgimento de uma Sociologia local, de uma Sociologia nacional a nível do espaço social oprimido, explorado e ‘saqueado’ por Portugal, hoje Estado soberano angolano e sua administração autônoma.

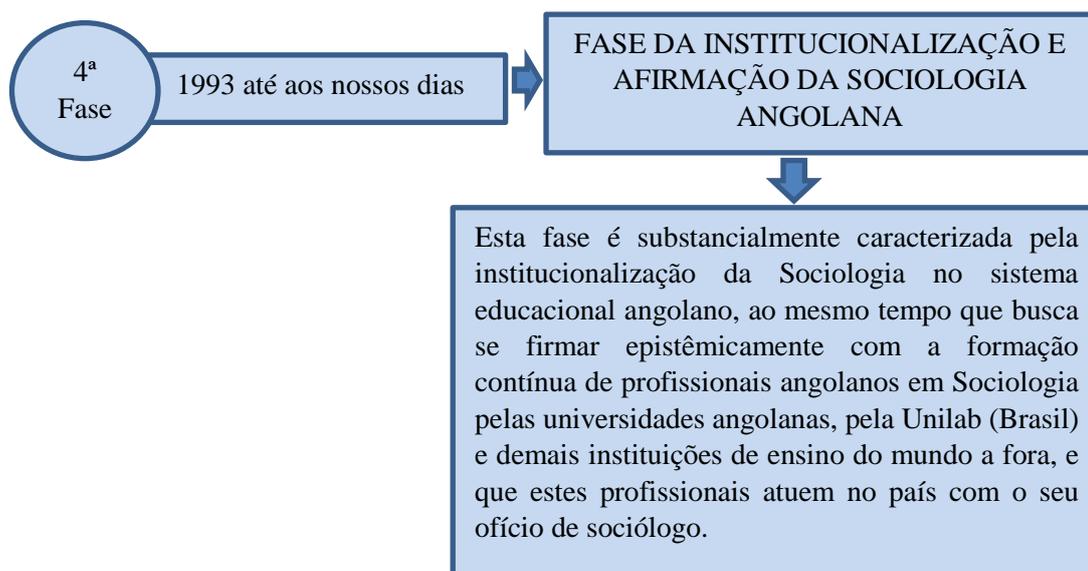
Assim, e partindo da concepção de Vitumbaca (2019), entendemos nós que, as fases da Sociologia Angolana, acontece em quatro momentos distintos que consistem em:



A 3ª fase, denominada fase clássica e neoclássica da Sociologia Angolana, se subdivide em três fases distintas por conta das especificidades e particularidades implexas do contexto da época e da sua história para a independência e pós-independência. Assim, temos nesta 3ª fase as seguintes etapas:



Portanto, estas são as 3 etapas que subdividem a 3ª fase histórica da Sociologia Angolana até a sua institucionalização como veremos na fase seguinte.



Assim, embora a Sociologia tenha surgido da necessidade de (re)pensar as estruturas estruturantes e as estruturas estruturadas de Angola, a Sociologia surgida na década de 1990, foi sendo sempre reprimida em função da sua natureza questionadora e essencialmente inconformadora, social e crítica, e sobretudo por trazer junto dos sujeitos a capacidade do olhar transversal e multidisciplinar sobre o quotidiano social dos *musseques* e a forma como o Estado se dirige e se estrutura num período como aquele. Tanto mais é que após a proclamação da independência nacional, começou a surgir em Angola uma autonomia literal das instituições de ensino que politicamente tinham sido dominadas por ideologias políticas fortemente influenciadas pelas práticas opressoras da colonização portuguesa.

Entretanto, de 1990 a 1992, a Sociologia sofre grandes repressões e não consegue se consolidar como tal em função do que é a Sociologia como ciência. Ela foi no entanto excluída da estrutura social por não satisfazer a vontade dos governantes, foi excluída por contradizer os discursos de gabinetes e de ações concretas de verdades não verificáveis. Pois “o peso excessivo da máquina estatal em relação à sociedade” se impôs, inibindo assim a consciência crítica da Sociologia que nessa altura tentava se construir no país e seus *guetos* e *musseques* (CARDOSO; MACAMO; PESTANA, 2002, p. 11).

Tanto mais que a política implementada, foi entendida “(...) como artefato de constrangimentos estruturais, a análise parte de unidades conceptuais previamente definidas, que impõem formas de conduta e limitam a compreensão das opções dos atores sociais” no país (CARDOSO; MACAMO; PESTANA, 2002, p. 6).

E no entanto quem passou a governar o país pós-independência é o MPLA<sup>22</sup> e todas as políticas educacionais levadas a cabo pelo MPLA naquela época remontavam à luta de libertação, a educação que se ministrava refletia a instrução político-ideológica e ao recrutamento militar, (VISENTINI, 2012). Entretanto, em Angola e seus *guetos* e *musseques*, tal como foi dito por Morais (2016), a Sociologia não foi acolhida de ânimo leve justamente pelo facto de a mesma ser intervencionista em todos os seus aspectos, crítica, teórico-reflexiva e preocupada em desvendar epistemicamente a realidade social e explicar seus fatos. Tanto é que, “a análise sociológica não se define apenas pela sua capacidade de fazer constatações, mas sim, e sobretudo, pelo seu potencial explicativo. Com efeito, a análise sociológica procura explicar porque é que o fenómeno social se apresenta como ele se apresenta” (CARDOSO; MACAMO; PESTANA, 2002, p. 8).

Além do mais, o esforço da Sociologia, consiste em explicar os fenômenos sociais num contexto sociológico próprio de constatações analíticas da realidade social concreta. Portanto,

o saber (...) sociológico é uma ameaça a questionamentos de ideologias hipoteticamente legítimas, e a possível construção de novas epistemologias da realidade social angolana naquela altura do monopartidarismo e ao mesmo tempo período de transição<sup>23</sup> de Estado colonizado para o Estado soberano, independente (CANDIENGUE, 2021, p. 23).

Assim, só em 1993, é que a Sociologia em Angola começa a dar alguns largos passos para pensar de forma reflexiva e crítica os acontecimentos da realidade social angolana. Pois ela se constitui fundamental e indispensável para (re)pensar a realidade social do quotidiano e a sua implementação curricular no sistema de ensino (ensino médio ou superior).

Entretanto, é com estes passos tímidos da Sociologia que começa a surgir os primeiros sociólogos angolanos formados pelas universidades angolanas, com realce a Universidade Dr. António Agostinho Neto, vulgarmente conhecida como UAN<sup>24</sup> ou simplesmente Universidade Agostinho Neto, e pela Universidade Jean Piaget de Angola. Após a institucionalização da Sociologia no sistema de ensino, começa a surgir por outro lado, sociedades profissionais de

---

<sup>22</sup> Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), fundado aos 10 de Dezembro de 1956, e realizou o seu primeiro congresso em Dezembro de 1977.

<sup>23</sup> Compreenda-se a transição não como a tomada de independência como tal, mas compreenda-se como o processo de transição de um sistema monopartidário que vem desde a tomada da independência até a realização das primeiras eleições realizadas em 1992, surgindo para tanto o multipartidarismo em Angola. Por outro lado, importa lembrar que a par deste processo todo, Angola viveu um percurso de guerra civil de aproximadamente três décadas, isto período pós independência e período pós primeiras eleições gerais. Para tanto, estes acontecimentos todos resumimo-los como período de transição do estado colonizado para o estado soberano em função do multipartidarismo que surge em 1992...

<sup>24</sup> Universidade Agostinho Neto.

sociólogos angolanos e angolanas politicamente organizados em Associação. Assim, em 2003 surge a ‘Sociedade Angolana de Sociologia (SASO)’ e em 2008 o surge a RAS (Revista Angolana de Sociologia (RAS) que inclusive até hoje tem estado a disponibilizar saberes de Sociologia produzidos no país pelos académicos angolanos.

Outrossim, é a proclamação da A.A.S.A<sup>25</sup> que veio dar no seio das sociedades sociológicas uma força significativa. E em 2012 é fundada a COESO, Comunidade de Estudantes de Sociologia / COESO-Angola.

#### 4.2. A CONSTRUÇÃO DA SOCIOLOGIA NO ESPAÇO SOCIAL ANGOLANO

Angola é um Estado socialmente implexo e constituído por diversas particularidades étnicas e culturais do seu povo. Para tanto, pensar a construção da Sociologia neste espaço socialmente complexo e cheio de fenômenos, factos, acontecimentos, práticas e vivências socialmente relevantes ao fazer epistêmico e ao pensamento sociológico local e não só, requer de nós um olhar treinado face aos obstáculos epistêmicos, sociais e pedagógicos que se impõem na compreensão do espaço social angolano.

Pois este espaço hoje conhecido por Angola, passou por vários processos de construção que vão desde os primórdios dos primeiros indícios da Sociologia em Angola e se estendem até aos dias hoje. Assim, pensar a construção da Sociologia no espaço social angolano, é olhar para a Sociologia como uma estrutura política que se vai transformando ao reflexo compreensivo das etnias, das culturas, das práticas, das vivências, dos ensinamentos e dos saberes que se estendem do Cunene a Cabinda e do mar ao leste num espaço territorial de 1.246.700 km<sup>2</sup> de superfície, uma nação constituída por diversas nações geograficamente violentas pelos traços limítrofes do colonialismo resultante de um processo emaranhado.

Entretanto, é neste vastíssimo espaço de povos<sup>26</sup> e etnias, que a vida social se dá e a Sociologia também se faz necessária para compreender e explicar os fenômenos do quotidiano fundamentado nas epistemologias, na realidade e nas ações pedagógicas dos sujeitos com a realidade vivenciada e experimentada dentro de uma tradição de conhecimentos herméticos, interdisciplinar, multidisciplinar e pluridisciplinar, transversal e interconexo.

---

<sup>25</sup> Associação dos Antropólogos e Sociólogos de Angola.

<sup>26</sup> Consideramos Angola um espaço de povos e etnias, por este ser um país multicultural, multilinguístico, um país com práticas culturais diversificadas e variáveis de região para região e com significados históricos e espirituais próprios de suas comunidades e de seus saberes.

Assim, a Sociologia em Angola se dá no sentido de repensar e (re)organizar a teoria social local pensada e fundamentada pela realidade e pela consolidação das ideias sociológicas surgidas na fase pré-sociológica, na fase da crítica colonial, da Sociologia militar e das demais fases da Sociologia angolana. Pois a Sociologia no contexto social angolano se constrói como luta e forma de análise e compreensão do social dos *musseques* e tem a função de (re)pensar e descrever de forma teórica, reflexiva, metódica e treinada este social construído dentro de uma estrutura social, política, cultural e economicamente intrincado.

Tanto mais é que a Sociologia surge como um instrumento de inversão de marcha, de equalização do social e de construção de uma consciência crítica face ao sistema político vigente em Angola antes e pós-independência, e pós guerra civil<sup>27</sup>, numa fase em que a estrutura social carecia e carece até hoje do olhar e do pensar crítico-sociológico e das demais Ciências das Humanidades. Tanto é que são as Humanidades como a Sociologia que educam a sociedade nos seus mais diversos campos da estrutura social hermética dos nossos *musseques* politicamente constituídos numa lógica de violências geográficas e coloniais. Entretanto, este educar consiste em as Humanidades não poderem fugir da realidade social quotidiana do mundo onde as mais diversas ideias e raciocínios metódicos circulam para construção do pensamento social local que traga para a ciência os níveis da realidade, a complexidade epistêmica do construir o pensamento social local, o fazer pedagógico da e pela Sociologia e as dinâmicas concretizadoras da atividade intelectual pela Sociologia (FALOLA, 2007).

Assim, a Sociologia tem a função de olhar para a sociedade angolana como um todo complexo de olhares metódicos, reflexivos, epistêmicos, pedagógicos, empíricos e teóricos, sistematicamente construídos a partir do olhar treinado das Humanidades de modo a explicar o consenso social desta no seio das estruturas sociais, políticas e acadêmicas do país. E esta deve ser uma Sociologia reflexiva, uma Sociologia do quotidiano, uma Sociologia da transgressão, uma Sociologia de inversão de marcha que contrarie e se opõe a “ortodoxia intelectual” que por sinal é “menos reflexiva, menos crítica e menos construtora” do fazer e pensar as epistemologias, e da consciência crítica coletiva e individual (PIMENTA, 2013, p. 12).

Entretanto, a Sociologia deve criar teorias e sujeitos emancipados, sujeitos que criem caminhos e horizontes, teorias e metodologias reflexivas e crítica da Sociologia local como alternativa científica e filosófica da teoria social angolana. Assim, esta teoria social construída

---

<sup>27</sup> Angola viveu depois da independência um longo percurso de guerra civil que perdurou 27 anos, o conflito deu-se entre a Unita (União Nacional para a Independência Total de Angola) e o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola). Depois de muitos anos de conflito entre as duas forças, deu-se em 2002 a assinatura do cessar fogo que deu origem a paz definitiva em Angola antecedido de vários acordos.

sob os vícios da observação dos factos, da decomposição dos factos e da reordenação dos factos, entendidos como hipótese, análise e síntese do conhecimento próprio não fragmentado da teoria social local, complexo e das relações sociais e geográficas, deve constituir o aporte da teoria sociológica local e social no processo de construção do conhecimento crítico dos sujeitos e da sua emancipação ideológica e epistêmica na compreensão da realidade e a escrita da mesma.

Para isso, a interpretação sociológica do social é fundamental e deve ser encarado com o espírito crítico para a construção do social alternativo e a descoberta da realidade empírica do fazer e pensar Ciências Sociais e Humanas nos *musseques*, definindo como preocupação teórica a implantação sólida, crítica, pedagógica e reflexiva da Sociologia no espaço social angolano. Aliás, o bom sociólogo seria aquele que sabe ler, observar, interpretar e explicar os fenômenos e fatos da realidade social local, e que se permita a criatividade hermenêutica do fazer e pensar Ciência enquanto racionalidade da realidade social local não especializada.

Pois é a partir deste pensar criativo e do seu observar empírico e analítico dos novos horizontes, que “a Sociologia tem assim um grande trabalho em transformar e verificar esse conhecimento para que se torne útil” (GOODE; HATT, 1977, p. 79) no processo de socialização teórico-prático do conhecimento quotidianizado e a sua relação entre a observação hipotética dos fatos sociais, a decomposição analítica dos fatos e a reordenação sintética dos fatos como modo de interpretar o mundo social local preenchido de conhecimentos, práticas, informações e ensinamentos que refletem a educação e a construção do conhecimento local e constitutivo da sociedade diversificada.

Tanto mais que,

ao procurarmos alargar a nossa compreensão dos processos humanos e sociais e adquirir uma base crescente de conhecimentos mais sólidos acerca desses processos – isto é já em si constitui uma das tarefas fundamentais da Sociologia – confrontamo-nos com uma tarefa semelhante de emancipação (ELIAS, 2015, p. 17).

Isto porque o “caminho de emancipação não pode vir de fora, imposto ou doado, mas conquista de dentro, construção própria, para o que é mister lançar mão de todos os instrumentos de apoio (...)” (DEMO, 2011, 17), para a construção do processo emancipatório pela Sociologia. Pois “quando aprendemos a isolar fatores sociais importantes e esclarecer as linhas de causa e efeito, poderemos obter da Sociologia teórica respostas ainda mais produtivas para os nossos problemas práticos” (GOODE; HATT, 1977, p. 79).

Assim,

para compreendermos de que trata a sociologia, temos que nos distanciar de nós mesmos, temos que nos considerar seres humanos entre os outros. Na

verdade, a Sociologia trata dos problemas da sociedade e a sociedade é formada por nós e pelos outros. Aquele que estuda e pensa a sociedade é ele próprio um dos seus membros (ELIAS, 2015, p. 13).

E no entanto, é neste pensar a sociedade enquanto parte e membro desta, que o olhar sociológico do sujeito se faz necessário para compreender a Sociologia Angolana e a partir desta compreensão pensar e produzir saberes que expõem no seu todo o substrato social de Angola e o modo como este substrato se constrói dia pós dia. Entretanto, a construção deste substrato, é ao mesmo tempo, a construção da Sociologia no espaço social angolano porquanto que esta reflete a realidade social e epistêmica deste espaço pensado de forma metódica, reflexiva e treinada, embora a própria sociedade seja ainda colocada em oposição a este raciocínio reflexivo, epistêmico e metódico do profissional da sociologia local.

Esta oposição dá-se justamente pelo valor, pelos obstáculos que se criam à própria sociologia local e aos seus profissionais no dia-a-dia, criando para tanto, crises epistêmicas profundas de construção e sustentabilidade do pensamento social local, da teoria sociológica e do pensamento sociológico angolano. Tanto mais que, é em função dessa oposição entre a sociedade e o indivíduo profissional da sociologia, que infelizmente a Sociologia no espaço social angolano rasteja-se em todos os seus aspetos e em todos os seus campos passíveis de interpretação sociológica.

Tanto mais é que temos em Angola ‘doutores’ de ternos e não de fatos (ofício), temos doutores de nomes ao em vez de profissionais da Sociologia e das Humanidades, temos ‘doutores’ preocupados com o *status quo* e não com o fazer carreira e viver a Sociologia e com ela construir um estilo de vida pela sociologia, pela análise e pela reflexão teórico-crítico do social. Temos doutores, mestres e mestras do faz de contas ao em vez de mestres e mestras da realidade reflexiva do quotidiano analítico e epistêmico do social angolano.

Temos doutores, mestres e mestras focados na superioridade moral ao em vez de pensar a Sociologia do quotidiano, ao em vez de pensar a Sociologia da transgressão que crie no indivíduo e sujeito da realidade novos horizontes e novas perspectivas de pensar Angola. No entanto, temos doutores, mestres e mestras que passaram pela sociologia não como profissionais da sociologia, mas como caminho e meio para o alcance das suas realizações de

militância partidária<sup>28</sup>, e a arrogância política<sup>29</sup> e epistêmica<sup>30</sup> que estes supostos profissionais exercem nas academias locais. Pois estes profissionais fazem o uso da superioridade moral e a reprodução de saberes ao em vez de construí-la num espaço fértil e que muito carece como é o caso concreto de Angola. E com certeza se assim o fizéssemos, não teríamos tantas dificuldades assim na construção de trabalhos científicos, de teses e argumentos técnico-científicos quando se trata de ciência ou de pesquisas no seu âmbito geral.

Entretanto, com os milhares de profissionais formados em sociologia em Angola não haveria razões de a mesma não acompanhar a dinâmica social do fazer e construir ciência no espaço social local, e aliás, a educação não é e nunca será dissociada da sociedade e dos indivíduos que fazem a vida em sociedade, a educação é a vida em sociedade na sua dimensão prática e concreta de análise teórico-reflexiva da realidade.

Assim, a Sociologia ensinada em Angola, não deve estar dissociado do estilo de vida dos que primam pelo caminho da Sociologia, e nem esta deve estar à quem da realidade social, epistêmica e pedagógica do espaço social complexo de Angola. Esta não deve estar em oposição ao indivíduo e aos horizontes da realidade susceptível de análise e reflexões interconexas da Sociologia e do saber dos mestres e mestras da realidade social angolana. Pois “a sociedade que é muitas vezes colocada em oposição ao indivíduo, é inteiramente formada por indivíduos, sendo nós próprios um ser entre os outros” que diariamente nos colocamos a frente destas análises interconexas da realidade hermética colocada em oposição ao raciocínio epistêmico do pensar e fazer a realidade social na ciência científica (ELIAS, 2015, p.13).

Assim, é fundamental que a sociedade se constitua no objeto de estudo do fazer e pensar a Sociologia que por sua vez se concretiza no processo analítico e racional de seus interesses. Tanto é que o processo de construção do conhecimento social reflexivo, crítico, acríptico e transgressor, vem desde então “marcado pelos interesses, concepções e condições de classe do investigador” (FRIGOTTO, 2008, p. 46), e é nesta perspectiva que a Sociologia não

---

<sup>28</sup> Profissionais confiscados para a atividade político-partidária ativa que os silencia com a sua doutrinação ao conformismo, ao não questionamento e a não construção de uma consciência crítica coletiva e individual, de modo a não despertar aos novos sujeitos da realidade a capacidade reflexiva e epistêmica do fazer e pensar a Sociologia local, a construção do pensamento social angolano e ao raciocínio crítico da vida em sociedade epistemicamente complexa.

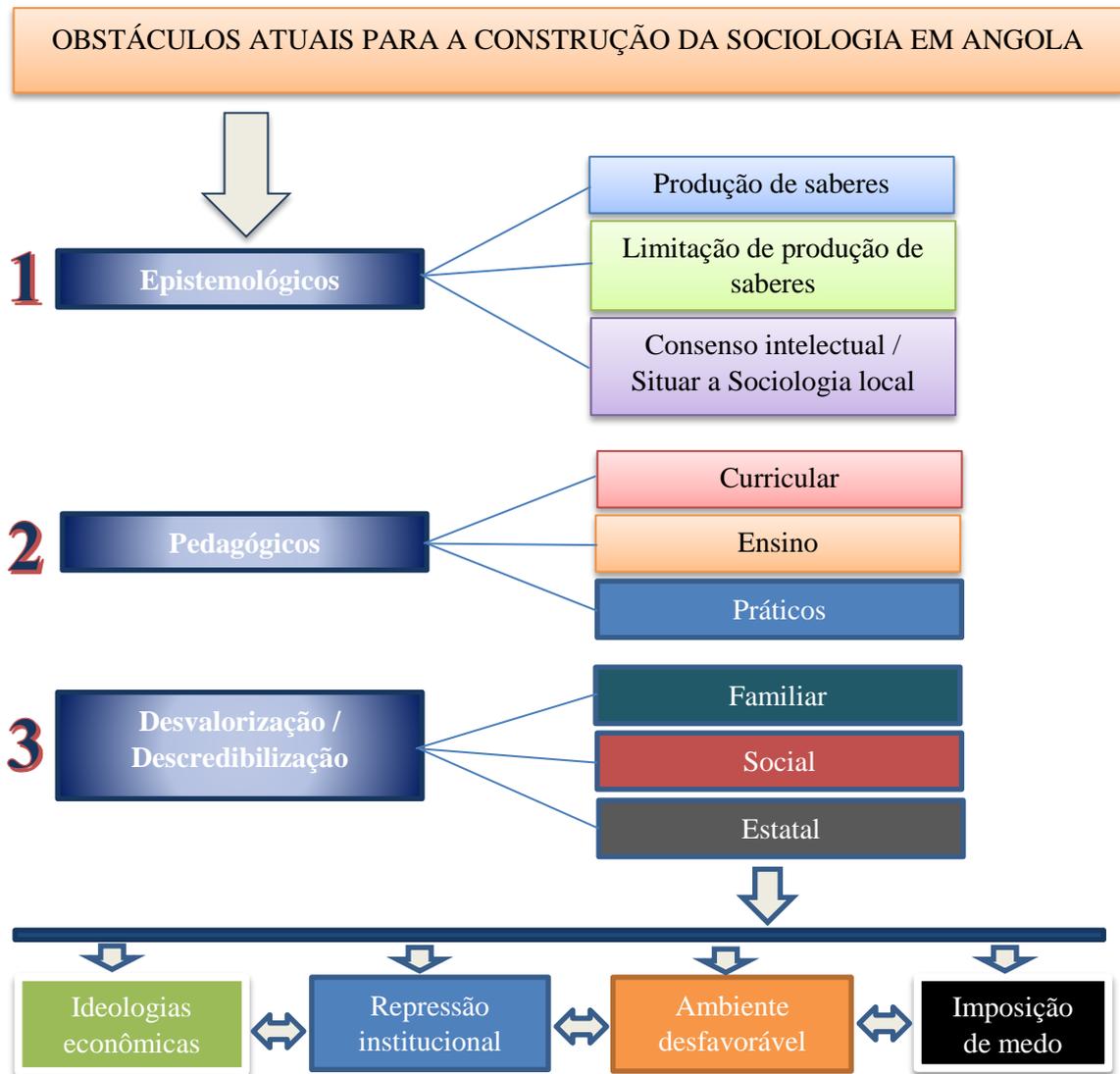
<sup>29</sup> Os políticos locais e sobretudo os políticos do partido no poder (MPLA), trazem sempre nos seus discursos algum tipo de arrogância sustentada na superioridade moral e no *status quo* pelos fatos de ser detentor de “poder” (econômico - “dinheiro”, ordens “superiores”, político e da consciência de impunidade e acobertamento).

<sup>30</sup> A arrogância epistêmica dá-se nestes sujeitos por reproduzirem e apresentarem aos seus estudantes o tradicional, o comum, o que eles, doutores, mestres e mestras do faz de contas, do *show off* aprenderam nas academias ocidentais onde eles passaram, e sobretudo por apresentarem um currículo bancarizado e que faz jus aos interesses político-partidários do ‘chefe’, de quem governa, onde por sinal quem apresente conteúdos contrários as suas concepções partidárias é capaz de ser oprimido ou ameaçado.

deve ser vista nem encarada como oposição da sociedade e vice-versa. Entretanto, se encarada assim, criamos para a Sociologia local, o seu ensino e a construção do pensamento social angolano, obstáculos profundos que colocarão a Sociologia numa situação de vulnerabilidade e acomodação definitiva do fazer e pensar a realidade social no viés da Sociologia científica

Tanto mais que os obstáculos para as Ciências Humanas são diversos e a Sociologia em Angola não está obstante disso, e os impasses colocados a Sociologia Angolana, são de ordem política, econômica, epistemológica, pedagógica e social, tal como a figura 3 nos mostra de forma detalhada. Estes obstáculos dialogam e refletem a realidade social e atual da Sociologia nos *musseques* de Angola, e são os mesmos que se colocam na construção da Ciência social angolana.

Figura 4 - Obstáculos da Sociologia em Angola



Fonte: Elaboração Própria

A figura acima nos remete aos impasses, obstáculos que colocam a Sociologia numa posição de desvantagens sobretudo científicas que concorrem para a desvalorização da mesma e numa posição de oposição à realidade social interpretável e analítica de Angola. Estes obstáculos são políticos, sociais, familiares, estatais, práticos, científicos, e curriculares, etc., que subdividem-se em três categorias essenciais:

1. Obstáculos epistemológicos;
2. Obstáculos pedagógicos;
3. Obstáculos desvalorativos.

## **1. Obstáculos epistemológicos**

Os obstáculos epistemológicos para a construção da Sociologia em Angola, circunscrevem-se na divisão da ciência como meio de classificação e atribuição de prioridades para as ciências especializadas<sup>31</sup> em detrimentos dos outros campos epistêmicos da ciência, como é o caso da Sociologia, e sobretudo por esta ser questionadora, inconformista e incomodatória.

O seu ‘anonimato epistêmico’ na construção do saber e na análise da realidade social implexa e reflexiva, passa por esta classificação de prioridades que divide a ciência nos seus mais variados modos de pensar a construção do saber epistêmico e na preferência da reprodução do aprendido anteriormente nas academias hegemônicas. Pois a ciência nos dias de hoje divide e classifica para melhor reinar, se impor e dominar tal como Japiassu (1975) sustenta.

Assim, os desafios para a não divisão da ciência no espaço social angolano, é o compromisso com a leitura e releitura da realidade social emaranhada e da práxis humana, onde não há para tanto maior ou menor objeto de ciência para a construção do saber local, epistêmico e pedagógico, tanto que “os desafios no plano da realidade que se quer conhecer não são menores sobretudo quando o objeto do conhecimento é a própria práxis humana” (FRIGOTTO, 2008, p. 48), e a Sociologia é um saber prático dotado “de um conjunto próprio de questões com os quais aborda o estudo da sociedade e das relações sociais” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 11).

Entretanto, estas relações<sup>32</sup> da nossa realidade são complexas e a sua (re)leitura requer de nós, profissionais da Sociologia, um amplo campo empírico, crítico e acrítico, teórico, reflexivo e epistêmico. E segundo o que a figura 4 (quatro) nos apresenta nos obstáculos epistemológicos, é a ‘falta’ deste vastíssimo campo de análise da realidade social diversificada. Assim, os obstáculos epistêmicos nos remetem à três elementos fundamentais que nos permitem analisar e (re)pensar os obstáculos epistêmicos na construção da Sociologia Angolana. Estes elementos consistem em;

### **a) Obstáculos epistêmicos a nível da produção do saber.**

Os obstáculos epistêmicos a nível da produção do saber, se dão pela pouquíssima capacidade de produção de saberes, senão mesmo pela inexistência da capacidade produtiva de

---

<sup>31</sup> Compreenda-se aqui as ciências especializadas como as ciências exatas e as ciências sociais aplicadas.

<sup>32</sup> Relações sociais complexas do tecido quotidiano dos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social angolana.

saberes, teses, argumentos e teorias sociológicas que refletem a realidade empírica e sociopolítica do país. Pois é a inexistência de saberes, argumentos, teses e observações da realidade que o saber sociológico se torna escasso e difícil de fazer, de pensar e de viver a Sociologia reflexiva no quotidiano.

Entretanto, para romper este nível de obstáculos a nível da sociedade, da academia e da pesquisa sociológica, é fundamental que os profissionais da Sociologia se posicionem fazendo estudos epistêmicos da realidade social, e com estes estudos formar a consciência crítica e acrítica do fazer e pensar a realidade reflexiva do país e sanar assim a escassez bibliográfica do fazer e pensar a Sociologia local.

Tanto é que a “Sociologia é uma forma de compreender o mundo dos homens que também abre a possibilidade de pensa-lo de diferentes maneiras” e compreender assim a vida prática quotidiana do fazer e pensar a Sociologia local enquanto objeto constitutivo da discussão sociológica e como ciência da realidade social e humana (BAUMAN; MAY, 2010, p. 17). Pois “a ciência é um método de abordagem do mundo periférico todo, isto é, do mundo que é susceptível de ser experimentado pelo homem” (GOODE; HATT, 1977, p. 11) e explicar a partir da experiência, da vivência e da observação a realidade metódica da ciência produzida pelo viver, fazer e pensar sociológico.

#### **b) Obstáculos epistêmicos a nível da limitação de produção do saber.**

Os obstáculos epistêmicos a nível da limitação da produção do saber no espaço social angolano, está ligado a questões complexas do quotidiano social daqueles que deveriam produzir saberes sociológicos a nível da estrutura local, dos políticos, e por outro lado, está ligado as questões daqueles que regulam e regem o processo formativos dos sujeitos, agentes, mestres e mestras da realidade social angolana, por quanto que o conhecimento é resultado de um processo difícil que não envolve não só o sujeito produtor, mas envolve um todo conjunto implexo de coisas epistêmicamente reflexivas para que a produção do conhecimento seja de facto algo marcante dentro e fora da estrutura social de seus produtores.

Entretanto, estas limitações, se estendem desde os interesses político-ideológico dos agentes produtores do saber até a vontade política daqueles que controlam os sistema político-partidário no sentido de controlar ideologicamente os quadros e seus meios e formas de produção de saberes da realidade social dos *musseques*, *guetos* e periferias do país.

#### **c) Obstáculos epistêmicos a nível do consenso intelectual/ situar a Sociologia local.**

Os obstáculos epistêmicos a nível do consenso intelectual e do situar a Sociologia local, consiste na falta de diálogo estruturado entre os sociólogos e o fazer situado a Sociologia no espaço social angolano, não colocando para tanto os estudos sociológicos e as discussões sociológicas no centro da atividade reflexiva e analítica da realidade hermética para a construção do saber sociológico local, e sobretudo fundamento na consciência crítica e acrítica das interconexões do saber científico.

A não colocação da Sociologia no centro das atenções dos profissionais da sociologia, dos estudos sociológicos e empíricos do fazer a sociologia, das pesquisas, discussões e cafés sociológicos nos bairros, esquinas e nos muros das universidades angolanas, enfraqueceu a Sociologia promissora registrada nos anos de 1993 a 2003 (fase em que a Sociologia conhece o seu melhor em Angola). E isto deixou a Sociologia menos interessante, menos atraente, menos sedutora, e sobretudo porque a sociologia deixou de ser compreendida como um espaço de compreensão do mundo complexo e como forma de analisar e explicar a realidade social angolana.

E nós acreditamos que a Sociologia pode e deveria fazer mais para Angola, nós acreditamos que “a Sociologia tem um papel crucial de contribuir para que as crianças e jovens compreendam o complexo mundo social no qual vivem” (ROSE, 1967, p. 7) , e a partir desta compreensão explicitar os fatos da natureza e os fatos da sociedade em que este sujeito, mestre e mestra da realidade direciona os seus interesses, suas relações múltiplas, suas vivências e experiências do quotidiano pensado epistemicamente.

Nós “acreditamos, ainda que muitas das revelações, ideias, conceitos e generalizações do sociólogo podem ser compreendidas em graus variados por muitos alunos” (ROSE, 1967, p. 7), nós consideramo-la fundamental e necessária porque os seus mais variados graus de compreensão nos remetem ao olhar interconexo da interdisciplinaridade como forma e método de olhar e compreender a realidade social dos *musseques* de Angola. Este olhar é multidisciplinar, transdisciplinar e transgressor que nos permite quebrar barreiras político-ideológicos e econômicos para situar a Sociologia angolana no espaço e no tempo.

No entanto, é a falta desta leitura e desta compreensão da Sociologia que nos colocou no anonimato epistêmico da Sociologia Angolana. Entretanto, a despolitização da Sociologia é urgente e fundamental para que a Sociologia e o ofício da sociologia sejam exercidos sem repressão e sem ‘corrupção<sup>33</sup> intelectual’ dos seus quadros e daqueles que escolheram um estilo

---

<sup>33</sup> Corromper os quadros da Sociologia com benesses e regalias como forma de silenciar a inconformidade do fazer e pensar sociológico.

de vida pela sociologia quotidianizada na realidade social das suas análises e observações epistêmicas pelo viés da Sociologia.

Isto permitiria para tanto, a autoafirmação da Sociologia e do seu ofício no quotidiano.

Pois,

a Sociologia Angolana e o ofício de sociólogo precisam se firmar no sentido de transformação de um todo social politizado, despido de dissabores ideológicas típico de sociólogos encomendados pela intelectualidade de diplomas empoeirados, pela bajulação, pela política e pelo poder (CANDIENGUE, 2021, p. 44).

Aliás,

deve haver a nível dos *musseques*, *guetos* e *bandas*, uma diferença acadêmica do fazer sociológico enquanto ofício com a atividade política do sociólogo ao serviço do poder, da política e da repressão ideológica. Deve haver em toda a estrutura científica angolana, um pensamento diferenciado do fazer política como atividade diária da ação política para partidos políticos ideologicamente constituídos por uma ideologia lógica própria de governação e de desgovernação científica com a produção científica sociológica, com a produção de saberes que tragam para as academias médias e superiores um reflexo real e observável da realidade social do país construído a partir de um Pensamento Sociológico próprio da realidade quotidiana de Angola contemporânea, (CANDIENGUE, 2021, p. 43).

E com certeza se tivéssemos esta separação não teríamos uma Sociologia dispersa e moribunda que recebe tudo o que lhe vem a mão (MANUEL, 2016), não teríamos uma sociologia dispersa, desvalorizada e desorientada no espaço e tempo, não teríamos uma Sociologia anônima num espaço rico de fatos, fenômenos, coisas e acontecimentos relevantes a sociologia. Ao contrário, teríamos uma Sociologia atual e atuante que coloca no centro de suas atenções a análise do quotidiano social complexo e os interesses dos profissionais treinados da sociologia, aquela não confiscada pelo poder da bajulação, pela violência e pela atividade política ativa.

Portanto, os obstáculos epistêmicos a nível do consenso intelectual, passam pelo desinteresse da classe em querer fazer a vida pela sociologia e por ela orientar, criar e adotar um estilo de vida conduzido nos caminhos da Sociologia da transgressão e analítica do social intrincado de suas realidades sociais e, epistemicamente observáveis. Vencer estes obstáculos significa ressignificar a Sociologia local, desvendar o véu que cobre os profissionais da sociologia e mostra-lhes o impacto da Sociologia nos seus espaços e como esta Sociologia pode mudar vidas e destinos na compreensão das relações sociais construídas dentro das estruturas estruturadas e dentro das estruturas estruturantes.

## 2. Obstáculos pedagógicos

Os obstáculos pedagógicos para a construção da Sociologia Angolana nos dias atuais, passam pela discussão da Sociologia nos seus mais variados âmbitos de compreensão da realidade social e pelo seu ensino e discussão nos seus mais distintos níveis de ensino e pelas políticas de implementação desta no currículo nacional a nível do ensino médio e do ensino superior público e privado. Pois, é no seio destas estruturas que a educação e a transformação do sujeito, mestres e metras da realidade se dá por quanto que somos sujeitos da sociedade e da realidade social implexa. É portanto por meio da educação que transformamos o sujeito e treinamos o indivíduo a ler e a interpretar a realidade social que o envolve.

A educação e a escola são partes indissociáveis dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social que permitem ao sujeito questionar sociologicamente e apresentar indagações epistêmicas que envolvem o desenvolvimento social, humano e a produção da vida em sociedade. E a educação é este projeto de sociedade e de (re)leitura da sociedade, ela nasce como um processo comunitário onde a função e o objetivo primordial é ensinar, aprender e a treinar o indivíduo a ler e a reler a realidade social dos fatos da natureza e dos fatos da sociedade. Pois, educação, nasce como Maksenas (2014, p. 20) afirma, como um “meio de garantir a outras pessoas aquilo que um determinado grupo aprendeu”. Esta garantia do passar e do transmitir, significa aprender para transformar e produzir a partir do aprendido, perspectivas próprias e de novos horizontes de suas realidades e a partir desta construir racionalidades epistêmicas sobre o pensar e fazer ciência.

Entretanto, é este processo todo e difícil de pensar a sociedade, grupos sociais, educação e a construção de novos horizontes epistêmicos, que a Sociologia é chamada para explicar, analisar e se posicionar face aos fenômenos e fatos da sociedade como um todo intrincado, uma teia de aranha com diversas perspectivas de olhares relevantes a compreensão e observação sociológica pelos sociólogos enquanto profissionais da Sociologia. Tanto que, “os homens, em todo o mundo, vivem em grupo. Isto favorece os sociólogos, uma vez que as consequências da vida em grupo são o objeto de estudo da Sociologia” (ROSE, 1967, p. 9).

Mas para que se compreenda este objeto da Sociologia e se explique a teia complexa das relações sociais dentro da estrutura social, é fundamental o ensino da Sociologia e a sua obrigatoriedade no sistema de ensino básico. Entretanto, é esta obrigatoriedade que tornaria possível a transgressão dos obstáculos epistêmicos em torno da construção da Sociologia Angolana nos seus mais variados moldes. Assim, para discutir a questão dos obstáculos pedagógicos da Sociologia, é fundamental atermos a três obstáculos que fazem os obstáculos pedagógicos, estes obstáculos são;

### **a) Obstáculos curriculares**

Os obstáculos curriculares estão intrinsicamente ligados a estrutura curricular do ensino médio e aos conteúdos e programas curriculares da Sociologia nos cursos de licenciatura em Sociologia nas suas mais diversas instituições de ensino superior em Angola, e ao estatuto curricular que se dá a Sociologia enquanto disciplina e ciência da vida e do quotidiano social implexo construído a todo instante nas relações sociais herméticas do fazer e pensar a realidade social angolana no seu todo.

Estes obstáculos são complexos porque envolvem políticas, programas, ideologias e ações concretas do pensar o currículo, a disciplina, o programa e o tipo de sociedade que se quer formar com a disciplina, como ciência e como currículo, bem como o tipo de Sociologia a empregar no currículo dos estudos sociais numa Angola contemporânea e epistemicamente rico de fatos, coisas e fenômenos relevantes a Sociologia, e com ela transgredir ao hegemônico no sentido de criar novos horizontes nativos, locais, teóricos, empíricos e reflexivos.

Portanto, a posição da Sociologia na estrutura social angolana hoje, depende grande parte da estrutura curricular adotado para o ensino médio<sup>34</sup> e a vontade política que rege a política educacional angolana. Pois é esta política educacional que vai reger e continuar a reger o modo de vida e de pensar a teoria empírica da realidade e a construção epistêmica do saber baseado na experiência da vida quotidianizada dos seus entes sociais e sujeitos da realidade.

### **b) Obstáculos ao ensino**

Quanto ao ensino, os obstáculos são diversos e partem desde a posição<sup>35</sup> de quem ensina até ao princípio do que ensinar para que tenhamos a Sociologia desejada ou não na estrutura social angolana. Pois é o tipo de ensino que vai determinar o tipo de profissionais em Sociologia a termos no país, sua capacidade na compreensão da realidade social emaranhada e a sua explicação dos fatos da natureza e da sociedade ensinada, estudada e pensada epistemicamente, por quanto que ensinar é produzir efeitos satisfatórios ao processo de ensino

---

<sup>34</sup> Referimo-nos especificamente as escolas do ensino médio porque a estrutura curricular para este nível é praticamente uniforme e elaborada pelo ministério da educação, dando-lhes autonomia apenas na escolha de disciplinas optativas categorizadas para o ensino médio. Já no ensino superior, a coisa é diferente por estas serem autônomas na construção da sua estrutura curricular, mas observando sempre as orientações e critérios estabelecidos pelo ministério do ensino superior.

<sup>35</sup> *Status quo* do professor, se é político, deputado ou ministro, isto é no ensino superior. Quanto ao ensino médio esta questão é irrelevante por a Sociologia ser quase inexistente no ensino médio (por ser uma disciplina optativa no ensino médio), tal como nos mostra Candiengue (2021), que num universo de 32 pessoas inqueridas se tinham ou não a Sociologia no ensino médio, apenas 13 pessoas tiveram a Sociologia e 19 pessoas não tiveram a Sociologia durante o seu ensino médio todo.

e aprendizagem e com ela formar, transformar e treinar os sujeitos, mestres e mestras da realidade social para a leitura da realidade teórica, empírica e epistêmica do país, e do fazer ciência nestes espaços da estrutura social angolana.

Tanto mais que ensinar no viés da Sociologia, significa instruir, treinar, explicitar e educar os sujeitos, mestres e mestras da realidade a caracterizar o ensino e a (re)leitura da realidade e suas circunstâncias para a compreensão dos fenômenos da realidade social hermética. Pois ensinar perpassa a atividade pedagógica e a sala de aulas, ensinar é ir além do ensinar, é construir no indivíduo treinado pelo ensino e pela educação, a consciência crítica individual e coletiva capaz de construir raciocínios empíricos, teóricos e epistêmicos da Sociologia local.

Entretanto, esta consciência crítica individual e coletiva, passa pelo ensino da Sociologia e pela construção de um raciocínio sociológico sustentado pela prática, pela vivência e pela experiência quotidianizada na realidade do fazer e do pensar ciência, e o papel desta na construção da Sociologia no espaço social angolano.

Assim, para a construção da Sociologia no espaço social angolano, é fundamental este olhar treinado passado pelo ensino transgressor e reflexivo capaz de questionar e quebrar os paradigmas do conformismo epistêmico, curricular, da superioridade moral e da consciência do *show off* e da bajulação dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da realidade. Contudo, consideramos que os obstáculos de ensino da Sociologia para a sua construção na estrutura social angolana, consistem em:

1. Qualidade de intelectuais que temos no país;
2. A falta de visão estratégica com e pela Sociologia local;
3. Censura a consciência crítica e aos seus conteúdos;
4. Medo pela consciência crítica advindo da Sociologia;
5. Opressão a consciência crítica, reflexiva e analítica a demagogia de quem governa;
6. Ausência de índices de valorização do olhar sociológico para a realidade;
7. Obstáculos socioeconômicos dos sujeitos e agentes do processo de ensino e aprendizagem;
8. A falta de investimentos público/privado nas mais diversas ações do fazer e pensar a Sociologia local.

**c) Obstáculos práticos.**

O ofício de todo e qualquer campo da a atividade sociológica nos dias de hoje, exige do profissional da sociologia, uma ação prática quotidianizada na experiência e na vivência do

ofício que expõe os aspectos teóricos, epistêmicos e empíricos do fazer e pensar Sociologia. Assim, a prática sociológica, é a vida pela Sociologia e o modo de vivência desta sociologia no profissional treinado, instruído e moldado pela consciência crítica do fazer e pensar a Sociologia angolana no espaço social de seus entes sociais, seus sujeitos, mestres e mestras da realidade, e a sua leitura a esta realidade social que por sinal é de difícil compreensão.

Tanto é que a prática pela Sociologia é a assim a entidade responsável pela formação e treinamento dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social na sua dimensão prática enquanto ação de vivência e da experiência do total quotidianizado pela realidade do espaço que o envolve. Pois é esta prática do ofício de sociólogo que separa o sociólogo no seu verdadeiro sentido dos demais profissionais, dos sociólogos de gabinetes, dos meios de comunicação social, da bajulação e dos discursos encomendados pelos interesses dos seus *status quo* e da superioridade moral.

Entretanto, são estes sociólogos de gabinetes, das mass mídias, da superioridade moral, do *show off*, da bajulação e dos discursos encomendados, que criam os obstáculos para a construção da Sociologia no espaço social angolano, justamente por serem sujeitos da realidade que não querem no seu seio, a construção da consciência crítica coletiva e individual do pensar e fazer a sociologia de modo a não ‘bater de frente’ com quem detém o poder que sustenta os seus *egos*, seus benesses e as suas arrogâncias intelectuais no sentido de não dar isonomia a Sociologia com as demais disciplinas e ao seu ofício no quotidiano social.

Assim, os obstáculos práticos para a construção da Sociologia no espaço social angolano, consistem em:

1. A falta de um observatório da Sociologia Angolana;
2. A falta de um centro de estudos sociológicos;
3. A falta de grupos de pesquisas e estudos sociológicos da Sociologia local;
4. A falta de financiamentos ao fazer técnico e científico da Sociologia;
5. A falta de apoio institucional ao exercício do ofício sociológico.
6. Falta de vontade política para tornar a Sociologia presente e obrigatória no currículo do ensino médio;
7. A falta de promoção de debates e discussões sociológicas a nível das instituições de ensino superior no país;

### **3. Obstáculos desvalorativos**

A Sociologia Angolana está num momento de recessão total como nós afirmamos outrora, e isto se dá justamente porque os sujeitos, mestres e mestras da realidade que deveriam

fazer alguma coisa por ela deixaram de o fazer, deixaram de pensar e viver o olhar e pensar sociológico e preocuparam-se com outros olhares que de forma paulatina foram contribuindo para o desgaste da Sociologia Angolana no espaço social angolano.

Entretanto, este desgaste da Sociologia local em todos os seus âmbitos, constituiu-se num grande obstáculo que veio a desvalorizar ainda mais a Sociologia e o seu papel na dinâmica prática do fazer e pensar a realidade social complexa angolana no viés da Sociologia e num estilo próprio de vida conduzido pelo olhar e pelo ofício de sociólogo.

Portanto, a Sociologia deixou de ser ela mesma a pensar de forma reflexiva, crítica, teórica e empiricamente a realidade social angolana e passou a ser engavetada pelo ‘sistema ponto e vírgula’<sup>36</sup> e pelos académicos e intelectuais da convivência’. Tanto é que o ‘sistema ponto e vírgula’ não está preocupado com o fazer e pensar a Sociologia local, está sim preocupado é com a formação da mão de obra barata oferecida pelos cursos técnicos, entendidos por nós como cursos de subsistência<sup>37</sup> das famílias e jovens que andam atrás de conseguir um sustento e/ou um mísero emprego que o explora por inúmeras razões e abusos.

Aliás, nós não fomos preparados para estudar, nós fomos preparados a ter ‘dinheiro’ e a pensar que o país, Angola já tem ‘dono’ por serem sempre os mesmos e do mesmo sistema político por conta da educação e do fim último desta educação. Pois o modo como o Estado estabeleceu a educação, é sem dúvidas numa perspectiva de produção de riquezas gerada por profissionais conformistas com o processo de ensino e aprendizagem, com a especialização de saberes que favorece uns em detrimento dos outros campos do saber tal como acontece com a Sociologia e a desvalorização dos seus profissionais (sociólogos) não corrompidos pelo ‘sistema ponto e vírgula’, pela bajulação e pelos discursos encomendados pelos gabinetes da superioridade moral ou da ação psicológica.

---

<sup>36</sup> Referimo-nos ao governo, seu sistema político na ação prática, sua forma de governar o país e ao modo como se olha para as mais diversas questões do quotidiano social complexo angolano e as prioridades que se dá as coisas, e sobretudo a educação, saúde e a vida dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social implexa e epistemicamente passível de diversos estudos sociológicos.

<sup>37</sup> Os cursos de subsistência seriam todos aqueles cursos técnicos de curta duração que são oferecidos pelo MAPTSS (Ministério da Administração Pública Trabalho e Segurança Social) a comunidade juvenil angolana, que por sinal é a metade da população, faz em detrimento da sua condição socioeconómica para poder manter o seu sustento e da sua família, e ao mesmo tempo o atendimento do dito ‘programa de combate a taxa de desemprego’ que tem assolado o país nos últimos anos, e com isto incentiva-los ao empreendedorismo. Mas a questão é que até para esta política de auto sustentabilidade por meio de pequenos negócios, distribuição de *kites* de auto emprego, etc., os estudos sociológicos e suas especificidades não foram e não são tidos até aos dias de hoje. Portanto, se estes estudos sociológicos fossem tidos e a Sociologia fosse considerada, valorizada neste e noutros quesitos, cremos nós que os créditos jovens, balcões únicos de empreendedor e várias outras coisas dariam certo. Mas prontos, não é no entanto nossa missão aqui falarmos de empreendedorismo, mercado e políticas viradas a este quesito complexadíssimo de ser discutido e pensado epistemicamente. Mas para mais informações sobre o MAPTSS e suas ações de combate ao desemprego em Angola e não só, consulte o site <https://www.portaldeangola.com/category/governo/ministerios/ministerio-da-administracao-publica-trabalho-e-seguranca-social/>

Deixou-se de conceber a Sociologia como ciência do quotidiano e da realidade, e passou a ser rotulada pelas famílias e pela sociedade no geral, como saberes que não tiram os sujeitos da pobreza, não dá dinheiro, a Sociologia não serve para nada, não é um apêndice econômico para o Estado angolano e para os seus sujeitos, mestres e mestras da realidade. Entretanto, esta rotulação da Sociologia local dá-se por conta da;

1. A qualidade do profissional formador
2. A qualidade do sociólogo formado;
3. A capacidade do sociólogo ao analisar e explicar a realidade social complexa;
4. Ação concreta dos intelectuais em Sociologia no fazer e pensar a realidade social hermética presente no país;
5. Ausência do debate sociológico em todos os seus aspectos;
6. Ausência da consciência coletiva e individual crítica e acrítica da realidade social implexa dos mestres e mestras da realidade conduzida pelo viés da Sociologia local;
7. Conformismo ao processo de ensino e aprendizagem, ao currículo e a política de vida pela Sociologia.
8. Baixa renda familiar que exerce sobre o aluno a pressão e influência de optar pela frequência de cursos técnicos de curta duração ou não com o fim último de ir ao mercado de trabalho e ter dinheiro.

Estes obstáculos acima elencados, nos levam a categorizar os obstáculos desvalorativos em três perspectivas de obstáculos que consistem em:

#### **a) Obstáculos familiares**

Os obstáculos desvalorativos da Sociologia na perspectiva familiar, estão intrinsicamente ligados a questões socioeconômicas da família, seu *status quo* e aos seus interesses subjetivos ou não na escolha de um curso médio ou superior. Pois estas questões complexas de suas escolhas e orientações acadêmicas passadas aos seus filhos, netos, sobrinhos e mestres e mestras da realidade social emaranhada, tende a ser direcionada para outros saberes ao em vez da Sociologia por esta não estar direcionada ao mercado, ao capital, e de certo modo ao desconhecimento da Sociologia e do seu papel na estrutura social hermética angolana no dia-a-dia.

As famílias estão preocupadas em fazer e pensar cursos que supostamente dão dinheiro, cursos que supostamente podem mudar a vida da família e tira-los da posição social

e econômica em que estes se encontram, ao mesmo tempo que se luta pela taxa da exclusão social caracterizada por diversas perspectivas<sup>38</sup> do nosso olhar.

Pois a visão de ter o ensino superior e em uma área que não seja a Sociologia, Filosofia ou em Antropologia, é fundamental para a família por quanto que o capitalismo se constitui na necessidade da família em função da sua condição socioeconômica. Pois a pobreza limita, cega e censura, “a pobreza incapacita: mesmo a pessoa instruída pode vir a se achar em um poço sem fundo” e em um beco sem saída e sem novos horizontes (FALOLA, 2007, p. 10).

Daí portanto, a necessidade dos pais, primos, amigos e de mais sujeitos, mestres e mestras da realidade social angolana, direcionarem os seus filhos na escolha do curso superior ou não e da sua profissão partindo do princípio de que a Sociologia não produz riqueza, a faculdade de ciências como a Sociologia não são apêndices de ideologias econômicas para o Estado, para a sociedade e para as famílias. Assim, “na medida em que os pais relacionam os cursos universitários com a futura estabilidade dos filhos, as humanidades tornam-se vítimas da “perseguição parental”” (FALOLA, 2007, p. 10).

Tanto é que,

o capitalismo, não importa aqui a sua real diferenciação em sociedades diversas, é hoje o modo de produção social da existência dominante. Trata-se de uma sociedade cindida em classes sociais que sob a igualdade legal e formal, esconde os mecanismos que produzem a exclusão, alienação e desigualdade (FRIGOTTO, 2008, p. 49 - 50).

Entretanto, esta existência dominante sustentada no possuir, na aristocracia na patronagem e no excesso de benesses e no poder da pecúnia, caracteriza o tipo de orientação social e familiar dada aos sujeitos, mestres e mestras da realidade societal angolana na construção da Sociologia em Angola.

Tanto mais é que o foco destas jovens famílias e seus pares, é a produção e acumulação de bens, e a construção do poder hegemônico sustentado pela materialidade do ter e do possuir. Entretanto, é por causa destes diversos mecanismos do possuir, do ter, de exclusão social e da classe dominante que as ciências como a Sociologia se perdem por hipoteticamente não satisfazerem as necessidades dos seus profissionais, das suas famílias e daqueles que desejam se formar pela Sociologia. Pois a Sociologia deixou de ser ela mesma e passou a ser objeto de alienação e exclusão. E como consequência, a Sociologia é totalmente inexistente no pensar as vicissitudes e explicitar as particularidades e especificidades da realidade social hermética angolana.

---

<sup>38</sup> Econômica, política e social.

Por outro lado, os sujeitos, mestres e mestras da realidade social angolana, não veem o valor da Sociologia e nem tão pouco o impacto dela na vida quotidianizada na realidade social dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da realidade local. Portanto, o fazer e pensar a Sociologia para a classe familiar é perda de tempo por este não influenciar de forma direta na sua condição social e econômica.

### **b) Obstáculos sociais**

Os obstáculos da Sociologia na perspectiva social, nos remetem a diversos olhares analíticos que fazem o quotidiano social local em Angola e o modo como a sociedade classifica e olha para a Sociologia e para a educação. Entretanto, o modo como se classifica e se olha para ela, determina o grau de interesse dos sujeitos, mestres e mestras da realidade pela Sociologia ao mesmo tempo que se pensa educação. Tanto mais que “é precisamente aquilo que focalizamos que define os limites de nossas ambições” no fazer e pensar a realidade social pela Sociologia (FALOLA, 2007, p. 10).

E a educação é coisa eminentemente social e real aos sujeitos, mestres e mestras da realidade social hermética angolana (DURKHEIM, 2014). A Sociologia é parte da educação, é o campo analítico desta educação real e dos processos sociais emaranhados construídos pelas relações sociais e seus sentidos e ações do quotidiano humano e dos fatos da natureza e da sociedade. E é no entanto nesta perspectiva, que deve se olhar para a Sociologia como ciência da despersonalização da teoria da reprodução da realidade, de factos e de ideologias coloniais que ainda emanam o fazer e pensar ciência e as realidades locais no seu todo.

É preciso despersonalizar a consciência colonial do fazer e pensar a Sociologia local contextualizada, a intelectualidade da convivência, a consciência do faz de conta e dos discursos de ofícios encomendados e confiscados pelo *status quo* da pecúnia do partido-estado, da convivência e tornar o nosso conhecimento e o nosso ofício válido e necessário. Pois,

muilo embora o conhecimento signifique aumento de poder em um meio **social** ideal, na África, e **em Angola de modo muito particular**, a pessoa instruída não acumula necessariamente um maior poder em vista das forças em contenda que a confrontam e tornam o conhecimento adquirido simplesmente sem sentido **em função do desvio do objetivo e da função social a que o sujeito foi instruído e pela corrupção de consciência pelos benesses, formando assim uma quadrilha de intelectuais da convivência** (FALOLA, 2007, p. 10, grifos nossos).

Entretanto, o reposicionamento da Sociologia e de seus profissionais é necessário e urgente para despersonalizar a colonialidade reprodutiva e repressora da Sociologia e da educação que deve ser libertadora.

Tanto mais que o método que a Sociologia aplica hoje para a compreensão da realidade social complexa é inovador para análise e compreensão dos problemas sociais, e desafiador para a construção da Sociologia no espaço social angolano. E os sujeitos, mestres e mestras da realidade social angolana, têm interesse na Sociologia e no fazer a ciência sociológica local, mas os incentivos pela sociologia foram confiscados pela materialidade social e pelo capital. E isto faz para tanto, que não se pense no fazer Sociologia como ciência e como reflexo da realidade social implexa angolana, pensa-se sim é na produção de saberes e ciências especializadas que têm o seu foco no acumulo de riquezas e do poder hegemônico sustentado pelo ‘dinheiro’. Pois “esta forma de compreender a produção do conhecimento arraigado no tecido da materialidade social nos leva a perceber que a própria classe burguesa fica limitada pelas relações sociais que teima manter” nos espaços em que este conhecimento se faz e se pensa (FRIGOTTO, 2008, p. 54).

Para tanto, e apesar deste confisco da Sociologia pela materialidade social, “as pessoas interessam-se pela Sociologia, frequentemente, porque se interessam também pelos problemas sociais e desejam encontrar soluções para si”, mas os impasses para o efeito são inúmeros e de calibres variados pela especificidade e particularidade do espaço, do lugar e da realidade social heterogênea dos mestres e mestras da realidade (ROSE, 1965, p. 12). Portanto, estes impasses de inúmeras especificidades, marcam aquilo que Frigotto (2008, p. 50), chama de “alienação e exclusão da vida” marcada por um conjunto variado de acontecimentos observados, vivenciados e experimentados pelos sujeitos, mestres e mestras da realidade social no fazer e pensar ciência, no caso em concreto pensar a Sociologia.

No entanto, é este pensar ciência e fazê-la no quotidiano que as respostas aos problemas surgiriam. Tanto que, os obstáculos sociais para a construção da Sociologia no espaço social hermético angolano, passam pelo reflexo e pelo *feedback* passado pelos sujeitos, mestres e mestras da realidade, mas quando este *feedback* se dá fora da consciência racional crítica e reflexiva, continuaremos nós a ter uma Sociologia perdida no tempo e no espaço, profissionais alienados pela materialidade ao mesmo tempo que se exclui aqueles que pensam e agem fora dos ‘padrões do sistema ponto e vírgula’ e dos padrões da intelectualidade da convivência.

Pois a Sociologia e se lhe der a atenção necessária e merecida, pode no entanto ser o grande reflexo da realidade social angolana, poder portanto ser, parafraseando aqui Folola (2007), a voz e o poder de Angola em razão a sua natureza e objeto de estudo. Assim, devemos portanto resgatar a Sociologia tornando-a viva e presente, ao mesmo tempo que se faz dela um objeto de luta e resistência na construção da base social complexa angolana que lide com as

especificidade e particularidades do pensar, fazer e produzir conhecimento, teorias e argumentos ou teses da compreensão da realidade social angolana.

Portanto, o resgate da vida pela Sociologia e do seu ofício, é fundamental para a compreensão da estrutura sociopolítica e econômica do país e das suas nações dentro da nação angolana.

### **c) Obstáculos estatais**

O Estado por meio das suas políticas, do seu sistema ponto e vírgula e dos seus ‘mercenários políticos’ e ideológicos, adota para a educação nos dias de hoje, prioridades e mecanismos que priorizam e favorecem uns e excluem outros em detrimento dos seus interesses e ao atendimento de uma agenda para o ‘desenvolvimento’ onde determinados currículos são destacados e outros excluídos por serem analíticos, críticos e reflexivos ao fazer e pensar o social, e seus profissionais confiscados pelo poder ou censurados pelo ‘partido-estado’.

Infelizmente, a Sociologia em Angola, é ainda uma destas estruturas curriculares que pela sua natureza, seu objeto e seu ofício ser crítico, analítico, reflexivo e questionador a tudo e a todos, tem vindo a sofrer largamente com a recessão de tudo o que lhe chega, com a censura e confisco de seus profissionais, com a falta de incentivos ao pensar e fazer a vida pela Sociologia, bem como a sua construção na estrutura social angolana. Tanto mais que, “a crítica só tem seu efeito histórico quando se transforma em práxis – reflexão teórico-crítica e ação prática na produção de alternativas ao modo alienante e excludente de produção da vida humano social” (FRIGOTTO, 2008, p. 55).

No entanto, é em função desta sua natureza reflexiva, teórico-crítica e da sua ação prática na produção da vida em sociedade, que a Sociologia produzida em Angola (sociologia angolana) atravessa no seu quotidiano, obstáculos enormes que vão desde as ideologias políticas e econômicas, a imposição do medo aos sujeitos, mestres e mestras da realidade, a repressão institucional e o ambiente desfavorável ao fazer e pensar alternativas da vida em sociedade pela Sociologia Angolana. Tanto mais é que temos ainda no país, uma grande “rigidez na forma como as disciplinas são estruturas que determinam o modo como os cursos são criados e como as instituições acadêmicas são administradas” (FALOLA, 2007, p. 15).

Entretanto, é pelo olhar crítico, reflexivo e analítico que a Sociologia quotidianizada na realidade social enquanto ciência, impõe sobre a sociedade, a sua autoridade sobre os emburilhados da vida em sociedade e com ela fazer uma inversão de marcha aos obstáculos do fazer, pensar e viver pela Sociologia, adotando para tanto, novos caminhos de (re)leitura sociológica para a realidade e um modo de vida próprio baseado no exercício do seu ofício.

Pois é este modo próprio de vida pela Sociologia que vai dentro do seu próprio olhar sociológico e de seus limites interpretativos, construir saberes e teorias sobre a realidade social experimentada, vivida e observada, permitindo assim, a formação de saberes para a construção da consciência crítica individual e coletiva da sociedade angolana, bem como a sua expressão à luta de saberes que excluem, categorizam e classificam os saberes pelo seu apêndice ao Estado.

Assim, a produção de saberes em Sociologia e pela Sociologia local e contextualizada, é uma forma de lutar contra a alienação da Sociologia por outras ciências ou ideologias, luta contra a exclusão, contra a desvalorização e contra as ideologias político-econômicas atribuídas aos currículos e as disciplinas nos dias atuais. Pois,

a produção do conhecimento é ela mesma parte e expressão dessa luta. É neste sentido que a teoria se constitui em força material e a consciência crítica um elemento fundamental e imprescindível na luta pela transformação das relações sociais marcadas pela alienação e exclusão (FRIGOTTO, 2008, p. 51).

Entretanto, é por meio destas lutas e destes saberes, que hoje a Sociologia Angolana procura se construir no seio social da realidade social hermética angolana, tanto mais que, “alguns grupos estão sofrendo “lavagens cerebrais”, de modo a desqualificar as Humanidades e sua capacidade de produzir conhecimento. Nossa tarefa é resgatar a base social e, de uma forma ou de outra, criar uma compreensão objetiva da resistência” (FALOLA, 2007, p. 15) do saber sociológico na estrutura social angolana para explicar a realidade social local contextualizada.

Tanto mais é que o próprio Estado e seus ‘maribondos’, não estão infelizmente preparados para ler, pensar, fazer e discutir o país por via da ciência sociológica sem se despir do seu poder político-partidário e ideológico. A única coisa que se faz é a imposição do medo e a alienação de consciências críticas e analíticas da realidade social angolana. Realidade esta que é vivida, experimentada, observada e passível de leituras e interpretações hermenêuticas interconexas, multi, pluri, trans e interdisciplinar do pensar e fazer sociologia. Este fazer e pensar interdisciplinarmente os fatos da natureza e fatos da sociedade, só é possível pelo olhar treinado e instruído a interpretar os fatos, coisas e fenômenos da realidade social dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social.

Infelizmente estes entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade não são tidos nem achados no fazer e pensar crítico da Sociologia nacional, local e contextualizada. Aliás, “se as Humanidades são devastadas pelos próprios colegas da academia, o Estado vai infligir mais danos por sua vez. Falta alcançar e alimentar o grande público com

as nossas pesquisas e conecta-lo à nossa torre de marfim” (FALOLA, 2007, p. 16). Portanto a Sociologia é indispensável nesse alimento interconexo a torre de marfim para sermos notados e consumidos pela nossa riqueza epistêmica.

Nós precisamos fazer mais e nos posicionar melhor para a construção do consenso social acadêmico pela Sociologia. Pois “a Sociologia é uma ciência, os sociólogos, como todos os outros cientistas, tentam explicar os fenômenos dentro do seu campo e testar suas explicações”, suas teorias, suas teses, seus argumentos e posicionamentos (ROSE, 1967, p. 10). Nós somos chamados a repensar, a fazer e a testar as nossas teorias empíricas e críticas no ambiente que nos envolve no dia-a-dia, este ambiente é a realidade social susceptível de milhares de olhares interconexos do fazer e pensar ciência.

Precisamos portanto nos impor a toda a máquina epistêmica e consumir de forma meticulosa as nossas produções censuradas, os nossos olhares críticos, observacionais, vivenciados, experimentados e treinados pela realidade social dos entes sociais, dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade. Pois é a partir deste posicionamento nosso, e do consumo das nossas pesquisas desvalorizadas pelo Estado e seus pares, que a Sociologia ou as Humanidades no âmbito geral, “devem recusar-se a se curvar diante do poder da repressão, usando o intelecto para criar alternativas positivas” e diligentes à Sociologia local (FALOLA, 2007, p. 17).

Assim, a construção efetiva da Sociologia nacional no espaço social angolano, passa por vencer os medos da dominação e da exclusão imposta pelo poder político, pelo poder econômico e pelo *status quo* do nacionalismo político-partidário pregado pelos bajuladores, pelos intelectuais da convivência e pelos sociólogos gabinetes. Deve a Sociologia reconceitualizar-se aos novos tempos da Angola moderna e a lógica da realidade social de modo a Sociologia pensar e refletir a Angola e a angolanidade dos seus entes sociais, seus sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social complexa.

Pois deve ela ser capaz de conhecer e interpretar a própria realidade social por diversas vias do olhar crítico e do fazer sociológico contextualizado do sociólogo enquanto sujeito, mestres e mestra da realidade interpretável e questionável.

Portanto, rompendo estes medos maculados pela imposição, pelo poder político-partidário e pelas ideologias do mercado econômico do Estado e da pobreza, é respirar novos ares ao fazer e pensar a Sociologia nacional contextualizada, e a sua construção na estrutura social angolana para a formação da consciência crítica e reflexiva resultante do ofício de sociólogo.

#### 4.3. SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA EM ANGOLA

A Sociologia como todos nós sabemos, é um campo aberto e contextualizado à realidade, é uma ciência aberta que convida a cada um de nós a pensar epistemicamente a realidade social complexa local a sua volta de modo a pensarmos a construção do conhecimento científico em Sociologia<sup>39</sup> enquanto reflexo intelectual e epistêmico da realidade social hermética no seu todo e suas particularidades. Além do mais, a Sociologia dentre as suas mais variadas preocupações, tem a necessidade e responsabilidade de observar e estudar particularidades e especificidades da história local contextualizada de cada espaço social (MERLEN, 2021).

Assim, a realidade social epistêmica de Angola, é construída socialmente pelos intelectuais da realidade sociológica e do conhecimento não especializado e interdisciplinar capaz de analisar e reler o processo quotidiano em que a construção do saber e dos fatos ocorrem.

E isso só é possível com a Sociologia enquanto ciência, embora esta seja vista e entendida como ciência subversiva para muitos entes sociais da nossa realidade social quotidianizada. Tanto mais é que a própria Sociologia em Angola enquanto ciência da realidade e do quotidiano, diz respeito a (re)leitura e análise da construção social da realidade observável, onde esta se ocupa em explicar, teorizar e ordenar de forma metódica as concepções sobre a realidade e o espaço desta realidade epistemicamente para os entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social.

Assim, Sociologia como ciência no espaço social angolano, se constrói e se desenrola nesta perspectiva de observação, explicação e equalização do social implexo dentro do contexto, da história e das circunstâncias que se impõe. Tanto é que a própria Sociologia em Angola e nas suas mais diversas instituições (ensino e pesquisa), foi bastante condicionada e influenciada pelo processo de colonização que Angola sofreu durante anos até a tomada da independência. E estes condicionamentos são práticos, aliás, as condições práticas para as ciências sociais em África nesta altura eram e continuam precárias (CARDOSO, 2012)

No entanto, este processo de condicionamentos, dá-se porque a Sociologia é uma Ciência inquieta, agitadora e vocacionada a questionar e a desvendar problemas e questões da realidade social de seus entes sociais. E por esta razão a Sociologia enquanto disciplina e

---

<sup>39</sup> Saberes não especializados e dissociados da realidade social e epistêmica.

enquanto Ciência foi sempre vista como um obstáculo para o colonizador e posteriormente para a própria conjuntura política angolana.

E isto deu-se porque a sociedade angolana apresentava-se desigual por haver nela um espaço de civilizados por um lado e por outro, os não civilizados (indígenas) que eram controlados por diversas formas de controlo social. E este processo portanto, se desenrola até a independência e se estende até a guerra civil que termina em 2002, embora na década de 90 já se começa a falar de Sociologia propriamente dito e que vem explodir com o surgimento de mais universidades a partir de 2002/2003 (MANUEL, 2016).

Além do mais, o próprio processo de construção da Sociologia como Ciência em Angola está atrelado ao ensino. Aliás, não se faz ciência se não haver ensino e condições para que este processo prático do ensinar a Sociologia se deia para que dela se construa saberes sociológicos contextualizados.

Assim, a “Sociologia” e o “Ensino”, são práticas da realidade humana e estão intimamente ligadas ao quotidiano social de seus entes sociais, seus sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social observada e vivenciada, experimentada e interpretada. Ela ocorre em todos os espaços e em toda e qualquer realidade social, e, os seus entes sociais são seus produtores e analistas para a construção do saber sociológico.

E é no entanto, nesta produção e interpretação da realidade que a intenção pedagógica se dá e o vínculo prático do ensinar, do instruir e do treinar a partir da hermenêutica sociológica ou da interpretação da realidade social complexa se estabelece para dela construir ou consolidar a Ciência - Sociologia. Pois a educação é a expressão da práxis social, ela é que orienta a construção e desconstrução dos fundamentos teóricos, epistêmicos e pragmáticos da ciência social como é a Sociologia. Tanto mais que ela é sociológica e conduzida sempre para o social hermético, é resultado e reflexo do quotidiano, da ação do social, é “ eminentemente social” e é “coisa do social” como Durkheim (2014) diz. E é desta coisa do social que a Sociologia Angolana foi se constituindo como Ciência em Angola, e continua se constituindo como Ciência da realidade Sociológica em Angola.

É nesta perspectiva do social, e no sentido de pensar este social, essa coisa do social a partir da reflexividade epistêmica dos entes sociais em Angola, pensar educação enquanto ação reflexiva de construção de conhecimentos interconexos que circulam nossas geografias sociais e teóricas-empíricas do pensar e fazer prático da ciência para a construção da Sociologia como Ciência em Angola. Pois não se pode discutir Ciência sem discutir o ensino dela aos seus entes sociais.

Entretanto, discutir a Sociologia em Angola como ciência implica discutir o ensino dela como consequência do produto resultante do ensino da mesma, ou seja, a construção da Ciência tem como consequência o seu ensino. Assim, a ação prática da Sociologia e do ensino da mesma, passa a ser ferramenta do processo de transformação social capaz de responder e introduzir no processo de ensino reflexivo sociológico, o olhar imaginário que fornece ao educador/educando teorias reflexivas do sujeito e da educação para a construção da Sociologia como Ciência contextualizada.

Pois, “a prática tem toda importância que se pode imaginar, mas sem a teoria é cega e, por isso, incapaz de responder aos problemas novos que inevitavelmente hão de surgir e de introduzir transformações nela mesma” como Ciência (BECKER, 2012, p. 87). E a Sociologia em Angola foi sofrendo este processo todo de transformação desde o processo colonial, a guerra civil e se estende até aos dias atuais.

Tanto mais que a Sociologia é ciência do social prático, e se constitui prática porque ela é o reflexo da vida social e dos factos que dela resultam, é a ciência dos fatos e dos fenômenos sociais produzidos pelo homem no dia-a-dia, e o reflexo da vida social.

Assim, a Sociologia como ciência em Angola, é um processo contínuo, recíproco e permanente de construção de perspectivas entre os indivíduos, e se dá sob diversas formas e perspectivas nos indivíduos, e está presente em toda sociedade do capital cultural, político, econômico e ideologicamente organizado nos *guetos* e *musseques* do país e constituída pelos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social. Pois “a Sociologia em Angola é o estudo de um todo complexo observável que se faz necessário para a compreensão da realidade social e teórica dos *guetos* e *musseques* do país” (CANDIENGUE, 2021, p. 23).

Portanto, está Sociologia construída em Angola desde os primórdios do processo colonial até aos dias de hoje, foi tendo condicionamentos diversas, e nos dias de hoje estes condicionamentos se estendem a apesar de ser um contexto diferenciado as conturbações das lutas pela independência e pela paz alcançada em 2002, fruto da guerra civil que o país viveu. A Sociologia em Angola como ciência tem sofrido alguns condicionantes que consistem em:

#### **a) Condicionantes Científicas**

Os condicionamentos científicos da Sociologia como ciência em Angola, dizem respeito ao contexto, as circunstâncias e as condições em que a própria Sociologia foi submetida e tem sido submetida para o fazer e pensar sociológico na realidade social dos *guetos* e

*musseques* do país. Assim, o pensar a cientificidade da Sociologia em Angola é refletir sobre os moldes em que esta ciência é construída e discutida.

Pois é preciso termos em conta as condições epistêmicas, os recursos materiais e humanos disponíveis para que a reflexão teórico-epistêmica aconteça e o processo de produção de saberes em Sociologia se deia em todos os espaços da estrutura social angolana. E olhando para a realidade social angolana, ainda temos aspectos condicionantes que condicionam a Ciência Sociológica em Angola por não haver por um lado, o incentivo institucional das entidades competentes e suas instituições de ensino e pesquisa, e por outro lado, a ausência de uma posição afincada dos sociólogos na defesa e massificação da Sociologia no país e a sua imposição ao exercício crítico e profissional da sua ação teórico-reflexiva sobre a realidade social à sua volta.

Desse modo, e apesar de termos um campo vasto e rico para a investigação sociológica, para o exercício teórico-reflexivo da sua ação, ainda falta muito a se fazer para o cumprimento das condições propícias para a construção e produção de saberes sociológicos autônomos e independentes dos atores externos dos nossos *guetos* e *musseques*.

#### **b) Condicionantes Políticas**

A política no seu modo geral, pode ser um condicionante à ciência quando esta é direcionada à interesses inconfessos, individuais ou particulares a produção do saber e a construção da sociedade no seu todo. Pois ela pode estorvar a produção do conhecimento científico local e contextualizado através dos seus modos de atuação e o interesse desta ao desenvolvimento social, científico e econômico mediante investimentos e a atenção dada a cada setor da estrutura social.

Entretanto, a Sociologia em Angola, vem desde os primórdios da independência, enfrentando diversas barreiras e dificuldades que foram desde a guerra civil, aos valores individuais e coletivos, a cidadania, a cultura e aos valores sociais do povo angolano, bem como as prioridades que se davam e continua se dando a Sociologia e produção de saberes em Sociologia hoje. Por outro lado, a Sociologia se constitui e se constituiu desde sempre, como meio de equalização do social angolano e de conscientização dos seus entes sociais.

Portanto, apesar dos avanços políticos e sociais que a sociedade angolana nos apresenta hoje, ainda é visível uma certa ambiguidade entre a atividade política e atividade científica a nível de algumas instituições, e o surgimento de elites político-ideológico-partidário não acadêmica nas instituições de ensino e pesquisa, o que de certa forma inibe a liberdade de

cátedra e a consciência crítica coletiva ou individual do fazer ciência pela Sociologia nacional contextualizada.

### **c) Condicionantes Culturais**

Os condicionamentos culturais da Sociologia como ciência em Angola, estão ligados ao grau de instrução acadêmica e patriótica dos cidadãos na compreensão e interpretação da realidade e dos movimentos dos sujeitos em relação ao contexto histórico e político dos diversos períodos e momentos que Angola viveu e o modo como isto se reflete hoje na ciência. Pois a identidade dos movimentos sociais, dos partidos políticos, dos grupos étnicos e das relações entre os entes sociais, dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social complexa angolana, são influenciadas por relações de dominação, poder, necessidades, medo, obediência, vivências, violências, ordem social, exclusões e solidariedade.

Entretanto, estas relações se deram desde a independência, em 1975 até a paz definitiva em 2002, e se estende até aos dias de hoje e com certeza com novas características e circunstâncias diferenciadas ao contexto conturbado pela guerra civil e pela independência nacional. Hoje os condicionamentos culturais se dão por formas e razões que de forma direta ou indireta influenciam o modo de produção da vida em sociedade, das relações sociais e como consequência desta realidade a ciência sociológica reflete aquilo que a sociedade e seus entes sociais produzem no seu dia-a-dia.

Portanto são as relações sociais e os interesses que dela advém, que se recheia o conteúdo social, político e científico para o fazer e pensar sociológico na Ciência Sociológica em Angola.

### **d) Condicionantes Sociais.**

Os condicionamentos sociais a Sociologias como ciência em Angola, consistem ao valor que é dado a Sociologia pela conjuntura social e ao valor temático e discussivo que a sociedade o apresenta através da sua demanda. Pois é nas regras funcionais da sociedade e no processo individual do sujeito da realidade enquanto sujeito cultural, político e social que a ciência se organiza e por meio dela equaliza o social e a ação do social no sentido de compreender e explicar as relações sociais e seus processos educativos refletidos no sujeito cultural e social da realidade social quotidianizada.

#### 4.3.1. Sociologia como ciência no ensino médio

Ensinar a Sociologia hoje nas escolas do ensino médio em Angola e pensa-la como ciência para este nível, é um ato de cidadania, coragem e patriotismo por esta se encarregar da análise do social contextualizado, e por ela se fazer no social e se produzir dentro das estruturas sociais emaranhadas, constituídas por diversas relações dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social.

Estas relações herméticas envolvem questões de poder, dominação, ensino, experiências, vivências, realidades, ideologias, observações, violências, linguagens, e ofícios múltiplos da realidade.

Assim, o estudo da Sociologia como ciência e ensino desta Sociologia nas escolas do ensino médio em Angola, se constitui como ação prática, empírica, reflexiva e teórica do fazer e pensar a realidade social refletida na vida quotidiana do sujeito da realidade, o jovem estudante do ensino secundário do segundo ciclo (ensino médio), possibilitando-o assim, a compreensão das ações humanas e sociais do seu *musseque*, e aprender para tanto a pensar sociologicamente e cientificamente as ações diárias dos sujeitos, agentes, mestres e mestras da realidade experimentada e observável epistemicamente. Tanto é que as ações humanas como ações sociais implexas, só são compreendidas pela Sociologia que aplica a cada coisa observada uma linguagem própria da Sociologia, fazendo assim uma leitura científica da realidade contextualizada e quotidianizada.

Assim, a Sociologia para Angola, se constitui num conjunto de estudos científicos de um todo complexo de aprendizados múltiplos e analíticos de compreensão da realidade epistêmica, teórica, social e metódica dos *musseques* e da realidade reflexiva dos mestres e mestras da cultura e realidade social angolana. O seu estudo e ensino, implica a discussão contextualizada e elucidativa do olhar, pensar e fazer a realidade social, e os sentidos e significados que a interpretação sociológica dá a estas análises da realidade contextualizada cientificamente e da vida em sociedade.

Entretanto, pensar o ensino da Ciência Sociológica e a sua efetivação na ação prática do pensar e fazer ciência para atender as necessidades e obrigações do ensino médio, dos seus estudantes<sup>40</sup>, e pesquisadores, é fundamental observar reflexivamente os desafios que se lhe colocam dentro da vida social e os conhecimentos acumulados, vivenciados e experimentados pelo mundo feito pelos seus pares nos *musseques*, e sujeitos e mestres e mestras da cultura e da realidade social enquanto corpos de relações e conhecimentos diversos.

---

<sup>40</sup> Estudantes da Sociologia em níveis médio e superior

Ensiná-la para os jovens estudantes do ensino médio, implica construir no seio destes estudantes, a consciência crítica e acrítica da realidade social reflexiva e epistemicamente sustentada na análise indispensável da teoria empírica do quotidiano e do olhar indissociável do pensamento social local e contextualizado refletido na lógica de sociedade ideal.

Tanto mais que, o propósito da Sociologia para o ensino médio enquanto disciplina e ciência, é justamente desenvolver no aluno, a capacidade reflexiva à cientificidade, a capacidade analítica e a consciência crítica coletiva e individual. E o próprio ensino médio em Angola, tem como função social, “proporcionar conhecimentos necessários, com a qualidade requerida, desenvolver capacidades e aptidões e a consciencialização de valores para a vida social e produtiva que o país exige” (INIDE, 2013a, p. 9), quotidianamente, e com esta a compreensão do social, e a análise reflexiva da realidade teórica e empírica das relações e ações sociais complexas construídas nos corpos e entre os corpos dos mestres e mestras possuidoras de relações passíveis de interpretação e leitura sociológica dentro de um espaço político, ideológico e culturalmente delimitado.

Tanto é que;

a Sociologia implica o estudo do social, é o diálogo contínuo do sujeito com a realidade social no quotidiano e a indagação dos seus fatos na realidade social dos *guetos* e *musseques* do seu mundo social. (...) ensiná-la é de *per si só* enfrentar e questionar o tudo quanto se dá e se constrói dentro desta lógica sociológica de ver o mundo como um todo complexo, onde os sujeitos não neutros dos *musseques* e *guetos* experimentam vivências compartilhadas dentro desta sociedade enquanto um espaço e meio de construção de relações sociais diversas. E no entanto, é nesta vivência compartilhada de experiências do fazer e do pensar o social que urge a necessidade da Sociologia no Ensino Médio, de modo a que o jovem estudante compreenda as lacunas sociológicas que a sociedade, ou a comunidade lhe dá na construção de suas relações sociais, (CANDIENGUE, 2021, p. 24).

Pois é missão do sociólogo enquanto sujeito leitor da realidade, pesquisar e analisar a vida social e seus sentidos e significados tal como são, e a partir dela interpretar e construir argumentos e teses desta realidade epistemicamente pensada e analisada dentro da lógica compreensiva das ações humanas como ações sociais e a elas aplicar uma linguagem sociológica própria, (BRESSAN, 2008).

Entretanto, apesar de a Sociologia ser ensinada e partilhada no ensino médio, e se fazer presente nestas instituições de ensino, e agregar valores significativamente fundamentais para a construção de novos horizontes reflexivos e epistêmicos ao estudante, o ensino e a discussão dela passa hoje por grandes desafios dentro destas instituições do ensino médio. Estes desafios passam pelos interesses político-ideológicos e sociais de seus gestores enquanto sujeitos e atores

da educação e do processo de ensino e aprendizagem, e o modo como se pensa a realidade social reflexiva e o papel da escola na construção da capacidade compreensiva e crítica dos estímulos e respostas dos desafios epistêmicos, teóricos, sociais, político-ideológicos e culturais que o jovem estudante, mestres e mestras da cultura e da realidade apresentam e enfrentam no seu dia-a-dia.

Para interpretar e dar sentidos e significados a estes estímulos da realidade, é preciso um olhar treinado e especializado na perspectiva da não exclusão de outros saberes, isto porque a Sociologia é uma disciplina dinâmica, multi<sup>41</sup>, pluri<sup>42</sup>, interdisciplinar e progressiva, que produz diariamente e de forma permanente, novos horizontes de estudos e abordagens. E nesta perspectiva, é inconcebível ainda hoje, a Sociologia ser uma disciplina de carácter optativa para todas as áreas de formação do ensino médio, como se não houvesse interesse de construção do saber científico em Sociologia e da Sociologia Nacional.

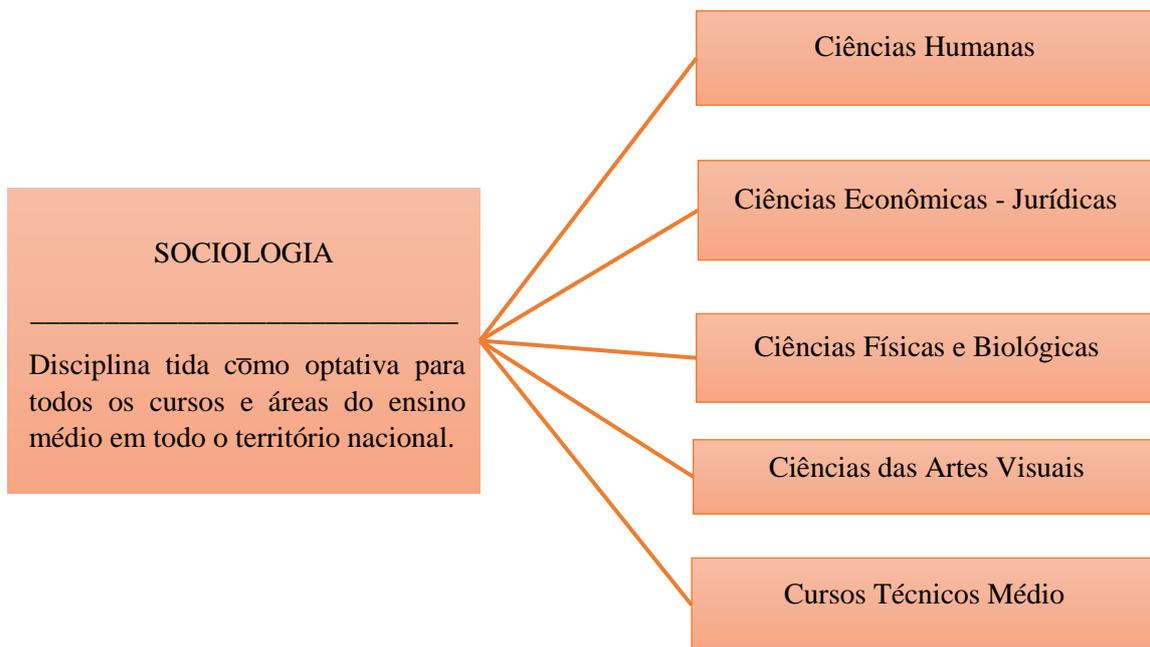
A figura abaixo, nos mostra muito bem e de forma muito objetiva, as áreas de formação do ensino médio a qual a Sociologia é colocada como uma componente optativa, ou seja, a cientificidade básica sociológica angolana colocada como segundo plano, optativa para o ensino médio em todo território nacional, e deixando para tanto a cargo dos gestores escolares em oferta-la ou não para os alunos em cada ciclo letivo.

---

<sup>41</sup> Multidisciplinar.

<sup>42</sup> Pluridisciplinar.

FIGURA 5 - POSIÇÃO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO



Fonte: Elaboração Própria

Entretanto, se a função social do ensino médio é a formação do indivíduo na aquisição da cientificidade básica e da capacidade treinada a leitura da realidade social em que este vive, não seria de bom agrado e enriquecedor tornar a Sociologia obrigatória na componente curricular do ensino médio? Pois ela é optativa em todos campos do saber e em todas as instituições do ensino médio, e o Estado atribui esta responsabilidade de oferta-la ou não aos gestores que por sinal são agentes políticos politicamente falando. Como formaríamos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade com a capacidade crítica e reflexiva desejada para pensar o ensino, a ciência, o país e as especificidades do cotidiano desde modo?

Salvo melhor juízo, não seria aqui falta de interesse do próprio Estado, dos seus gestores e dos profissionais da própria Sociologia que não se posicionam e em função disso desencadeou-se um desinteresse institucional por não haver ações concretas que despertem a quem de direito e as massas a analisar e a pensar a Sociologia no ensino médio e a partir daí criar a consciência crítica dos sujeitos e agentes escolares a partir da base e os *musseques* sentirem-se convidados pela vida na Sociologia?

Tanto mais é que, o próprio ensino médio, concebe ao sujeito, jovem estudante e membro do mundo epistêmico socialmente incompreensível, a possibilidade deste ingressar para o mercado de trabalho, ou a base preparativa para o ingresso ao ensino superior e a partir

daí projetar a sua carreira profissional ou acadêmica, (INIDE, 2013a). E nesta perspectiva, o jovem estudante vai para o mercado do trabalho ou para o ensino superior sem este olhar crítico, reflexivo e analítico da realidade que o envolve.

Embora;

as disciplinas de opção constituem um reforço de formação com vista à preparação para a frequência de um determinado curso no ensino superior, oferecendo também aos alunos a oportunidade de abordar e aprofundar assuntos do seu interesse que contribuirão para a sua formação pessoal, (Educação, INIDE, 2013a, p.14)

E a Sociologia não foge deste carácter formativo, científico e de instrução integral do sujeito. A Sociologia se constitui num elemento fundamental que não deveria ser optativo em função da sua magnitude na formação, treinamento e transformação da consciência crítica e acrítica do indivíduo dentro da estrutura social. Pois ela é “uma ciência que facilita a compreensão da realidade social e a dinâmica da sociedade em que o indivíduo está inserido e do mundo em geral” (INIDE, 2013b, p.4). Entretanto, para a compreensão desta realidade e deste espaço complexo (mundo – relações sociais), é preciso ter a consciência do pensar simultâneo (crítico e reflexivo) que traga para o sujeito da realidade e dos mestres e mestras da cultura e da realidade, o olhar social e contemporâneo contextualizado. E isto só é possível se o indivíduo tiver o olhar treinado da Sociologia como ciência e como disciplina. Tanto mais que no nosso país ela é necessária e indispensável em toda a esfera social.

Pois que;

(...) é importante o seu estudo, pois o nosso país e o mundo são palco de numerosos acontecimentos de carácter político, cultural e sócio-económico que exigem a compreensão e a análise crítica por parte do cidadão o que, por sua vez, permitirá que ele reaja e atue sobre os mesmos, tornando-o um ser participativo (INIDE, 2013b, p.4).

Assim, pensar o ensino da Sociologia e a sua prática como ação contínua do fazer e pensar científico a realidade social hermética dos *musseques* de Angola, é um desafio que a Sociologia nos impõe no sentido de provocar em nós acadêmicos, pesquisadores, estudiosos e amantes da Sociologia contextualizada, uma relação de proximidade e afirmação continuada de fazer circular, discutir e produzir saberes epistêmicos que envolvem a realidade teórica, empírica, epistêmica, analítica e crítica da realidade social dos mestres e metras da cultura e da realidade, bem como o seu confronto com as especificidades locais dos fatos, acontecimentos e fenômenos do quotidiano que dão origem ao pensamento científico do pensar e fazer ciência pela Sociologia.

Tanto que pensar epistemicamente o ensino da Sociologia e fazê-la em Angola, “é sustentar e firmar a investigação sociológica, o que só é possível a partir de um olhar do ensino da Sociologia que envolva em si a consciência coletiva de saberes sociológicos” do quotidiano dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social contextualizada (CANDIENGUE, 2021, p. 28).

E o momento desta autoafirmação e sustentabilidade sociológica em Angola, é agora, e este necessita da consciência sociológica local para pensar o tecido social angolano na sua dimensão prática e científica. E isto implica discutir e estudar a teoria social local. Portanto, discutir, tratar, teorizar e pensar o ensino da Sociologia em Angola na sua dimensão prática, é no dizer de Candiengue (2021, p. 28), “refletir em termos gerais, nas questões de investigação científica no sentido de construir um pensamento social e teórico de uma Angola desenvolvida e sustentada pelo pensar sociológico dos académicos angolanos”. E é nesta mesma linhagem de pensamento, que Manuel (2016, p. 4) vem sustentar que,

vivemos um momento em que a procura e a consciência da necessidade de intervenção de sociólogos parece ser cada vez maior, porque, numa sociedade em que ainda se precisa configurar e caracterizar o tecido social, não seria sério e nem aceitável continuar a menosprezar estes profissionais, que atuam nos mais variados campos da vida em sociedade.

E assim sendo, é missão nossa enquanto sociólogos, académicos e pesquisadores angolanos, refletir, tratar e discutir teoricamente o caminho da Sociologia e suas complexidades, de modo a explicar os fenômenos sociais dos *musseques* angolanos, e a causalidade destes factos e fenômenos da realidade social, e permitir assim, encontrar formas diferenciadas de tratar do fenômeno social total que constitui a Sociologia local epistemicamente pensada e teorizada.

E isto implica para tanto, a consciência crítica da complexidade social quotidiana dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social angolana, onde a complexidade sociológica enquanto resultado da análise do social e da reflexão, é o objeto de construção do conhecimento sociológico local, nativo e afro-epistêmico por refletir a realidade e o desconhecimento da realidade. Assim,

este pensar crítico e reflexivo a partir da base, e objetivada sobretudo nos objetivos gerais e específicos da Sociologia para o Ensino Médio, só será possível se houver a nível dos *guetos* e dos *musseques* a implementação obrigatória do Ensino da Sociologia como disciplina obrigatória do Sistema Geral do Ensino Secundário, (CANDIENGUE, 2021, p. 30)

Pois, é a partir desta obrigatoriedade que se cultivará a consciência crítica que se encarregará em compreender a estrutura complexa e heterogenia da realidade que envolve em si fatos da natureza e fatos da sociedade como um todo concreto, implexo e observável do conhecer e do reconhecer a realidade social explicada e lida pela Sociologia.

E no entanto, deve a própria Sociologia, “ser compreendida como espaço de luta e confrontação de diferentes projetos de sociedade, que se expressam nas diferentes teorias sociais, elaboradas ao longo da história da Sociologia” (BRESSAN, 2008, p. 99), para explicar a complexidade dos fatos da natureza e os fatos da sociedade no sentido de melhorar a qualidade reflexiva e crítica das relações dos fatos e coisas explicitadas no quotidiano social dos mestres e mestras da realidade social experimentada e observada, e descobrir novas relações epistêmicas do pensar, fazer e estudar a realidade humana e social destes sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade por meio da Sociologia e dos fatos e fenômenos sociais a ela atribuída.

A Sociologia pensada nestes moldes, deve ser revolucionária e transgressora para fazer *jus* a consciência crítica que a Sociologia impõe aos seus apreciadores. Tanto mais que,

pensar o ensino da Sociologia em Angola é revolucionar a forma de pensar a realidade social quotidiana de Angola em toda a sua esfera social, e encaixar nele as novas formas epistêmicas do pensar e do fazer o social sociológico angolano a partir de uma concepção crítica e reflexiva da Sociologia objetivada nos objetivos gerais do ensino da Sociologia e dos seus objetivos específicos na Estrutura Curricular do 2º Ciclo do Ensino Secundário, (CANDIENGUE, 2021, p. 30)

Ao inserirmos esta Sociologia enquanto disciplina e modelo de vida no ensino médio, significa dar ao jovem estudante, conteúdos da realidade pensada sob perspectiva da diversidade pluralista do social, do contexto e dos diferentes campos da práxis social do fazer e pensar sociológico dado pelo olhar treinado do ensino da Sociologia como ciência e como disciplina.

Tanto mais que a própria Sociologia enquanto disciplina, é no dizer de Manuel (2016, p. 17) “uma disciplina sedutora. É difícil um intelectual sério, ou que tenha pretensão de sê-lo não se deixar atrair pelos seus temas e abordagens. Por isso, é raro encontrar um grande sociólogo que não seja intelectual e/ou académico” e que orienta a sua vida pela Sociologia do seu dia-a-dia e com ela procura compreender a realidade do social, dos seus fatos, fenômenos e acontecimentos, quer sejam os experimentados, os narrados e os vividos. Pois todos eles fazem o objeto da Sociologia e convivem com o sociólogo, transmitindo-o saberes, teorias,

valores e visões complexas e diferenciadas do objeto científico resultante da realidade social e da práxis social contextualizada e quotidianizada.

Assim, ensiná-la e instruí-la no ensino médio deve ser e se constituir numa arte de análises e interpretações sociológicas direcionadas a práxis do social angolano e seus *musseques* construídos na diversidade intercultural do fazer e pensar o social epistêmico e humano. Tanto mais que os objetivos da mesma no ensino médio, nos levam a mesma perspectiva analítica e teórico-reflexiva da realidade e do quotidiano do fazer e pensar os fatos da sociedade e os fatos da natureza. Estes objetivos consistem em;

1. Proporcionar a compreensão da relatividade e multiplicidade dos valores culturais e sociais em diferentes espaços e tempos;
2. Proporcionar um conjunto de elementos que facilitem a compreensão da multiplicidade e riqueza das relações sociais;
3. Desenvolver a reflexão crítica e atitudes de tolerância face às ideias, crenças, culturas, opiniões e valores diferentes dos próprios;
4. Compreender o Homem e seu comportamento em sociedade;
5. Interpretar o meio social em ordem a uma inserção social e profissional crítica, (INIDE, 2013b, p. 5).

No entanto, os próprios objetivos do Segundo Ciclo do Ensino Secundário, já nos convidam e nos remetem a compreensão da relatividade social constituída pela reflexividade do concreto enquanto fato da natureza e fato do social.

Assim, o que se objetiva na formação média é o olhar treinado que abranja o pensar, o discutir e o fazer reflexivo das concepções epistêmicas da Sociologia Angolana, da sua realidade em volta, e a partir desta buscar teorias, argumentos e teses empíricas do raciocínio epistêmico da situação, do contexto e da realidade social do país, seus fatos complexos e interconexos a realidade e especificidades dos *musseques*.

Portanto, estes factos intrincados e interconexos da realidade social angolana, chamamos a razão para a investigação científica da realidade social e de seus elementos constitutivos, e isto só é possível a partir de um olhar que quem dá é a escola enquanto espaço de múltiplas relações, e a escola e a sociedade como um todo, se constituem como “um espaço onde se incentiva a investigação científica, se promove atividades científicas e profissionalismo” (Morais, 2016, p. 27), sociológico, epistêmico capaz de desenvolver no indivíduo enquanto sujeito da realidade social, a capacidade crítica, reflexiva e analítica da multirreferencialidade do fazer e pensar a complexidade da realidade social para e na construção da ciência sociológica local e nativa ensinada desde a base (ensino médio).

Entretanto, é a partir desta compreensão reflexiva e analítica da multirreferencialidade do fazer e pensar ciência local, ensinada e passada desde a base, que a Sociologia construirá o

pensamento social angolano fundamentado na complexidade da realidade social e humana da sociedade angolana, perspectivando assim, análises relevantes a Sociologia e conhecer métodos e caminhos aplicáveis a construção epistêmica e sociológica baseada nas coisas, fatos e fenômenos da realidade dos entes sociais, sujeitos, agentes e mestres e mestras da cultura e da realidade social angolana, bem como refletir crítica e acriticamente os fundamentos epistêmicos da sociedade humana e suas estruturas estruturadas e estruturantes.

E é nesta perspectiva que o próprio Programa de Sociologia para o Ensino Médio (INIDE, 2013b, p.6), sustenta que, “a Sociologia tem por objectivo fundamental facultar aos estudantes quadros teóricos de referência, conceitos e metodologias que lhes permitam” a;

1. Perspectivar as funções do curso, tendo em conta a análise da realidade sociológica envolvente.
2. Conhecer os métodos da Sociologia aplicados à pesquisa sociológica no domínio visado pelas ciências Físicas e Biológicas, Económicas e Jurídicas, Humanas e das Artes Visuais.
3. Fundamentar a legislação de acordo com o perfil profissional, sua vivência institucional e de relação com a comunidade.
4. Analisar os fundamentos sociais do desenvolvimento a nível micro e macro.
5. Refletir sobre o papel das ciências em geral, e da Física, Biologia, Economia, Direito, Ciências Humanas e Artes Visuais em particular, na criação de identidades sociais e culturais específicas.
6. Preparar o jovem para uma atitude reflexiva e uma actuação socioprofissional consciente.
7. Assumir uma posição na sua prática profissional coerente com os valores éticos profissionais.
8. Entender as perspectivas actuais de desenvolvimento da Física, Biologia, Economia, Direito, Ciências Humanas e Artes Visuais à luz dos conhecimentos adquiridos, (INIDE, 2013b, p. 6).

Portanto, estes objetivos da Sociologia para o ensino da sociologia no ensino médio, são revolucionários, atuais e transgressores se forem colados em prática nas suas mais diversas perspectivas no sentido de fazer uma inversão de marcha ao conformismo teórico-prático, reflexivo epistêmico da realidade social da estrutura social angolana. Pois eles visam revolucionar quando aplicados crítica e reflexivamente, a forma de olhar para a realidade social do quotidiano, o pensar epistêmico e o fazer o quotidiano pelos caminhos da sociologia reflexiva e analítica, e com ela construir novos horizontes analíticos e métodos do pensar e fazer o social contextualizado. Tanto que ela objetiva criar concepções críticas e reflexivas da complexidade social objetivada de forma clara e precisa nos seus objetivos gerais e orientadores no ensino médio.

No entanto, é com base nisto que ela procura por meio dos seus objetivos fazer a leitura e a releitura das situações e das circunstâncias que envolvem o homem, sua natureza, seus fatos, sua sociedade e suas realidades como um todo explicitado na atividade sociológica do seu ofício

e do seu modelo de vida pela sociologia, buscando inclusive a interdisciplinaridade proposta nestes objetivos para analisar, discutir, sistematizar, ler e reler, pensar e fazer a realidade social epistêmica dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade. Aliás, é nestas complexidades da realidade e da vida em sociedade que a Sociologia se desenrola para explicar, observar e analisar a produção da vida em sociedade e suas especificidades sociais, culturais, políticas, ideológicas e, econômicas.

Portanto, pensar a Sociologia e a sua atividade reflexiva e epistêmica a partir da base, é no entanto, criar a consciência coletiva crítica e individual capaz de questionar pelos caminhos da Sociologia, a produção da vida em sociedade e com ela aprofundar os conceitos sociológicos enriquecidos pelas experiências, vivências e observações do social quotidianizado pela realidade dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade, e epistemicamente passível de (re)leituras interconexas da sociologia.

Entretanto, esta leitura, só é possível se a Sociologia for viva na estrutura social angolana, obrigatória nos institutos do ensino médio, e com um olhar reflexivo, epistêmico e interconexo com o presente, e capaz de treinar profissionais quer seja em níveis de formação média como em níveis de formação superior. Portanto, é com a obrigatoriedade da Sociologia para o ensino médio que teríamos o olhar clínico básico da nossa realidade e compreende-la a partir das suas especificidades locais, ao mesmo tempo que se faz *jus* aos objetivos preconizados pela Sociologia ao ensina-la aos jovens estudantes do ensino médio e posteriormente desenvolver este olhar nos mais diversos níveis do ensino superior angolano ou fora deste espaço territorial hermético e rico de fatos, coisas e fenômenos sociais epistemicamente relevantes a Sociologia.

#### 4.3.2. Sociologia como ciência no ensino superior

O Ensino da Sociologia e da cientificidade sociológica a nível das instituições de ensino superior em Angola, é uma realidade viva mas que traz consigo nos dias de hoje, algumas reservas de carácter epistêmica, teórica, empírica e reflexivas, embora esta seja visível em todos os *guetos* e *musseques* da realidade social angolana.

Esta presença viva, é marcada pelas dezenas de instituições superiores criadas a nível de todo o território nacional, e sobretudo pelas mudanças político-ideológicos do país e das suas nobres elites políticas criadas depois da independência e depois do monopartidarismo. Assim, a Sociologia como ciência e foco de estudos múltiplos em Angola, dá-se após 1992, fase em

que a Sociologia se constitui no centro das atenções e atinge o auge na formação de sociólogos angolanos de modo a trazer para a realidade social angolana novos horizontes de pensar e fazer o país, bem como implementar uma nova perspectiva de interpretar a realidade social angolana e longe daquilo que são e foram as ideologias sociais, políticas e econômicas do colonialismo que ainda nos dias de hoje se reproduzem e se impõem nos seus mais diversos modos de pensar a angolanidade.

Entretanto, esta reprodução política e ideológica, se dá ainda em alguns casos nos dias de hoje, justamente porque o próprio ensino superior surge tarde e numa fase ainda de exclusão e classificação do indivíduo se está apto ou não a entrar para o ensino superior em função da sua condição social e política. Tanto é que, “o local de nascimento, o local de residência e a posição social determinavam claramente o acesso a este nível de ensino, que reproduzia para as gerações seguintes a estratificação social da Angola colônia” (CARVALHO, 2012, p. 52).

Só em 1962 com a institucionalização dos Estudos Gerais Universitários<sup>43</sup> (EGU), é que Angola enquanto colônia portuguesa e por via do Decreto-Lei nº 44.530, de 21 de Agosto de 1962, é que Angola ganha o ensino superior caracterizado por inúmeras restrições institucionalizadas como meio e forma de selecionar a educação para uns e outros não. Entretanto, antes de 1962, o país já tinha em 1958, os estudos superiores no Huambo e em Luanda implementados pelo Seminário católico, tal como Carvalho (2012) nos mostra, mas a universidade como tal só surge em 1962 e em 1963 é inaugurada pelo então Presidente da República portuguesa, Contra-Almirante Américo Thomaz em Luanda, capital do país – Angola, aos 06 de Outubro de 1963.

Entretanto, a Sociologia na concepção de Manuel (2016), é uma das áreas científicas que mais cresce no país após 1992. Na era colonial, ela servia os interesses político-ideológicos de quem detinha o poder opressor e dominador, o colonizador que restringia a construção de novos horizontes e perspectivas que contrariem os seus interesses e as suas elites no rol da sua política dominante. Portanto, este cenário muda drasticamente em 1975, ano da proclamação da independência nacional e se estende até 1992, fase em que a Sociologia desaparece do cenário nacional, vindo no entanto a ressurgir nos gloriosos anos de 1993 – 2003.

Este ressurgir da Sociologia, vem sendo marcado por grandes êxitos de institucionalização da Sociologia a nível do fazer e pensar a realidade académica do país, bem como a sua propagação nos mais vários sectores e agentes da realidade social angolana. É portanto a melhor fase que a Sociologia angolana já viveu desde a sua presença no país até a

---

<sup>43</sup> Os Estudos Gerais Universitários de 1962 deu origem a Universidade Agostinho Neto, herdeira da então Estudos Gerais Universitários.

sua institucionalização depois de inúmeros obstáculos e condicionantes ao se auto afirmar como campo do saber social angolano refletido na análise reflexiva da realidade social dos *musseques* de Angola.

No entanto, independentemente da Sociologia dar largos passos dentro da estrutura social angolana e a nível das instituições de ensino superior em Angola, ainda existe uma política muito tímida de institucionalização da Sociologia como ciência, da Sociologia produzida, pensada e construída em Angola que de certo modo coloca a Sociologia Angolana numa posição de desvantagens extremas em detrimento das especificidades que o próprio país apresenta ao que concerne ao ensino da Sociologia como ciência e como disciplina, e a indústria académica, e ao que o continente apresenta relativamente a produção e divulgação de saberes epistêmicos locais e nativos, às teorias, teses e argumentos de África, sobre África e para África, embora “as condições da prática das ciências sociais **em África variem** de país para país **e de contexto a contexto**” (MERLEN, 2021, p. 318 (grifos nossos)).

Aliás, “estudar a sociologia [...] impõe, dentre outras coisas, a necessidade de estudar as particularidades da história da sociologia em África, da sua institucionalização, da sua profissionalização e dos principais temas estudados” pelos profissionais da Sociologia e os seus olhares autóctones à Sociologia local contextualiza e conseqüentemente a sua internacionalização em todos os seus aspectos (MERLEN, 2021, p. 318).

Entretanto, a “internacionalização da Sociologia produzida em Angola está numa situação desvantajosa” e precária que nos chama a razão a vivência do ofício e ao adotar um modo de vida pela sociologia (MANUEL, 2016, p.7). E tanto mais porque a própria Sociologia vem de um contexto conturbado de condicionantes e que inicialmente tenha sido praticada nos nossos países por sociólogos europeus segundo Marlen (2021) e que só posteriormente é que os nossos sociólogos começaram a pensar e a fazer Sociologia nos nossos países, o que Marlen (2021) chama de “sociologias nacionais” dos países africanos.

Assim, “muitas das iniciativas com vista à melhoria das condições de produção do conhecimento científico [...] continuam a estar ligadas ou são globalmente controladas pelo Norte” (CARDOSO, 2012, p. 138). E para quebrar isso, é primordial no entanto, a nossa imposição enquanto sociólogos e o nosso olhar para as sociologias nacionais com uma certa particularidade. E isso passa portanto, pelas universidades enquanto centros de estudos, de discussão, análise e construção de saberes múltiplos em Sociologia.

Portanto, nós sociólogos da nova geração, académicos e pesquisadores da realidade social atual, precisamos nos posicionar de modo a tirar a Sociologia do ponto monótono a que se encontra hoje.

Pois, é preciso fazer alguma coisa para que o ensino da cientificidade sociológica em Angola rompa alguns condicionantes do fazer e pensar a Ciência Sociológica em Angola, e a produção de saberes se deia sem constrangimentos.

E estes constrangimentos são na visão de Cardoso (2012, p. 134-135), as,

condições precárias para a prática das ciências sociais, na maioria dos casos; constrangimentos significativos que afectam o seu cabal desenvolvimento; pouco investimento nas faculdades de letras e ciências sociais e humanas; o apetrechamento das salas de estudo (computadores, acesso à Internet, etc.) continua a ser um luxo a que muitas universidades não se podem dar; etc.

Entretanto, as mudanças socioepistêmicas são necessárias e urgentes se quisermos discutir verdadeiramente o ensino da Sociologia no ensino superior, a Sociologia como ciência em Angola, o saber sociológico angolano e a prática reflexiva do ensino da Sociologia Angolana nas instituições de ensino nacional, e com ela expandir o olhar prático da ciência sociológica contextualizada, e resistir assim aos pragmatismos científicos do norte sobre as nossas realidades. Assim, para resistir aos efeitos da dependência epistêmica e acadêmica, é no entanto fundamental que,

as universidades, institutos superiores e os demais organismos de ensino nos *guetos* e *musseques* em Angola, devem ser os agentes construtores de saberes sobre o social, bem como a transformação destes saberes em núcleos de projeção transformadores da sociedade influenciada pela natureza e essência das Ciências Sociais e do Pensamento Sociológico Angolano (CANDIENGUE, 2021, p. 20).

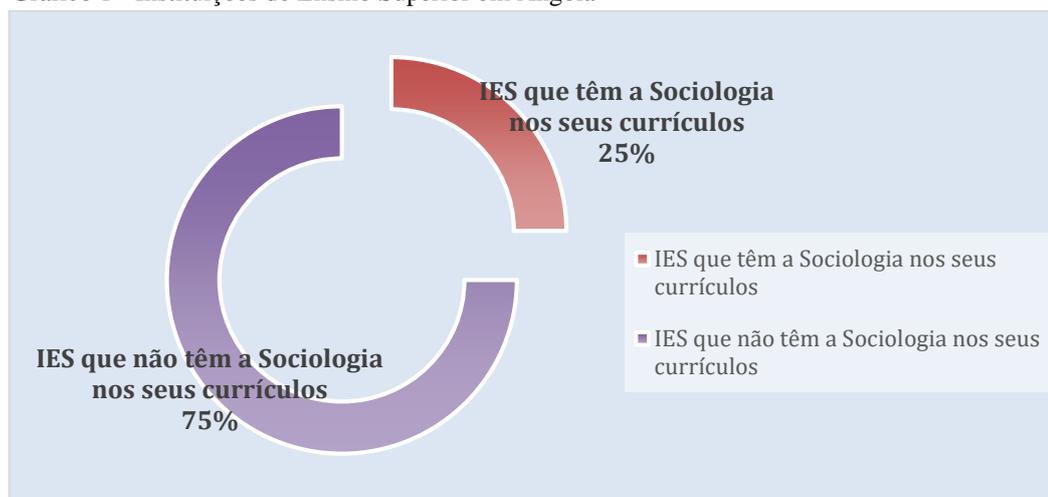
Pois, entendemos nós que, a projeção e transformação deste cenário e do indivíduo, é a missão social de todo o processo formativo que a universidade adota como meta do seu papel social dentro da estrutura social. E em Angola infelizmente a Sociologia ainda está aquém da transformação por quanto que as instituições de ensino superior estão focadas na profissionalização do indivíduo ao em vez da construção da consciência crítica dos seus sujeitos e entes sociais. Ademais, a Sociologia nem está em todas as universidades, institutos e escolas superiores do país, embora haja um crescimento considerável de universidades no país.

Tanto é que, num estudo feito por Candiengue (2021), num universo de 88 instituições de ensino superior entre públicas e privadas, apenas 22 instituições de ensino superior têm nos seus currículos atuais a Sociologia como campo de ensino, ciência e aprendizagem no sistema de ensino superior, e se olharmos para as percentagens que o gráfico 1 (gráfico abaixo) nos apresenta, apenas 25% é que representa a Sociologia a nível nacional, o que conseqüentemente implica que temos um trabalho árduo a fazer para a Sociologia local de modo a construir um

aporte teórico, reflexivo, crítico, empírico do fazer e pensar a Sociologia quotidianizada na realidade dos mestres e mestras da cultura e da realidade social angolana.

Assim, o gráfico abaixo é reflexo da realidade social da Sociologia nas instituições de ensino superior em Angola e o impacto que esta tem na estrutura social angolana. Pois, cremos nós que se ela tivesse impacto e causasse impacto no seu dia-a-dia, na Ciência e/ou na política, teríamos uma percentagem diferente desta que vemos no gráfico abaixo (gráfico 1).

Gráfico 1 - Instituições de Ensino Superior em Angola



Fonte: Elaboração Própria

No entanto, se olharmos a percentagem de 25% que por sinal é uma percentagem que representa o *status* da Sociologia a nível nacional, isto é, sua presença a nível das instituições de ensino superior no país, nos parece ser uma percentagem muito bem colocada e satisfatória do ensino da Sociologia como ciência e como disciplina no ensino superior. Mas se analisarmos esta percentagem de 25% por província (estados), notaremos que a questão é muito mais preocupante, e sobretudo para nós sociólogos, pesquisadores e fazedores da cientificidade da Sociologia Angolana.

Pois existe províncias que não há presença da Sociologia nas suas instituições de ensino superior, a exceção é Luanda que nos apresenta uma percentagem mais ou menos aceitável tal como nos mostra a tabela 1 abaixo, as outras províncias apresentam-nos percentagens baixíssimas com uma, duas ou três instituições de ensino superior que têm os cursos de licenciatura em Sociologia.

Entretanto, a tabela abaixo é a descrição da real situação da Sociologia em cada província e o modo como este panorama reflete a realidade social e científica da Sociologia a

nível do território nacional no seu todo. Tanto que dentro desta tabela, temos a descrição do total das universidades públicas e privadas, os institutos e escolas superiores públicas e privadas, e destas destacamos o quantitativo de instituições de ensino superior que contam com o curso de licenciatura em Sociologia.

**Tabela 1** – Percentual da Sociologia nas IES por província até 2019

PROVÍNCIA	UN. PÚBL	UN. PRIV	IEES PÚ/PR	TOTAL POR PROV.	PRES. DA SOCIOLOGIA
<b>Luanda</b>	1	10	28	39	12 IES = 31%
<b>Bengo</b>			1	1	0 IES = 0%
<b>Bié</b>			4	4	0 IES = 0%
<b>Benguela</b>	1		4	5	3 IES = 60%
<b>Cabinda</b>	1		2	3	0 IES = 0%
<b>Huambo</b>	1		7	8	1 IES = 11%
<b>Huíla</b>	1		4	5	2 IES = 40%
<b>Kuando Kubango</b>	1		1	2	0 IES = 0%
<b>Kwanza Norte</b>			2	2	0 IES = 0%
<b>Kwanza Sul</b>			4	4	0 IES = 0%
<b>Lunda Norte</b>	1			1	0 IES = 0%
<b>Lunda Sul</b>			1	1	0 IES = 0%
<b>Malanje</b>			5	5	2 IES = 40%
<b>Moxico</b>			2	2	1 IES = 50%
<b>Namibe</b>			1	1	0 IES = 0%
<b>Uíge</b>	1		3	4	1 IES = 33%
<b>Zaire</b>			1	1	0 IES = 0%

Fonte: Candiengue, 2021

Portanto, olhando para esta tabela, nota-se claramente a responsabilidade que nos é incumbida de fazer cada vez mais pela Sociologia em relação ao que já se tem feito em prol da Sociologia Angolana, de modo a pensarmos a cientificidade dela a nível das instituições de ensino superior no país, o seu ensino e a sua prática reflexiva fora dos muros universitários. Pois esta percentagem, demonstra com clareza, a existência de um défice de quadros em Sociologia, de profissionais necessários e precisos para a leitura e interpretação das especificidades locais em detrimento de quadros existentes e disponíveis a viver e a adotar um modelo de vida própria pela Sociologia nacional.

Esta responsabilidade nos é incumbida porque o percentual sociológico do país é precário, e a nova geração de sociólogos e suas associações como a A.A.S.A, a SASO e a COESO, têm a responsabilidade de reposicioná-la, dando-lhe no entanto, uma identidade presente e notória na construção e discussão de saberes científicos da Sociologia em Angola, promovendo-a entre os sujeitos da realidade e entre as estruturas sociais complexas do país. Tanto é que, esta percentagem detalhada por província, “nos ajuda a compreender a realidade

de formação de quadros locais em Sociologia para o estudo de suas próprias realidades sociais, políticas e econômicas” nos *guetos e musseques* do país. (CANDIENGUE, 2021, p. 40).

Assim, a progressão da Sociologia em Angola e a sua presença institucional nas instituições de ensino superior, que por sinal também são algumas delas centro de estudos e pesquisa em cada espaço do território nacional, a Sociologia é mensurada percentualmente de modo a compreendermos a situação atual da Sociologia, o seu ensino e seus resultados no processo de construção de saber e do pensamento sociológico angolano, ao mesmo tempo que ela nos mostra em números, a necessidade de mais instituições do ensino superior com a Sociologia em prática. Pois, “precisamos de mais instituições de ensino superior no país que se preocupem com a Sociologia e áreas afins, de modo a sanarmos as possíveis lacunas deixadas pelas instituições hoje existentes nos *guetos e musseques* do país” (CANDIENGUE, 2021, p. 41).

Tanto é que são as instituições de ensino e pesquisa, que tem a responsabilidade de publicitar a Sociologia presente nos seus espaços e com ela promover o prestígio científico dos saberes aí transmitidos, e conseqüentemente a construção de saberes transversais e múltiplos em Sociologia e ciências afins. Pois o objetivo destes saberes é precisamente a compreensão da realidade social dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social.

No entanto, esta realidade só será compreendida se houver a nível dos nossos espaços, sujeitos e profissionais capazes de olhar para esta realidade social difícil, com olhares treinados pela sociologia, pela cientificidade epistêmica do fazer e pensar a Sociologia Angolana na prática do seu ensino e do seu estudo.

Pois, entendemos nós que, o “único propósito da ciência é o de compreender o mundo empírico no qual o homem vive” (GOODE; HATT, 1977, p. 11), e esta realidade da Sociologia é uma questão também a ser compreendida de modo a estudarmos a auto afirmação da mesma no espaço social angolano e a construção do saber sociológico angolano ensinado e produzido no país, observando sempre no entanto, às suas particularidades e especificidades de compreensão do social.

Tanto que a própria Sociologia, “como outros ramos das ciências sociais, possui sua própria perspectiva cognitiva que estabelece questões a lançar acerca das ações humanas, assim como seus próprios princípios de interpretação” e da sua própria linguagem sociológica utilizada pelos sociólogos no estudo dos fenômenos, fatos e coisas da vida social dos mestres e mestras da cultura e da realidade em toda a sua dimensão diversa do fazer e pensar o social (BAUMAN; MAY, 2010, p. 16). Portanto, “é preciso hoje apropriar-se dessa contribuição **da**

**Sociologia e do seu olhar treinado** de maneira lúcida, crítica e responsável **para a construção do saber sociológico e a interpretação social da realidade**” (LOPES, 2008, p. 52 (grifos nossos)).

Entretanto, é a partir deste princípio interpretativo, cognitivo e da linguagem própria da Sociologia, que começamos por questionar as razões de termos uma percentagem baixíssima da Sociologia Angolana no seio de suas instituições de ensino superior. Que motivações estão na base de a Sociologia não se fazer sentir no substrato social angolano? Pois se ela é uma ciência da realidade, do quotidiano, da vivência, e da experiência dos mestres e mestras da cultura e da realidade, por que não se faz presente em todas as instituições de ensino superior no país e de Cabinda ao Cunene e do Mar ao Leste?

A Sociologia ensinada não nos permite questionar e refletir sobre a realidade atual da Sociologia Angolana? Ou os profissionais da Sociologia que temos no país e suas instituições não se interessam em viver a Sociologia e fazer carreira nela e adotar assim um modelo de vida pela Sociologia?

Portanto, a Sociologia no ensino superior público e privado, requer de nós acadêmicos da Sociologia, pesquisadores da realidade, mestres e mestras da cultura e da realidade, posições drásticas de pensar e fazer a Sociologia, e com ela escolher um estilo de vida pela Sociologia, adotando para tanto uma linguagem sociológica própria e uma posição própria de sociólogo. Entretanto, a saída deste espaço do conformismo sociológico só será possível se assim procedermos no exercício do nosso ofício de sociólogo e identificar as áreas de interesse da Sociologia no espaço e no lugar do sujeito pesquisado e pesquisador.

## 5. SOCIOLOGIA DA TRANSGRESSÃO

A Sociologia é uma ciência crítica, reflexiva e questionadora de toda a epistemologia construída sobre a realidade social do quotidiano periférico<sup>44</sup> e do mundo hegemônico fundamentado no pensamento excludente da linha abissal. Para tanto, esta criticidade científica é conduzida sob o olhar treinado do sujeito e dentro do seu espaço empírico politicamente demarcado pela geopolítica do saber, pelo racismo científico e pela ausência da dialogicidade desta com os outros campos epistêmicos.

---

<sup>44</sup> Entenda-se o quotidiano periférico como o espaço empírico, teórico e metódico excluído da normatividade epistêmica construída e pensada pelo saber abissal do ocidente.

E a Sociologia da transgressão, é assim o meio pelo qual se dá a inversão de marcha a este saber construído e refletido sob uma única perspectiva da linha abissal. É a Sociologia da a apropriação cultural crítica do fazer epistêmico e o assumir o protagonismo epistêmico do seu mundo periférico excluído da racionalidade científica porquanto que o saber epistêmico construído e refletido sobre nossas realidades sociais enquanto espaço de luta e de autoafirmação, reflete sentidos e significados empíricos e teóricos atravessados de acontecimentos complexos e transversais susceptíveis de interpretações sociológicas que o mundo hegemônico desconhece por sua posição de “superioridade” em relação ao mundo periférico dos nossos corpos.

E o presente escrito, é um posicionamento do meu “eu” a transgressão epistêmica desta superioridade, do pensar e do construir saberes que reflitam o mundo periférico e a autoafirmação junto ao meu povo, a necessidade de pensar criticamente a cientificidade hegemônica e opressora da linha abissal sobre o mundo periférico enquanto *gueto e musseque*, e a exclusão epistêmica que se dá aos nossos acontecimentos sociais enquanto saberes e espaços de produção de realidades epistêmicas do olhar treinado do saber não dissociativo. Tanto que a escrita deste trabalho é proposital no sentido de se posicionar e fazer uma inversão de marcha a normatividade hegemônica do produzir ciência não dissociativa das periferias, *guetos e musseques* do nosso cotidiano.

Portanto, a nossa abordagem é no sentido de romper os entraves e as linhas separadoras de espaços reflexivos do fazer e pensar epistêmico tendo em conta suas fronteiras epistêmicas e suas interconexões. Aliás, a Sociologia da transgressão é esta abordagem de inversão de marchas ao pensamento uniforme e hegemônico sobre o saber das nossas realidades implexas e o modo de produção de saberes da linha abissal sobre o mundo hegemônico (ocidente) e mundo periférico. E foco da Sociologia da transgressão é justamente a inversão de marcha e de luta epistêmica aos novos desafios do fazer e pensar científico, crítico e acrítico sobre epistemologias não dissociativos.

E como todos nós sabemos, a Sociologia se encarrega ao estudo dos fatos e do social da realidade produzida pelos seus sujeitos e agentes. É para tanto na produção da vida social que se dá a construção de relações sociais herméticas objeto de estudos empíricos, teóricos e metodológicos da Sociologia a partir da perspectiva transversal do conhecimento e da compreensão interdisciplinar da vida em sociedade, e em constantes mudanças.

E pensar a Sociologia da transgressão<sup>45</sup>, é romper os paradigmas tradicionais do pensar a produção do conhecimento, da vida social e das relações resultantes da vida social dos seus entes sociais, agentes, sujeitos e atores sociais. Tanto é que a interpretação destas relações intrincadas e contínuas enquanto acontecimentos, dependem do olhar treinado ou não do pesquisador e da ação própria do sujeito investigador levadas a cabo para a compreensão das interconexões das periferias, *guetos* e *musseques* enquanto espaços empíricos de produção de fatos, fenômenos e da vida social. Pois que, os acontecimentos no dizer de Rodrigues (2007, p. 52) “dependem fundamentalmente da postura e da própria ação do investigador”, tanto que “ao sociólogo **enquanto sujeito treinado**, cabe **olhar e** exprimir a realidade **ao seu meio, a sua volta e não julgá-la**” (DURKHAIM, 2010, p.11, **grifos nossos**).

Assim, a Sociologia da transgressão é a inversão de marcha do pensar a realidade social contextualizada e local, e o abandono da linha abissal, o abandono dos gabinetes, do *show off* e dos discursos encomendados e ir ao encontro da realidade empírica, teórica e metodológica do seu ofício de modo a olhar para este meio a sua volta de forma desapaixonada, racional e epistemicamente consciente. É enfrentar a realidade social nativa, e interpretá-la de forma empírica, treinada e metodológica de modo a que se pense as interconexões e se construa a partir destas interconexões saberes epistêmicos da realidade local, e que traga consigo especificidades do espaço, do lugar e a (re)significação destes espaços ricos de interpretações sociológicas alimentadas de fronteiras epistêmicas.

E tanto é que estas interpretações trazem consigo, formas próprias, sentidos e significados próprios e específicos fundamentados numa linguagem própria, local, periférica e nativa, conservando assim a originalidade própria de seus valores epistêmicos ao mesmo tempo que se rompe os saberes hegemônicos e excludentes do Ocidente, do racismo acadêmico, da geopolítica do saber e as práticas pedagógicas tradicionais da educação não libertadora. Tanto que “quanto menos conhecemos uma realidade mais complexa ela se nos afigura” (LOPES, 1997, p.13), e “o nosso conhecimento tanto é conhecimento do que conhecemos como conhecimento do que desconhecemos e este é o fundamento em que repousa todo o nosso conhecimento e todo o nosso saber” em Sociologia da transgressão (PIMENTA, 2013, p. 25).

Assim, a Sociologia da transgressão é o convite a reflexão na sua dimensão prática, teórica e metódica do nosso ofício no quotidiano social, e o modo como este ser profissional dialoga com as estruturas sociais, políticas e curriculares a sua volta construindo interconexões

---

<sup>45</sup> Sociologia da transgressão - ato de luta e inversão de marcha, de afirmação, articulação, reflexão crítica e conceituação epistêmica do mundo periférico (*guetos*, *musseques* e *periferias*) revestidos de sentidos e significados epistêmicos.

epistêmicas da ciência enquanto realidades sociais diversificadas. Tanto é que “a referência da ciência é a realidade em si. A incursão no desconhecido visa ampliar, reconstruir ou retificar o conhecimento daquela realidade” (PIMENTA, 2013, p. 61) enquanto espaço de saberes dinâmicos da realidade interpretativa da Sociologia do cotidiano atravessado pelas fronteiras do espírito crítico e transversal do pensar e do fazer ciência.

Para tanto, este fazer ciência, não se dá pela neutralidade do sujeito, pois que não somos sujeitos neutros na compreensão da realidade social a nossa volta, tal como Bourdieu sustenta no seu escrito ‘Questões da Sociologia’. Aliás, “o conhecimento não tem como ser produzido de forma neutra tendo em vista que as relações que ele tenta apreender não são neutras”. E isto dá-se por conta de sermos sujeitos experienciados, vivenciados e partes destes espaços sociologicamente passíveis de interpretações empíricas, teóricas e metodologicamente atravessadas por fronteiras da interdisciplinaridade ” (FRIGOTTO, 2008, p. 46).

No entanto, transgredir sociologicamente é tomar posição de um pensar epistêmico novo, reflexivo, crítico, local, nativo, periférico e libertador das práticas opressoras que o mundo ocidental e suas academias incorporaram a nós e em nossas sociedades. É a inversão de marcha as práticas pedagógicas opressoras que nos colocaram e nos colocam até hoje em suas mais variadas formas da tal dita ‘civilização’ numa posição de coitados, e incapazes de pensar epistemicamente ‘nossos saberes interconectados’, nossas realidades, nossas vivências e experiências dentro e fora dos espaços locais e diaspóricos da nossa essência epistêmica e do nosso ser.

É o inverter da marcha comum e aplicar o olhar crítico e treinado de nossas consciências epistêmicas e o romper do conformismo reprodutor de saberes não transversais. Pois que, “toda a nossa atividade quotidiana assenta em conhecimentos e em ações ajustadas a esses conhecimentos na prossecução de objetivos” epistêmicos atravessados pelas fronteiras conexas e transversais do fazer reflexivo (PIMENTA, 2013, p. 22).

Tanto que “fazer o inventário crítico deste “conformismo” teórico, ideológico e cultural é uma condição necessária para um processo crítico de produção do conhecimento”, (FRIGOTTO, 2008, p. 47 - 48), de modo a criarmos uma rotura epistêmica mais reflexiva sobre nossas periferias, *guetos* e *musseques*. Pois que, não havendo esta rotura epistêmica, esta inversão de marcha e do pensar sociologicamente a realidade local contextualizada, nativa e periférica de forma libertadora e transversal, estaremos nós diante de profissionais engravatados e encomendados, os sociólogos de gabinetes que exercem sobre a realidade social enquanto ciência, uma acção especializada por não haver nestes sujeitos o diálogo e o contato permanente com a realidade social quotidiana de forma prática, dialogando no entanto com a dimensão

teórica do seu ofício, e o objetivo aqui é obviamente “contribuir para impedir que se possa dizer qualquer disparate sobre o mundo social” (BOURDIEU, 2019, p. 21) a nossa volta e nem tampouco a imposição de pensamentos ou de interpretações sociológicas despidas de fronteiras analíticas da realidade social.

E nestes termos, entendemos nós que, os sociólogos de gabinetes ou *show offs*, fogem do diálogo permanente de suas realidades sociais, e a Sociologia da transgressão vem no sentido de romper este paradigma, este paralelo tradicional de reprodução didática, pedagógica e dissociativa da realidade social do seu ofício e do seu olhar nativo e treinado a compreender e a interpretar metodicamente as realidades específicas, empíricas, teóricas e analíticas do seu dia-a-dia.

Pois, precisamos compreender a natureza epistêmica que envolve a realidade social do qual somos sujeitos e agentes produtores da vida em sociedade. Tanto mais que a ciência é segundo Japiassu (1975) a consciência do mundo, e neste sentido, por que nós não podemos pensar a ciência local, nativa e periférica para que esta reflita transversalmente a realidade do espaço na concepção de um saber globalizado? Pois o saber é o reflexo cotidiano das nossas vivências e experiências sociais nativas, locais e periféricas revestidas de formas, sentidos e fronteiras interconexas.

Assim, a autoconsciência crítica e emancipadora do entendimento do social humano enquanto agente produtor de relações complexas é fundamental e necessário. Tanto mais que a Sociologia é no entanto,

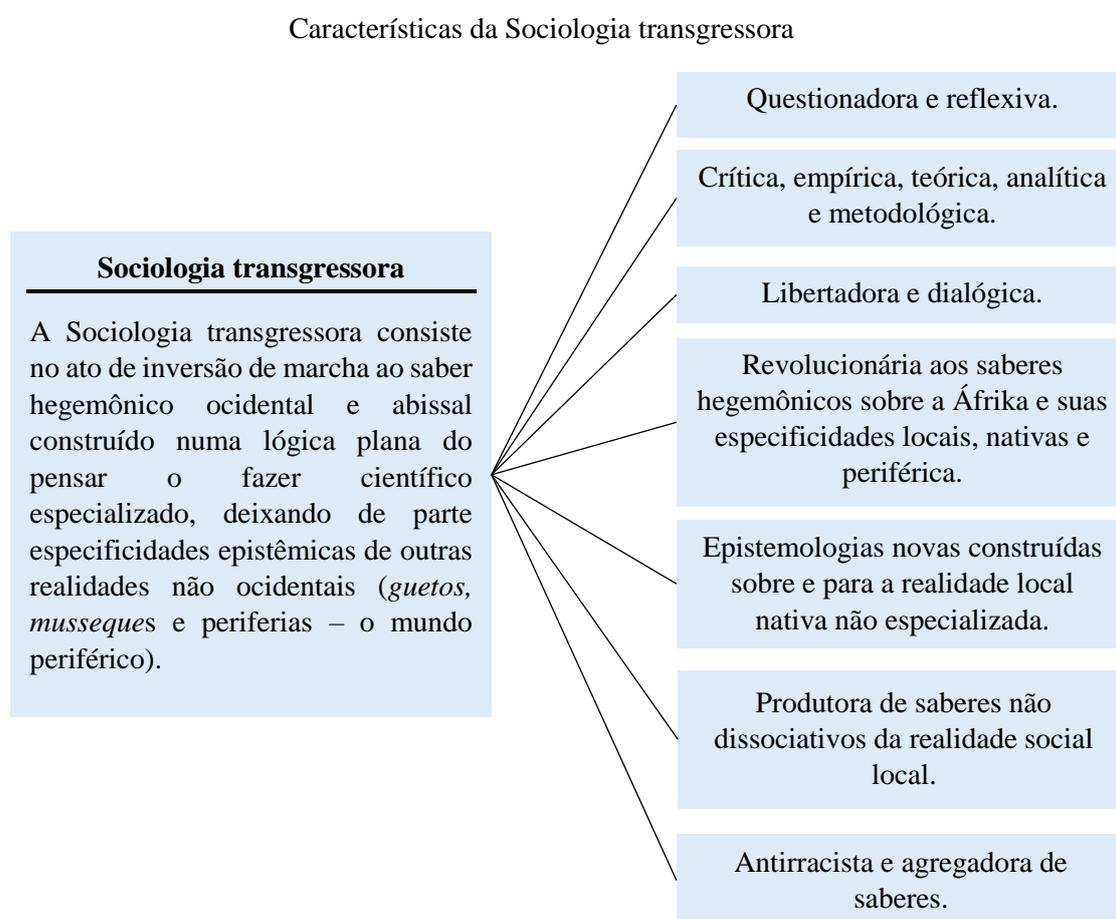
o último advento da ciência, é uma ciência crítica, de si mesma e de outras ciências; crítica também dos poderes, inclusive dos poderes da ciência. A ciência que trabalha para conhecer as leis de produção da ciência, fornece não meios de dominação, mas talvez meios de dominar a dominação (BOURDIEU, 2019, p. 21).

Tanto que é assim que Sociologia da fala enquanto espaço objetivo e subjetivo da interpretação do sujeito, e da geografia do sujeito enquanto lugar, territorialidade e de experiências e vivências, nos chama a inversão de marchas numa perspectiva lógica transversal e interdisciplinar do pensar o fazer científico especializado<sup>46</sup> mas não dissociativo de outros olhares. E a figura 5, nos mostra justamente este olhar da Sociologia enquanto campo não especializado e crítico, o que se constitui então nas características da Sociologia da transgressão e lá mias para frente a Filosofia epistêmica da Sociologia da transgressão.

---

<sup>46</sup> Entenda-se aqui como campo próprio do saber sociológico não limitado de outros saberes internos e externos da Sociologia.

Figura 6 – Características da Sociologia transgressora



Fonte: Elaboração Própria.

No entanto, colocar-se estas características da Sociologia da transgressão como formas de inversão de marcha, é para tanto, colocar-se enquanto pesquisador e profissional da Sociologia, numa posição geradora de inúmeros problemas e dificuldades a normatividade padronizada do produzir ciência, e pensar a partir destes problemas e dificuldades a construção de saberes não excludentes do mundo social a nossa volta.

É o escrever metodológico das nossas territorialidades, das nossas vivências experimentadas, das nossas realidades sociais e epistêmicas pensadas a partir dos obstáculos do conhecimento do desconhecido. É o aprender a desaprender a reprodução dos conceitos que nos levam aos padrões epistêmicos hegemonicamente elitizadas numa pirâmide de hierarquias entre as periferias, *guetos* e *musseques* em relação ao pensamento “imperial” ocidentalista.

Entretanto, estes padrões hegemônicos sustentados pela geopolítica do saber, se dá na invisibilidade de outros espaços empíricos epistemicamente dissociados do fazer e do pensar a realidade social local, vivenciada e experimentada de forma teórica, didática e metódica. Assim, fazer este diálogo de fronteiras empíricas de construção de saberes não dissociativos, é estar comprometido com o conhecimento ao mesmo tempo que se estuda de forma treinada, didática, teórica e metodologicamente a natureza do conhecimento humano e como as suas realidades particulares se interconectam com os espaços de construção e de desconstrução de saberes endógenos e exógenos observados e contextualizados ao conhecimento global não especializado geograficamente e nem dissociado da realidade social complexa do fazer e do pensar o saber enquanto processo aberto, empírico, teórico e metódico.

Tanto que na concepção de Japiassu, (1976, p. 97) “a ciência é aberta, é essencialmente dialética, vive de crises internas imprevisíveis e de constantes ultrapassagens” por via da dinamicidade epistêmica que se impõe a construção de saberes. E a Sociologia da transgressão é este momento de ultrapassagens do pensamento abissal ou não e de (des)construção contextualizada aos espaços políticos, sociais e econômicos pensados epistemicamente face aos seus desafios conjunturais a nível dos *musseques*, *guetos* e das periferias enquanto espaço de reflexões e de interpretações sociológicas.

Portanto, a Sociologia da transgressão, é assim a prática da liberdade direcionada a racionalidade consciente enquanto exercício epistêmico da dialogicidade entre o quotidiano social complexo e o sentido fenomenológico do conhecimento humano construído sob perspectivas contextualizadas do fazer e do pensar a cientificidade que rompe os limites da padronização hegemônica e abissal.

Assim, o exercício da racionalidade pela Sociologia da transgressão, é a reformulação de caminhos e procedimentos para se compreender de forma categórica os conhecimentos produzidos sobre e para as periferias, *guetos* e *musseques* numa lógica de linhas dissociativas do olhar excludente, abissal e intencional, despido de fronteiras e de transversalidade epistêmica necessária para se pensar teórica e metodicamente a realidade social hermética e empírica. É o questionar conceitos e experiências do pensamento disciplinado produzido e reproduzido nas academias, reconhecendo nelas caminhos metódicos para a criticidade do olhar reflexivo da consciência humana como meio de inversão de marcha e de luta pela construção de saberes interconectos e da maturação epistêmica das nossas periferias, *guetos* e *musseques* em paralelo ao pensamento ocidental.

Assim, a figura 6 – filosofia epistêmica da Sociologia da transgressão, nos mostra como essa transversalidade epistêmica se dá para posteriores indagações entre a

transversalidade epistêmica e a linha equalizadora do social epistêmico da Sociologia transgressora no cotidiano social dos sujeitos treinados na leitura e releitura da concepção epistêmica, da maturação filosófica, do social empírico e reflexivo, e por fim a transfiguração epistêmica fundamentada na realidade complexa do social invisibilizado pelo império ocidental.

Figura 7 – Filosofia da Sociologia da transgressão



Fonte: Elaboração Própria

No entanto, a figura 6 nos apresenta quatro elementos essenciais que fundamentam a filosofia epistêmica da Sociologia da transgressão que acontecem em simultâneo, mas em fases

distintas da consciência humana e dentro do exercício epistêmico dialogado e contextualizado às experiências do pensamento científico interconecto e construído na racionalidade do fazer e pensar o saber empírico, teórico e metódico das nossas periferias, *guetos* e *musseques* enquanto um todo implexo do mundo periférico escrito metodologicamente seguindo concepções de nossas territorialidades, de nossas realidades sociais e epistêmicas do conhecimento do desconhecido. Assim, estes elementos consistem em;

a) CONCEPÇÃO EPISTÊMICA

– A concepção epistêmica é aqui entendida como o lugar, o espaço racional do saber local, empírico e reflexivo do indivíduo que se propõe a fazer a inversão de marcha aos padrões hegemônicos e excludentes da geopolítica do saber a partir da apropriação do pensamento disciplinado e linear construído dentro da lógica abissal.

b) MATURAÇÃO FILOSÓFICA E EPISTÊMICA

– A fase da maturação filosófica e epistêmica, é aqui entendida como a fase de questionamentos sobre a realidade social complexa dos *guetos*, *musseques* e da periferia pensada dentro e fora destes espaços epistêmicos, e aplicar sobre eles, o olhar consciente da racionalidade epistêmica, crítico e acrítico sobre suas formas e sentidos de pensar e do fazer ciência, observando no entanto, sua transversalidade entre as fronteiras interconexas que se lhe impõe na construção de saberes não dissociados nas ‘lides’ da contemporaneidade.

Portanto, este questionar na fase de maturação filosófica e epistêmica, implica conceitos e experiências do pensamento disciplinado, e a necessidade da racionalidade para uma filosofia equalizadora de saberes entre os espaços produtores do saber.

c) APOGEU EPISTÊMICO

– O apogeu epistêmico, é aqui entendido como a fase amadurecida do saber empírico, teórico e metódico direcionado a releitura crítica e acrítica das epistemologias construídas sobre o social empírico e reflexivo do espaço geográfico, político e econômico do saber epistêmico, e sobre ele exercer o exercício racional e ilimitado da consciência humana, da dialética e do seu olhar

treinado (ofício) para a inversão de marcha epistêmica sobre as interpretações sociológicas dissociadas da hegemonia global do pensamento abissal.

#### d) TRANSGIFURAÇÃO EPISTÊMICA

– A transfiguração epistêmica, é aqui entendida como formas e modos de se posicionar ao olharmos para a construção racional do saber epistêmico encarnado nos sujeitos, e transmitido reflexivamente de geração em geração a partir de uma filosofia própria de vida e questionadora de saberes das sociedades locais e nativas (*guetos*, *musseques* e periferias – o mundo periférico) enquanto objeto de interpretações sociológicas e produtoras de saberes contextualizados da realidade social cotidiana do qual não somos neutros.

Assim, esta filosofia epistêmica da Sociologia da transgressão não deve ser vista ou encarada como uma mera ilusão do pensar e do fazer ciência, quando na verdade a própria Sociologia estimula-nos a questionamentos crítico-científicos da realidade social dialogada metodicamente com outros saberes do cotidiano racional do homem. Tanto que a “consciência humana busca comensurar-se a si mesma num movimento que transgride, continuamente, todos os seus limites” (FREIRE, 1987, n.p.), de modo a fazer jus a natureza questionadora das interpretações sociológicas que o meio enquanto campo empírico, teórico e metódico lhe impõe a pensar reflexivamente.

Entretanto, transgredir a partir da Sociologia da transgressão significa por um lado lutar epistemicamente e por outro, tomar posição da palavra e torná-la viva, presente e autônoma para que a dominação epistêmica sobre nossa racionalidade e dialética, não possam ser invisibilizado dentro da lógica opressora do fazer e do pensar crítico-científico. Tanto que “os dominados, para dizerem a sua palavra, tem que lutar para tomá-la” (FREIRE, 1987, n.p.), e isso só é possível se haver por parte das periferias, *guetos* e *musseques*, um movimento de inversão de marcha do saber disciplinado e hegemônico da linha global abissal que divide-nos em zonas coloniais e colonizadoras, eliminando no entanto toda a nossa realidade epistêmica, cultural, política e social.

Tanto é que “as divisões lavadas a cabo pelas linhas globais são abissais no sentido em que eliminam definitivamente quaisquer realidades que se encontram do outro lado da linha” das zonas coloniais (SANTOS, 2009, p. 26). E as linhas coloniais invisibilizadas são as periferias, *guetos* e *musseques* enquanto espaços produtores de vida social complexa possível de contextualização e de interpretações sociológicas. Assim, transgredir para nós é ir ao último

advento da ciência crítica e construir conceitos que reflitam interdisciplinarmente as interconexões que constituem o pensamento epistêmico e a sua construção dentro do espaço social que é periférico, *gueto* e *musseque*.

Contudo, a Sociologia da transgressão é necessária e fundamental aos dias atuais para se pensar criticamente o saber disciplinado produzido e reproduzido pelas academias e pelas experiências vivenciadas no fazer e no pensar a racionalidade científica do mundo periférico (*guetos*, *musseques* e periferias), da geopolítica do saber, do racismo epistêmico e das epistemologias hegemônicas do ocidente.

Pois que transgredir é inverter a marcha da geopolítica do saber e do poder epistêmico hegemônico do saber abissal sustentado pela dominação e apropriação do saber invisibilizado do mundo periférico não hegemônico. E a construção deste advento crítico do pensar e do fazer ciência a partir da Sociologia da transgressão, implica articulação, luta e afirmação epistêmica dos corpos epistemicamente excluídos do construir e desconstruir pensamento crítico-científico das nossas difíceis realidades sociais e objeto de interpretações teórico-metódico e empírico da Sociologia questionadora do mundo social.

Portanto, questionar o mundo social periférico e o mundo ocidental, é posicionar-se e assumir a articulação reflexiva para (des)construir saberes politicamente sustentados pela geopolítica do saber, pelo racismo científico e pela dominação do espaço periférico excluído do saber, de suas fronteiras e de suas interconexões epistêmicas. E eu enquanto sujeito pesquisador desde mundo periférico e excluído, me coloco como um corpo epistêmico que rompe fronteiras impostas pelo pensamento epistêmico abissal e busco dialogar na interdisciplinaridade a necessidade de inverter a marcha para a construção de saberes críticos que reflitam epistemicamente sentidos e significados de nossas realidades epistemicamente difíceis, ao mesmo tempo que se reafirma a existência de saberes e de intelectuais do mundo periférico social, político, econômico e geograficamente excluído pelo ocidente – opressor epistêmico.

### 5.1. SOCIOLOGIA COMO ESPAÇO DE LUTA NO CURRÍCULO ANGOLANO

A Sociologia é uma ciência como Bourdieu (2019) nos diz, inquieta e questionadora. É uma ciência de lutas constantes pela construção e interpretação da realidade social postulada pela crítica e pelo olhar desapaixonado a realidade social, ajudando-nos portanto, na

transformação e compreensão da realidade social dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social angolana e de seus *musseques*.

Para que esta transformação e compreensão do social seja possível, é fundamental no entanto, o ensino da Sociologia desde o ensino básico<sup>47</sup> ao superior para que o jovem estudante cresça e tenha desde a base um posicionamento próprio, um olhar reflexivo e crítico sobre a realidade social que o envolve, e a partir daí começar a pensar de forma empírica, teórica e metódica, o mundo e a realidade presente no seu quotidiano, e, pensar inclusive como a própria Sociologia o ajuda nestas observações assistemáticas ou planejadas, e treinadas pela realidade vivenciada e experimentada por ele.

Pois, é a partir deste olhar próprio e independente que o sujeito da realidade se torna autônomo e inquieto, e passa a olhar para a realidade com uma certa particularidade que o excita a pensar de forma racional e sistemática a realidade social complexa que o envolve, e como o ensino tem o ajudado na formulação e compreensão desta realidade não simples do fazer e pensar a realidade social hermética angolana, uma vez que não existe em nossa sociedade um método, uma atividade ou procedimento técnico “que se sustente sem uma base teórica e um conteúdo programático sistematizado e acumulado ao longo das gerações” para se pensar, teorizar e compreender a realidade social dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da realidade social e das estruturas sociais dos seus *guetos* e *musseques* do país (LIMA; LEMOS; ANAYA, 2006, p. 146).

E nós sabemos muito bem que, esta compreensão e transformação do mundo social a nossa volta, só é possível pelo ensino, não o ensino ‘tradicional – o reprodutor’, mas o ensino ‘questionador e transgressor’ do que é passado ou ensinado e como o que é passado ou ensinado influencia na leitura e releitura da realidade. Tanto mais que a Sociologia tem a finalidade de ordenar e sistematizar teórica e metodicamente os fatos e fenômenos que acontecem nas sociedades. Além do mais, “a própria história do pensamento sociológico mundial não é mais do que a descrição do que acontece nos principais centros de produção, circulação e divulgação sociológica de alguns países” (MANUEL, 2016, p. 5). E Angola e seus *musseques* são centros de produção de vida social e de relações sociais diversas que nos convidam a descrição e hermenêutica sociológica à todo instante.

Esta descrição só é possível entretanto, com a participação do sociólogo na vida ativa da sociedade através da hermenêutica sociológica e do seu olhar não especializado, mas treinado a leitura, releitura e interpretação do contexto e dos factos e fenômenos do tecido social

---

<sup>47</sup> Tal como já acontece hoje, embora esta seja uma disciplina optativa para todas as áreas do ensino médio.

em que as reflexões sociológicas contextualizadas são feitas. Pois a Sociologia é a vida no seu todo, é a produção da vida e suas particularidades na sociedade, ela está presente em tudo e é conduzida pelas inúmeras percepções interpretativas e analíticas de seus sujeitos, mestres e metras da realidade social. “A Sociologia está presente em todos os espaços onde a vida em sociedade se dá e se produz” (CANDIENGUE; OSSAGÔ, 2022, p. 111). E é nesta perspectiva de a Sociologia estar presente na vida social e sob diversas perspectivas hermenêuticas de compreensão do espaço, que a Sociologia não deve ser vista como só mais uma ciência na estrutura curricular em Angola. Pois ela vê nos fatos teoria e conseqüentemente vê teoria nos fatos que a realidade social do quotidiano lhe oferece.

Portanto, tudo isso passa pelo currículo, passa pelo conteúdo programático do que é ensinado, e passa também sobretudo, pelos pressupostos básicos que a cultura e a educação nos oferecem para promover a interação reflexiva entre a teoria hermenêutica da Sociologia e a prática epistêmica da realidade social dos entes sociais no espaço sociocultural e político do país.

Assim, discutir a Sociologia como um espaço de luta no currículo angolano, significa olhar para a Sociologia como uma necessidade de ensino, de pesquisa e de questionamentos inesgotáveis do substrato social, e a sua autoafirmação curricular e social. Pois a Sociologia no substrato social angolano, implica manter-se inquieto ao conformismo intelectual, reflexivo e racional, inquieto com a realidade social angolana no presente para pensar como a realidade social angolana se constituiu, o que é Angola nas suas mais diversas perspectivas e concepções epistêmicas.

E aliás, a Sociologia e o fazer sociológico como ação reflexiva e metódica do sociólogo, é algo sério e exige responsabilidades redobradas no que se dá e no que se recebe como resultado da ação reflexiva da ciência sociológica no seu amplo contexto atualizado a realidade, e como meio de construção teórica dos fatos observados e produzido pela vida e pelas relações sociais de seus sujeitos, mestres e metras da cultura e da realidade social.

Pois a Sociologia é na concepção de Manuel (2016), uma ciência séria e contextualizada, que precisa aprofundar em Angola, os seus instrumentos de marcha para que ela seja compreendida pelo público e pelo Estado que traça e orienta políticas educacionais para a institucionalização<sup>48</sup> prática ou não do fazer ciência como um todo e do fazer sociológico como uma necessidade epistêmica da ciência sociológica local produzida em Angola em função da sua posição curricular no ensino médio e a visibilidade que a esta se dá nos mais variados

---

<sup>48</sup> Compreenda-se institucionalização na dimensão prática do fazer e pensar a Sociologia como disciplina interpretativa da realidade e como ciência prática e crítica.

níveis de ensino. Pois é com a valorização da mesma que se compreenderá a transformação do social e a compreensão do mundo epistemicamente reflexível, e que saberes e debates giram em torno da Sociologia no currículo local, nacional e fora dele. Tanto mais é que, “a teoria curricular está fundamentada em considerações sociais, e a primeira pergunta que se deve fazer ao elaborar um currículo é: como responder às necessidades sociais” (LIMA; LEMOS; ANAYA, 2006, p. 149).

E o que constitui o foco do currículo é o conhecimento, é o que é produzido de facto. E é este conhecimento que nasce das indagações e dos inconformismos científicos e tecnológicos que se constroem saberes sobre a realidade social implexa, e como o processo de ensino e aprendizagem influencia o indivíduo e as instituições de ensino a colocarem em prática estas questões no centro da ação teórico-reflexiva do pensar a sociedade e suas tendências analíticas no agora.

Mas isso também só é possível, se haver uma relação estreita e compacta entre a Sociologia como ciência da realidade social complexa e as concepções do currículo a implementar para que este exercício prático do ensinar aprender, do aprender a fazer e do observar reflexivo a partir da racionalidade, expresse o projeto socioeducativo do país. Pois o currículo não é algo alheio, estranho e abstrato a nossa realidade social. Currículo é vivência, é prática, é cultura e é espaço de distinção de saberes concretizados nas mais diversas perspectivas hermenêuticas do fazer e pensar ciência.

É a partir portanto do currículo que imaginamos lugares diferentes que concebem o currículo colocando em ênfase as formas teórico-reflexivas e epistêmicas pelas quais as construções sociais e seus significados e conceitos se desenvolvem como pensamentos resultantes da produção teórica influenciada pelo currículo e pensado sobre a educação, a realidade, a identidade e a teoria crítica epistêmica e curricular no e do espaço.

Assim, conceber a Sociologia como um espaço de luta no currículo angolano, é compreender que a ciência é uma construção interconexa de compreensão multidisciplinar, transdisciplinar e interdisciplinar, de saberes teóricos e racionais refletidos sobre os fatos e fenômenos do homem. E o currículo é sempre uma construção dos fatos e fenômenos do homem, é sempre uma construção social do quotidiano dos entes sociais, enquanto sujeitos, mestres e mestras de realidade social contextualizada política e ideologicamente por perspectivas hermenêuticas distintas do espaço e do tempo. Pois este é um plano de intenções que segundo Varela (2013), se justifica por inúmeras experiências e perspectivas educacionais no processo de ensino e aprendizagem.

Tanto mais é que,

o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que esses conhecimentos e não aqueles devem ser selecionados (SILVA, 2010, p. 15).

Este critério de seleção de conhecimentos teorizados e metodicamente sistematizados pelos olhares do interesse político ideológico do currículo, e muitas vezes com o interesse de formar corpos especializados e com o pendor econômico para os Estados, alguns saberes são deixados de fora ou não se lhe dá o devido valor em função da consciência crítica dos sujeitos que resultam destas concepções epistêmicas. Pois num país como o nosso não se está preparado para a crítica do que se faz, do que se pensa, do que se olha e nem tampouco os governantes e os sistemas governamentais estão preparados para isso ou a sua discussão na generalidade, e tudo isto porque na visão de Manuel (2016), nós vivemos mais pelo que é feito ou produzido pelo ocidente.

E nesta perspectiva, cada ciência nos dias de hoje, produz mediante a atenção que o espaço social institucionalizado ou não, os sujeitos, mestres e mestras da realidade social dedicam a ela mediante incentivos e abordagens curricular. Pois o currículo e o sistema educativo em nossas sociedades, desenvolvem justamente aquilo que é proposto pelo currículo e refletido na ação prática (SILVA, 2006), e nesta perspectiva, “deveríamos dar atenção aos conteúdos transmitidos em sala de aulas” (LIMA; LEMOS; ANAYA, 2006, p. 146).

Mas infelizmente os nossos currículos em Sociologia, tida como optativa ou facultativa no ensino básico, não dão indícios de mudança de paradigmas por não refletirem a realidade teórico-crítico que o jovem estudante precisa para compreender a sua realidade e com ela pensar criticamente outras geografias da vida social. Pois ela nos parece estar *cafricada*<sup>49</sup> pela política em função do sistema que não permite críticas e questionamentos, do governo e de quem nos governa. E segundo Manuel (2016), Angola no seu todo, está ainda muito à quem do fazer sociológico e precisa fazer muito e muito mais sobre o saber sociológicos a nível local.

É portanto este saber sociológico, seu ofício e seu estilo de vida pela sociologia, que se muda o curso atual da consciência crítica, da Sociologia dirigida a escola e da Sociologia no país, uma vez que os sociólogos angolanos, e claro sem generalizar, são,

individualizados e despreocupados em avançar o atual estágio de conhecimentos e pouco apoiados ou solicitados em termos de encomendas técnicas por entidades governamentais, da sociedade civil e das empresas, nós, os sociólogos, vivemos mais do que é produzido fundamentalmente no ocidente (MANUEL, 2016, p. 7)

---

<sup>49</sup> Sufocada, apertada.

E é justamente nesta apropriação do que vem do ocidente e de análises de outras realidades distintas a nossa e não contextualizadas a nossa realidade, que a consciência que se constrói a nível da realidade social local dos *musseques* e dos *guetos*, é a consciência reprodutora do dito e do ressignificado pelo ocidente e suas academias, impondo-nos assim por outro lado, teorias ideológicas e metódicas sobre diversas concepções dos nossos próprios *guetos* e *musseques*, das nossas realidades, e concepções contrárias à nossa ancestralidade e espiritualidade, das nossas práticas, culturas e identidades enquanto reflexos do fazer e pensar as especificidades de cada lugar, de cada espaço e de cada sujeito parte do *musseque*.

E esta consciência se dá justamente porque o currículo que se ensina não reflete e não contempla a realidade social destes sujeitos, mestres e mestras enquanto parte viva, cultural e indenitária dos *guetos* e *musseques*. Assim por exemplo, pensar democracia em Angola, é diferente pensar democracia no ocidente, pensar cultura, identidade e educação ou direitos humanos é totalmente diferente pensar estas questões no ocidente. Entretanto, o nosso olhar, a nossa produção sociológica, a nossa hermenêutica e o nosso posicionamento epistêmico é fundamental e indispensável. E isso não significa portanto, negar o outro lado, significa dialogar as nossas concepções contextualizadas com as demais concepções de outras geografias epistêmicas no sentido de não deslegitimar uns em detrimento dos outros.

Assim, o currículo deve ser portanto, o reflexo da realidade social, deve ele ser a sociedade no seu todo, pois a sociedade é na concepção de Candiengue e Ossagô (2022, p. 103);

um campo múltiplo de saberes, de olhares complexos, de culturas, vivências e epistemologias que ultrapassam fronteiras e limites da racionalidade epistêmica. É um espaço de saberes descobertos e não descobertos pelos seus atores e agentes, é um espaço que proporciona a todos a oportunidade de se descobrir, se desenvolver e aplicar as suas capacidades intelectuais e racionais que despertam a inquietude epistêmica da descoberta e da busca por explicar o descoberto por meio de seus argumentos empíricos, filosóficos, teóricos e epistêmicos, que resultem na construção do saber científico crítico, analisado, sustentado e argumentado pelo olhar multi, pluri e interdisciplinar do sociólogo.

Pois,

o sociólogo, enquanto agente e ator dotado de capacidades teórico-analítica do saber, deve promover o olhar treinado [...] como forma e meio de produção de saberes que contemple as necessidades da racionalidade epistêmica no seio das universidades, dos académicos, grupos de estudos, pesquisas, pesquisadores e profissionais diversos, pois a Ciência exige de nós rigor e excelência na sua construção. Rigor este que passa por um processo complexo de olhares objetivos e subjetivos sobre o espaço e o objeto racional a construir. Este saber se dá e se constrói dentro da estrutura social (CANDIENGUE; OSSÁGO, 2022, p. 102 – 103)

Portanto, é dentro desta estrutura social complexa que o currículo deve ser pensado para que o rigor exigido pelo fazer e pensar ciência, se faça presente na racionalidade epistêmica do quotidiano do sujeito, mestre e mestra da cultura e da realidade social. E é a partir portanto deste rigor e conexão com a realidade que comprova-se que “o currículo não é uma realidade abstrata, à margem do sistema sócio-económico, da cultura e do sistema educativo no qual se desenvolve e para o qual é proposto” o currículo em determinada sociedade (SILVA, 2006, p. 4822). O currículo tem sempre uma missão a cumprir no seio da estrutura social da sociedade em que este é pensado, e a sociedade reflete por sua vez, o tipo de instrução planejada pelo currículo.

Tanto mais é que, quando se define o currículo de uma determinada sociedade ou de um espaço social, se está portanto a descrever no seu todo, as variáveis e funções exatas das instituições académicas e não académicas, a evocar particularidades históricas, sociais, políticas, culturais e ideológicas na construção do próprio currículo e da ciência resultante deste currículo pensado para cada nível de instrução teórico-epistêmico e crítico do fazer e pensar ciência. Pois, “a definição do que vem a ser conteúdo do ensino e de como se deve proceder para seleccioná-lo é o cerne de qualquer processo educativo, bem como da prática de ensino” para a construção de um currículo real que estimule aos sujeitos, mestres e mestras da realidade social, mudanças de ações e comportamentos que estimulam e possibilitam ao sujeito da educação desenvolver raciocínios hermenêuticos sobre a realidade social concreta do quotidiano (LIMA; LEMOS; ANAYA, 2006, p. 149).

Assim, a Sociologia é e deveria ser sempre, o elemento fundamental e indispensável na construção deste currículo por quanto que, ela nos apresenta no seu todo, o olhar empírico e metódico, treinado, e de carácter questionador, crítico e reflexivo às funções concretas da própria escola<sup>50</sup> enquanto elemento de construção da sociedade e reflexo direto do processo de ensino e aprendizagem na realidade social dos sujeitos, mestres e mestras dos *guetos* e *musseques* enquanto realidades herméticas. Tanto mais que, a “questão principal está em investigar de que forma esses conteúdos serão importantes na prática do educando em seu quotidiano” (LIMA; LEMOS; ANAYA, 2006, p. 149).

---

<sup>50</sup> Compreenda-se escola não apenas como aquela a tradicional, a escola dita formal, mas compreenda-se escola como todo o lugar onde o processo de ensino e aprendizagem decorre e se dá de diversas formas. Este processo decorre quer seja das escolas formais, quer seja das escolas não formais (as escolas dos mestres e mestras da realidade social complexa).

Entretanto, se deve a todo custo, compreender o conhecimento sociológico no currículo e a sua relevância na ação prática do ensino da Sociologia na realidade escolar dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social como hermenêutica da Sociologia científica que vai a escola enquanto currículo, e o que se apresenta a nível teórico, empírico, reflexivo, crítico e metodológico ao pensar-se a Sociologia no espaço social angolano e a sua luta na construção do currículo questionador a nível da educação quer seja básica ou superior. Pois a Sociologia impõe-nos a todos nós, desafios teóricos e metodológicos para a construção de um currículo que abre perspectivas para a compreensão da realidade social objetiva e/ou subjetiva dos sujeitos, mestres e mestras da realidade.

E isso não passa apenas pela institucionalização acadêmica da Sociologia na estrutura curricular local, passa pela criação de condições científicas que permitam aos sujeitos a criação de outros fundamentos epistêmicos que giram em torno da Sociologia pensada reflexivamente, ensinada e sobretudo refletida na realidade social dos entes sociais envolvidos de forma prática e epistêmica na produção destes saberes sociológicos pensados a partir das questões profundas da hermenêutica sociológica e das variáveis pragmáticas do fazer e pensar as ciências sociais como um todo.

É fundamental portanto, fazer uma reflexão hermenêutica profunda da epistemologia sociológica no currículo angolano para que esta conduza por meios próprios, esclarecimentos fundamentais de seus conceitos epistêmicos sobre a realidade e a condição científica do fazer e pensar científico no país de modo geral, e em particular por cada variável pragmática e metodológica da ciência como disciplina escolar e da ciência como construção categórica e epistêmica do saber, construindo assim uma única ciência da sociedade angolana - o pensamento social angolano. Este por sua vez, deve proporcionar conhecimentos necessários e com a qualidade requerida para que a escola e o currículo cumpram a sua função social. Tanto mais que a escola e a educação escolar são antes de mais,

uma prática social imbuída de forte função socializadora e personalizadora. Isto significa que a escola e a educação alicerçam todo o seu programa numa determinada forma de entender as relações entre o desenvolvimento humano e o contexto social e cultural no qual, sempre e necessariamente, este desenvolvimento tem lugar, (INIDE, 2013b, p. 19).

É prática social contextualizada da hermenêutica sociológica angolana que o currículo real explica e concebe a natureza do pensamento social angolano enquanto teoria epistêmica da realidade social dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social. É portanto por meio desta prática contextualizada que a influência do currículo e do conhecimento experienciado e aprendido pelo que é transmitido e pela relação do currículo com a sociedade que se determina

o que currículo em sociologia deve transmitir para o exercício da ação reflexiva do conhecimento e a cultura acadêmica necessária para compreender e interpretar a diversidade sociocultural, curricular, ideológica e política do país e de seus grupos sociais.

Portanto, olhar para a Sociologia como um espaço de luta curricular, é no entanto ver a Sociologia e na Sociologia, uma competência e um saber necessário que procura compreender, analisar, questionar e interpretar o mundo social e os problemas sociológicos e epistêmicos nele existente, constituindo-se assim, no artefato social e cultural das relações sociais emaranhadas dos sujeitos, mestres e mestras da realidade reflexiva e interconexa.

## **6. A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO**

A construção de toda e qualquer teoria social sobre a realidade epistemicamente reflexiva, crítica e interpretável pela Ciência Social hoje, passa por um longo processo de construção e desconstrução de olhares que trazem para o espaço observado, teses e argumentos que sustentam a realidade epistêmica e racional dos fatos e fenômenos do espaço pensado pelos sujeitos, mestres e mestras da realidade. Estes sujeitos, mestres e mestras da realidade, são membros da sociedade pensada e partes da realidade epistemicamente observável pela teoria social e pelo fazer e pensar a teoria social local.

Tanto mais é que Angola é no seu todo, um complexo campo de acontecimentos, de vivências e de experiências que se constituem como um mosaico emaranhado de saberes úteis e indispensáveis para o aporte teórico da teoria social local. Pois, a teoria indica saberes epistemicamente reflexivos e críticos, prevê fatos e assinala lacunas do nosso conhecimento, da nossa racionalidade epistêmica e do nosso pensar e fazer ciência “sob condição de dominar, pela análise teórica, os efeitos da relação com a prática que está inscrita nas condições sociais de toda a análise teórica da prática” do fazer e pensar ciência social enquanto teoria epistêmica da realidade social angolana (BOURDIEU, 2019, p. 69).

Entretanto, a teoria social para a realidade social epistêmica angolana, tem “a tarefa de fornecer concepções da natureza da atividade social humana e do agente humano que possam ser colocadas a serviço do trabalho empírico” (GIDDENS, 2013, p. XVIII). E no entanto, cabe ao sociólogo, ao estudante da Sociologia, ao pesquisador e a própria Sociologia local contextualizada, fazer a (re)leitura empírica, teórica, interconexa e metódica desta realidade epistemicamente interpretável e questionadora do fazer e pensar o social como um todo complexo. Além do mais, “a explicação sociológica, nestes termos, supõe, ao mesmo tempo, o

conhecimento das condições que garantem o caractere ordenado, regular e universal das atividades sociais” (CARDOSO & IANNI, 1965. p. 9), dos sistemas sociais e da produção da vida em sociedade. Pois “o campo dos problemas sociais não deve ser considerado como paralelo aos campos da estrutura social [...]” (ROSE, 1967, p. 17).

Assim, a construção do pensamento sociológico angolano, é um desafio que passa por todos nós sujeitos parte desta realidade epistemicamente reflexível e passível de interpretações múltiplas do fazer e pensar a realidade social contextualizada. Aliás, nós não somos sujeitos alheios a esta realidade social contextualizada, nacional, nós somos partes desta realidade, somos sujeitos, mestres e mestras desta realidade epistemicamente difícil. A nossa vida é portanto uma prática da ação interconexa dirigida para interpretar, discutir e servir um determinado fim passível de releituras múltiplas do fazer e pensar ciência a nível da realidade social local e nacional enquanto espaço de saberes dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social.

Todavia, o pesquisador que adota a vida pela Sociologia, o sociólogo de ofício e não aqueles de ‘gabinetes’, ou dos ‘estudos e discursos encomendados’, são atores sociais que por sinal são “ao mesmo tempo, sujeito e objeto do conhecimento sociológico” que procuram conhecer no desconhecido conhecimentos da realidade teórico-social (BRESSAN, 2008, p. 8). Assim, “todo o ator social competente é em si mesmo um teórico social que rotineiramente faz interpretações do seu comportamento e das intenções, razões e motivos de outros que são fundamentais para a produção da vida social” (GIDDENS, 1993, p.174). Portanto, “a prática humana não é e não pode ser neutra, de forma alguma” na leitura, releitura e interpretação desta realidade empírica, metódica e teórica do fazer e pensar a teoria social local contextualizada (LUCKESI, *et al*, 1985, p. 66).

Tanto mais é que, nós somos sujeitos da realidade, somos mestres e mestras desta realidade social local e nacional pensada teórica, empírica e metodicamente. Nós somos a realidade. Discutir o pragmatismo epistêmico desta realidade social como parte de nós mesmos, exige treinamento, e orienta-se pelo senso da realidade pautada pelo saber e pela compreensão do conhecimento que é produzido com o fazer a realidade e com o produzir a vida social. Pois a nossa subjetividade é tão rica, mas tão rica que nos dá diversas perspectivas de olhar e pensar o mundo social que nos envolve de modo a fazermos com que se construa novos horizontes, novas perspectivas, novos raciocínios e novas abordagens do fazer e pensar epistêmico à realidade refletida de forma intencional na produção crítica e acrítica do saber teórico da realidade social angolana.

Tanto é que,

eu **enquanto sujeito parte desta realidade**, quero simplesmente contribuir para a produção de instrumentos de análise que não isentem os intelectuais **da minha realidade, os intelectuais do meu espaço e os mestres e mestras da realidade**: penso que a Sociologia dos intelectuais seja um pré-requisito para toda ciência do mundo social **do qual eu sou parte e sujeito produtor da vida social**, que seja necessariamente por intelectuais ((**grifos nossos**)) BOURDIEU, 2019, p. 16 – 17).

Quero “eu” portanto, continuar a refletir em conjunto com os meus pares, e a partir da nossa subjetividade, e da objetividade treinada pelo ofício da Sociologia e pelo modelo próprio de vida conduzida nos ditames do fazer a sociologia e do seu ofício não especializado, contribuir na ação intelectual do fazer e pensar a progressão, e a projeção da realidade epistêmica da teoria social local como reflexo da realidade social dos sujeitos, mestres e mestras da realidade comprometidos com a produção epistêmica da realidade social angolana.

Pois é este pensar racional, crítico e interconexo, teórico, metódico e empírico, que dá existência da teoria social nacional, local e da análise comprometida com a ciência reflexiva, crítica e acrítica construída com e pela realidade prática de seus sujeitos, mestres e mestras da realidade. Tanto que a “ausência de teoria, de análise teórica da realidade, que cobre a linguagem do aparelho, gera monstros” (BOURDIEU, 2019, p. 20), gera sujeitos ingênuos, sujeitos não comprometidos com o fazer e pensar a complexidade epistêmica da realidade social e da teoria resultante da atividade reflexiva desta realidade sociologicamente interpretável.

Assim,

continuar de modo refletido a ação intencional requer muita atenção quanto à evolução da situação, além de uma constante avaliação da progressão. Tal atenção permite um tipo de diascopia, um olhar mais preciso e mais constante para a situação, seus elementos e sua evolução e faz descobrir muitos fatos e aspectos, entre os quais alguns que ocorrem durante a ação e outros que se revelam por meio da ação. O ator toca, sente o que está acontecendo, ele ouve, vê, tem consciência. Às vezes, ele tem consciência de encontrar o que ele previa, receava, ou esperava; as vezes, ele tem consciência de estar diante do imprevisto; ou ainda, ele está diante do que já é familiar, mas pode acontecer também que ele esteja diante do novo e mesmo diante do inesperado. A medida que ele sente e toma consciência, o ator se dedica a interpretar o que ele encontra, compreender o sentido e a discernir as implicações para prosseguir sua ação (MORIN, *et al*, 2007, p. 102 – 103)

Assim é a ação dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social hermética sobre a epistême direcionada a (re)leitura, interpretação e construção de saberes sobre o espaço empírico local pensado epistemicamente para a produção pragmática de saberes, construção da teoria social e para a construção da consciência transgressora ao ortodoxo na (re)leitura do local, do nacional e das suas especificidades. Entretanto, esta leitura e releitura, acontece na medida em que o sujeito, mestre e mestra da realidade social toma consciência da realidade e sobre ela

pensa de forma racional, teórica, metódica e empiricamente. Tanto é que “a teoria sociológica foi construída através do exame dos dados sociais feitos sob vários pontos de vista” do olhar treinado e analítico do profissional da Sociologia e do estilo próprio de vida dotado pelo fazer, pensar e viver a Sociologia do quotidiano social, (ROSE, 1965, p. 62).

A teoria sociológica local, nacional, proporciona assim aos seus sujeitos, mestres e mestras da realidade, a compreensão explícita do espaço dentro do espaço social complexo que os envolve. Esta compreensão, só é possível pela ciência e pelo olhar treinado do teórico pesquisador da realidade social onde a acção dos sujeitos, mestres e mestras da realidade se torna dado e variável importante de análise e de interpretação teórica, e epistêmica do quotidiano sociológico enriquecido pelas dinâmicas diárias de seus sujeitos. Aliás, a teoria é no dizer de Bourdieu (2019), um elemento essencial que tem por efeito, proporcionar aos pesquisadores e académicos uma melhor percepção do mundo social.

Propor portanto, uma teoria social nacional para Angola, é explicar epistemicamente o mundo social que nos envolve enquanto sujeitos partes desta realidade, e compreender a acção intencional e racional do fazer ciência não ortodoxa para explicar as especificidades locais contextualizadas e o olhar nativo sobre a realidade interpretável pela ciência social local. Pois o propósito da ciência hoje, é portanto na concepção Goode e Hatt (1977), procurar compreender o espaço social empírico em que a acção humana e a produção da vida social se dá. Pois,

toda ciência deve explicar, com os seus próprios meios, o maior número de coisas possíveis, inclusive coisas que sejam aparentemente ou realmente explicadas por outras ciências. É nessa condição que ela pode fazer para as outras ciências – e para si mesma – verdadeiras perguntas, e destruir explicações aparentes ou colocar claramente o problema da sobredeterminação (BOURDIEU, 2019, p. 46).

Além do mais, ela se constitui na base fundamental para a construção das variáveis básicas dos paradigmas epistêmicos considerados essenciais para a pesquisa, para as observações, (re)leituras e interpretações sociológicas da teoria empírica da realidade, crítica e reflexiva, bem como a construção de novos horizontes da teoria social local ou nacional, e de novas perspectivas epistêmicas do fazer e pensar a acção teórica da realidade social implexa dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da realidade. E para isso, é fundamental portanto, uma observação teórica da realidade pautada pelo olhar da sociologia e de seus campos auxiliares.

Este olhar, seria portanto o olhar da Sociologia Angolana, o olhar da teoria social local, nacional. Aliás é por meio deste olhar e destas observações do quotidiano, que teríamos a

capacidade de explicar, analisar, demonstrar e questionar de forma crítica e reflexiva o saber ortodoxo em Sociologia sobre Angola e seus sujeitos. Outrossim, teríamos uma ciência sociológica da não reprodução, nem uma Sociologia da recessão de tudo o que nos chega por via da universidade ou do currículo por via do ensino da Sociologia. A teoria sociológica angolana seria assim o paradigma de fundamento para a construção epistêmica da teoria social e local. Pois o “o paradigma funda os tipos de explicação cabíveis, e os tipos de fatos a descobrir por uma ciência. Ele é a concretização da epistemologia porque sugere uma abordagem de pesquisa” sobre os fatos e os fenômenos da realidade social (MORIN, *et al.*, 2007, p. 60).

Esta realidade social é ilimitada e complexa<sup>51</sup>, por isso, cabe a nós acadêmicos, pesquisadores e profissionais da Sociologia, desconstruir a complexidade do real e ampliar a partir das variáveis discussivas da Sociologia, a consciência prática, crítica e analítica do fazer ciência e dar resultados ao espaço pesquisado com o fluxo contínuo de debates que agreguem valor à ciência local, ao pensamento racional, teórico, metódico, empírico e epistêmico local capaz de refutar erros e falsificações de hipóteses científicas da realidade local.

Então, o nosso ‘eu’ racional, crítico, teórico, metódico, observacional e profissional científico e academicista, deve ser progressivamente direcionado a produção epistêmica do saber local, do espaço do nosso eu e defende-la a partir do estudo do conhecimento científico contextualizado nas nossas realidades socialmente de difíceis compreensão. Tanto mais que a ciência se constrói com a compreensão das dinâmicas da objetividade e da subjetividade pelo qual olhamos nossas hipóteses, variáveis e posições científicas. Mas para isso é preciso defender a ciência e construí-la a todo instante. É preciso se auto afirmar e dizer, ‘eu amo o olhar treinado da ciência e o modelo fascinante de vida por mim adotado enquanto profissional da ciência’, é preciso dizer tal como Bourdieu (2019) diz “eu amo a ciência” e com ela procuro desprender-me da recusa inconsciente do não fazer ciência num espaço fértil e cheio de variáveis científicas. Aliás, produzir conhecimento diariamente, é no dizer de Luckesi, *et al.* (1985), uma capacidade inesgotável, prazerosa e uma necessidade eminentemente humana dirigida à descoberta e ao conhecimento do desconhecido.

---

<sup>51</sup> Complexa porque a realidade social angolana, é constituída por um conjunto interconexo de tecidos heterogêneos inseparáveis conectos aos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade, e que exercem sobre a realidade, acontecimentos, ações, sentidos, interações, valores, experiências, e determinações que fazem o quotidiano fenomenológico da realidade social angolana como um mosaico complexo da realidade objetiva lida pelo olhar subjetivo do profissional treinado pela ciência nacional contextualizada, e produtor de saberes e conhecimentos não especializados. Pois é a partir deste olhar treinado de saberes não especializados, que este procura pensar a realidade social dos *guetos* e *musseques* de forma aberta, criativa, reflexiva, teórica e responsável as implicações dum todo implexo do tecido social angolano.

Neste sentido, é preciso que o profissional da Sociologia, pesquisador sociólogo dotado de treinamentos interconexos não especializados, e com o compromisso cerrado com a ciência, e possuidor da moral intelectual, “se mantenha pronto a fazer descobertas que hão de surpreendê-lo e desconcertá-lo” ao desenvolver hipóteses e variáveis epistêmicas que oferecem ao seu olhar treinado, validade e verificabilidade da teoria sociológica à construir, (DURKHEIM, 2002, p. XIX. Tanto mais que, “é necessário que, ao penetrar no mundo social, tenha ele consciência de que penetra no desconhecido”, e com ele produzir conhecimentos, produzir teses, argumentos e variáveis válidas para a construção constante do pensamento social angolano, como teoria da realidade pragmática e epistêmica do saber reflexivo, prático, crítico, racional e consciente, (DURKHEIM, 2002, p. XIX).

Aliás,

como seres humanos que somos, devemos, para com o nosso exercício de desvendamento da realidade e sua conseqüente divulgação, nos ater a um conjunto de procedimentos que pertencem a um âmbito de reflexão que poderíamos chamar de “moral intelectual”. São certos princípios que devem orientar a conduta de todos aqueles que, aqui e acolá, se dedicam a exercer a acção de conhecer, discutir e divulgar conhecimentos (LUCKESI, 1985, p. 79)

Tanto mais que,

cabe ao sociólogo exercer sobre a realidade o olhar sociológico capaz de interpretar, questionar e analisar como um todo complexo a realidade social, e transformá-lo em conhecimento epistemicamente útil e necessário, ocupando para tanto no seio da sociedade, a sua capacidade de resolver os problemas sociais como fim ultimo da ciência (CANDIENGUE; OSSAGÔ, 2022, p. 108).

Este observar a realidade social e exercer sobre ela o olhar treinado do pesquisador e do pesquisar, implica conhecer e reconhecer os paradigmas epistêmicos do fazer e pensar ciência científica a nível do local, a nível do espaço político e geograficamente delimitado por barreiras geopolíticas do saber epistêmico. Assim, propor a construção do pensamento social angolano, significa dialogar interdisciplinarmente para a complementariedade de saberes sobre a realidade social hermética de Angola no presente e projetar a ciência científica contextualizada num futuro próximo. Tanto que a ciência sociológica, “não se pode desinteressar daquilo que concerne ao abstrato da vida coletiva” (DURKHEIM, 2002, p. 9), ao contrário, “o que é necessário, é construir inteiramente conceitos novos, apropriados às necessidades da ciência e expressos com o auxílio de uma terminologia especial” (DURKHEIM, 2002, p. 32).

Pois,

se se reconhece que um paradigma está aberto à complementariedade e é percebido como insuficiente para atingir sozinho a verdade científica, então devemos pensar que um ou vários pesquisadores poderiam aceitar o diálogo ou aliança entre vários paradigmas. Quando isso ocorre, as epistemologias que normalmente se concretizam em paradigmas poderiam ser integradas dentro de uma metateoria ou de uma metaparadigma (MORIN, *et al.*, 2007, p. 63)

Portanto, a teoria sociológica angolana, é assim um instrumento da ciência científica local contextualizada que nos oferece conceitos esquematizados dos fatos e dos fenômenos, ao mesmo tempo que esta esclarece e redefine a teoria social local refletida na realidade e na vivência observada e experimentada do quotidiano dos seus sujeitos, mestres e mestras da realidade social pensada epistemicamente como acção intencional de descobrir o desconhecido e desvendar o conhecido. Aliás, “a Sociologia tem assim um grande trabalho em transformar e verificar esse conhecimento para que se torne útil” (GOODE; HATT, 1977, p. 79).

E para isso, é fundamental um posicionamento nosso, uma leitura contextualizada e uma reformulação do nosso olhar para o fim último da ciência. E isto significa (re)formular metodicamente ideias que visam explicar os fenômenos sociais e as causas determinantes dos fatos em relação ao fim e a função dos fatos e fenômenos sociais na construção da teoria social local. Tanto é que no dizer de Durkheim (2002, p. 13), o sujeito pesquisador e profissional da Sociologia, não pode em nenhuma instância, “viver entre as coisas, **contemplan e interpretar as coisas sem no entanto** formular ideias a respeito delas(...) (grifos nossos).”

Este formular ideias a respeito dos fatos para a nossa realidade angolana, significa criar uma conexão não especializada entre a teoria social local, nacional, e a investigação das variáveis que nos conduzem a construção epistêmica de novos horizontes analíticos e teóricos de construção pragmática de novos conhecimentos científicos, e isto significa por outro lado, que a teoria social local, é o fato social metodicamente analisado, relacionado e ordenado logicamente pelo olhar treinado do profissional pesquisador. Portanto, “a teoria não é especulação, mas é construída sobre fatos” da realidade social complexa (GOODE; HATT, 1977, p. 74), pois a “função de um fato social **para a ciência e na ciência**, deve ser sempre buscada,” observada e contextualiza metodicamente aos paradigmas epistêmicos da teoria social local para a construção do saber enquanto teoria social local e nacional (DURKHEIM, 2002, p. 96 (grifos nossos)).

Assim, nós os académicos angolanos, somos chamados a esta construção teórica do pensamento social epistêmico angolano, pois, somos todos atores da realidade social angolana, e todos os entes sociais da realidade epistêmica são no seu todo teóricos sociais, e tem de sê-lo no seu modo prático de vida para serem leiais e verdadeiros agentes sociais de construção de

saberes que refletem a realidade e os mesmos participam da ação racional e intencional desta construção teórica não ortodoxa (GIDENS, 2013). Entretanto, “é a teoria social local focada na realidade social e nos modos de produção da vida social dos *guetos* e *musseques*, que a ação reflexiva do social ocorre para a construção epistêmica do pensamento social angolano” (CANDIENGUE, 2021, p. 50).

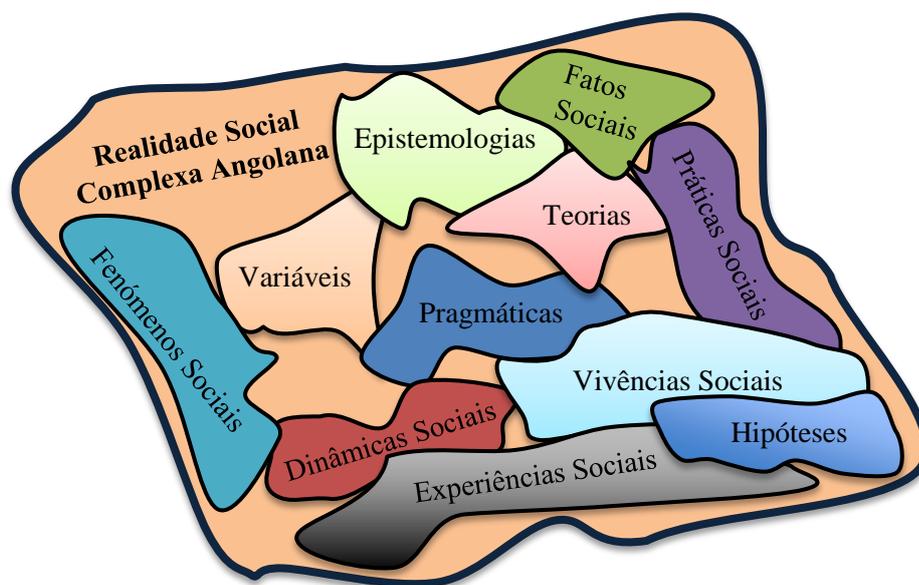
Entretanto, pensar a teoria social angolana hoje, e face os desafios que se impõem na ciência contemporânea e no fazer e pensar a ciência epistemicamente racional e metódica, “implica ter ciência do exercício da ação reflexiva de construção de condições sociais da ciência conduzida pelo campo autônomo da estrutura teórica e prática exercida sob análise empírica da realidade social e quotidiana dos *guetos* e *musseques* que forma o todo complexo angolano” (CANDIENGUE, 2021, p. 53). Pois a ciência social, o pensar reflexivamente a teoria social angolana, “pode dar voz aos marginalizados, pode fazer críticas das estruturas de poder, e pode circular ideias sobre novas possibilidades sociais,” tanto que “[...] o conhecimento científico-social é necessário, e é mesmo um componente chave para o autoconhecimento da sociedade” (CONNELL, 2012, p. 16).

Este conhecimento da sociedade, nos permite compreender a teoria social local - nacional a partir de uma visão holística do todo complexo que o sociólogo e profissional da Sociologia tem sobre a realidade mapeada no imaginário da sua ação intencional, racional e científica do fazer e pensar a ciência teórica do seu espaço e do objeto analítico e epistêmico da dinâmica social. Esta compreensão se dá pelo olhar não especializado, interdisciplinar e interconexo com as demais ciências da realidade social pragmática, epistêmica e explicada pela teoria social local.

Entretanto, o mapa abaixo, nos ilustra como o ator teórico social angolano enquanto ator construtor da realidade social epistêmica contextualizada pela racionalidade reflexiva, interconexa e pragmática, olha para esta realidade mapeada pelo imaginário da sua ação intencional e racional do fazer científico para a construção da teoria social angolana, utilizando para isso, variáveis e hipóteses na medida em que explica e constrói teorias do pensamento social angolano e conduz a sua ação racional à investigação e descoberta de novos horizontes epistêmicos do fazer ciência científica.

É no entanto por meio deste mapa mental do teórico social angolano, que se pensa de forma crítica e epistemicamente a sociologia da ausência<sup>52</sup> e a sociologia da presença<sup>53</sup>, e como estes dois elementos orientam o ator/sujeito pesquisador a orientar-se pelo espírito crítico da realidade sobre a ciência científica local, e olhar para o resultado desta análise crítica e epistêmica como o mecanismo científico de compreensão e transformação da teoria social angolana hoje no rol da geopolítica do saber epistêmico angolano.

Mapa mental do ator social/teórico da realidade social



Fonte: Elaboração própria

Portanto, os agentes presentes no mapa acima, nos remetem a um conjunto implexo de análises interconexas entre a realidade social e a prática teórica e pragmática do fazer a realidade social angolana na ciência, e conduzida sobretudo na construção diária e permanente das relações sociais entre os sujeitos, mestres, mestras da realidade social heterogênea. Pois, são estes agentes que simbolizam a realidade prática que se reflete na conjuntura social e realista da teoria social local focada na realidade e na produção da vida em sociedade. É esta vida em sociedade pensada epistemicamente na teoria sociológica local, que construímos as dinâmicas sociais, e seus saberes pensados teórica e epistemicamente. Tanto é que para Candiengue (2021, p. 50), “a dinâmica social, fatos e fenômenos, vivências e experiências sociais, são entes sociais

<sup>52</sup> Refletir sociologicamente a ausência da Sociologia no espaço social quotidiano angolano, seus guetos e musseques.

<sup>53</sup> Refletir sociologicamente a presença da Sociologia no espaço político, social e epistêmico de Angola e a sua coexistência nos outros saberes dentro do mesmo mosaico complexo do fazer e pensar ciência.

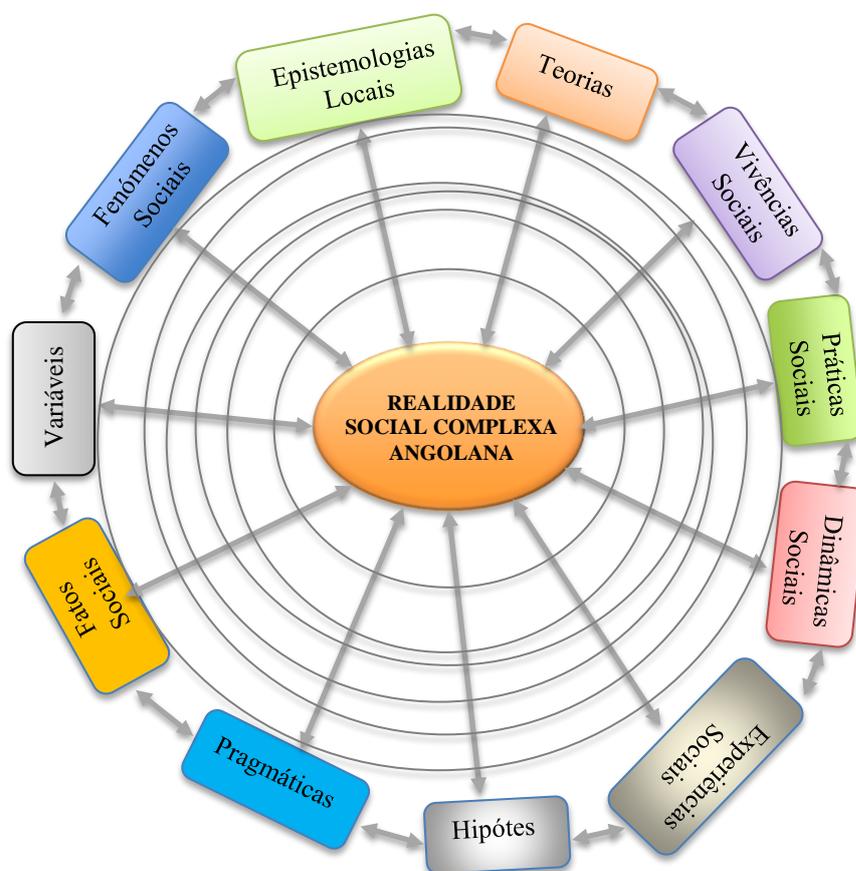
locais que refletem a conjuntura social e realista dos *guetos* e *musseques*, fundamentados sobretudo na construção de um possível Pensamento Sociológico puramente local (...),” construído numa relação de interdependência dos entes sociais da realidade social implexa angolana.

Entretanto, o pensamento social angolano construído sob esta perspectiva, compreende as relações sociais dinâmicas dos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da realidade social pensada metódica, empírica, pragmática, teórica e epistemicamente através da demonstração reflexiva, prática e teórica como componente pragmática de um todo complexo de uma mesma estrutura teórico-reflexiva do quotidiano social contextualizado do país e suas particularidades dinâmicas.

A figura abaixo, demonstra como esta relação de interdependência dentro de uma mesma estrutura teórico-reflexiva do quotidiano social, se dá a compreensão e catalogação da análise teórico-reflexiva do quotidiano social entes sociais, dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade para a construção do pensamento social angolano, e o quanto é uma teia complexa de especificidades e particularidades a se ter em conta na construção do sistema social de interdependência determinados pelos fatos do homem e pelos fenômenos da sociedade, e diferenciadas pelas dinâmicas específicas de cada ente social enquanto parte, sujeito, mestre e mestra da realidade social contextualizada. Além do mais que, “quando, pois, procuramos explicar um fenômeno social, é preciso buscar separadamente a causa eficiente que o produz e a função que desempenha” no processo de construção do pensamento do pensamento social angolano (DURKHEIM, 2002, p. 83).

Assim, ao profissional da Sociologia e ao pesquisador que adota um modelo próprio de vida pela Sociologia e por uma filosofia científica própria do fazer e do pensar intencional e racional a ciência local, olha para esta teia hermética com particularidades específicas para cada ente social na construção do referencial teórico que produz e reproduz o retrato social da realidade angolana em novos horizontes e perspectivas epistêmicas do fazer científico intencional, racional, teórico e prático dos atores da realidade teórica do social na ciência.

Figura – 8: Teia de interdependência dos agentes/atores da realidade social



Fonte: Elaboração Própria

Assim, ao buscarmos as particularidades e especificidades dos entes sociais e as suas causas determinantes nos fatos e fenômenos sociais, e a sua relação de interdependência para a construção epistêmica do pensamento social angolano, estaremos nós a potencializar o conhecimento geograficamente delimitado na geopolítica mundial do saber, mantendo para tanto, a relação deste conhecimento local, do *musseque* ou da banda com a realidade pragmática e epistemicamente produzida pelos acadêmicos e profissionais nativos e locais como mecanismos de compreensão e transformação do espaço social, epistêmico e político da ação própria do pensar e fazer prático da ciência social angolana.

Tanto mais é que, com o pensamento social angolano, procuramos nós no entanto,

estimular a reflexão sobre, de um lado, as conquistas cognitivas do pensamento social como área de pesquisa e sua consolidação; e, de outro, sobre a abertura de novas frentes de investigação e o enfrentamento consistente de desafios mais recentes, teórico-metodológicos, que se colocam à área e às ciências sociais de uma maneira geral (SCHWARCZ e BOTELHO,

2011, p.14), (...) e ao mesmo tempo, a desconstrução de saberes coloniais de que maior parte das instituições sociais reproduzem para pensar empírica e teoricamente a realidade local do Estado angolano e dos seus agentes sociais no quotidiano (CANDIENGUE, 2021, p. 50).

Aliás, “quanto mais avançada é uma ciência, mais o capital de saberes acumulados é importante e mais as estratégias de subversão e de crítica, quaisquer que sejam as suas ‘motivações’, devem, para serem eficazes, mobilizar um saber importante” na construção da teoria social angolana, bem como identificar que elementos constitutivos nos são essenciais para a construção e discussão teórica, epistêmica e pragmática da ciência local, e os desafios a que este conhecimento da realidade social local – nacional é submetido para a sua autoafirmação na geopolítica mundial do saber não ‘ocidental’ (BOURDIEU, 2019, p.26).

Pois o processo de explicar e compreender o mundo e a ação das coisas e fenômenos do espaço em que vivemos enquanto entes sociais, atores sociais, sujeitos, mestres e mestras da realidade social implexa, requer a ação dialética de entender o estranhamente epistêmico, teórico, empírico, metódico e pragmático da realidade, e transformar estes entes transversais, interconexos, multi, pluri e interdisciplinar em variáveis do desconhecido e entender no agora, a prática teórica, epistêmica e pragmática do fazer ciência pensada e transformada em necessidades satisfatórias à nossa necessidade de construção da ciência científica local, racional e reflexiva.

Portanto, a teoria sociológica angolana, é assim o fundamento teórico observável da realidade pragmática e epistêmica dos entes sociais e dos atores e teóricos sociais da realidade epistemicamente reflexiva e crítica, tida como processo de construção de conhecimentos e mecanismos de compreensão e transformação do mundo epistêmico local e nativo dos *musseques* que formam o substrato social do país. Assim, pensar a ciência social angolana, é no entanto, compreender as dinâmicas sociais da realidade, e transformá-las em elementos de interdependência demonstrados pela ação prática e teórica do sujeito pesquisador enquanto teórico social e profissional treinado a explicar e a compreender epistemicamente a realidade sociologicamente interpretável pela análise teórica do fazer ciência.

Contudo, o pensamento social angolano, é a consciência racional combinada entre a ciência e a realidade social observada e contextualizada na produção de saberes, variáveis e hipóteses da ação intencional e racional do fazer e pensar científico expresso pelo sociólogo e pelo fazer sociológico do quotidiano social da realidade do país, estimulada pela perspectiva reflexiva, metódica, teórica e crítica dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social e das

cosmovisões da realidade indissociável do indivíduo produtor do referencial teórico contextualizado na ciência teórica nacional ou local.

## 6.1. DESAFIOS E PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS DO PENSAMENTO SOCIAL ANGOLANO

As sociedades africanas são no seu todo, um emaranhado mosaico do capital cultural constituído por diversos espaços de construção e discussão epistêmica da realidade social observável. O ‘Pensamento Social Angolano’ é parte destes espaços complexos, e surge desde a gênese das sociedades ditas ‘tradicionais’ e epistemicamente excluídas do rol da hegemonia de produção do saber científico a nível do global.

Assim, os desafios e perspectivas que se impõem sobre a Sociologia e consequentemente ao Pensamento Social Angolano e as suas mais diversas abordagens da realidade hoje, perpassam pela construção de conhecimentos racionais da realidade social onde a causa determinante do fato ou fenômeno deve ser analisado e buscado entre os próprios fatos e fenômenos da realidade social observada, e descrever a mesma a partir do olhar crítico, metódico, teórico e pragmático adotado como referencial teórico de produção científica do social hermético dos entes sociais. Pois, o referencial teórico-reflexivo, pragmático e crítico produz e reproduz o retrato epistêmico da realidade social angolana em partículas racionais das variáveis resultantes da análise empírica da realidade social implexa e epistemicamente observável e passível de interpretações pragmáticas e epistêmicas pela Sociologia.

No entanto, o Pensamento Social Angolano, se constituiu assim nesta perspectiva, a base de análise contextualizada de compreensão da realidade social local enxergada pelos sujeitos, mestres e mestras da realidade social como unidade de produção científica e concepção de variáveis pragmáticas para a compreensão e transformação do mundo social em mecanismos de estruturas da ação racional e reflexiva do fazer e pensar ciência.

Pois é este pensar e fazer ciência científica a nível do local, a nível nacional que o pensamento social angolano procura nas suas mais diversas abordagens, desmistificar e conhecer o desconhecido, descomplicar na medida do possível e de forma metódica o complexo e compreender o conhecido como pressuposto básico de construção de conhecimentos como ação prática e intencional dos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras do conhecimento da realidade no seu sentido pleno de relação e diálogo interconexo entre ciência/pragmática e realidade.

Entretanto, é neste processo complicado e difícil de abordagens reflexivas da realidade social e teórica do pensamento social angolano, que procuramos identificar com o pensamento social angolano, os elementos úteis da ação humana no quotidiano e os desafios enfrentados no tratamento das variáveis do conhecimento dos teóricos sociais/ entes sociais para a análise pragmática e epistêmica do fazer e pensar a angolanidade construída e observada nos *musseques* como reflexo prático da ação social e teórica da realidade no seu todo, e as condições objetivas e subjetivas aplicadas sobre elas de forma precisa e eficaz para a construção do conhecimento nacional – local refletido na ação prática do quotidiano social de seus sujeitos, mestres e mestras da realidade social angolana.

Para tanto, é fundamental que o sociólogo angolano e a partir da sua subjetividade racional e científica, conecte-se desta ou daquela ação prática do social refletido sobre a ação resultante do olhar treinado e metódico ao empirismo teórico pragmático, categorizado em variáveis e hipóteses científicas do fazer e pensar conhecimentos diários produzidos pela realidade dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social epistêmica local e nacional. Portanto, este conectar-se a ação prática do social complexo, implica conhecer a realidade social local pensada crítica e reflexivamente pelo ofício epistêmico, e com ele desconectar e indagar ideias já formuladas sobre a realidade e a produção da vida em sociedade pelos sujeitos teóricos da ação social local e nativa.

E o sociólogo é este indivíduo que questiona e desconecta fórmulas ortodoxas já pensadas. Pois ele é segundo Bourdieu (2019), aquele indivíduo que interroga, e interroga incessantemente a realidade social a sua volta. Aliás, a própria Sociologia como ciência, interroga de forma incessante a realidade social dos sujeitos, mestres e mestras da realidade, e o sociólogo enquanto profissional desta unidade do saber não se furta desta missão de questionar e se incomodar com as variáveis do mundo a sua volta para a construção do saber. Pois o conhecimento é um ativo que só apresenta resultados quando este é posto à prova e a prática pelo sociólogo inconformado com a realidade pragmática e epistêmica hoje, assim, este conhecimento é sempre acompanhado do pensamento enquanto ação racional do fazer e pensar ciência, pela experiência observada e contextualizada e pelo exercício prático-teórico.

Ao sociólogo angolano, afrikanistas e estudiosos da realidade social angolana, cabe posicionamentos teórico-epistêmicos e o olhar treinado ao desconcertar e discutir ideias já formuladas sobre a realidade social complexa, de modo a abrir procedimentos técnicos necessários à abordagem sociológica contextualizada, nacional e local, e com ela construir diferentes perspectivas da realidade social angolana, ao mesmo tempo que se adquire conhecimentos múltiplos e interconexos sobre a realidade pensada metodicamente, sem no

entanto abster-se de procedimentos de verificação epistêmica da ação prática racional e intencional do fazer e pensar teórico-reflexivo a realidade social nativa e local do *musseque* dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social nacional.

Assim, é a partir do pensamento social angolano que se pensa o que é Angola hoje, o que foi Angola no passado enquanto se pensava no presente e o que será Angola no futuro, quais os seus problemas, quais as suas potencialidades de se ler e interpretar Angola e como os intelectuais angolanos olharam para estas perspectivas analíticas e racionais do fazer, pensar e interpretar a formação de Angola desde os reinos, as violências geográficas, as independências e suas mobilizações, a paz e a reconciliação nacional, a política social, cultural e económica do país e a identidade nacional pensada na angolanidade.

Esta abordagem sociológica contextualizada à realidade social angolana e a vida de seus sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade, se dá em diálogo com outros ramos do saber. Assim, o pensamento social angolano deve e deveria ser um esforço conjunto e interconexo do sociólogo, do historiador, do filósofo, do linguista, do médico, jurista e demais profissionais dispostos a apresentar uma prescrição imaginária, interpretativa, pragmática, epistêmica e modos diferentes de conceber Angola enquanto campo hermético de saberes constituídos por uma multiplicidade metodológica interconexa, transversal e interdisciplinar.

Tanto mais que a ciência sociológica não é algo acabado nem inquestionável, ela é uma ciência interpretativa da realidade que busca através das suas variáveis epistêmicas e pragmáticas, compreender o mundo e o ato de pensar os pressupostos básicos de conceber ciência e a sua relação com o ato de pensar a realidade, pois, a "ação de pensar coisas com as quais vivemos, dá uma dimensão nova a tudo" (LUCKESI, 1985, p. 49). Esta dimensão nova consiste na contextualização e tradução da compreensão teórico-epistêmica do conhecimento pragmático construído pela e na realidade social complexa dos sujeitos, mestres e mestras da realidade. Assim, por conhecimento contextualizado;

entendemos não só a compreensão teórica de alguma coisa, mas também a sua tradução em "modo de fazer", em tecnologia. Aliás, entendimento e "modo de fazer" são duas faces inseparáveis do mesmo ato de conhecer. Teoria e prática, ação e reflexão são elementos indissociáveis de um todo, que só didaticamente podem ser distinguidos (LUCKESI, 1985, p. 50).

E o sociólogo deve ser capaz de fazer leituras desta dualidade didática dos elementos indissociáveis de compreensão teórica, prática e reflexiva do fazer e pensar ciência contextualizada. Pois esta (ciência) "é popularmente definida como uma acumulação de conhecimentos sistemáticos. Esta definição é adequada somente quando as palavras "sistemático" e "conhecimento" são devidamente definidas," contextualizadas e orientada para

a compreensão do mundo empírico e nela ver a teoria e na teoria os fatos e fenómenos da vida em sociedade (GOOD; HATT, 2977, p. 11).

Entretanto, os desafios e perspectivas do pensamento social angolano, passam categoricamente pela teoria científica resultante de olhares e interpretações somáticas dos fatos produzidos pela vida em sociedade, onde o sujeito pensante socializa cientificamente os postulados de validade pragmática e epistêmica da ciência como compreensão pura do mundo empírico a sua volta.

Portanto, o sociólogo envolvido no espírito científico, procura a cada instante e de forma metódica e treinada, formular problemas diferentes, e de forma não espontânea como esforço de racionalidade epistêmica deixada às diferentes perspectivas do pluralismo teórico construído por diferentes objetos científicos resultantes da mesma realidade social epistemicamente reflexível de olhares analíticos múltiplos do fazer e pensar científico.

Pois é o olhar diversificado à realidade social hermética, que se faz a ciência social, ao mesmo tempo que a complexidade da realidade social a nossa volta e da necessidade do construir e explicar as sociedades e as lacunas deixadas pela ciência, a mesma se constitui complexa, e por isso mesmo se deve desmistificar esta complexidade construindo teorias pragmáticas e epistêmicas do fazer e pensar a realidade social nacional contextualizada. Tanto mais que “o sujeito da ciência faz parte do objeto da ciência; ele aí ocupa um lugar. Só se pode entender a prática sob condição de dominar, pela análise teórica, os efeitos da relação com a prática que está inscrita nas condições sociais de toda a análise teórica da prática” (BOURDIEU, 2019, p. 69).

Assim, o estudo da sociedade, e no caso em concreto, o estudo da nossa sociedade angolana, e o estudo do crescimento da população, dos seus modos de vida e de seus fatores sócio-culturais, políticos, demográficos e econômicos, são questões que dizem respeito aos pesquisadores, e interessam ao sociólogo de modo a delinear fundamentos e formas de análise das teorias sociais construídas sob perspectivas de compreensão do modo de produção da vida social, das relações sociais múltiplas e da conjuntura social do pensar e fazer a descoberta e construção analítica do pensamento social angolano enquanto epistemologia social da realidade complexa.

A epistemologia social, é assim o retrato real do falado ou dito pela oralidade, do escrito, da espiritualidade afro-epistêmica e do sistema filosófico do analisar crítica e reflexivamente informações factuais da sociedade angolana, e a sua teorização social para a construção do conhecimento contextualizado às situações do país e de seus entes sociais enquanto sujeitos, mestres e mestras da realidade social angolana. Esta teorização da realidade

social contextualizada, deve portanto, gerar sempre perspectivas, hipóteses e variáveis pragmáticas tidas pelo pesquisador como ferramentas metódicas de pesquisar a realidade social local - nacional e contextualizá-la mediante perspectivas analíticas do sujeito pesquisador. Pois “o pensamento social deve ser entendido de forma mais ampla e inclusiva como reflexões sobre a natureza da realidade social ou sobre o conteúdo da experiência coletiva. Visto dessa forma, o pensamento social é promissor como foco da pesquisa científica” para a construção de saberes interconexos sobre a realidade social angolana (ASSIMENG, 2016, p. 282).

Entretanto, esta construção epistêmica do saber interconexo, se dá pela reflexão do conhecimento como prática pedagógica de compreensão do mundo e mecanismo de libertação racional e epistêmica do conhecimento do mundo teórico que nos ajuda a explicar através da realidade social complexa, as causas e efeitos dos fatos e fenômenos do quotidiano social. E isto nos leva a pensar de forma crítica e racional, as perspectivas e desafios do pensamento social angolano. Assim, os desafios do pensamento social angolano, consistem em;

- a) Ajudar a explicar a causalidade dos fenômenos sociais do quotidiano social complexo dos entes sociais, e a partir desta fazer descobertas científicas.
- b) Romper fronteiras racionais e epistêmicas entre o conhecimento isolado da realidade com a realidade social complexa sociologicamente interpretável.
- c) Criar do vazio algo novo, e avançar para um espaço de múltiplas perspectivas analíticas do conhecimento não ortodoxo.
- d) Anular obstáculos epistemológicos impostos pelo golpe do exercício da atividade política dos ‘acadêmicos’ e ‘pesquisadores’ confiscados pelo conhecimento ‘político-ideológico-partidário’ que os censura e os inibe de pensar crítica e reflexivamente a realidade social dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade sócio-epistêmica angolana.
- e) Promover a imaginação sociológica como capacidade de olhar de forma treinada e metódica aos aspectos sociais complexos da realidade social contextualizada à ciência.
- f) Discutir de forma desapassionada, a produção de saberes no espaço social angolano como desafio de compreensão do mundo epistêmico angolano.
- g) Compreender a partir da realidade social hermética dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social angolana, os sentidos e significados da Sociologia ‘produzida’ no país e como as ciências sociais enfrentam os seus dilemas e obstáculos a ela imposta pelos níveis da realidade social angolana.

Já as perspectivas do pensamento social angolano, consistem em:

- a) Compreender com o pensamento social angolano, a necessidade de construção de uma consciência crítica pautada no estímulo criativo do pensar e fazer ciência pela prática, e com ela expressem o seu olhar subjetivo a ciência científica.
- b) Construir a partir da base, mecanismos teórico-metodológicos de compreensão e interpretação da realidade social implexa dos sujeitos, mestres e mestras da realidade social.
- c) Lançar a nível da realidade social angolana, uma nova institucionalização da Sociologia que traga para os profissionais da Sociologia e para o sistema de ensino da mesma e das universidades, uma nova perspectiva analítica de interpretar a realidade social dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social angolana, reflexões contextualizadas, críticas e rigorosamente treinadas pelo método epistêmico e pragmático do fazer e pensar científico a sociologia local – nacional. Portanto, esta nova institucionalização da Sociologia angolana, consiste em trazer para a realidade científica local, ferramentas analíticas e interpretativas de uma ciência social (pensamento social) contextualizada na realidade do mundo empírico em que o sujeito pesquisador é parte e sujeito ativo de produção da vida em sociedade.
- d) Proporcionar a pluralização de abordagens teórico-reflexivas e interpretativas da realidade social angolana como forma de produzir explicações das diversas particularidades da sociedade angolana, e por outro lado, construir a partir da ação racional e intencional a identidade nacional do país.

Portanto, os desafios e perspectivas do pensamento social angolano hoje, nos remetem a uma nova onda de abordagem teórico-reflexiva da não recessão de tudo o que nos chega a mão, pois ele procura propor ao profissional da Sociologia, um novo processo de sociabilidade do fazer e pensar o conhecimento sob diversas perspectivas de compreensão do mundo, pois Angola é no seu todo um mosaico complexo de vivências, experiências, culturas e acontecimentos múltiplos que carecem do olhar diversificado do sociólogo. Tanto mais que o pensamento social angolano, procura delinear metódica e empiricamente os fundamentos analíticos da teoria social para a compreensão da realidade social emaranhada do país como construção analítica e racional do sujeito.

## 6.2. A SOCIOLOGIA ANGOLANA: PERSPECTIVAS E SUAS CRÍTICAS

A Sociologia, é a Ciência da sociedade, é o reflexo real da realidade social implexa da sociedade em observação e em análise quotidiana de seus entes sociais. E a Sociologia angolana é assim no entanto, a sistematização teórica da realidade social observada, pois ela é “uma ciência que se relaciona claramente com a observação e a análise do comportamento social humano” nas suas mais diversas perspectivas de compreensão do social analítico e interpretativo do fazer sociológico, isto porque, “é, a interação da pluralidade de seres humanos, com as formas assumidas por suas relações e a variedade de condições e determinantes destas formas, assim como as mudanças nelas ocorridas” (PARSON, 1965, 48 (grifos nossos)). Tanto mais que, a humanização do homem só se dá pela ação interacional que os sujeitos, mestre e mestras da realidade, da cultura e dos seus entes sociais exercem sobre ele (ARANHA, 1989). É no entanto nesta interação social que a produção da vida em sociedade se dá nas suas mais variadas esferas do social quotidianizado.

E assim, os saberes em Sociologia na realidade social angolana, são uma necessidade urgente que parte desde a institucionalização da Sociologia nas instituições de ensino até as mais diversas análises e perspectivas de construção de raciocínios teórico-crítico para pensar Angola no passado, presente e no futuro, de modo a pôr em prática a atitude teórica intelectualista do pensar a ciência sociológica nacional capaz de teorizar científica e metodicamente os elementos reais da realidade social complexa no campo da realidade epistêmica.

Tanto que a “necessidade de tornar essa prática mais eficaz traz a exigência de maior rigor conceitual e sistematização dos conhecimentos, a fim de definir os fins a serem atingidos” com a Sociologia Angolana, suas perspectivas, e, compreensão da social de seus sujeitos, mestres e metras da cultura, da realidade e de seus entes sociais (ARANHA, 1989, p. 52). E a Sociologia Angolana, é um campo em construção e em crescimento em função dos mais variados quadros formados e formandos em Sociologia pelas mais diversas instituições de ensino superior, embora isso provoque em nós outras discussões e outros questionamentos a nível da práxis sociológica no país.

Ainda assim, a sociologia se faz presente na estrutura social angolana e em crescimento satisfatório a nível numérico. Epistemicamente é quase que inexistente. Pois a sua evolução é bastante satisfatória na medida em que há cada vez mais formados (sociólogos) e ao mesmo tempo um tanto quanto preocupante, por quanto que o fazer sociológico nacional – local dentro e fora das universidades e demais instituições, têm a sua condição na (re)produção das suas

estruturas curriculares e programas dos seus cursos de licenciatura em Sociologia, e nos mais diversos desafios que os novos tempos nos impõe para a construção da consciência sociológica local e da sua cientificidade. Pois acreditamos nós que, a construção da consciência sociológica local se constitui como forma de progresso a principal tarefa da sociologia na análise e compreensão das estruturas sociais nos *guetos* e *musseques* do país, bem como das relações que dela resultam.

Pois,

a presença da Sociologia no rol da sociedade angolana e nas suas universidades, implica desenvolver argumentos e conhecimentos que venham desconstruir e construir saberes sociológicos que tragam no seio da política, da economia e das relações sociais novos paradigmas do pensamento social angolano refletido no fazer quotidiano numa Angola do século XXI que permita a progressão intelectual do indivíduo na produção de saberes sociológicos, e a criação de uma consciência crítica do fazer e do pensar a Sociologia nos *musseques* e *guetos* do país (CANDIENGUE, 2021, p. 42).

Tanto que a própria Sociologia nos convida ao estudo do social para descobrir o escondido das relações sociais e da sociedade, indo até as raízes de tudo quanto se refere aos sujeitos, mestras e mestras da cultura, da realidade e dos entes sociais. Este convite, nos permite entretanto, pensar uma sociologia “que não explique apenas como é, mas que ajude a mudar, uma sociologia que leve à ação do fazer e do pensar sociológico local não especializado, uma sociologia que provoque e questione, uma sociologia do presente, e do agora” (GUARESCHI, 2009, p. 23 (grifos nossos)).

Entretanto, esta sociologia que questiona, que nos leva a ação, que provoca e que nos ajuda a mudar os paradigmas, e a construir pragmáticas teórico-epistêmicas da realidade social complexa dos *guetos* e *musseques* do país, é a sociologia da realidade e do quotidiano social. Tanto mais é que a realidade do presente só pode ser bem compreendida, interpretada analisada e estudada entre os entes sociais, se esta for um objeto no projeto de mudança analítica dos fatos da realidade (ARANHA, 1989). Esta realidade é dinâmica, constante e não se restringe no agora das coisas, dos fatos e fenômenos do meio social dos seus entes sociais. E a sociologia, é assim aquela que vai além da aparência das coisas e da realidade. É aquela que procura no vazio o escondido das relações complexas do quotidianos não sistematizado e pensado teórica e criticamente pelo saber sociológico nacional.

Esta procura no vazio se dá em diversos lugares, perspectivas e tempos, podemos por exemplo observar este vazio em diversos lugares da nossa realidade social quotidiana, podemos observar este vazio no candongueiro (táxis coletivos, também chamado azul e branco), na mama

(mãe) zungueira<sup>54</sup> (vendedeira ambulante), no bagageiro<sup>55</sup>, no lotador de táxi, no agente da ordem pública e em outros espaços não mencionados aqui.

E afirmamos isto porque nos táxis coletivos que circulam nos *guetos* e *musseques* do país, são autênticos espaços de construções de perspectivas e observações múltiplas sobre a vida social, sobre a realidade e sobre o quotidiano, pois neles encontramos diversas narrativas, vivências, experiências, linguagens e posições de todas as classes sociais que fazem o quotidiano social angolano. E estas diversas narrativas, vivências, linguagens, posições, notícias e até mesmo fofocas, nos remetem a diversas perspectivas sociológicas, as diversas abordagens, e sobretudo uma ‘sociologia periférica, uma sociologia escondida’ praticada por estes sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social sem que elas próprias perceberem que estão fazendo uma sociologia periférica, uma radiografia do quotidiano que traz diversos olhares para os profissionais da sociologia que procuram no vazio questões sociológicas para a construção de saberes locais, de saberes nacionais.

Já a zungueira (vendedeira ambulante) por exemplo, faz uma cartografia do espaço social a sua volta, do seu *musseque* e do seu *gueto*, e nela observa vários aprendizados e olhares interconexos, vivências, experiências, práticas e partilhas únicas do seu quotidiano, e a suas observações são enriquecidas pelo quotidiano prático do seu ofício, ela conhece e reconhece as particularidades e especificidade de cada espaço, de cada lugar, de cada ente social, e inclusive ela sabe onde é perigoso passar a x horas, onde não é, onde o negócio anda mais (maior clientela), que tipo de negócio é viável ou não em um determinado espaço, as características de seus clientes, seus compradores, *status* social destes clientes, como estes entes sociais vivem e se relacionam, em que *gueto* e *musseque* estes sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social residem.

---

<sup>54</sup> Mulher vendedeira que se dedica ao comércio ambulante de diversos produtos a nível das zonas urbanas, peri-urbana e periféricas dos nossos *guetos* e *musseques*. Esta atividade é predominantemente exercida por mulheres e de diversas idades, e é caracterizada geralmente pelo transporte das mercadorias a comercializar numa bacia ou banheira que é carregada sempre na cabeça pela vendedeira que circula de um lado ao outro comercializando seus produtos ou mercadorias.

<sup>55</sup> Pessoa que carrega ou transporta os bens de outras pessoas através de um carro de mão. Estes sujeitos estão presentes em todos os lugares onde se dá atividade comercial, quer formal ou informal. Pois eles carregam os bens comprados pelo contratante até ao destino pretendido, e em troca o ‘bagageiro’ recebe um valor monetário previamente acordado na prestação do serviço.

Assim, do motorista<sup>56</sup> de táxi, do cobrador<sup>57</sup> até aos passageiros, da quitandeira até a zungueira, do bagageiro até ao cliente (patrão ou boss)<sup>58</sup>, do micheiro<sup>59</sup> até ao fiscal e ao polícia violento, do bancário ao ativista e até ao acadêmico ou estudante, todos passam-nos e partilham a cada nascer do sol, informações que são relevantes na construção do saber sociológico angolano. E estas informações, estão no vazio que precisa ser descoberto na sociologia periférica visível a todos os entes sociais, mas que informações, estão escondidas aos nossos olhos acadêmicos por falta da práxis sociológica na compreensão da realidade social complexa local dos *guetos* e *musseques* do país.

Entretanto, estas informações úteis e necessárias ao fazer sociológico na realidade social angolana, estão num campo aberto de interconexões múltiplas da multidisciplinaridade, da transdisciplinaridade e da interdisciplinaridade dada ao sociólogo para o exercício do seu olhar treinado à realidade social local ou nacional. Tanto que,

o olhar multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, constitui [...] o fundamento da produção não especializada, nem dissociativa do fazer e pensar científico dentro da sociedade onde o sociólogo e o licenciado em Sociologia atuam para o estudo e análise da conjuntura social complexa da realidade (CANDIENGUE; OSSAGÔ, 2022. p. 103).

Tanto que,

A interdisciplinaridade é para o sociólogo, um meio e um elemento fundamental e necessário para o olhar treinado do seu ofício, e para a leitura e análise dos fatos e fenômenos a sua volta, e com ela construir teses, argumentos, hipóteses e teorias do fazer e pensar ciência não especializada no mundo atual (CANDIENGUE; OSSAGÔ, 2022. p. 105).

E nesta perspectiva, a sociologia é para o sociólogo, um campo aberto com inúmeras interconexões analíticas da realidade social implexa que dá a cada um de nós, sociólogos, a liberdade de escolher suas perspectivas sociológicas e analíticas da realidade social complexa à sua volta. Este campo aberto é a realidade social angolana, que é no seu todo, um amplo campo emaranhado suscetível de diversas análises e perspectivas interpretativas por parte dos académicos, pesquisadores e amantes do fazer e pensar científico a Sociologia Angolana em seus aspectos empíricos, teóricos, práticos, pragmáticos e epistêmicos do fazer e pensar a cientificidade sociológica local.

---

<sup>56</sup> Também chamado 'nduta' pelos seus utilizadores.

<sup>57</sup> Também chamado por muitos 'kubeli' ou patrão por ser ele que cobra e recolhe a participação dos passageiros pelos serviços utilizados (serviços de táxi).

<sup>58</sup> Formas que os bagageiros e micheiros utilizam para tratar seus clientes ou se dirigem as pessoas que procuram os seus serviços, ou aqueles a quem eles apresentam os seus serviços.

<sup>59</sup> Intermediário de um serviço ou produto.

E portanto, é com esta cientificidade sociológica local que “as afirmações da ciência são chamadas juízos de realidade, já que de uma forma ou de outra pretendem mostrar como os fenômenos ocorrem, quais as suas relações e, conseqüentemente, como prevê-los” (ARANHA, 1989, p. 41) com base nas teorias, raciocínios, hipóteses e epistemologias coroadas pela ciência e pela realização contínua e incessante da observação intelectual da teoria sociológica local, do pensamento social nacional e do conjunto de suas leis concretas de construção do conhecimento epistêmico e pragmático das ciências sociais.

Pois no dizer de Guareschi (2009, p. 16),

a gente bebe teorias, respira teorias, come teorias, a gente começa a mamar teorias como o leite materno. Todos os preconceitos, os estereótipos, que nós possuímos, no fundo são tipos de teorias. (...) um trabalho extremamente útil para todos nós é começarmos a questionar as teorias que temos sobre os determinados assuntos ou pessoas. Só é realmente livre aquele que conhece suas teorias, aquele que sabe por que pensa assim ou procura continuamente se revisar.

E isto só é possível se haver a nível local, a nível dos *guetos* e dos *musseques*, um posicionamento teórico da ciência local, da teoria sociológica nacional, do pensamento sociológico local contextualizado capaz de pensar as especificidades e particularidades deste lugar, deste *gueto* ou *musseque* por via da sociologia que por sinal é uma ciência humanizante, uma ciência da sociedade e construída sobretudo, com as observações do quotidiano social dos seus sujeitos, mestres e mestras da cultura, da realidade e dos seus entes sociais dentro da estrutura social.

Portanto, este campo difícil e amplo, exige de nós, seus apreciadores analíticos, e observadores da realidade, um posicionamento pragmático e epistêmico do saber produzido no quotidiano e as perspectivas discussiva que a sociologia local nos dá. Além do mais, a Sociologia é um campo aberto da realidade que consiste em construir epistemicamente, teorias da realidade social complexa quotidianizada uma vez que o arcabouço da Sociologia nos nossos *guetos* e *musseques*, “é muito grande e toda a atividade humana que envolve relações sociais é matéria para seu estudo e pesquisa” (MORRISH, 1973, p. 15).

Assim, os acadêmicos angolanos, sociólogos e pesquisadores da cientificidade sociológica local, têm a responsabilidade de olhar para estas relações sociais como meios de aprendizados e de pesquisa por quanto que os sociólogos aprendem ao estudar e a interpretar os fenômenos e fatos sociais humanos que os auxiliam na operacionalização inclusiva das teorias epistêmicas em favor dos objetos ou perspectivas analíticas do nosso olhar científico.

E nesta perspectiva do olhar científico direcionado à realidade social dos fatos e fenômenos da realidade social hermética dos *guetos* e *musseques* do país – Angola, quase ou nada se tem feito para a construção do pensamento sociológico local- nacional para que este explique com as suas particularidades e especificidades, determinados fatos e acontecimentos da realidade social quotidianizada.

Tanto mais é que, ao longo da nossa pesquisa, fizemos um mapeamento, uma busca árdua nas mais diversas universidades e centros de pesquisas para vermos até que ponto se está a pesquisar ou se está a estudar hoje questões ligadas ao pensamento sociológico angolano – pensamento social angolano e não encontramos absolutamente nada que aborde ou discuta questões sobre o pensamento sociológico angolano ou a conjuntura epistêmica e teórica do pensamento social angolano.

Entretanto, os pesquisadores sociólogos nos nossos *guetos* e *musseques*, e claro, com as suas especificidades e particularidades, nos parecem estar mais preocupados com outras coisas de seus interesses do que com as questões do pensar e do fazer a sociologia local – nacional. Nos parecem estarem mais preocupados com a reprodução, com o poder e com o *status quo* do que com a produção teórico-reflexiva do social implexo das nossas relações interconexas e multiplicadas.

E na tabela abaixo, vê-se de forma clara e precisa, a ausência de um trabalho que traga na sua abordagem, discussões viradas a teoria sociológica contextualizada a realidade social local ou nacional, discussões viradas a construção do saber sociológico local, a sociologia periférica, a Sociologia do conhecimento ou pensamento social local. Temos para tanto outras perspectivas sociológicas, outros olhares sociológicos para Angola.

Portanto, não é errado que se estude, que se investigue outras questões da sociologia angolana, outras questões dos *guetos* e *musseques* do país, outras perspectivas da sociologia como as que estão na tabela abaixo por exemplo, mas entendemos nós ser já necessário e oportuno em todas as suas dimensões, o momento de conduzirmos as nossas perspectivas analíticas, estudos e as nossas pesquisas e abordagens, também a sociologia do conhecimento, a sociologia do quotidiano, a construção do pensamento social local – angolano, de modo a teorizarmos, sistematizarmos epistêmica, reflexiva e teoricamente todos os fatos e fenômenos locais úteis e necessários ao fazer e pensar científico na realidade social dos nossos *guetos* e *musseques*.

Estes dados na tabela abaixo, foram buscados em repositórios institucionais diversos com realce no Brasil e Portugal, com a exceção aqui de Angola que ainda tem o armazenamento dos seus trabalhos de fim de cursos em níveis de graduação e pós-graduação em formatos

físicos, o que de certa forma nos inibiu de conseguirmos aqui qualquer dado ou informação referente ao que se tem estudado, pesquisado ou discutido nos trabalhos de final de curso no país, nos cursos de Sociologia ou ciências afins (graduação ou pós-graduação), e sobretudo no sentido de vermos aqui se há alguma possibilidade de existência de construção do pensamento sociológico angolano nestes trabalhos de fim de curso.

Tabela 2 – Objetos produzidos sobre a Sociologia em Angola

OBETOS PRODUZIDOS EM SOCIOLOGIA					
Nº	TEMA	PROGRAMA	AUTOR	INSTITUIÇÃO	ANO
01	A sociedade angolana através da literatura	Sociologia (Mestrado)	Fernando Augusto Albuquerque Mourão	Universidade de São Paulo (USP)	1969
02	Considerações em torno do nacionalismo angolano	Sociologia (Mestrado)	Francisco Manuel Cesar Correia de Almeida	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	1988
03	Angola: uma política externa em contexto de crise (1975-1994)	Sociologia (Doutorado)	José Maria Nunes Pereira Conceição	Universidade de São Paulo (USP)	1999
04	O modelo político angolano: Perspectivas	Sociologia (Doutorado)	André de Oliveira João Sango	Universidade de São Paulo (USP)	2002
05	Angolanos em São Paulo: socialização, rede familiar e suas histórias de vida e de luta	Sociologia (Mestrado)	Antónia de Lourdes dos Santos	Universidade de São Paulo (USP)	2005
06	Sociedade civil em Angola: Da realidade à utopia	Sociologia (Doutorado)	Cesaltina Cadete Basto	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)	2006
07	Diáspora e regresso: Os imigrantes luso-angolanos no Brasil	Sociologia (Mestrado)	Claudia Raquel Espinha Cardoso	Universidade de São Paulo (USP)	2009
			Elisabete da Conceição de	ISCTE-IUL	

<b>08</b>	Ser jovem em Angola: valores e identidade(s) dos estudantes universitários angolanos	Departamento de Sociologia – Doutorado em Sociologia	Fátima de Ceita Vera Cruz	(Instituto Universitário de Lisboa)	2011
<b>09</b>	A problemática da violência doméstica em Angola: o caso de Benguela - uma análise sociológica	Mestrado em Sociologia, Globalização e desenvolvimento	Avelino Walile	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	2012
<b>10</b>	Mediação social em Angola: relações de interfaces entre ONGs e camponeses na região do planalto central, província do Huambo, município da Caála	Programa de Pós-graduação em Sociologia (Mestrado em Sociologia)	António Joaquim Zeferino Calundungo	UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	2013
<b>11</b>	Entre a vulnerabilidade e o enfrentamento: Jovens actores na economia informal da cidade de Luanda	Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Mestrado em Sociologia)	Florival Raimundo de Sousa	Universidade de Coimbra	2014
<b>12</b>	A Questão Étnica como Fator de Estabilidade do Processo Político e do Desenvolvimento Socioeconómico em Angola	Doutoramento em Sociologia económica e das organizações	Francisco Domingos Cambanda	Universidade de Lisboa	2015
<b>13</b>	O Reino do Mbalundu: identidade e soberania política no contexto do Estando nacional angolano atual	Antropologia Social (Mestrado)	Mariano Leopoldino Manuel Sungo	Universidade Federal de Santa Catarina	2015
<b>14</b>	Nação, nacionalidade e nacionalismo em Angola	Ciências Sociais (Doutorado)	Patrício Batsíkama Mampuya Cipriano	Universidade Fernando Pessoa - Porto	2015
<b>15</b>	O ensino superior angolano: políticas, modelos de governança e públicos (estudo na província de Benguela)	Departamento de Sociologia (Doutoramento em Sociologia)	Martinho Bangula Katúmua	ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa)	2016

16	Reconfiguração social em Angola: ordem local e quotidiano pós-conflito	Departamento de Sociologia – Doutorado em Estudos em Africanos	Paulo Jorge Quiteque Inglês	ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa)	2016
17	A língua portuguesa e seu papel na estrutura social angolana	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (Mestrado)	Giovana Mendonça Algarve	UNESP (Universidade Estadual Paulista)	2016
18	Identidades Sociais em Angola: o caso das populações periféricas de Benguela	Departamento de Sociologia – Mestrado em Estudos em Africanos	Manuel João Fernando	ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa)	2016
19	A caminho do (des)encanto - aspirações e expectativas da transição do sistema educativo para o mercado de trabalho dos estudantes finalistas do curso de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto – Angola	Ciências sociais (Mestrado em Sociologia)	Agostinho Pedro António	Universidade do Porto	2016
20	A escola numa Angola em contexto de mudança: as línguas nativas no âmbito educacional	Mestrado em Ciências da Educação (Área de especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas)	Matias Tchimuco Muachia	Universidade do Minho	2016
21	Angola, 27 DE MAIO DE 1977: entre a memória e o esquecimento	Licenciatura em Sociologia	Marco Hemingway Almeida	Unilab	2017
22	Movimentos sociais e a luta pela construção democrática no pós-independência: o papel do Movimento Revolucionário Angolano (MRA) (1993-2017)	Licenciatura em Sociologia	Jorge Artur Avelino Cambida	Unilab	2017

23	Desigualdades sociais e insucesso escolar. O caso de alunos de uma escola do ensino secundário na Humpata – Huíla Angola	Departamento de Sociologia (Mestrado em Sociologia)	João Laurindo da Cruz Nguengwe	ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa)	2018
24	O impacte da “fuga de cérebros” no desenvolvimento de Angola: Um estudo sobre a experiência e as motivações de emigrantes angolanos	Mestrado em Sociologia	Emílio Baptista Ladislau	Universidade do Minho	2019
25	A formação superior como instrumento de mobilidade social em Angola: estudo de casos de jovens na província de Benguela	Mestrado em Ciências da Educação (Área de especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas)	Isaac Simão Santos	Universidade do Minho	2021
26	Lazer, Cultura Popular e Colonialismo em Luanda: sociabilidades e resistências translocais numa história sobre música e automóveis (1957-1975)	Doutoramento em Sociologia	Pedro David Gomes	Universidade de Lisboa	2021
27	Poderes, decisões e lógica de ação juvenis: um estudo sociológico-organizacional numa Associação de Estudantes em Angola	Doutorado em Ciências da Educação (Área de especialização em Organização e Administração Escolar)	Leda Filomena Pedro Gonçalves	Universidade do Minho	2021
28	A ruptura política em Angola: uma análise da mudança do sistema de partido único para o sistema de democracia multipartidária (1991-2002)	Licenciatura em sociologia	Evandro Manuel Jorge	Unilab	2022

29	As políticas públicas de educação em Angola: percepções de professores do Ensino Primário e os desafios para a erradicação do analfabetismo	Departamento de Sociologia (Mestrado em Estudos Africanos)	Abel João	Universidade de Lisboa	2023
30	Marginalização da homossexualidade em Angola-Luanda: a vida no anonimato	Licenciatura em sociologia	Ariete Marcelino Camões Baptista	Unilab	2023

Fonte: Elaboração Própria

Portanto, a tabela acima, como já referimos a instantes, demonstra o que se tem feito a nível da graduação e da pós-graduação a nível dos quadros angolanos formados em diversas universidades a nível da CPLP<sup>60</sup>, com realce para Portugal e Brasil desde de 1969 até a data presente (2023). Escolhemos a lusofonia pela facilidade linguística e pela preferência que muitos angolanos têm quanto ao quesito ensino, treinamento ou instrução superior.

Entretanto, dos trabalhos consultados até agora, isto é desde 1969 até a data presente (2023) como nos mostra a tabela acima, e em mais de dez (10) instituições de ensino superior consultadas, nomeadamente a USP<sup>61</sup>, Unicamp<sup>62</sup>, IUPERJ<sup>63</sup>, ISCTE-IUL<sup>64</sup>, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, UFRGS<sup>65</sup>, Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa, UFSC<sup>66</sup>, Universidade Fernando Pessoa – Porto, Unesp<sup>67</sup>, Universidade do Porto, Universidade do Minho, Unilab<sup>68</sup> e a Universidade de Lisboa, nada foi encontrado sobre a Sociologia do conhecimento local, nacional, sobre o pensamento sociológico angolano ou sobre o pensamento social angolano.

Nada foi encontrado sobre o pensamento sociológico angolano porque entendemos nós que o foco dos académicos angolanos, sobretudo os sociólogos ou fazedores da sociologia nacional, estão focados em outras perspectivas de estudos e análises que neste trabalho não conseguimos mensurar por enquanto por não ser o nosso foco de estudo por um lado, e por

<sup>60</sup> Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Para mais informações sobre a CPLP consulte o site: <https://www.cplp.org/Default.aspx?AreaID=22>

<sup>61</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>62</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>63</sup> Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

<sup>64</sup> Instituto Universitário de Lisboa.

<sup>65</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>66</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>67</sup> Universidade Estadual Paulista.

<sup>68</sup> Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

outro lado por não termos tido informações sobre o que está a ser produzido no país e suas universidades por razões já mencionadas acima.

Além do mais, as universidades e instituições de ensino e pesquisa no país, tais como por exemplo, a UCAN<sup>69</sup>, a UAN<sup>70</sup>, a UPIAGET<sup>71</sup>, a Lusíada<sup>72</sup>, o ISPTEC<sup>73</sup>, a Metodista<sup>74</sup>, Walinga<sup>75</sup>, ISPP-Luena<sup>76</sup>, ISPSN<sup>77</sup>, e outras instituições de produção de conhecimento a nível local, nada têm disponível em seus *sites* sobre o pensamento sociológico angolano, sobre a Sociologia no país ou pelos menos um repositório institucional que possa servir de base para a possível busca e análise do que se está a produzir no país nestas instituições de ensino, pesquisa e instrução dos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social dos *guetos* e *musseques* da estrutura social angolana.

Portanto, apesar dos apesares, e das dificuldades e particularidades que se impõe sobre a realidade social angolana que o país nos apresenta hoje, ainda temos no país e seus *guetos* e *musseques*, alguns sociólogos comprometidos<sup>78</sup> com o fazer e pensar sociológico em diversas perspectivas científicas por um lado, e por outro lado, outras dimensões do fazer e pensar a sociologia a partir da perspectiva analítica dos sociólogos de gabinetes, dos sociólogos da imprensa, da bajulação e dos discursos encomendados.

E Manuel (2016, p.19), vem na mesma perspectiva, dizer-nos que temos no país,

sociólogos mais para imprensa do que a produzirem conhecimentos susceptíveis de leitura especializada e científica, mais na administração que na fortificação de instituições de pesquisas credíveis, mais num monólogo que preocupados em dialogar de maneira construtiva com os seus pares.

E é portanto nesta perspectiva do monólogo individual dos sociólogos angolanos, e claro com todo respeito as suas particularidades, especificidades e ideologias político-partidários ou não, e da sua não preocupação com a produção do saber científico em Sociologia, que a própria Sociologia local, a própria Sociologia nacional precisa ser repensada, pois, “é preciso repensar o direcionamento desta sociologia que forma profissionais de Sociologia, mas que no campo de

---

<sup>69</sup> Universidade Católica de Angola.

<sup>70</sup> Universidade Agostinho Neto.

<sup>71</sup> Universidade Jean Piaget de Angola.

<sup>72</sup> Universidade Lusíada de Angola.

<sup>73</sup> Instituto Superior Politécnico de Tecnologias e Ciências.

<sup>74</sup> Universidade Metodista de Angola.

<sup>75</sup> Instituto Superior Politécnico de Walinga.

<sup>76</sup> Instituto Superior Politécnico Privado do Luena.

<sup>77</sup> Instituto Superior Politécnico Sol Nascente.

<sup>78</sup> Os sociólogos comprometidos com a Sociologia Angolana são aqueles que fazem alguma coisa por ela e adotaram uma vida pelos viés da Sociologia quotidianizada na realidade social de seus entes sociais.

ação estes não são tidos nem achados”, e quase que não fazem nada para a construção epistêmica do saber científico em Sociologia e sobretudo para a construção do ‘pensamento sociológico angolano’ na sua generalidade (CANDIENGUE, 2021, p. 42).

Tanto mais é que, a Sociologia em Angola não pode ser só mais um curso que muitos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social frequentam como opção alternativa de prioridades falhadas ou de sonhos não concretizados. A Sociologia em Angola não pode entretanto, continuar a figurar-se na estrutura social angolana, como um curso sem necessidades e utilidades a nível da estrutura social dos *guetos* e *musseques* do país.

Ela deve constituir-se num meio de produção de saberes sobre a realidade social complexa do mosaico cultural angolano. Tanto mais que, um dos,

aspecto que afecta o nosso atraso é a produção, divulgação e circulação do pouco conhecimento nesta área entre os pares. Vivemos ainda em cantos, isolados e desconectados cientificamente. Há ainda pouco diálogo (sincero e crítico) permanente e periódico. Há desconhecimento, ignorância e falta de partilha sobre o que nós produzimos (MANUEL, 1016, p.7-8).

E para Candiengue (2021), para (re)pensarmos o rumo epistêmico, teórico e prático da Sociologia em Angola e nos seus mais diversos aspectos dos *musseques* e *guetos* do país, é no entanto fundamental e essencialmente entender de forma prática e incisiva, primeiro “por que produzimos consentimento intelectual, para que possamos quebrar essas barreiras e motivar uma nova geração a desenvolver as asas para voar” (FALOLA, 2006, p.108), além do já estabelecido, do ensinado, do instruído e do planejado pelas instituições de ensino e pesquisa, “e produzir saberes que interessem a realidade acadêmica local e global ao em vez de termos profissionais de diplomas empoeirados intelectualmente e os engravatados por encomenda da bajulação, do *status quo* e do poder”, os ditos sociólogos e profissionais da convivência ou de gabinetes (CANDIENGUE, 2021, p. 42). E ainda mais,

ao longo destes últimos anos vários foram os sociólogos de ofício ou não que se formaram em Sociologia dentro e fora de Angola, e não vemos neste sentido, um direcionamento satisfatório da Sociologia em Angola tal como desejemos do ponto de vista de produções acadêmicas, disponibilidade de referências bibliográficas e científicas nas suas mais variadas áreas do saber sociológico angolano na estrutura local e global (CANDIENGUE, 2021, p. 42).

E uma destas áreas que propusemo-nos a discutir é a perspectiva da Sociologia do conhecimento – uma teoria sociológica angolana propriamente dito, um pensamento social angolano que explique científica, teórica, metódica e epistemicamente o quotidiano social dos entes sociais, dos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social quotidianizada.

Mas para isso, é no entanto fundamental um posicionamento, uma luta por algo melhor, por uma teoria que traga para a Sociologia Angolana cosmopercepções e cosmovisões da realidade social complexa rica em fatos e fenômenos relevantes à Sociologia Angolana no seu todo, tanto mais que,

os que lutam por algo melhor, só poderiam se guiar por uma teoria que incorpora a mudança e a esperança de algo diferente. Quem deseja um mundo novo, encontra nessa cosmovisão os elementos necessários para um trabalho e uma luta de renovação e transformação. Dentro do presente já estão em gestação as sementes de uma nova sociedade **que pense epistemicamente a sua realidade, os desafios que se impõe ao fazer e pensar científico para a transformação e renovação do substrato social complexo de sua realidade** (GUARESCHI, 2009, p. 31 (grifos nossos)).

Entretanto, embora a luta por uma ciência emancipatória, presente e participativa na vida ativa da sociedade e que traga mudanças significativas na forma do pensar e do fazer ciência sociológica em Angola e seus *guetos* e *musseques*, e isso se constitua numa necessidade urgente e indispensável para a nossa realidade, o fazer sociológico no país e seus *guetos* e *musseques*, é até agora algo que na visão de Manuel (2016, p. 13),

está algo adiado ou pouco levado a sério, sobretudo pelos próprios sociólogos que estão mais preocupados em desfilarem em territórios extras (disciplinares e institucionais) movidos por interesses pessoais ou de grupos restritos, sem substratos sociológicos. Num país em que são escassos os espaços fora de uma actividade lectiva onde reúnam sociólogos, é muito difícil entender o desaparecimento prematuro das conversas de sociologia. Esta interrupção pode ser mais um indicador das debilidades que temos de identidade profissional e participativa neste ofício se pelo menos, neste aspecto, tivermos como referência o que sucede nos centros da sociologia ocidental.

Tanto mais é que,

não há registo de qualquer outra actividade que pretendeu reunir periodicamente os sociólogos para debaterem suas ideias. Entre estes há um gritante desconhecimento dos trabalhos de uns e outros e aqueles que se conhecem se deve mais ao acaso resultante de outras proximidades e conveniências do que como produto de reuniões e discussões metodológicas, teóricas e epistemológicas. Isto faz com que seja difícil ter uma ideia correcta do que se passa, de forma genérica, com a sociologia em Angola sem realizar-se um encontro que possa dar oportunidade de reunir os sociólogos angolanos num evento de sua especialidade (MANUEL, 2016, p. 12-13)

Portanto, o que se observa destes profissionais e do exercício do seu ofício, é o conflito de papéis entre o ser profissional, o adoptar uma vida pela Sociologia e viver o ofício de sociólogo com o exercício da sociologia de gabinetes ou da convivência onde se atende uma agenda específica que não exija do profissional da Sociologia um posicionamento crítico e inquieto da realidade social complexa. E isto dá-se porque o verdadeiro profissional da

Sociologia, é aquele que tem em si, a consciência crítica e a leitura desapaixonada das coisas e dos fatos, e não se deixa levar ou manipular pelas manobras aventureiras da ciência da convivência e dos gabinetes.

Tanto mais é que o profissional da Sociologia, tem o compromisso de ler, interpretar e observar a realidade, e que Carlos Lopes (2008, p. 50 (grifos nossos)), vem na mesma perspectiva nos chamar atenção de que os sociólogos angolanos, “os intelectuais africanos, **africanistas e de mais profissionais acadêmicos locais**, devem posicionar-se na linha da frente dessa leitura crítica **da realidade e de seus acontecimentos quotidianizados**”. E é nesta perspectiva que Manuel (2016, p. 17) sustenta que,

quem tem interesse pelos fenómenos coletivos dificilmente pretende abandoná-los, a não ser que seja um destes aventureiros que cada vez mais se manifestam que não pretendem nada mais que um diploma esvaziado para adquirirem um *status* que pouco tenha a ver com o campo científico.

Assim, existência deste conflito e a sede pelo *status quo* e o exercício do ofício de sociólogo por estes aventureiros da sociologia, e de modo a dizermos que ‘cicrano’ é sociólogo, ‘fulano’ é diplomado em Sociologia, desencadeia o desinteresse pela ciência científica no seu verdadeiro sentido e missão. Para tanto, a falta de interesse e de ações concretas de análise e discussões generalizadas às epistemologias locais e nacionais, e sobre o pensar e o fazer a Sociologia científica entre os profissionais da Sociologia e suas instituições, faz com que a Sociologia em Angola seja vista como só mais curso, só mais uma disciplina sem utilidade ao em vez de ser vista como um ramo do saber científico útil e fundamental para explicar e teorizar epistemicamente a realidade social dos *guetos* e *musseques* país.

Este desinteresse, nos parece um desinteresse institucionalizado e defendido por muitos ditos ‘sociólogos’ e que sá pelas próprias organização como a A.A.S.A<sup>79</sup>, a SASO<sup>80</sup> e a COESO<sup>81</sup>. Dizemos desinteresse institucionalizado porque estes ‘sociólogos’ estão em diversos lugares, e estão também vinculados em muitas instituições de pesquisa e ensino quer sejam públicos ou privados e em organizações profissionais.

É justamente nestas instituições e organizações que a Sociologia deveria ser valorizada, defendida e firmada em diversas perspectivas do fazer e do pensar sociológico e do fazer científico local pelos viés da Sociologia quotidianizada na realidade social dos *guetos* e *musseques* do país. É no entanto nestes espaços que se daria o celeiro da Sociologia Angolana,

<sup>79</sup> Associação dos Antropólogos e Sociólogos de Angola.

<sup>80</sup> Sociedade Angolana de Sociologia.

<sup>81</sup> Comunidade de Estudantes de Sociologia.

e da Sociologia em Angola se estes sujeitos da Sociologia angolana fizessem alguma coisa por ela.

E como não se faz nada neste sentido, é bem possível que estejamos a viver a nível da Sociologia em Angola, uma crise da Sociologia Angolana, uma crise geracional da sociologia local dos *guetos* e *musseques* do país, uma crise entre os fazedores e pensadores da Sociologia Angolana nas suas mais diversas perceptivas do olhar científico da Sociologia que por sinal é também uma ciência das crises, questionadora e particularmente problemática da realidade e do social. Pois a Sociologia como ciência social caracterizada pela inconformidade da realidade social, não cessou em nenhum momento de esbarrar em todos os problemas da realidade social do indivíduo, dos entes sociais e da sociedade em que a vida social se dá e se produz (BOUORDIEU, 20019).

Uma crise que é motivada por inúmeras razões que vão desde aos interesses dos entes sociais ao que seria a Sociologia em Angola, suas perspectivas e sentidos, quem são os profissionais formados ou formandos em Sociologia nestes espaços complexos do país, o que nos levaria de certo modo a questionar: que Sociologia temos em Angola? O que as entidades como A.A.S.A, a SASO e a COESO fazem em prol da Sociologia Angolana? Onde os sociólogos angolanos trabalham ou atuam no seu dia-a-dia em Angola? O que se fez e se faz em pouco mais de 25 anos de existência da Sociologia em Angola? Que planos são pensados para a formação dos profissionais em sociologia? Que plano de estudos essa Sociologia nos apresenta face aos desafios da profissão sociológica no país?

[...] Essas são questões cruciais **e indispensáveis porque** [...] abrem novas frentes de reflexão **epistêmica** e de pesquisa, bem como desafios teórico-metodológicos para a área de pensamento social **angolano, do pensamento sociológico angolano e da realidade social quotidianizada** [...], cujas diferenças e relações de continuidade com outras especialidades acadêmicas **e do saber**, como a sociologia do conhecimento, **a sociologia da periferia**, da cultura ou a teoria social, ou as teorias culturais e simbólicas, passam a ser, então, mais sistematicamente problematizadas e exploradas **a nível da realidade social complexa angolana** (SCHWARCZ e BOTELHO, 2011, p.13 (grifos nossos)).

E é no entanto nesta perspectiva de abertura de novas fontes reflexivas, que a exploração deste social para a produção da reflexão epistêmica sobre a realidade social e suas estruturas, se dá pelas inconformidades dadas pela realidade social e dos questionamentos ao estado atual da Sociologia Angolana. E são questões como estas feitas acima que nos fazem pensar a identidade e a tradição da Sociologia Angolana em mais de 25 anos de existência em Angola, e a utilidade que se tem dado a mesma pelas organizações institucionalizadas ou não e pelo Estado por via dos concursos públicos, que por sinal o sociólogo quase que nunca é tido por

nunca termos visto um concurso público direcionado por exemplo à sociólogos no sentido destes fazerem parte das administrações provinciais e municipais, serviços prisionais e outros, com exceção da educação, embora este não direcione um concurso para os sociólogos, mas tem sido umas das poucas áreas em que os sociólogos atuam hoje.

Portanto, isto demonstra a falta de interesse que se tem pela Sociologia Angolana, este desinteresse reflete a situação atual da Sociologia Angolana e do que se está a estudar ou a produzir em Sociologia para a construção do saber sociológico angolano, do pensamento sociológico angolano tal como a tabela acima nos mostrou a ausência total de algum trabalho que disserta alguma coisa sobre a Sociologia do conhecimento em Angola, a produção de saberes sociológicos locais e nativos, e a construção da teoria sociológica nacional, local ou do pensamento social angolano.

Este desinteresse hoje, se estende por quanto que há no país, seus *guetos* e *musseques*, um quantitativo enorme de profissionais hipócritas e da conivência que não está preocupado com a produção de saberes em Sociologia e passaram a fazer quantitativismo sociológico sustentando pelo *status quo*, pelo poder e pelos discursos encomendados e do faz de contas do sujeito profissional da Sociologia Angolana. E é no entanto este quantitativismo sociológico e de seus profissionais,

que já começa a dar sinais para afectar a sociologia, e **que de certa forma este quantitativismo** não deve ser incentivado **pelos sociólogos angolanos** na forma como está a suceder **a Sociologia e seus profissionais. Tanto mais que, qualquer ofício intelectual ainda não é demais para o caso angolano** [...] (MANUEL, 1016, p. 9 (grifos nossos)).

Pois, “o avanço da sociologia em Angola e **do seu postulado epistêmico**, depende do que o contexto proporcionar, mas sobretudo da identidade **desta Sociologia** e do interesse dos sociólogos em levar avante este desiderato” epistêmico que a Sociologia Angolana nos apresenta hoje no que diz respeito a produção de saberes interconexos da Sociologia e a discussão teórico-reflexiva levada acabo pelos entes sociais da Sociologia Angolana (MORAIS, 2016, p. 22 (grifos nossos)). Este contexto depende para tanto, da ação prática do nosso olhar crítico-reflexivo, político-ideológico e analítico às exigências teórico-práticas da Sociologia Angolana na estrutura social hermética do país, suas instituições e seus profissionais. Pois é isso que vai determinar o rumo da Sociologia Angolana nos *guetos* e *musseques* do país.

Para tanto, precisa-se portanto,

(...) de uma transformação radical da sociologia em Angola. Despida de gravatas, incompetências, falsidades e hipocrisias, a sociologia tem de estar cada vez mais na academia e na rua. (...) a batalha por uma sociologia cada vez mais científica em Angola ainda tem longos e infelizes anos de vida. (...)

não a uma ciência do "faz de conta" das agendas programáticas curriculares, teórica, e sim para uma sociologia transformadora, crítica, competente e programática (MANUEL, 2016, p.16-17).

E tanto é que,

quando melhor a Sociologia cumpre a sua função propriamente científica, mais chances ela tem de decepcionar ou de contrariar os poderes. Esta função não é de servir para alguma coisa, isto é, a alguém. Pedir a Sociologia que sirva para alguma coisa é sempre uma maneira de lhe pedir que sirva ao poder. Ao passo que a sua função científica é compreender o mundo social, a começar pelo poder (BOURDIEU, 2019, p. 30).

Até porque a missão última da Ciência não é e nunca será servir ao poder e ao *status quo* daqueles que o fazem e a sustentam por meio de suas políticas institucionalizadas por via das instituições formais e não formais da realidade social complexa dos *guetos e musseques* do país. E o sociólogo deve ter a capacidade filtrar e a consciência de olhar para o seu ofício de modo a dar a cada uma das coisas, a atenção desejada, e com isso ressignificar a Sociologia em Angola e consequentemente a Sociologia Angolana, direcionando-a para tanto, aos interesses do fazer e pensar científico local e nacional. Pois, a Sociologia e seus profissionais, devem ser vistos como entes promotores da atividade do mundo social e da ação prática e reflexiva do fazer e do pensar a Sociologia para a produção epistêmica e pragmática da Sociologia teorizada, sistematizada, contextualizada e quotidianizada na realidade social de seus entes sociais.

Tanto mais que a Sociologia e o sociólogo que serve ao poder e ao *status quo*, é aquela sustentada pelos gabinetes, pela convivência e pela atividade político-ideológico-partidário, o que Manuel (2016) e Candiengue (2021), chamam de sociólogos da bajulação, do poder, de gabinetes e sociólogos engravatados pela sede do 'ter' e do '*status social*', por estes servirem os interesses da classe e a promoção da construção da classe individual.

E no entanto, é esta classe do *status*, do ter e do poder que cria condições de haver o desinteresse pela Sociologia e pelo ofício do exercício teórico-prático do viver e adotar uma vida pela Sociologia, um estilo de vida na e pela Sociologia. E é com base nisso que os outros sujeitos da Sociologia se deixa influenciar pelas tendências analíticas destes profissionais.

Assim, é fundamental que haja um posicionamento dos profissionais e fazedores da Sociologia Angolana, é fundamental que a A.A.S.A, a SASO e a COESO se posicionem sobre a Sociologia Angolana, sua situação atual em diferentes campos da realidade social dos nossos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social enquanto mosaico emaranhado de vivências, experiências, práticas, observações e identidades étnicas (coletiva ou individual) e nacional.

Não falamos tanto da COESO - Angola por ser uma organização estudantil, embora de âmbito nacional e aberta a todos os profissionais das ciências sociais e estudantes da Sociologia e de mais sujeitos da mesma (sociólogos). A COESO<sup>82</sup> sendo uma organização com *status* jurídico reconhecido no Diário da República em 2018, tem a responsabilidade de se impor e se posicionar sob diversas questões que envolvem a Sociologia em Angola e conseqüentemente a Sociologia Angolana. Tanto é que ela tem a missão nos termos do artigo 3.º do seu estatuto (ANGOLA, 2018), de:

- a) Incentivar a investigação científica;
- b) Promover actividades científicas através de debates, mesas redondas, etc;
- c) Promover a profissão de sociólogo;
- d) Permitir um maior intercâmbio entre os/as sociólogos/as;
- e) Estabelecer vínculos com outras instituições afins.

Estes objetivos ou metas, são ambiciosos e se postos em prática, a Sociologia Angolana agradeceria bastante, pois seria um agregar de valores múltiplos e de saberes interconexos à Sociologia Angolana em todos os seus aspectos e particularidades. Além do mais, estes objetivos impulsionariam o pensar e o fazer sociológico angolano, despertando entre os profissionais da Sociologia e seus estudantes, discussões interconexas e interdisciplinares da realidade social complexa teorizada na Sociologia científica.

Tanto é que, o fazer sociológico é uma atividade contínua que diz respeito a todos os profissionais da Sociologia, e que esta deveria ser uma conversa, um debate e uma análise de todos os tempos e lugares no sentido de promover as discussões sociológicas nos seus mais variados níveis, estruturas ou classes.

É portanto com base nisso, que questionamos se a COESO-Angola, tem a missão acima por que razão ela não se posiciona face ao estado atual da Sociologia Angolana e conseqüentemente a construção do Pensamento Sociológico angolano? O que estará na base disso se ela é até apartidária, laica e sem fins lucrativos? E se ela faz alguma coisa, como o faz e a partir de que perspectiva?

Questionamos porque o saber sociológico é fundamental e as organizações que deveriam promover ela em todos os seus aspectos e particularidades, quase que não o fazem. E a exemplo disso é a própria COESO-Angola que não tem absolutamente nada promovido por

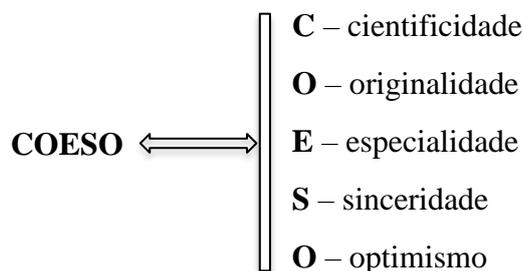
---

<sup>82</sup> Comunidade de Estudantes de Sociologia / COESO-Angola, fundada em 2012 e reconhecida juridicamente no Diário da República. III Série – nº 133, 19 de Julho de 2018.

ela na sua página/site<sup>83</sup>, um debate, encontro, palestra, colóquio ou mesa. Nada disso encontramos e com certeza se encontrássemos teríamos certeza de que existe alguma coisa a ser feita neste sentido (promoção e massificação do saber sociológico).

Tanto mais é que se se estivesse a fazer alguma coisa neste sentido, talvez teríamos outros resultados na tabela 2, tabela acima. Pois isso influenciaria de certo modo no que se está a produzir em Sociologia Angolana no resto do mundo, e aqui com destaque a CPLP. E afirmamos isto por uma razão muito simples, maior parte dos nossos profissionais com exceção da graduação, e com realce a pós-graduação, fazem a sua formação em Portugal e Brasil, e se estes profissionais fossem influenciados por mesas, debates e discussões da realidade por estas entidades, com certeza haveria algum reflexo dessas discussões a nível dos trabalhos que têm sido produzidos por angolanos e sobre a Sociologia Angolana nas mais distintas universidades da CPLP.

Tanto é que o próprio acrônimo ‘COESO’ nos remete segundo a COESO [2018?], a cientificidade, originalidade, especialidade, sinceridade e optimismo, tal como se vê abaixo.



Portanto, se os objetivos e valores da COESO fossem colocados na ação prática do fazer e do pensar científico a Sociologia Angolana pelos seus associados, sociólogos, acadêmicos, estudantes e demais profissionais da Sociologia, com certeza esta não seria uma discussão agora, se calhar estaríamos nós a discutir outras questões da construção e discussão da Sociologia Angolana.

Quanto a SASO, não há quase nada a se dizer infelizmente, pois ela é um órgão constituído por sociólogos, sediado em Luanda, Angola, e responsável pela Revista Angolana de Sociologia<sup>84</sup> (RAS), cujo o diretor é Victor Kajibanga, vinculado à Universidade Agostinho Neto, Angola, e Paulo de Carvalho como editor, vinculado a Universidade Katyavala Bwila, Angola. Quanto a revista dispensa-se comentários por quanto que a revista é funcional embora

<sup>83</sup> Consulte a página no link: <https://coesoangola.wordpress.com/>

<sup>84</sup> Revista Angolana de Sociologia disponível no site: <https://revistangolanasociologia.wordpress.com/>

nós não tenhamos encontrado nada direcionado ao Pensamento Sociológico Angolano ou a Sociologia do conhecimento em Angola.

Quanto a Sociedade Angolana de Sociologia, a questão é, o que a SASO tem feito de forma precisa, concreta e prática em prol da Sociologia Angolana fora das 7 edições disponíveis na RAS? O que a SASO tem promovido para a ressignificação da Sociologia Angolana ou a construção do Pensamento Sociológico Angolano? Estas questões são fundamentais e necessárias para repensarmos inclusive a nossa posição enquanto profissionais da Sociologia ao pensar Sociologia hoje nos nossos *guetos e musseques*.

Já a Associação dos Antropólogos e Sociólogos de Angola (A.A.S.A), a percepção e discussão que se tem sobre o seu papel na construção do Pensamento Sociológico Angolano e na consolidação da Sociologia Angolana, é a mesma que as demais já mencionadas aqui. Pois não há absolutamente nada escrito e ou divulgado sobre o papel da A.A.S.A, sua missão ou objetivos práticos para a Sociologia Angolana hoje, nem tão pouco quem são os seus associados, e se são na sua maioria Antropólogos ou se são maioritariamente sociólogos. E nesta perspectiva inclusive perguntaríamos, o que os seus associados fazem para a Sociologia? Ela existe como ação prática ou é apenas uma existência ficcional?

Portanto, entendemos nós que as associações como a A.A.S.A, a SASO e a COESO, são associações fundamentais e indispensáveis na construção do conhecimento científico em Sociologia a nível dos nossos *guetos e musseques*, pois,

as associações científicas enquanto instituição são um campo por excelência de desenvolvimento, promoção, regulamentação e produção científica, onde se podem abordar questões de cunho epistemológico, metodológico, teórico, organizacional e funcional da própria ciência (MORAIS, 2016, p. 27)

São no entanto as associações enquanto instituições promotoras da ciência científica, do fazer e do pensar a cientificidade epistêmica do conhecimento local - nacional teorizado pelos acadêmicos, pesquisadores e profissionais da Sociologia enquanto entes sociais e observadores da vida social e sua produção. São as associações científicas que através das suas atividades acadêmicas, científicas e observacionais compartilham experiências, vivências e perspectivas analíticas diversas sobre os fatos epistemicamente relevantes a Sociologia no geral e em particular a Sociologia Angolana e ao fazer e pensar científico as suas particularidades sociais e epistêmicas.

No entanto, apesar de termos estas associações em Angola, e algumas delas por sinal bem estruturadas do ponto de vista estrutural e com um estatuto próprio, muito falta a se fazer no país no que diz respeito a discussão e promoção da atividade científica em todos os seus

campos do pensar e do fazer ciência sociológica por parte destas associações e seus associados que inclusive são na sua maioria, se não mesmo todos sociólogos.

Entretanto, é neste muito a fazer pela Sociologia e pelo saber sociológico local, que a produção sociológica no país ainda deixa-nos a desejar. Pois,

apesar de existir uma associação do gênero na área de Sociologia, continuamos ainda a observar lacunas no que tange a existência de saberes sociológicos de renome no país de modo a termos um pensamento social fundamentado no quotidiano da realidade social de Angola e das suas especificidades na construção de hipóteses empíricas de teorias puramente sociológicas no país, *guetos e musseques* (CANDIENGUE, 2021, p.47).

Estas lacunas são visíveis e refletem todos os aspectos do saber sociológico produzido no país e sobre o país, e podemos no entanto observar isto, na tabela 2 sobre o que está a ser produzido sobre a Sociologia Angolana e suas perspectivas analíticas em diversas geografias, e sobre questões mais predominantes e não predominantes nestes estudos da Sociologia Angolana. E uma das lacunas por exemplo que se pode verificar é justamente a questão da discussão e construção de um possível Pensamento Social Angolano, um possível Pensamento Sociológico Angolano nestes estudos que possam explicar, desmitificar ou descrever de forma teorizada e metódica determinados fatos e fenômenos sociológicos da realidade social complexa pela Sociologia Angolana.

Portanto, estas lacunas abrem margem à reprodução e a doutrinação dos intelectuais dos nossos *guetos e musseques* porquanto que não excitam o formando, o pesquisador, o acadêmico a pensar crítica, reflexiva e epistêmica as circunstâncias e situações da sua realidade social e de seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social implexa que o envolve.

E nesta perspectiva, quando não se tem o censo crítico ou não se constrói o olhar crítico, não se incentiva a consciência crítica e reflexiva sobre o fazer e pensar epistêmico a cientificidade local ou nacional da Sociologia Angolana ou outras áreas do saber científico sobre a realidade social angolana, a tendência é concordar com tudo o que se diz, com tudo o que se escreve e estar sobretudo numa posição de recessão epistêmica sobre a nossa realidade, ao mesmo tempo que se promove e se recicla perspectivas já ultrapassadas pela ciência sociológica na contemporaneidade.

Tanto é que,

existe uma tendência a concordarmos rápido demais sobre diversas análises da sociedade, transformando alguns estudiosos e suas ideias em cânones, reprimindo opiniões contrárias, evitando riscos intelectuais, ensinando os mesmos paradigmas e as mesmas ideias em torno deles, repetidas vezes, e reciclando ideias mortas para novas gerações. Isto é morte intelectual e todos

devemos admitir que as Humanidades, assim como as próprias universidades, estão passando por graves espasmos mortais (FALOLA, 2006, p 108).

Entretanto, para romper estes paradigmas de reprodução, e, às lacunas epistêmicas ao fazer e pensar científico angolano, ao conformismo científico, a repetitividade de ideias e os pasmos mortais a nível dos académicos e suas academias, das associações profissionais, dos pesquisadores, sociólogos e suas instituições de vínculo, é fundamental repensar a própria Ciência Sociológica Angolana e o modo como esta se configura na estrutural social angolana, e o modo como esta tem sido passada a todos aqueles que por ela se interessam no dia-a-dia do fazer e pensar sociológico a partir de um estilo próprio de vida conduzida pelos viés da Sociologia e com ela construir raciocínios para o pensamento sociológico angolano.

Pois,

para a (re)construção de saberes epistemológicos do pensamento sociológico puramente angolano, é fundamental (re)pensar inclusive o sistema de ensino angolano e a estrutura curricular que sustenta a base do sistema educativo para o ensino da Sociologia e da pesquisa no país, revendo, no entanto, as diretrizes gerais do sistema educativo e da pesquisa científica (CANDIENGUE, 2021, p. 52).

No entanto, é neste revisitar a estrutura curricular que sustenta o sistema de ensino da Sociologia nas instituições de ensino e treinamento do fazer e do pensar científico, que compreenderemos o campo amplo, interdisciplinar e interconexo da Sociologia e do fazer sociológico na construção de saberes e a ruptura ao conformismo epistêmico e a reprodução dos cânones do saber hegemônico aplicado às nossas realidades complexas cheias de particularidades e especificidades próprias e locais.

Para isso é fundamental no entanto, compreender o que é a Sociologia em Angola e como esta deve ser aplicada à nossa realidade para que consigamos teorizar, sistematizar e discutir metodicamente os fatos e fenômenos sociológicos observados na realidade social dos nossos *guetos e musseques*.

Portanto, o fazer e pensar sociológico em Angola, é uma necessidade e um campo aberto que carece a atenção de todos os profissionais da Sociologia e suas instituições de modo a pormos em prática a acção teórico-reflexiva do fazer sociológico da ciência sociológica e com ela compreender a complexidade da realidade social fundamentada na teoria e na prática epistêmica e pragmática da Ciência quotidianizada na realidade dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social hermética do quotidiano.

### 6.3. A DESMISTIFICAÇÃO DA SOCIOLOGIA DE GABINETES

A Sociologia é uma Ciência séria e focada na compreensão hermenêutica da realidade social dos entes sociais, dos sujeitos, mestres e mestras da cultura, da prática, da vivência e da realidade social complexa. Ela é o reflexo epistêmico, teórico e metódico da realidade interconexa entre a produção da vida social e a atividade social humana nas suas mais diversas concepções do fazer e pensar a Ciência Sociológica local, e do pensar epistêmico a sociedade angolana, seus *musseques* e *guetos*.

Esta Sociologia é prática, inquieta e dinâmica por refletir o quotidiano social da realidade epistemicamente reflexiva, e apresenta perspectivas transgressoras ao conformismo na construção de saberes e raciocínios teórico-críticos sobre a realidade social dos *guetos* e *musseques* da estrutura social angolana, desmistificando assim, a ‘Sociologia de Gabinetes’.

Pois esta ‘Sociologia de Gabinetes’, consiste no exercício conformista do ‘ofício de sociólogo’ pelos sociólogos confiscados pela ação da a atividade político-partidária, pela bajulação, pelo lambe botas, pelo *status quo*, pela mídia pública instrumentalizada, pelo *show off*, e pela promoção de membros de gabinetes tidos como máquinas de discursos, estudos e fabricação de dados ou relatórios que convém e agradam o chefe e outros superiores do aparelho que dirige os destinos do país e de suas estruturas sociais, políticas e/ou econômicas.

Pois há sociólogos em Angola que “estão ao serviço dos poderes visíveis e invisíveis, não fácil de enxergar pelos mais leigos e distraídos. Apesar de ao público serem conhecidos e identificados como sociólogos (...)” (MANUEL, 2016, p. 16), mas que no fundo são aqueles profissionais e sujeitos sociólogos que estão ao serviço do sistema, do aparelho político-partidário-ideológico, dos gabinetes de ação psicológica, aquilo que Bourdieu (2019, p. 71) considera como o “pensamento maquinal e à linguagem mecânica, produtos do aparelho voltados exclusivamente para a conservação do aparelho” político-ideológico e do poder.

Entretanto, esta estrutura maquinal, visível e invisível aos olhares dos profissionais treinados pelo olhar sociológico ou não, e pela sociedade no geral, procura sob todas as formas, impor a repressão e o silenciamento da consciência crítica coletiva e individual do fazer e pensar crítico a Ciência sociológica local. Para evitar isso, é fundamental para tanto, uma ruptura epistêmica entre a atividade política destes sujeitos e a ação científica daqueles que optam por um estilo de vida conduzida pela Sociologia e pelo fazer e pensar científico a realidade social angolana.

É no entanto fundamental, que se crie rupturas entre a Sociologia de Gabinetes e a Sociologia como Ciência reflexiva e teórico-crítica, direccionada para análise teórica, metódica

e pragmática do fazer Ciência e do pensar a realidade social nacional, e acabar com a corrupção e o silenciamento da consciência científica no espaço social angolano, e trazer à ribalta a cientificidade da Sociologia crítica, questionadora e inconformista.

E porque queiramos ou não, a Sociologia é o olhar oculto das coisas, é o olhar crítico da ciência sobre a realidade social passível de investigação e interpretação sociológica, e isto permite-nos aprofundar cada vez mais o problema epistêmico que a Sociologia procura explicar e teorizar o quotidiano a partir da descoberta do desconhecido e a ruptura ao conformismo científico.

É a ruptura ao conformismo, a quietude e a recessão de tudo o que chega à mão, que se desmistifica a ‘Sociologia de Gabinetes’ feita por sujeitos da sociologia e não por sociólogos de ofício. Tanto que esta ‘Sociologia de Gabinetes’, está intimamente ligada aos discursos por encomenda, ao *show off* político, ao populismo, ao capitalismo político incentivado pela bajulação e ao atendimento de uma agenda político-partidário-ideológica conformada com a realidade social atual da Ciência Sociológica e da sociedade em si.

No entanto é fundamental,

que haja a nível local a separação da a atividade científica, da ação política e do capitalismo sobre os cientistas sociais, de modo a construir novos conhecimentos epistemológicos do pensar a realidade, bem como a invenção de uma forma própria de fazer a produção de saberes que reflitam a construção rica de novas epistemologias, de uma nova ideia de sociedade local e do mundo concreto da sua realidade social como alternativas de saberes não ocidentais (CANDIENGUE, 2021, p. 16).

Entretanto, havendo portanto a separação da atividade científica como ofício do sociólogo e a ação política do indivíduo que faz política, estaríamos nós a ‘libertar’ os sociólogos de ofício confiscados pela máquina política que de uma ou de outra forma faz a manutenção do poder controlando o dito e o não dito de seus quadros pesquisadores. Pois no dizer de Cardoso (2011), às elites dos nossos países, formadas sobretudo na colonialidade e na pós-colonialidade, são muito violentas e procuram a todo custo reprimir as Ciências Sociais e seus pesquisadores por meio de seus sistemas e aparelhos.

Tanto mais é que, a “finalidade do sistema político é de harmonizar os interesses díspares presentes em todas as formações sociais, com o intuito de produzir uma sociedade consensual,” e os partidos políticos se adequarem ao sistema por eles estabelecido, (CARDOSO; MACAMO; PESTANA, 2002, p. 4). E uma Ciência sociológica que se quer séria, questionadora, transgressora e teórico-crítica, “não pode andar por aí a torto e a direito simplesmente por um reduzido número de indivíduos pretenderem pertencer ao novo-riquismo

e de certos actores (...)” (MANUEL, 2016, p. 8), e a todo custo pretenderem com a suposta Sociologia, alcançar os seus objetivos inconfessos. Aliás, “a falsa ou falta de consciência colectiva dos sociólogos só justifica o postulado de que os sociólogos só o são para os outros e ideólogos para si mesmo, cada um agindo em função dos seus interesses individuais” (MANUEL, 2016, p. 12).

Tanto mais que, estamos numa fase, em que a Sociologia precisa de sociólogos sérios e comprometidos com a Ciência Sociológica e a Sociologia precisa de sociólogos inconformados com a situação atual da Sociologia Angolana, e que sejam de certo modo, capazes de construir saberes que reflitam a realidade social complexa da conjuntura sociopolítica, econômica e epistêmica dos *guetos* e *musseques* do país.

Pois os saberes em Sociologia na realidade social angolana, seus *musseques* e *guetos*, são uma necessidade urgente e indispensável que parte desde a institucionalização da Sociologia nas instituições de ensino até as mais diversas análises e perspectivas de construção de raciocínios teórico-crítico para pensar Angola no agora da ação dos seus entes sociais, no passado, presente e no futuro.

Para tanto, estes saberes diversificados em Sociologia, “trazem consigo diversos olhares que abrangem as especificidades e particularidades dos espaços múltiplos que formam a realidade social complexa” angolana (CANDIENGUE; OSSAGÔ, 2022, p. 104). Estes olhares devem fundamentalmente ser olhares epistêmicos sobre a realidade social sistematizada pela Ciência Sociológica nacional.

Tanto mais que, a Sociologia local e seus profissionais, devem olhar para a realidade social angolana, como meio de produção de conhecimentos emancipatórios, transgressores e reflexivos, os seus profissionais devem dedicar-se a ela com rigor e cientificidade, embora em Angola a Sociologia nacional esteja ao serviço do aparelho, do sistema tal como Manuel (2016) vem sustentar que,

a sociologia em Angola está mais ao serviço da ordem que da emancipação. (...) os sociólogos competentes dedicam poucas horas a sociologia e quando o fazem é, sobretudo, por questões muito pontuais e de forma dispersa. **Tanto mais que estes profissionais estão todos** condicionados por uma violência simbólica repressiva, e vão se afastando das grandes questões, pelo menos no que a produção e a divulgação científica dizem respeito. Não se trata, **no entanto**, de uma situação recente e fácil de lidar, **interpretar e observar**. Talvez os sociólogos em referência só tenham atrasado em entrar na corrida da ordem, se comparado com os "especialistas" em outras áreas do saber que descobriram que a melhor forma de produzir "conhecimento" é estar vinculado a comités partidários e **aos gabinetes do aparelho**. **Portanto**, eventualmente será um suicídio pensar o contrário, numa época em que, paradoxalmente, as portas se fecharam até para os mais domesticados e

servidores **na produção do saber local** (MANUEL, 2016, p. 15 (grifos nossos)).

Tanto mais é que há no país,

um certo pensamento sociológico por encomenda que é feito por meio de assessorias e consultas, que são consumadas através de entidades governamentais, organizações da sociedade civil e empresas. Não há nada de errado nisto se partisse da premissa que a construção de tal pensamento partisse de um trabalho intelectual antecedente e autónomo (MANUEL, 2016, p.18).

Entretanto, é este pensamento sociológico feito por encomenda e nos comités partidários que não está à disposição da ciência sociológica nacional, nem tampouco a disposição da emancipação social e epistêmica do fazer e pensar a ciência científica angolana, o seu postulado crítico, reflexivo, teórico, pragmático, prático e epistêmico, está direcionado ao serviço do aparelho que o neutraliza a favor do aparelho e o condiciona.

Aliás, a sua práxis portanto, está orientada a manutenção do aparelho e do poder. Tanto mais que a própria práxis, pode na concepção de Aranha (1989), apresentar-nos ou revelar distorções eminentes que estão sempre presentes na própria realidade social emaranhada de ações, sentidos, fatos e acontecimentos do quotidiano. Pois a práxis, é assim toda a ação humana conduzida e carregada de arcabouços teóricos, análises, intenções, métodos, epistemologias, explicações e justificativas ou posições sobre as ações humanas na realidade social complexa dos entes sociais (ARANHA, 1989).

Então desmistificar a sociologia de gabinete implica olhar para as formas e meios de transmissão do conhecimento, de ideias e valores sobre a realidade social conduzida sob o fazer rigoroso da Ciência Sociológica local e cumprir a missão última da Ciência inquieta como é a Sociologia.

Pois “o sociólogo não é um mero analista da sociedade e da vida em sociedade, o sociólogo é um sujeito da sociedade que dirige o seu olhar treinado para a concepção do saber sobre a Ciência e a sociedade” (CANDIENGUE; OSSAGÔ, 2022, p. 102), e consequentemente a construção de saberes inseparáveis do seu carácter social. Pois o intelectual da Sociologia, deve ter e “(...) estar colocado em condições que lhe permitam trabalhar para conhecer suas determinações genéricas e específicas. E assim, libertar-se (...) e oferecer aos outros meios de libertação” (BOURDIEU, 2019, p. 71-72).

Portanto, estes meios de libertação dão-se pela transgressão às formas de produção de saberes por convivência, com olhares apaixonados e especializados aos comités e seus aparelhos, onde o profissional da Sociologia passa a olhar para a realidade social como o espaço

privilegiado que lhe permite estabelecer condições múltiplas e interconexas de produção, discussão, análise e construção do conhecimento crítico e reflexivo. E nesta perspectiva, deixaríamos nós de ter profissionais e sociólogos da convivência e dos *status quo*. Profissionais indicados pelo seu desempenho à bajulação e ao aparelho.

Tanto mais que, há sociólogos nos *musseques* e *guetos* do país, acadêmicos e pesquisadores comprometidos com a ciência científica nacional (Sociologia Angolana), profissionais que adotaram um estilo e um modelo de vida pela cientificidade rigorosa do fazer e pensar ciência, e outros apenas fazedores de opiniões múltiplas por via da sociologia, “que são promovidos não só pelo valor da sua produção científica mas também, e sobretudo, por alinhamento com certos interesses extra-científico (político-partidários, de promoção de imagens pessoal e outras agendas pessoais de ascensão social)” (MANUEL, 2016, p.19).

E neste sentido, deve, entretanto, haver uma separação clara do ofício sociológico e da atividade política sustentada pelos comités e pelo aparelho ou sistema de manutenção do poder e de manipulação da realidade social dos *musseques* e *guetos* do país. Deve portanto haver em toda a estrutura social científica angolana, um divisor de saberes, um pensamento diferenciado entre o fazer e pensar ciência como um modelo de vida direcionado à pesquisa e a produção de conhecimentos com a atividade política como ação diária da política partidária conduzida pelos partidos políticos e pelos comités e aparelhos de manutenção do poder.

Pois a desmistificação desta dualidade entre a sociologia de gabinete e a Sociologia científica local, permitiria-nos separar os acadêmicos propriamente dito dos políticos. Aliás, a própria Sociologia dá sempre “uma chance de romper o feitiço, de denunciar a relação de possuidor possuído, que encadeia ao seu tempo aqueles que estão sempre em dia, atualizados” (BOURDIEU, 2019, p. 70). Assim, os sociólogos de gabinetes ou da convivência, estão direcionados a se posicionar e a optar entre a produção de saberes pela rigorosidade científica, ou pela atividade político-partidário-ideológica levado a cabo pelos comités e pelo aparelho de manutenção do poder.

Entretanto, optam por esta via, todos aqueles sociólogos que escusaram-se de viver e adotar uma vida pela Sociologia como ciência questionadora, interpretativa, teórica, prática, analítica e problemática, e optaram por uma sociologia de gabinetes, da convivência e por uma vida mais fácil e cheia de *status* e regalias. E para satisfazer e alcançar estes *status* pelos sociólogos da convivência ou de gabinetes, a sociologia de gabinetes apresenta-nos algumas características, e dentre estas destacamos as seguintes:

**a. Crítica no início da carreira**

Lamentavelmente, o sociólogo de gabinete ou da convivência é sempre crítico no início da sua carreira, é um sujeito crítico com objetivos claros, precisos e bem definidos. A sua crítica é sempre direcionada ao sistema, ao aparelho para que este o olhe e depois o confisque com os seus benesses e regalias do *status quo*. Entretanto, este confisco se dá pelo silenciamento da consciência crítica do indivíduo que muitas vezes é silenciado desde a base, desde o início a da sua formação superior ou não, e pela compra de sua consciência moral e da sua capacidade teórico-reflexiva sobre a realidade social complexa da estrutura social dos *guetos* e *musseques* do país. Este processo se dá sempre entre os melhores, os excelentes e sobretudo conhecedores da cientificidade sociológica local.

#### **b. Sede ao poder e ao *status quo***

O sociólogo da convivência ou de gabinete, tem sempre sede de alcançar uma posição (*status*) social a nível da estrutura social do espaço em que este vive ou está envolvido. Esta sede rompe o percurso normal da história profissional, do perfil profissional e do desempenho deste profissional para que alcance ou mereça tal *status* ou regalia. Assim, para que tal desejo aconteça o mais rápido possível, o indivíduo enquanto profissional, analista e construtor de posições teóricas da ciência sociológica, procura enveredar por outras vias que consistem em ser militante do partido-estado, conseguir o cartão de militante e bajular tudo e todos até e durante o alcance de seus objetivos individuais, fazendo assim, a manutenção do aparelho mecânico do gabinete.

#### **c. Olhar especializado**

O olhar especializado no sociólogo de gabinete ou do sociólogo da convivência dá-se pela ausência do olhar interconexo e transversal às coisas e fenômenos da realidade social implexa nos *musseques* e *guetos* da estrutura social angolana. Pois este sujeito especializado desconhece na aplicabilidade dos seus discursos e análises sociológicas, a interdisciplinaridade epistêmica no sentido de dialogar e combinar os mais diversos campos do saber interpretativo da realidade social dos entes sociais e suas particularidades e especificidades.

Portanto, este olhar especializado se justifica porque o sociólogo de gabinete, não tem o olhar treinado próprio para outras especificidades a não ser aquelas que o *status quo* o atribuiu com a bajulação. Tanto mais que este processo da bajulação é contínuo, e o sociólogo de gabinete ou da convivência não pode parar de bajular sob pena hipotética de perder o prestígio do sistema, o *status quo* e suas regalias.

**d. Olhar manipulado sobre a realidade social dos *guetos* e *musseques***

O sociólogo de gabinete, tem sempre sobre a realidade social angolana, um olhar apaixonado, leviano, simplista e intencional sobre a realidade social dos entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade. Pois o seu olhar é sempre em benefício do ‘pão’, das regalias, do *status quo* e da bajulação, cumprindo assim as ordens superiores do que dizer, que discurso deve apresentar a opinião pública e como este profissional (sociólogo de gabinete) deve defender o partido e o sistema que lhe dá as regalias, a sua manutenção ou o alcance de uma determinada posição. Portanto, o discurso é sempre em defesa do ‘chefe’ e do partido, nunca para o cidadão comum que reclama e exige que determinadas coisas sejam cumpridas ou resolvidas. Aliás, para o sociólogo de gabinete, não se pode exigir porque o ‘zecutivo’ vai cumprir sempre as suas promessas e vai sempre resolver os problemas do povo.

**e. Análises antagônicas e contrárias ao postulado científico da Sociologia**

O profissional de gabinete, não está preocupado com o postulado científico, a sua análise, a sua abordagem está sempre atrelada e direcionada ao senso comum, ao bajulismo e a manutenção do poder. Pois a sua preocupação não é discutir e analisar cientificamente os fatos e fenômenos da sociedade angolana, ele está apenas preocupado com a manutenção do *status quo* e do seu sistema mecânico. Tanto mais que determinadas posições deste profissional não têm como ser provadas cientificamente ou a prática do que se defende vai na contramão do que a ciência científica diz ou propõe. Tanto é que o mais importante para este não fazer ciência, é defender o sistema e a sua posição para garantir a permanência do seu *status quo* ou do seu ‘pão’.

**f. Vivência de uma realidade imaginária conduzida sob o olhar da conivência ao aparelho ou sistema**

O sociólogo de gabinete vive de um imaginário cegado pelo *status quo*. Ele conhece a realidade, observa a realidade e dialoga com os grupos diversos desta sociedade, mas recusa-se a aceitar a realidade quando é questionado por outros entes sociais alheios ao seu círculo de influência e do gabinete mecânico. Pois ele finge não ver a realidade social dos *guetos* e *musseques* do país quando questionado, e passa a ideia de uma sociedade uniforme onde a heterogeneidade social só aparece nos pleitos eleitorais. Aliás, por ele ser conivente e parte do sistema, tem que fingir não ver e conhecer a realidade para se apropriar desta realidade em cada ciclo eleitoral e corromper a consciência do voto.

**g. Ausência da sensibilidade analítica dos fatos e fenômenos sociais**

O olhar do sociólogo de gabinete para a realidade social do país e de seus fatos e fenômeno do quotidiano, é sempre um olhar manipulado pelo seu interesse, um olhar encomendado, um olhar descontextualizado a vivência prática de seus entes sociais. Pois este profissional, finge não conhecer e ver a realidade social complexa angolana tal como ela é e tal como a produção da vida social se desenrola no dia-a-dia. O discurso é sempre proferido numa perspectiva de descaso a vivência prática de seus entes sociais. Os fatos e fenômenos epistemicamente relevantes e passíveis de análises e abordagens teórico-reflexivas pela sociologia deixaram de fazer sentido para estes profissionais.

**h. Recurso ao discurso de guerra**

Para os profissionais de gabinete ou se preferirmos, sociólogos de gabinete ou da convivência, tudo em Angola tem uma desculpa e um culpado, a guerra civil que o país viveu por quase trinta anos. Tudo é sempre culpa da guerra, culpa do partido X, Y ou da população que deveria cumprir os preceitos A ou X, quando na verdade a responsabilidade é de quem deveria fazer e não o faz. Esta característica é tida como o refúgio de tudo quanto se deveria fazer a tempo hábil, mas por convivência e/ou (in)competência, o discurso é quase sempre, 'a reconstrução do país leva tempo', 'não se (re)constrói um país em vinte e poucos anos de paz', 'o governo está a trabalhar'. O recurso aos acontecimentos da guerra civil é tido como o preceito do não cumprimento ou realização de alguma coisa ou a desculpa para a não existência de tal coisa. E este discurso serve como meio de manutenção do *status quo* e do poder, embora este nos traga outras interpretações.

**i. Defender a todo custo, todas as políticas do sistema ou do aparelho mecânico de seu gabinete**

Esta característica, consiste em defender de todas formas possíveis, todas as ações erradas ou certas feitas por quem tem poder e por quem governa ou comanda. O sociólogo da convivência ou de gabinete, procura a todo custo, se posicionar da melhor forma possível na defesa das ações certas ou erradas do seu chefe sob pena de perder as regalias e os benesses da bajulação desmedida. Pois, o profissional sociólogo de gabinete tem a responsabilidade de fazer a manutenção do poder, *status quo* e de tudo quanto o seu superior faz ou traça como política pública ou programa. Tanto mais que, para estes profissionais da convivência tudo o que é traçado pelos gabinetes superiores ou pelo aparelho ou sistema, está sempre equalizado às

necessidades dos entes sociais, mestres e mestras da cultura e da realidade social complexa dos *guetos* e *musseques* do país.

**j. Impor a consciência coletiva e individual, o olhar uniforme da heterogeneidade da estrutura social angolana e seus *musseques* e *guetos***

O sociólogo de gabinete passa por meio das suas análises e posicionamentos politicamente visível e intencional, a ideia de que Angola é um espaço homogêneo e que os problemas dos seus entes sociais não apresentam particularidades e especificidades que carecem atenção analítica, teórica e epistêmica. Pois estes profissionais desconhecem, pelo menos a impressão que nos passam, as particularidades e especificidades de cada lugar, de cada espaço e de cada povo (etnia) dentro da estrutura social angolana. E esta consciência coletiva e individual de ver a realidade social angolana de forma homogênea, é uma forma de impor aos sujeitos sociais, mestres e mestras da realidade um olhar uniforme e ideológico sobre a realidade e com ele fazer a opinião pública para melhor reinar.

**k. Bajulação exacerbada ao aparelho e seus órgãos**

A bajulação para o sociólogo de gabinete, é a forma de manutenção e conquista de posições e de *status quo*. É pela bajulação e a sua prática constante que as regalias e os benesses dos discursos e posições encomendadas se alcança o hipotético sucesso e respeito individual por ele desejado a alcançar. Portanto, o sujeito bajulador faz de tudo para ser notado e cooptado pelo aparelho. Defende por unhas e dentes o aparelho mecânico, tanto mais que o importante é ter as suas regalias e benesses garantidas pelo bajulismo.

**l. A negação e admissão do contraditório**

A negação e a inexistência do contraditório no seio dos sociólogos de gabinete é uma prática normal e presente em todas as ações que os envolvem. Pois, não existe nestes profissionais a cultura do contraditório, nem tampouco a admissão de determinadas práticas, vivências e realidades da estrutura social angolana. O pensar diferenciado ao bajulismo e ao conformismo social individual e coletivo é uma ameaça ao sistema e ao aparelho mecânico dos gabinetes, tanto que todo aquele que é contrário ao sistema ou pensa de forma diferenciada ao aparelho, é tido como inimigo da "paz" e do "bem-estar social", e é combatido. Portanto, para a manutenção do aparelho, a prática viável é a não concessão do contraditório, o silêncio perante a realidade social e a bajulação para se impor de todas as formas possíveis.

**m. A ‘febre’ da superioridade e da manutenção do *status quo***

Lamentavelmente, os sociólogos de gabinete estão todos cheios de egos de superioridade em relação aos outros sujeitos da realidade social complexa angolana. Estão todos batizados pela arrogância dos *status quo*. E isto não diz só respeito aos sociólogos da convivência, isto diz respeito ao aparelho mecânico no seu todo. Tanto mais é que a manutenção do poder do aparelho e do *status quo* exige a arrogância e imposição da sua superioridade para intimidar e conseqüentemente reinar e impor as suas políticas e ideologias.

**n. A inibição e repressão da consciência questionadora e crítica**

A consciência crítica e emancipada para os profissionais de gabinete, se constitui numa ameaça ao aparelho mecânico e ao sistema que detém em suas mãos todas as estruturas sociais de controle e dominação. Para que não haja questionamentos, críticas ao aparelho, ao sistema, e uma desordem social a determinadas práticas da realidade social em detrimento das reações causadas por determinadas situações, o silenciamento da consciência crítica é levado a cabo pelos sociólogos de gabinete. Este processo se dá pela corrupção, pela bajulação e pelo *status quo* que se atribui a todos aqueles que são críticos ao gabinete e/ou aparelho. Procura-se a todo custo, cooptar para o sistema toda consciência crítica ou contrária ao aparelho mecânico dos gabinetes de ação e a coação individual ou coletiva.

Portanto, estas características configuram-se porque temos a nível dos *guetos* e dos *musseques* do país, sociólogos mais para as mídias sociais, para a imprensa, para o monólogo e para as leituras especializadas dos comités e do aparelho do que para pensar a ciência sociológica, a realidade social complexa dos *guetos* e *musseques* dos entes sociais do país (MANUEL, 2016). Pois estes estão preocupados em maquiar a realidade social complexa ao em vez de analisá-la metódica e teoricamente para sustentar o *status quo* pela bajulação e pela manutenção do poder. Daí que a preocupação não é a produção do saber, mas a manutenção do sistema a que estes estão vinculados.

Entretanto, importa reter que a Sociologia de gabinetes não tem só desvantagens em função daqueles que o fazem e o praticam, ela tem também as suas vantagens na produção de saberes locais, mas essas vantagens só são visíveis quando esta Sociologia se distancia dos viés político-ideológico-partidários e dos comités partidários. Pois, os que o fazem estão despidos destes viés, fazem-no com uma certa responsabilidade em função dos serviços de consultoria que estes profissionais exercem ou prestam aos organismos internos ou externos (organismos internacionais) que os consultam.

Embora esta consultoria seja também um pensamento sociológico encomendado na concepção de Manuel (2016). Pois ela “é feito por meio de assessorias e consultas, que são consultas através de entidades governamentais, organizações da sociedade civil e empresas” (2016, p. 18). Entretanto, isto dá-se porque a Sociologia é vista nestes casos como uma instituição científica e não um produto das benesses e do *status quo*.

Contudo, a sociologia de gabinetes para a realidade social dos *guetos e musseques* do país, apresenta-se como forma ou meio de manutenção do poder, onde o olhar político-ideológico-partidários e dos comités partidários predomina na análise e visão dos fatos e dos fenômenos da vida social.

## 7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Angola é uma sociedade dinâmica constituída de especificidades e particularidades que exercem sobre sua estrutura, processos constantes de mudanças e transformações que se estendem desde a produção da vida social, econômica, política, educacional ou acadêmica até a construção das epistemologias nacionais por via da Ciência contextualizada. Estas transformações ou mudanças, incluem o todo complexo da realidade e das especificidades que fazem a vida social angolana e as relações sociais que dela resultam enquanto espaço de acontecimentos de um todo conjunto de fenômenos, ações e interações do tecido social angolano.

Pois, é no seio destas especificidades e particularidades resultantes da dinâmica do tecido social quotidiano, que surgem preocupações teórico-reflexivas, pragmáticas e epistêmicas sobre a realidade, e o fazer e pensar a ciência nacional contextualizada, por quanto que, a dinâmica social dos nossos *guetos e musseques*, é rica em ações, sentidos, fenômenos, fatos e acontecimentos necessários e indispensáveis à leituras e interpretações sociológicas, epistêmicas e filosóficas para e sobre a nossa realidade social, assim como para a construção do ‘Pensamento Sociológico Angolano’ que explique a partir da realidade dos seus entes sociais, sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social, e, de forma técnica e treinada, metódica, teórica, prática e pragmática, as condições sociais da vida produzida pelas relações sociais implexas do quotidiano.

Tanto é que, estas relações são produzidas pelo homem, e o homem é um ser social que por natureza de *per si só*, produz relações sociais hermeneuticamente relevantes na construção do saber local universalizado e contextualizado pelo diálogo interconexo,

transversal e interdisciplinar do fazer e pensar ciências nas nossas geografias. E a Sociologia é a ciência da realidade social emaranhada, é o reflexo resultante da análise epistêmica da realidade social produzida pelos sujeitos, mestres e mestras da cultura e da realidade social multifacetada.

Ela é o reflexo científico da realidade, e sendo ela o reflexo teórico-reflexivo nacionalizado da realidade, tem a missão de interpretar e sistematizar em arcabouços teórico-epistêmicos, a realidade interpretada pela Sociologia nacional, e com ela tomar posição aos saberes produzidos, escritos e ensinados a nível da estrutura social dos nossos *guetos* e *musseques*. E esta posição é tomada em diversas perspectivas analíticas do tecido social, em diversos olhares que a própria ciência nacionalizada nos dá e nos apresenta dia após dia.

E o nosso posicionamento, o nosso propósito, consistiu em fazer precisamente uma inversão de marcha no sentido de pensar a humanização do fazer ciência, do pensar sociológico e da construção do Pensamento Social Angolano, de modo a que este possa explicar de forma desapaixionada, treinada e sistematizada, as particularidades e especificidades da realidade social diversificada do país. Pois, estas especificidades e particularidades da realidade precisam ser explicadas, interpretadas, contextualizadas e sistematizadas pela Sociologia Angolana para que não tenhamos num futuro próximo teorias abissais a explicar particularidades ressignificadas que deveriam ser sistematizadas pelo olhar próprio do lugar nativo, do tecido social observado, do experienciado e da sociologia local.

Tanto mais é que, a responsabilidade de pensar teórica e epistemicamente a sociologia nacional contextualizada é de todos nós, e cabe a nós dar um rumo a esta Sociologia nacional que deve a todo custo e instante, refletir sobre a realidade social nacional e suas dinâmicas epistêmico-sociais. E isto, implica para tanto, fazer mais por ela em todos os seus aspectos do fazer e pensar contextualizado da ciência local de modo a que esta reflita de forma real e precisa, a realidade pensada e teorizada.

Além do mais, a Sociologia Angolana deve fazer mais por Angola, deve incomodar mais, inquietar mais tudo e todos, e procurar a todo custo sair da zona do conforto e da recessão de tudo o que lhe vem de fora. Mas isso também só é possível no entanto, se haver um foco epistêmico e teórico-reflexivo entre os sociólogos angolanos, suas organizações, e se haver por outro lado, a adoção de um estilo próprio de vida pela Sociologia, e, se os ditos sociólogos saírem dos gabinetes enquanto extensão dos comités do partido e das ideologias-político-partidárias, da bajulação, da corrupção e da coação psicológica, dos discursos encomendados pelos “chefes”, e sobretudo se haver compromisso com a ciência sociológica e epistêmica da realidade social pelos sociólogos.

Pois é o distanciamento destes profissionais aos comitês político-ideológico-partidário e demais elementos da alienação racional, que teremos profissionais capazes de pensar e sistematizar teórica e epistemicamente a realidade social implexa nacional, assumido entretanto a sua responsabilidade e missão na construção de saberes contextualizados da Sociologia Angolana.

Havendo portanto, este compromisso por parte dos sociólogos angolanos, valorizar-se-ia a Sociologia Angolana no seu todo. Isto é, valorizar-se-ia a Sociologia como disciplina e como ciência para o ensino médio, valorizar-se-á os cursos de licenciatura em Sociologia no país, o currículo em Sociologia seria (re)pensado no sentido de cumprir a sua missão de treinar o indivíduo a desenvolver a consciência crítica e reflexiva dentro da estrutura social angolana, e por outro lado, incentivar-se-ia os jovens, acadêmicos e pesquisadores a construir raciocínios científicos e teóricos do fazer e pensar ciência hoje, e apresentar ao mundo perspectivas diversas da Sociologia Angolana e construída por angolanos dentro de Angola e na diáspora.

Entretanto, isto impulsionaria a produção epistêmica de forma transversal e interconexa, e simultaneamente também a criação de redes de conexão autônoma a que estes sujeitos, mestres e mestras da realidade social emaranhada e da cultura se orientam, sem no entanto, a necessidade dos ativistas partidários intervirem na construção e discussão de saberes sociológicos e ciências afins, de modo a pensar Angola e a formação de seus quadros nas Ciências Sociais e Humanas. E daí a necessidade portanto da transgressão.

Transgressão porque apesar de a Sociologia estar presente na realidade social angolana, mesmo com as suas especificidades e particularidades, é fundamental que se faça alguma coisa pela Sociologia nacional, é fundamental que esta esteja contextualizada, conexas e atenta aos desafios, aos fatos e fenômenos da vida social para que ela responda as necessidades e exigência contemporâneas do fazer, pensar e interpretar a realidade social hermética dos seus entes sociais pela ciência sociológica.

E isso só é possível portanto, com a transgressão da própria ciência sociológica nacional aos modos de produção dos seus saberes, da sua escrita, do seu ensino, do seu currículo e da sua discussão nos mais variados fóruns sociológicos dentro do espaço nacional ou fora dele. Só é possível entretanto, se haver uma transgressão ou ruptura a recessão e a reprodução a que a Sociologia Angolana está submetida por razões de ordem política, econômica, social e da própria indústria acadêmica nacional.

Estas razões refletem-se de forma direta nas pesquisas e nos escritos que se fazem sobre o país, e conseqüentemente o enfraquecimento da própria ciência sociológica que encontra a nível da realidade social angolana, diversos obstáculos para a sua construção no

espaço social angolano, e ainda mais por esta não ser de pendor econômico para o Estado e por ela não fazer parte das prioridades de investimento científico necessário por parte do Estado.

E aliás, nós vimos isso ao longo da nossa pesquisa, tivemos muitas limitações, muitos obstáculos e problemas ao encontramos dados, teóricos ou textos que discutam a questão da Sociologia Angolana, a questão do Pensamento Sociológico Angolano ou a sua construção no seio da estrutura social angolana. Limitações atinentes ao acesso e disponibilidade de textos angolanos e produzidos por angolanos, textos locais e refletidos na realidade social angolana e sobre a Sociologia nacional e ao Pensamento Social Angolano. Absolutamente nada encontramos sobre o ‘Pensamento Sociológico Angolano, e isto só se deu porque ainda temos lacunas muito profundas na Sociologia nacional e a tudo o que está ligado aos mais diversos aspectos do fazer e pensar a Sociologia Angolana.

Foi entretanto uma pesquisa árdua, porque não conseguimos encontrar relativamente nenhum escrito que traga para nós alguma perspectiva sociológica da Sociologia nacional contextualizada e a construção do pensamento sociológico angolano, e daí a novidade portanto do nosso escrito em propor a construção epistêmica do Pensamento Sociológico Angolano nos nossos *guetos* e *musseques* do país.

Pois a sua construção, é portanto a sistematização e teorização da tradição oral que não restringe a capacidade teórico-reflexiva da realidade enquanto reflexo do tecido social, da tradição, da interação, da cultura e da realidade, da ancestralidade, da vivência, da experiência, do saber interconexo, da memória e das suas cosmovisões sobre o mundo periférico, ao mesmo tempo que esta explica, contextualiza e interpreta de forma teórico-epistêmica e pragmática a realidade social complexa de seus entes sociais. Tanto mais é que, a construção e teorização epistêmica da ciência contextualizada, é sempre resultado dos processos sociais que se constroem e se desenrolam dentro das estruturas sociais e das ações e sentidos construídos pelos seus sujeitos.

Pensar a construção do pensamento sociológico angolano, é para tanto, pensar as particularidades e especificidades do país, suas sensibilidades e abrir margens à discussão teórico-epistêmica, prática e crítica da realidade social por via da ciência contextualizada e sistematizar seus saberes e perspectivas. Além do mais, a missão da Sociologia como ciência é justamente de sistematizar cientificamente a realidade social local no viés do fazer reflexivo da ciência sociológica para a realidade, e com ela impactar a realidade para a consolidação das Ciências Sociais e Humanas nos espaços não hegemônicos do fazer ciência.

É esta ciência impactante, presente e da realidade local teorizada, que tende a transformar e a criar nos sujeitos e seus entes sociais, a consciência transgressora e a capacidade

de avaliar os dinamismos epistêmicos e interpretativos da realidade, buscando estabelecer interconexões de compreensão dialógica entre a realidade social interpretável e passível de leituras múltiplas da Sociologia com as demais áreas das Ciências Sociais e Humanas.

E os desafios contemporâneos do fazer e pensar a ciência hoje, nos impõe à leituras e observações treinadas que passam pela liberdade de pesquisar e escrever, pela revisão de posição na produção contextualizada do saber, e pela (re)avaliação do conhecimento que reflete de forma precisa, a revolução epistêmica da ciência que observa a leitura dos fenômenos e fatos dos *guetos* e *musseques* do país. Esta liberdade, abrange todos os sujeitos e agentes do processo de produção do conhecimento científico contextualizado.

Pois, é a partir desta abrangência do fazer e pensar a ciência nacional contextualizada, que a teoria social construída sob o viés da observação do tecido social ou da realidade, se torna fundamental e indispensável para descobrir no desconhecido conhecimentos, e construir do vazio perspectivas racionais e epistêmicas da realidade social nacional.

Ademais, consideramos ser fundamental a produção de saberes por todos os sujeitos, ao mesmo tempo que estes participam do processo de construção e consolidação do pensamento social epistêmico local. E aliás, o bom sociólogo, o bom profissional da sociologia é aquele que participa deste processo e sabe ler, observar, interpretar e explicar os fenômenos que o rodeiam dia-a-dia, ao mesmo tempo que este adota um estilo, um modelo próprio de vida pautada na sociologia e pela sociologia teórico-reflexiva, transgressora e crítica.

Contudo, sendo a produção do conhecimento científico algo sério e ligado sempre ao homem e suas estruturas no seio da sociedade, consideramos ser necessário e urgente a sistematização racional da realidade social angolana pela ciência nacional contextualizada, e com ela construir o pensamento sociológico angolano. E aliás, o processo de produção do conhecimento se desenvolve no seio da sociedade e este é sempre resultante do processo de educação desta mesma sociedade.

Portanto, julgamos ser peremptório manter o foco na produção do conhecimento, ao mesmo tempo que julgamos ser fundamental as organizações profissionais como a A.A.S.A, a SASO, a RAS e a COESO, a manterem o seu papel neste processo de ensino, discussão e produção de saberes em sociologia, e com ela tomar posicionamentos necessários para a produção e consolidação epistêmica do saber sociológico angolano em suas mais diversas perspectivas racionais do fazer e pensar científico.

Outrossim, recomendamos portanto ao governo angolano e suas instituições, as universidades angolanas, a A.A.S.A, a SASO, a RAS e a COESO, a criarem mecanismo de promoção e divulgação da melhor maneira possível, e em jornais, revistas, repositórios

institucionais, *sites* e em bibliotecas saberes sobre a Sociologia Angolana, sobre o saber e o Pensamento Social Angolano. Instamos contudo o governo de Angola a criar políticas concretas de incentivo à produção, divulgação e massificação de saberes em Ciências Sociais e Humanas, e sobretudo a criação de bibliotecas digitais acessíveis a todos face aos desafios globais da tecnologia para melhor divulgar e compartilhar saberes produzidos a nível dos nossos *guetos* e *musseques*.

Portanto, a Sociologia é fundamental para a realidade social angolana e por isso deve ser discutida em todas as estruturas do fazer e pensar científico dentro e foras dos nossos *guetos* e *musseques*, ao mesmo tempo que os nossos sociólogos são convidados a escrever sobre a Sociologia nacional, a sistematiza-la, a teoriza-la e discutir entre seus pares, os saberes por eles escrito para o bem da ciência local.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Cesaltin. **Para uma perspectiva sobre a prática das Ciências Sociais:** uma leitura de Charles C. Ragin, Constructing social research: the unity and diversity of method. Mulemba [Online], 5 (9) | 2015, posto online no dia 27 novembro 2016, consultado o 17 maio 2022. URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/450> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/mulemba.450>
- ANGOLA. Diário da República, III Série - Nº 133, de 19 de julho de 2018. **ESTATUTO DA COESO:** Comunidade de Estudantes de Sociologia/COESO-Angola. III. ed. Luanda, Disponível em: <<https://coesoangola.wordpress.com/documentos/>>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofia da educação.** – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 1989.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia de cultura. Rio de Janeiro: Contra-ponto, 1997.
- ASSIMENG, Max. Princípios do pensamento social africano: remodelando o âmbito da Sociologia do conhecimento. IN: Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas. Org. Helen Lauer e Kofi Anyidoho. Brasília: FUNAG, 2016 – Vol. I.
- BÂ, A. Hampaté. **A tradição viva.** IN: História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. Ki-Zerbo. – 2.ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010. 992p.
- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia.** Tradução de Alexandre Werneck. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado da Sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis, – 24ª ed. Vozes, 2004.
- BECKER, Fernando. Educação e construção do conhecimento. 2ª ed. – Porto Alegre: Penso, 2012. 200. ; 23 cm.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. ISBN 978-85-326-6051-0
- BRESSAN, Suimar João. **Fundamentos das ciências sociais.** Ed. Unijuí, 2008. – 122 p. – (Coleção educação a distância. Série livro-texto). Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. ISBN 978-85-7429-661-6.
- CANDIENGUE, A. D. **O ensino das Ciências Sociais em Angola:** pensar a partir da construção de pensamento sociológico angolano. 2021. 57 f. Monografia (Licenciatura plena em Sociologia) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, 2021.
- CANDIENGUE, António Domingos; OSSAGÔ, Ricardo de Carvalho. **A interdisciplinaridade como necessidade metodológica para o sociólogo.** IN: Ensaios

interdisciplinar em humanidades – Volume VI. Org. Pereira, Francisco Vitor Macêdo; Feitosa, E., Paiva, Geórgia Maria; Ramos, JEANNETTE Filomeno Pouchain. 1ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29327/5140465.1-4>

CANO, Ignácio. **Nas trincheiras do método:** o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 14, nº 31, set./dez. 2012, p. 94-119. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/34912/0>. Acessado: 01 jun. 2023.

CARDOSO, Carlos; MACAMO, Elísio; PESTANA, Nelson. **Da possibilidade do político na África lusófona:** alguns subsídios teóricos. *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 3 | 2002, posto online no dia 17 dezembro 2014, Acessado: 21 mai. 2023. Disponível: <<http://journals.openedition.org/cea/1082>> ; DOI : 10.4000/cea.1082

CARDOSO, Carlos. **Os desafios da pesquisa em Ciências Sociais e o papel das organizações acadêmicas regionais em África.** IN: 1.º Seminário sobre Ciências Sociais e Desenvolvimento em África. Iolanda Évora e Sónia Frias (coord.). Edição 2011 - CESA. ISBN: 978-989-96473-1-2

CARDOSO, Carlos. **Da possibilidade das ciências sociais em África.** In: CRUZ E SILVA, Teresa; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves de (Orgs.). *Como fazer ciências sociais e humanas em África: Questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas.* Dakar: CODESRIA, 2012, pp. 125-144.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Homem e sociedade:** Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral. 2ª ed. Revista. São Paulo, Editora Nacional [1965].

CARVALHO, Paulo de. **Evolução e crescimento do ensino superior em Angola.** *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 9 | 2012, posto online no dia 11 dezembro 2013. Disponível em <http://journals.openedition.org/ras/422>; DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.422>. Acesso: 25 abr. 2022

COESO (org.). **Comunidade de Estudantes de Sociologia - Angola (COESO - ANGOLA).** Disponível em: <https://coesoangola.wordpress.com/missao-e-valores/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

CONNELL, Raewyn. Tradução de João Maia. **A iminente revolução na teoria social** [Acesso em: 20 Abr. 2022]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a01.pdf>

DANNA, Marilda Fernandes; MATTOS, Maria Amélia. **Aprendendo a observar.** 2 ed. – São Paulo: EDICON, 2011. ISBN 85-290-0370-5

DEMO, Pedro. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. 14 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

DURKHAIM, Émile. **Educação e Sociologia.** Tradução de Maria de Fátima do Coutto. São Paulo: Hedra, 2010. ISBN 978-85-7715-218-6

\_\_\_\_\_. **Educação e Sociologia.** Tradução de Stephania Matousek. – 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. ISBN 978-85-326-2463-5

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Reimpressão. Edições 70. – Lisboa/ Portugal, Lda. 2015.

FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o Ocidente e reformular as Humanidades na África. **Afro-Ásia**, [s. l], n. 36, p. 9-38, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/770/77011144001.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências sociais**. In Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE - Campus de Foz do Iguaçu. v. 10 - nº 1 - p. 41-62. 1º semestre de 2008.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Tradução: Álvaro Cabral. – 2ª tiragem. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. – São Paulo: Atlas, 2002. ISBN 85-224-3169-8.

GOODE, William J; HATT, Paul. **Métodos de pesquisa social**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. 6ª ed. São Paulo, Editora Nacional [1977].

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves. **A África na sala de aula: Visita à História Contemporânea**. São Paulo – Selo Negro, 2005. ISBN 85-87478-25-7.

Educação Md, INIDE. **Currículo do 2.º Ciclo do Ensino Secundário Geral**. 3. ed. Luanda: Editora Moderna, S.a.; 2013a. 34 p.

\_\_\_\_\_. **Programa de Sociologia - 11ª e 12ª Classe**. 2. ed. Luanda: Editora Moderna, S.a., 2013b. 27 p. 27 f.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Imago Editora LTDA, 1976 – Rio de Janeiro.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992. ISBN 85-224-0859-9.

LIMA, Marceline de; LEMOS, Maria de Fátima; ANAYA, Viviani. **Currículo escolar e construção cultural: uma análise prática**. Dialogia, São Paulo, v. 5, p. 145-151, 2006.

LOPES, Carlos. **Compasso de espera: o fundamental e o acessório na crise africana**. 1997, edições Afrontamento/ rua COSTA Cabral, 859/Porto. ISBN: 972-36-0443-4

LUCKESI, Cipriano; BARRETO, Elói; BAPTISTA, Naidison. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. – São Paulo. 2ª ed.: Cortez, 1985.

MAKSENAS, Paulo. **Sociologia da educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MANUEL, Adérito. **Sociologia, Ensino e Prática (livro online)**. Luanda, setembro de 2016. Disponível em: <<http://isced.ed.ao/noticias-e-eventos/2016/12/01/sociologia-ensino-e-praticalivro-online/>>. Acesso 28 ago. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. – 5ª ed. – São Paulo: Atlas 2003. ISBN 85-224-3397-6

MERLEN, Sebastião. **Sociologia africana: do genitivo do objeto ao genitivo do sujeito**. Revista da ABPN, v. 13, n. 38, 2021. p.303-328. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1155>>. Acesso em: 17 maio. 2023. DOI 10.31418/2177-2770.2021.v13.n.38.p303-328.

MORAIS, Filipe Calunga. **Sociologia, Ensino e Prática (livro online)**. Luanda, setembro de 2016. Disponível em: <<http://isced.ed.ao/noticias-e-eventos/2016/12/01/sociologia-ensino-e-praticalivro-online/>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

MORIN, André; GADOUA, Gilles; PTVIN, Gérard. **Saber, ciência, ação**. – São Paulo: Cortez, 2007.

PARSONS, Talcott. O conceito de sistema social. **In: Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. Org. Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni. 2ª ed. Revista. São Paulo, Editora Nacional [1965].

PIMENTA, Carlos José Gomes. **Interdisciplinaridade nas Ciências Sociais**. Porto, 1ª ed. – Edições Húmus, 2013. ISBN 978-989-755-008-9.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2ª ed. – Novo Hamburgo: Feevale. 2013. ISBN 978-85-7717-158-3.

ROGRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, 6ª ed.

ROSE, Caroline B. **Iniciação ao estudo da Sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. **In: Epistemologias do Sul**. Org. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Ed. Almedina, Coimbra, janeiro – 2009. ISBN 978-972-40-3738-7

SCHWARCZ, Lilia Moritz e BOTELHO, André. **Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma** [internet]. Lua Nova, São Paulo; 2011. [Acesso em: 25 Out. 2023]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n82/a02n82.pdf>

SILVA, Maria Aparecida da. **História do currículo e currículo como construção histórico-cultural**. 2006 <https://www.passeidireto.com/arquivo/72445536/silva-2006-historia-do-curriculo-e-curriculo-como-construcao-historico-cultural-3>

SILVA, Teresa Cruz e. **O Lugar das Ciências Sociais Como Motor de Mudança: o caso de Moçambique**. [S.l.]. 2015.

SILVA, Teresa Cruz e; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves de. **Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas**. Dakar: Codesria, 2012. 272 p. (ISBN: 978-2-86978-505-2). [S.l.: s.n.]..

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução ao currículo**. 3. ed. – 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica. 2010

VARELA, Bartolomeu Lopes. **O currículo e o desenvolvimento curricular: concepções, práxis e tendências**. Vol. 1. Edições Uni CV. Praia, Cabo Verde – 2013.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo, SP. Ed. Unesp, 2012.

VITUMBACA, Leopoldino Alberto. **MATERIAL DE APOIO PARA O EXAME DE ACESSO EM SOCIOLOGIA**. Disponível em: <https://politica210.files.wordpress.com/2019/08/material-1.pdf>. Acesso em: 26 maio 2023.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva**. Trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. téc. De Gabriel Cohn, 4ª ed. 3ª reimpressão – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.